Lou Andreas Salomé

MINHA VIDA

3.188

ANTOLOGIAS &
BIOGRAFIAS

Lou Andreas Salomé

MINHA VIDA

Laudelina
03.05.85

LIVRO 7 - EMP. CULTURA.
RECIFE TEL. 231.5213
UFPE RECIFE TEL. 271.3359
J. PESSOA TEL. 221.4249
C. GRANDE TEL. 321.4930
CERTIFICADO DE GARANTIA
PARA DEFEITOS GRÁFICOS

BIOGRAFIA

Lou Andreas Salomé

MINHA VIDA

Editada por Ernst Pfeiffer
a partir das obras póstumas
Nova edição revisada
Com ilustrações
e posfácio

Tradução:
Nicolino Simone Neto
Valter Fernandes

929 - Lou Andreas Salomé
S192m

brasiliense
1985

BIBLIOTECA DO ESTADO DO PARÁ
FUNESC
BELÉM

Copyright © 1968 Insel Verlag, Frankfurt am Main, 1973.
Título original: Lou Andreas-Salomé — Lebensrückblick

Copyright © *da tradução:* Editora Brasiliense S.A. para publicação no Brasil.
Reprodução proibida.

Capa:
Moema Cavalcanti

Revisão:
Suzana Lakatos
Maria E. Nejm

Juarez da Gama Batista
Regi BPJGB 2013 188
Data 04/03/2013
Compra( ) - Doação (X) - Permuta ( )
Valor

brasiliense
editora brasiliense s.a.
01223 — r. general jardim, 160
são paulo — brasil

Índice

A experiência Deus 9
Experiência do amor 20
Experiência da família 31
A experiência Rússia 42
Experiência da amizade 53
Entre as pessoas 66
Com Rainer 78
Apêndice, 1934 97
A experiência Freud 106
Recordando Freud (1936) 116
Antes e depois da Guerra Mundial 120
F. C. Andreas 131
O que falta ao "esboço" (1933) 140
Notas 152
Posfácio 197
Posfácio à nova edição alemã 204
À edição de bolso 206
Indicação bibliográfica 209

"Menschenleben — ach!
Leben überhaupt — *ist* Dichtung.
Uns selber unbewusst leben *wir* es, Tag um Tag
wie Stück um Stück, — in seiner unantastbaren
Ganzheit aber lebt es, dichtet es *uns*.
Weit, weitab von der alten Phrase vom
'Sich-das-Leben-zum-Kunstwerk machen';
wir sind nicht *unser* Kunstwerk."*[1]

Lou Andreas-Salomé

* "A vida humana — ah!/A vida sobretudo — *é* poesia./Inconscientes, *nós* a vivemos, dia a dia/passo a passo — mas em sua intangível/plenitude ela vive e se *nos* traduz em poesia./Longe, muito longe da antiga frase/'Faz de tua vida uma obra de arte';/Não somos nós *nossa* obra de arte."

[1] Os números remetem aos comentários no final do livro.

A experiência Deus

Nossa primeira experiência é, de modo notável, uma desaparição. Momentos antes éramos um todo indiviso, todo o ser estava inseparável de nós; então somos impelidos a nascer, tornamo-nos um pequeno fragmento que deverá esforçar-se, doravante, para não sofrer reduções cada vez maiores, para afirmar-se perante o mundo adverso extremamente amplo, no qual, por termos deixado nossa plenitude, caímos — agora despojados — como num vazio.

Assim, vivencia-se primeiramente como que algo já passado, uma rejeição do presente; a primeira "recordação" — assim a chamaríamos mais tarde[2] — é, ao mesmo tempo, um choque, uma decepção pela perda daquilo que não é mais, e alguma coisa de um saber que se vai desenvolvendo, de uma certeza de que ainda *teria* que ser.

Este é o problema da primeira infância. É também o de toda a *primitiva humanidade,* pois nela continua a manifestar-se um sentimento de dependência do universo, ao lado das experiências da crescente conscientização: como uma poderosa lenda de participação inalienável à onipotência. E a humanidade primitiva sabia conservar-se nessa crença com tal confiança que a totalidade do mundo da aparência parecia subordinada a uma magia acessível aos homens. A espécie humana guarda permanentemente algo dessa descrença na validade universal do

mundo exterior, que outrora parecia formar com ela um único-e-mesmo indiviso; continuamente ela lança uma ponte sobre essa fenda aparecida em sua consciência, com a ajuda da fantasia, se bem que esta também tenha que adaptar precisamente o modelo de suas emendas divinas a esse mundo exterior, cada vez mais consciente. Esse mundo "acima" e "ao lado", essa duplicata imaginária — chamada para encobrir o que de problemático foi sucedendo com a humanidade — o homem chamou de sua religião.

Por isso é que também a uma criança de ontem ou de hoje — se, de algum modo, estiver naturalmente cercada pela crença paterna, pelas "coisas-tidas-por-verdadeiras" — pode ocorrer que absorva a crença religiosa tão involuntariamente quanto as percepções objetivas. Pois justamente seus anos mais jovens, de menor capacidade de distinção, são os que ainda se prestam à atitude primeva de não considerar nada como impossível e o mais extremo como o mais provável; todos os superlativos marcam ainda um mágico encontro com o homem, como hipóteses da maior naturalidade, antes que ele se tenha consumido profundamente nas mediocridades e diferenciações do real.

Não se pense que uma criança sem influência religiosa se poupa de semelhante passado: a reação mais infantil — em conseqüência da capacidade ainda insuficiente de discernimento e da força tanto menos questionada do desejo — ocorre *sempre,* em primeiro lugar, a partir do superlativo. Pois, em princípio, nosso sentimento de dependência do universo não desaparece de nosso juízo sem deixar essa herança que trata os objetos de nossas primeiras afeições ou primeiras revoltas como transfiguração ou desfiguração do supradimensional, como um abraçamento do universo ainda absoluto. Quando circunstâncias temporais — por exemplo, as de hoje ou de amanhã — poupassem demasiadamente uma criança dessas experiências e das inevitáveis decepções delas decorrentes, fazendo com que sua sobriedade se coloque criticamente muito cedo, seria então de se temer que o impulso natural para a fantasia, o qual precede consideravelmente nosso despertar para a compreensão, ficasse reprimido de maneira antinatural, para vingar-se, um dia, em exageros fantásticos do real prosaico, e que a criança, sob semelhante ímpeto ulterior, abandonasse precisamente os critérios objetivos.

Deve-se, porém, acrescentar que, numa criança normal, uma educação demasiadamente "religiosa" cede por si mesma diante da crítica crescente ao percebido, do mesmo modo como a preferência exclusiva pela crença nos contos de fadas cede diante do interesse ardente pela realidade. Se isso não ocorresse, haveria, na maior parte das vezes, um atraso no desenvolvimento, uma discordância entre aquilo que se encaminha em direção à vida e aquilo que hesita em familiarizar-se com as condicionalidades que ela impõe.

Com nosso nascimento, uma ruptura — entre mundo e mundo —

separa, doravante, duas formas de existência, e isso torna muito desejável a existência de uma instância mediadora. *No meu caso,* os numerosos conflitos de criança pequena podem ter acarretado uma certa regressão de uma forma de juízo já adaptada à outra, puramente fantástica, com a qual os pais e os pontos de vista paternos foram permutados (quase traídos), por uma comunhão e inclusão mais totais, e, por isso, não só me entreguei a uma instância ainda maior, quanto participei de toda sua magnificência, até mesmo de sua onipotência.

Imaginemos isso mais ou menos assim: como se tivéssemos deixado o colo paterno, de onde se tem que descer, às vezes, para nos sentarmos em pleno colo de Deus, como no de um avô que nos mima ainda mais e tudo nos permite, que é tão generoso como se todos os seus bolsos estivessem sempre cheios, e como se nos tivéssemos tornado quase tão poderosos quanto ele, ainda que não tão "bons"; ele significa propriamente a fusão dos dois pais: o calor do colo materno e a autoridade paterna. (Separar e distinguir ambos como esferas de amor e poder já é uma ruptura violenta no bem-estar pré-mundano e sem desejos.)

Mas o que produz no homem em geral essa capacidade de tomar, pura e simplesmente, a fantasia pelo real? Sem dúvida, apenas a capacidade inesgotável de limitar-se ao mundo exterior, a este Fora de Nós (com maiúscula!), que, de forma alguma, teríamos podido pressupor à incapacidade de reconhecer plenamente como real aquilo que não nos inclui.

Seguramente esse foi o principal motivo pelo qual me preocupava surpreendentemente pouco a invisibilidade total desse terceiro poder, desse suprapoder acima dos pais, que, em última instância, também recebia tudo através dele. É assim para todos os crentes zelosos que têm-as-coisas-por-verdadeiras. Em meu caso, acresceu-se ainda um outro motivo: uma questão estranhamente ligada a espelhos. Ao mirar-me neles, ficava de certa forma estupefata por ver tão claramente que eu era apenas *aquilo* que via ali: limitada, enjaulada, forçada a *deixar de ser* no restante, até mesmo no mais próximo. Não me olhando no espelho, isso não me perturbava tanto, mas, de qualquer forma, meu próprio sentir recusava a circunstância de eu não existir em e com qualquer coisa, mas, sim, inaceitada, como que desabrigada. Afigura-se bastante anormal, já que me parece ter ficado perturbada com isso outras vezes quando a imagem do espelho há muito expressava apenas uma referência interessada na própria imagem. De qualquer forma, tais representações precoces contribuíram para que eu não achasse chocantes nem a onipresença nem a invisibilidade do Bom Deus.

Sem dúvida, é claro que uma concepção de Deus, erigida a partir de sensações tão precoces, não pode persistir, durando menos tempo que formulações mais razoáveis e mais compreensíveis — tanto quanto é claro que os avós morrem antes dos pais, que têm mais vida.

Uma pequena lembrança me permite presumir o método que eu

utilizava para afastar de mim as dúvidas: dentro de um magnífico bombom estalante que meu pai me trouxe por ocasião de uma festa na corte, imaginei existir roupas de ouro; quando, porém, soube que eram apenas de fino papel de seda com bordas douradas, então deixei-o intacto. Assim, *continuaram existindo* lá dentro, de certa forma, trajes de ouro.

Tampouco os presentes do Deus-Grande-Pai necessitavam de visibilidade para mim, justamente porque eram imensuráveis em valor e abundância e me estavam absolutamente assegurados e, de forma particular, *incondicionalmente* garantidos: não estavam ligados, como os outros presentes, ao bom comportamento, por exemplo. Pois os das mesas de aniversário lá brilhavam, na verdade, porque se fora bom, ou porque esperavam que se fosse. Mas eu era, com freqüência, uma criança "má", e por isso tive que travar doloroso contato com uma varinha de bétula, coisa que nunca deixei de denunciar ostensivamente ao Bom Deus. Nisso ele dava provas de ser totalmente da mesma opinião, e até me parecia irritar-se tanto que eu, às vezes, quando me encontrava de ânimo generoso (o que, de modo algum, era freqüente), procurava persuadi-lo, com benevolência, a deixar meus pais utilizarem a tal varinha.

Naturalmente esses impulsos de minha fantasia me levavam, não raro, a toda espécie de acréscimos imaginosos aos casos da realidade, acréscimos que eram, na maior parte das vezes, relevados com um sorriso. Até que, num dia de verão, voltando de um passeio com uma parenta um pouco mais velha, quando nos perguntaram: "E então, excursionistas, o que vocês viram afinal?" — Eu, loquaz, relatei todo um drama. Minha pequena acompanhante, abalada em sua honestidade e sinceridade infantis, cravou-me os olhos desconcertada e lançou-me num alto e terrível tom: "Mas você está mentindo!"

Parece que, desde então, passei a esforçar-me para fazer exatas as minhas afirmações — para mim, porém, isso significava não agregar o mínimo que fosse, ainda que essa forçada avareza me desolasse terrivelmente.

De resto, não era só de mim que eu falava ao Bom Deus, à noite, no escuro: contava-lhe — generosa e espontânea — histórias inteiras. Estas histórias eram bem peculiares. Imagino que elas nasciam da necessidade de agregar Deus também ao mundo exterior, que certamente existia em toda sua amplitude, e de cuja realidade aquele mundo apartado e secreto, aquela relação especial, mais me desviava do que me enraizava completamente. Não era por acaso, portanto, que eu retirava o material de minhas histórias de acontecimentos reais ou de encontros com pessoas, animais ou objetos; para assegurar o caráter fantástico já bastava o Deus-Ouvinte, não era preciso acentuá-lo mais; ao contrário, tratava-se unicamente de convencer-se, por assim dizer, da realidade exata. Sem dúvida, nada podia ser narrado que Deus, onisciente e onipotente, já não soubesse; mas era precisamente isso que me garantia a

realidade indubitável do narrado, pelo que eu, não sem satisfação, também acrescentava a cada começo as palavrinhas: "como você sabe".

Do fim repentino que teve essa relação fantasiosa, um pouco precária, só voltei a lembrar-me, em suas *particularidades,* muito tempo depois, já em idade avançada; ele se encontra esboçado numa pequena narrativa, *A hora sem Deus*[3], a qual, todavia, não é completamente fiel, pelo fato de que nela a criança está situada num ambiente estranho, em meio a relações diferentes — talvez porque eu precisasse, para exprimir o mais íntimo, de um pequeno distanciamento exterior. O que sucedeu foi o seguinte: um criado, que no inverno nos trazia ovos frescos de nossa casa de campo à nossa residência na cidade, contou-me ter visto, diante da casinha de brinquedo que eu possuía em meio ao jardim, um "casal" parado, desejoso de entrar, o que, no entanto, ele não havia permitido. Quando retornou outra vez, perguntei-lhe imediatamente pelo casal, provavelmente porque também me inquietava que pudessem ter passado frio e fome. Como poderiam ter-se arranjado? — "Bem, eles não se afastaram absolutamente", informou-me. "Então continuam parados diante da casinha?" — Bem, isso também não: é que eles, pouco a pouco, estão se transformando, tornando-se cada vez mais magros e menores; estão diminuindo tanto, que vão acabar desaparecendo por completo." E, numa manhã, ao varrer diante da casinha, só encontrou os botões negros do casaco branco da mulher e, do homem inteiro, apenas um chapéu amassado; mas o lugar onde encontrou essas coisas ainda estava coberto de lágrimas congeladas dos dois.

O incompreensível dessa história arrepiante provocava em mim a mais aguda sensação, não de compaixão pelo casal, mas sim pela percepção do enigma da transitoriedade, da decadência das coisas indiscutivelmente reais: como se algo afastasse de mim, porque demasiadamente inofensiva, a solução imediata, num momento em que tudo em mim exigia, com paixão crescente, uma resposta. Provavelmente ainda nessa mesma noite eu tenha conseguido do Bom Deus a resposta exigida. Habitualmente ele não tinha que se ocupar com respostas; ele tinha apenas que dar ouvidos àquilo que ele próprio já sabia. Mesmo dessa vez não exigi muito dele: bastava que sua boca muda deixasse passar umas poucas palavras, através de seus lábios invisíveis: "Senhor e Senhora Neve". O fato, porém, de ele não ter feito isso significou uma catástrofe. E não apenas uma catástrofe pessoal: ela rasgou a cortina atrás da qual espreitava um pavor indizível. Pois o Deus retratado na cortina não desapareceu só de *mim,* mas *principalmente* de todo o universo.

Quando nos acontece algo análogo em relação a um ser humano por quem nos sentimos abandonados e desamparados, e que nos desiludiu, obrigando-nos a mudar de diretriz, resta a possibilidade de voltarmos a nos orientar a qualquer tempo dentro da mesma realidade, de corrigir o erro de apreciação, com o qual a enxergávamos. Algo de

semelhante ocorre a todo homem, a toda criança, mais cedo ou mais tarde; conserva-se uma ruptura entre aquilo que se espera e o que se encontra, se funesto ou mais remediável, isso aparece na experiência como diferença de grau. Mas, tratando-se de Deus, isso aparece como diferença essencial, tanto que o desaparecimento da crença, por exemplo, não faz cessar, enquanto tal, a capacidade de crer que emana dele, nem de crer nos poderes irreais em geral. Assim, recordo-me de uma passagem, durante os costumeiros serviços religiosos em nossa casa, quando o nome do diabo ou dos poderes diabólicos foi pronunciado em voz alta, despertando-me literalmente de minha letargia: então, *ele* ainda existia? Foi *ele* quem, por fim, me fez cair do colo de Deus, no qual eu me sentia tão bem acomodada?! E se foi ele, por que não me defendi? Com isso, não o tinha diretamente favorecido?

Se tento com tais palavras aludir a esse momento fugidio e, contudo, tão profundamente gravado em minha memória, é porque quero evidenciar especialmente *um* aspecto: não uma certa *culpa* na perda de Deus, mas uma espécie de *cumplicidade*: uma intuição prévia. Pois a surpreendente insignificância do motivo pelo qual pus à prova meu Senhor tornava difícil acreditar que eu mesma não tivesse desmascarado o senhor e a senhora Neve, a quem mãos infantis tanto gostam de dar vida.

A idéia de pavor que se revelou para mim não representou nenhum outro papel em minha infância. Contribuiu somente para a dificuldade de sentir-me à vontade no real, no "sem Deus". Surpreendentemente a perda de Deus produziu, de início, um efeito inesperado no plano moral — tornei-me bem mais ajuizada, obediente (o ateísmo não fez de mim um diabrete), provavelmente porque o abatimento devia exercer um efeito moderador sobre todos os atos de teimosia. Mas também por uma razão mais positiva, uma espécie de compaixão irresistível para com meus pais, a quem eu devia deixar de aborrecer, pois tinham sido tão golpeados quanto eu, porque eles também tinham perdido Deus... *apenas não sabiam disso.*

Na verdade, durante algum tempo, tentei inverter essa situação, imitando meus pais em sua crença, do mesmo modo como eu tinha recebido e aprendido tudo deles, e era por meio deles que eu assimilava a realidade. Isso resultou num tímido ajuntar de mãos, à noite, desesperada e humilde, como uma pequena estranha que lança apelos da beira mais extrema de uma grande solidão, em direção ao incrivelmente distante. Contudo fracassou de imediato a pretensão de conciliar essa suposta distância com a antiga e íntima proximidade de Deus; a despeito de toda minha humildade, persistiu uma poderosa aproximação com algo completamente outro, indiferente, estranho, e essa confusão aumentou ainda mais minha solidão, pois envergonhava-me de ter importunado algo desnorteante.

Entretanto, continuei a contar-me histórias antes de adormecer. Como antes, eu as tomava emprestado de tudo que não fosse completamente problemático: dos encontros e dos acontecimentos da vida quotidiana, ainda que se tivesse realizado a reviravolta decisiva da ausência do ouvinte. Mesmo que eu me esforçasse para enfeitá-las da melhor forma possível, ou tornar seus entrechos sempre melhores, ainda assim elas permaneciam obscuras. Via-se, ao serem contadas, que agora elas não repousavam nem por um instante nas suaves mãos de Deus, e que não me vinham mais como presentes saídos de seus grandes bolsos, sancionadas e legitimadas. Tê-las-ia, sequer, por *verdadeiras*, se não mais as recebia e nem as começava com a certeza de "como você sabe"? Elas se tornaram fonte de inconfessável preocupação, como se eu as lançasse, desprotegidas, às incertezas da vida, de cujas impressões eu as tirava. Recordo-me — e falaram-me disso muitas vezes depois — como, em meio a um fortíssimo sarampo, me ocorreu, durante a febre, um pesadelo onde as muitas, muitas personagens de minhas histórias apresentavam-se sem eira nem beira, abandonadas por mim. Como ninguém, exceto eu, as conhecia, nada poderia trazê-las de volta, a algum lugar daquele caminhar perplexo, para aquela proteção na qual eu imaginava que descansavam: *todas* — em suas mil individualizações que continuariam a multiplicar-se — até que não restasse, visível e real, a mínima partícula do mundo que pudesse encontrar refúgio de outra maneira que não em Deus. Provavelmente isso me deixou tão fútil que com freqüência eu dava tratos à bola, relacionando as mais diversas impressões exteriores[4]; assim, um escolar ou um ancião que eu encontrasse, uma pequena planta ou uma grande árvore podiam representar para mim diferentes idades da mesma pessoa, como se entre tudo houvesse ligação. Isso permaneceu assim, embora essa abundância de material começasse a pesar seriamente sobre a memória, tanto que passei a orientar-me por travessões, nós e palavras-chave, num enredamento cada vez mais espesso de fios entrelaçados. (É possível que tal hábito se tenha repetido mais tarde, pelo fato de eu escrever livros de contos, como um auxílio para uma concatenação no fundo mais ampla, que não podia ser expressa e, portanto, de fato, um expediente.)

A atitude de preocupação para com as personagens de minhas histórias não deve ser interpretada, de modo algum, como correspondente aos cuidados maternais, como conviria a uma menininha. Já ao brincarmos com bonecas, não era eu, mas sim meu irmão, três anos mais velho, quem as recolocava na cama e conduzia a seus estábulos os animais utilizados na brincadeira. Para mim, eles cumpriam sua tarefa simplesmente como *motivo* para brincar; bastante estranho é que meu irmão, nessas atividades, me parecia muito mais imaginativo do que eu.

Sobre minhas "experiências com Deus" eu não costumava falar claramente nem mesmo com as pessoas amigas da minha idade (havia

entre elas uma parenta, cuja família, pelo lado materno, era de origem franco-alemã como a nossa; sua irmã, mais tarde, casou-se com meu segundo irmão), pois eu não podia saber com certeza se elas guardavam alguma lembrança de experiência semelhante. Mas isso também desapareceu de minha memória, com os anos. Tanto que me lembro bem o quanto fiquei surpresa quando, mais tarde, ao remexer papéis, encontrei um, velho e rasgado, onde, outrora, na Finlândia, sob a claridade mágica das noites brancas de verão, eu havia rabiscado estes versos:

Du heller Himmel über mir[5]
Dir will ich mich vertrauen:
Lass nicht von Lust und Leiden hier
Den Aufblick mir verbauen!

Du, der sich über alles dehnt,
Durch Weiten und durch Winde,
Zeig mir den Weg, so heiss ersehnt,
Wo ich Dich wiedrfinde.

Von Lust will ich Endchen Kaum
Und will kein Leiden fliechen;
Ich will nur eins: nur Raum — nur Raum,
Um unter Dir zu Knieen.*

Relendo-os pareceram-me estranhos; com vã objetividade examinei-os, até mesmo em seu valor poético. Sem dúvida, já naquela época vibrava por trás de minhas experiências e procedimentos o mesmo tom fundamental que não parecia resultar, de modo algum, de um vir-a-ser paulatino, nascido de experiências normais, alegres ou tristes. Era como se proviesse de um antiqüíssimo saber não infantil, de uma reexperimentação daquele impacto primitivo comum a todo homem que desperta conscientemente para a vida e do qual a vida não pode deixar de guardar a marca indelével.

Apesar da preocupação com a honestidade autobiográfica, é verdadeiramente difícil explicar essas coisas de modo compreensível. Talvez um fato concreto seja de maior utilidade. Eu tinha, na cabeceira de minha cama, um calendário que me haviam dado, contendo 52 versículos bíblicos, para serem trocados durante o correr do ano; quando, com o tempo, apareceu no quadro o versículo I. Tes. 4,11, deixei-o ali per-

* "Tu, céu claro sobre mim,/Quero confiar-me a ti/Não permitas que o prazer e a dor daqui/De admirar-te possam-me impedir!/Tu, que sobre tudo te projetas,/Através de espaços e através dos ventos,/Mostra-me aonde vais, pois é minha meta/Reencontrar-te em todos os momentos./Do prazer não quero ver o fim/Não fugirei do sofrimento que abate,/Espaço e mais espaço é o que quero sobre mim/Para ajoelhar-me sobre o azul e venerar-te."

manentemente: "Esforçai-vos em ser pacíficos, cumpri vossas obrigações e trabalhai com vossas próprias mãos". Certamente na época não podia dar nenhuma explicação para isso. Mas de algum modo é um reflexo daquele sentimento precoce de orfandade e de absoluta resignação o fato de esse calendário estar ainda hoje pendurado em minha casa, por causa desse versículo. Esse versículo, de texto tão pouco infantil, sobreviveu a todos os anos de meu alheamento a Deus, não só porque não podia desfazer-me do calendário, por causa de meus pais, mas também porque aqueles dizeres avultaram em meu coração. A derradeira prova disso aconteceu após minha mudança para o estrangeiro, onde, junto com diversas outras coisas, enviaram-me também o calendário. E ele resistiu igualmente à modificação que Nietzsche lhe imprimiu, quando tomou conhecimento disso; contrapôs ao versículo, a frase de Goethe: "Desacostumar-nos da meia medida, e, na totalidade, a plenitude e o belo viver resolutamente".[6]

Ainda hoje isso está escrito, pelas mãos dele, no verso do impresso amarelecido.

A acentuada precocidade das impressões de infância descritas poderia parecer, com razão, um caso excepcional e surpreendente, pois, como já disse, estavam provavelmente ligadas a um resvalar para trás, ao mais infantil, ou a uma permanência nessa fase; a concepção de Deus, demasiado precoce que produziram, opunha-se de tal modo a sua própria espiritualização que acabou desmoronando mais drástica e violentamente que de costume, como se alguém tivesse sido lançado outra vez no mundo e devesse experimentar, doravante e de uma vez por todas, a crua realidade.

Foi aos dezessete anos, quando eu freqüentava o curso para a Confirmação, de Hermann Dalton[7], da Igreja Evangélica, que um acontecimento me trouxe à memória os antigos conflitos de crença: diante das justificativas e ensinamentos que me eram transmitidos nessa ocasião, alguma coisa em mim tomou partido daquele que prescindia de tudo isso, daquele Deus de minha infância, há muito desaparecido. Uma espécie de piedosa e secreta revolta fez-me como que recusar as provas de sua existência, de seus direitos, de seu poder e bondade incomparáveis; eu me envergonhava, de certo modo, como se ele, das profundezas de minha infância, surpreso e estupefato, tivesse que escutar tudo aquilo. Em certa medida, eu o representava.

Concretamente, a questão da Confirmação resolveu-se da seguinte maneira: Dalton persuadiu-me a iniciar um segundo ano de curso, porque meu pai, estando doente, ficaria aflito em saber que eu me separaria da Igreja; mas, apesar de tudo, a separação acabou acontecendo. E agi assim, apesar de racionalmente saber estar fazendo algo muito pior do que se tivesse continuado apenas formalmente, para não trazer desgosto e aflição à nossa piedosa família. O que me levou a essa decisão

não foi um fanatismo pela verdade, mas sim uma necessidade instintiva, indomável.

No decorrer de minha vida, estudos e outras circunstâncias conduziram-me, muitas vezes, a matérias de especialidade filosófica e até mesmo teológica, para as quais eu me sentia naturalmente atraída. Isso não estava de forma alguma relacionado à minha natureza originariamente "piedosa" nem, ao contrário, à minha ulterior apostasia. Jamais em mim o pensamento revolveu a velha e antiga crença — como se ela não se atrevesse a penetrar em um "pensamento adulto". Por conseguinte, todos os domínios do pensar, inclusive os teológicos, apresentavam-se para mim como um interesse estritamente *intelectual*; estava fora de questão qualquer contato ou mesmo qualquer ligação com o que era concernente à esfera *da alma*; eu diria mesmo que desde cedo esse modo de pensar agiu sobre mim, como no curso preparatório para a Confirmação. Por certo eu aprovava e, não raro, admirava-me pela maneira como outros alcançavam estágios semelhantes de pensamento, através de uma espécie de substituição — muito, mas muito esclarecida e intelectualizada — de seu antigo passado religioso, que eles conseguiam ligar à sua maturidade intelectual. É certo que esse era, com freqüência, o melhor meio de seguirem adiante *consigo mesmos,* de aprenderem a lição da vida melhor do que eu, que nunca soube recitá-la sem toda sorte de interrupções. Mas para mim esse processo de substituição era estranho e impossível, como se não se tratasse absolutamente das mesmas matérias ou questões.

Por outro lado, o que mais me atraía nas pessoas vivas ou mortas, dedicadas inteiramente a tal gênero de reflexões, eram as próprias pessoas. Podia ser comedida a forma como elas se exprimiam filosoficamente, mas era possível adivinhar que, em algum sentido impulsor, suas primeiras e últimas experiências, entre todas as que vivenciaram, tinha sido *Deus.* Que outra coisa poderia ser comparada como conteúdo vital? Nunca deixei de amá-las, com um amor que procura penetrar o coração humano, onde se decide o verdadeiro destino de cada um.

Mas alguém poderia então perguntar-me: se o equilíbrio entre desejo e verdade, entre esperanças efetivas e conhecimentos do espírito, conseguido, em geral, paulatinamente por si mesmo, ao longo do desenvolvimento, não aconteceu comigo, que espécie de repercussão aquelas crenças antigas e precoces tiveram em mim? A esta pergunta eu só poderia responder, com franqueza: provavelmente nenhuma, a não ser a própria desaparição de Deus. Porque apesar das transformações todas na superfície do mundo e da vida, o que restou subjacente foi o fato inalterável do universo abandonado por Deus. E é precisamente o caráter bastante infantil dessa primeira concepção de Deus que a tornou impossível de ser substituída, de ser corrigida por elaborações posteriores.

Mas ao lado desse resultado negativo, o caráter infantil da desaparição de Deus teve também seu aspecto positivo: fez-me penetrar irreversivelmente na vida do real que me cercava. Estou certa de que, julgando autobiograficamente segundo melhor sei e posso, tais elaborações substitutivas de Deus somente arrefeceriam meu sentimento em relação a ele, deformando-o, prejudicando-o. Entretanto, sem a barreira dessa circunstância, que de bom grado confesso ser minha, muitas pessoas fazem de tais elaborações um uso totalmente diverso, que as leva mais longe do que jamais cheguei.

Isso tudo resultou, para mim, no que há de mais positivo em minha vida: *uma sensação fundamental de imensa comunhão de destino com tudo o que existe*; uma sensação inicialmente obscura, que cresceu e nunca mais deixou de impregnar-me. Por isso, é mais próprio chamá-la "sensação" do que "sentimento" relacionado a um objeto: igualdade, sensivelmente convincente, da situação de destino; e não relacionada com os homens, apenas, mas sim como que incorporando, nesse sentido, também a poeira cósmica. E justamente em conseqüência disso, apenas modificável por critérios ou escalas de valor humanamente absorvidos no curso da vida, como se nada demandasse justificação, enaltecimento ou depreciação suplementar junto à circunstância de sua existência como presença — assim como a importância de algo não poderia ser suprimida nem pelo assassinato nem pelo aniquilamento, sob pena de se lhe negar esta última *veneração* diante do ímpeto de sua existência, que ele reparte conosco, porque, como nós, ele "é".

Com isso me escapou a palavra com a qual, se se quiser, pode-se facilmente vislumbrar um resíduo anímico de minha velha relação com Deus. Pois ao longo de minha vida, nenhum desejo me foi mais espontâneo do que aquele de mostrar veneração, como se qualquer outra atitude diante de alguma coisa ou de alguém viesse em segundo lugar. Tanto que esta palavra me parece apenas outra denominação, uma segunda palavra para aquela solidariedade de nosso destino comum, dentro do qual o maior se encontra indistintamente com o menor, igualmente significativo. Ou, em outras palavras, aquilo que "é" carrega sempre em si o ímpeto de toda existência, como se fosse o todo. É concebível a flama da pertinência *sem* que nela habite a veneração, ainda que entranhada no mais invisível, na mais incógnita profundeza de nossas emoções?

Mesmo o que me propus a relatar aqui, relato-o com veneração. É possível mesmo que seja *apenas* dela que se fale, não obstante muitas outras palavras se atenham à multiplicidade circundante, enquanto essa, a mais simples, espera debaixo, impronunciável.

Tenho que admitir, contra toda a lógica[8], que qualquer tipo de crença, mesmo a mais absurda, seria preferível à hipótese de a humanidade perder a veneração.

Experiência do amor

Todos, alguma vez na vida, empenham-se em começar de novo, como num renascer: tem razão a tão citada frase que chama a puberdade de um segundo nascimento. Depois de alguns anos, quando já se conseguiu uma adaptação ao desenrolar da existência que nos cerca, a seus regramentos e modos de julgar que dominam, sem preâmbulo, nosso pequeno cérebro, sobrevém-nos, de repente, com a maturidade corporal que se aproxima, uma força primitiva contrária de tal veemência, que é como se apenas agora começasse a tomar forma o mundo em que a criança foi posta — desinformada, fanática na busca da satisfação de seus desejos.

Mesmo nas vivências mais prosaicas sobrevém esse encantamento: o sentimento de que o mundo renasce como algo totalmente diferente, novo, e de que tudo o que se lhe opõe não passa de mal-entendido inconcebível. Mas, como não podemos persistir nessa postura audaciosa, sucumbimos, afinal, diante do mundo como ele é, e todo esse "romantismo" vai envolver-nos, mais tarde, em véus de melancólica retrospecção — como um lago no bosque reluzente ao luar, ou como ruínas, acenando-nos fantasmagoricamente. O que pulsa em nossa mais profunda intimidade passa a confundir-se, então, com os excessos de sentimento que recobriram, desproporcionada e improdutivamente, algum

período qualquer de nossa vida. Mas o que, sem razão, se chama de "romântico" provém daquilo que há de mais indestrutível, mais robusto, mais primitivo em nosso ser, da nossa força vital mesma, a única que pode compreender a existência exterior, pois permanece na certeza de que, no mais profundo, exterior e interior repousam sobre o mesmo chão.

Os anos de transição para a maturidade corporal, que, por natureza, têm como função resolver a maioria das lutas e inquietações são, exatamente por isso, os mais apropriados para voltar a equilibrar as complicações ou inibições que, nesse ínterim, surgiram.

Também assim se deu em meu caso, quando os devaneios e sonhos infantis despontaram em direção à realidade. No lugar deles, apresentou-se a mim um ser de carne e osso[9]: ele não se pôs *ao lado* deles, mas sim envolveu-os, sintetizando toda a realidade. Para a comoção que ele provocou não há designação mais breve do que aquela que, a meu ver, unia o mais surpreendente, jamais considerado possível, com o que há muito era intimamente esperado: "um ser humano!" Pois, para mim, apenas o Bom Deus tinha sido tão prematuramente íntimo, *porque* pleno do mais surpreendente, em oposição a tudo o que, a meu redor, era limitante, e justamente por isso, *nesse* sentido, realmente não "presente". E aconteceu, então, relativamente a um *ser humano,* aquele mesmo estar-contido-em-tudo, aquela superioridade-a-tudo. De mais a mais, esse homem-deus se colocava como adversário de toda fantasia, indicava educadamente a direção irrestrita ao claro desenvolvimento da compreensão, e eu lhe obedecia tanto mais apaixonadamente quanto mais me custava adaptar-me às circunstâncias; a embriaguez do amor que começou a tomar vulto em mim foi promovendo minha adaptação à realidade (que ele representava e com a qual eu, até então, não havia conseguido entender-me).

Este educador e mestre, visitado inicialmente de forma secreta e depois aceito pela família, ajudou-me entre outras coisas a conseguir que permitissem que eu fosse preparada para continuar os estudos em Zurique. Dessa maneira, ele se tornou, mesmo dentro de seu rigor, tão rico em dádivas quanto o antigo "avô divino", que sempre me satisfazia as vontades. Era como se ele fosse, ao mesmo tempo, senhor *e* instrumento, guia e sedutor de minhas mais íntimas intenções. Assim, seu papel de sósia, de duplo, de espectro do Bom Deus, explica porque fui incapaz de levar a cabo, com ele, real e humanamente, o assunto do amor.

Nesse caso, no entanto, várias coisas havia a me desculpar, entre outras, uma diferença de idades tal qual a que existe entre a derradeira paixão e o primeiro despertar; e, além disso, o fato de meu amigo ser casado e pai de dois filhos mais ou menos de minha idade (o que, de resto, não me perturbava, porque é típico de Deus estar ligado a todos

os homens, sem que isso prejudique a personalíssima exclusividade da relação). Por outro lado, meu persistente aspecto infantil, proveniente do tardio desenvolvimento corporal da gente do norte, havia-o obrigado a ocultar-me que ele já havia encetado preparativos familiares para nossa união. Quando o instante decisivo exigiu, inesperadamente, que eu trocasse o céu pela terra, recusei-me. De golpe, o adorado se me caiu, do coração e dos sentidos, no estranho. Algo que apresentava exigências *próprias*, que não só já não satisfazia as minhas como também as ameaçava, que pretendia inclusive dobrar em direção a mim mesma esse esforço garantido e encaminhado precisamente por sua intercessão, para torná-lo tributário da essência do outro, suprimiu para mim, como um raio, esse outro mesmo. De fato, já era *outro* que ali estava, alguém a quem eu não tinha podido reconhecer claramente sob o véu da deificação. Contudo essa deificação tivera sua razão, para *mim*, pois, até o momento, ele havia sido aquele de cuja influência eu necessitara para melhor avir-me comigo mesma. Essa atitude ambivalente que, no fundo, sempre adotei em relação a ele, expressava-se de resto no fato curioso de que eu, até o final, não o tratava por tu, mas apenas ele a mim, apesar de toda atitude de amor, daí que, durante toda a vida, o tratamento de "senhor" guardou uma nota íntima para mim, e o tu, uma significação sem importância.

Meu amigo pertencia à legação holandesa; desde Pedro, o Grande, havia uma forte colônia holandesa, e para o juramento dos marinheiros era necessária também a participação oficial de um teólogo. Na capela da Perspectiva Nevski tinham lugar prédicas, tanto em alemão quanto em holandês. Como meu amigo dedicava muito de seu tempo de trabalho para mim, algumas vezes ocorreu que, em troca, eu lhe preparasse uma prédica: *então*, eu não deixava de ir à igreja, ardendo de curiosidade para ver se os ouvintes (ele era um orador de primeira categoria) se mostravam cativados o bastante. Isso teve fim quando eu, uma vez no zelo da produção, me deixei arrebatar e, ao invés de uma citação bíblica, escolhi como epígrafe "O nome é apenas som em seus vapores"* etc.; isso lhe causou uma ensaboadela do ministro plenipotenciário, que ele me transmitiu aborrecido.

Holanda, o agradável país onde Igreja e Estado estão totalmente separados, fez com que as competências teológicas de meu amigo adquirissem importância para mim por outro motivo. Antes de minha partida para Zurique[10] não me estava sendo possível, tendo abandonado a Igreja, obter um passaporte próprio dos serviços públicos russos. Ele, então, propôs conseguir-me, numa igrejinha de uma aldeia holandesa, onde um amigo seu exercia o ofício, um certificado de confirmação. Nessa

* Goethe, *Fausto I*: "O jardim de Marta", cf. trad. de Sílvio Meira. Ed. Abril Cultural, Col. Teatro Vivo, 1976, São Paulo. (N.T.).

estranha cerimônia, que foi preparada exatamente de acordo com minhas indicações e que se realizou num domingo qualquer do maravilhoso mês de maio, entre os camponeses da região, ambos estávamos emocionados: tratava-se de nossa separação... que eu temia como a morte. Minha mãe, que viajou conosco para lá, não entendeu, felizmente, nenhuma palavra do sacrílego discurso em holandês, nem tampouco as palavras de confirmação ditas no final, quase as de um matrimônio: "Não temas, porque eu te resgatei, chamei-te pelo nome; meu tu és". (Na realidade foi ele quem me deu meu nome, porque não conseguia pronunciar o russo — Ljola [também "Lolja"].)

A surpreendente mudança que então se imprimiu em minha juvenil história de amor, e que eu mesma compreendia apenas em parte, transformei-a uma década depois numa narrativa, *Ruth*[11], que, porém, ficou de certo modo desfigurada por lhe faltar um antecedente: a pré-história piedosa, os restos secretos da identidade entre relação com Deus e conduta amorosa. A adoração pelo ser amado, contudo, desapareceu tão repentinamente quanto o Bom Deus havia desaparecido para mim, sem deixar rastros. Ao faltar essa aproximação e, com ela, o plano mais profundo, o perfil de Ruth precisou ser colorido de "romantismo", em vez de se basear naquilo que no modo de ser da moça provinha do anormal, de um desenvolvimento inibido. Mas justamente em conseqüência desses obstáculos à maturidade é que a experiência amorosa incompleta havia conservado para mim um encanto irresistível, que nada podia sobrepujar, uma irrefutabilidade que não necessitava passar pela prova da vida. Por isso o súbito final, em contraposição à tristeza e à aflição que se seguiram ao infantil desaparecimento de Deus, a que tanto se assemelhava, resultou, num progresso, em alegria e liberdade: não obstante, um laço continuou-me ligando a esse primeiro ser humano verdadeiramente real, cuja vontade e ensinamentos haviam-me liberado para mim mesma; laço que foi o ponto de partida para que eu aprendesse a viver totalmente.

Se esses acontecimentos já revelam suficientes sinais de irregularidades, resultantes de uma infância ainda não amadurecida normalmente, era certo e ainda mais claro que o desenvolvimento corporal não estava exatamente de acordo com o anímico. O corpo teria, por sua vez, que liberar o impulso erótico que havia recebido, sem que a atitude anímica o assumisse ou compensasse. Abandonado à sua sorte, o corpo adoeceu (hemorragia pulmonar), motivo pelo qual fui levada de Zurique para o Sul[12]. Mais tarde, isso me pareceu quase análogo ao que se passa com os seres animais, como, por exemplo, quando um cão morre de fome junto ao túmulo de seu senhor, sem ter, no entanto, a menor idéia do porquê perdeu até esse ponto seu instinto de alimentação. Na criança, o físico não passa por tão óbvias conseqüências, sem que sejam acolhidas também na consciência.

Em meu caso, veio com a despedida não só um inexplicável bem-estar, como também a observação de dano corporal permaneceu como uma preocupação estranha, exterior a meu ânimo, que se fortalecia. E quase se poderia falar de um certo júbilo, pois se vislumbra, em meio a vários versos de amor, típicos de fases como essa, um tom quase maroto para cantar a doença. Assim em *Pedido Fúnebre*:

Lieg ich einst auf der Totenbahr[13]
— ein Funke, der verbrannt —,
Streich mir noch einmal übers Haar
Mit der geliebten Hand.

Eh' man der Erde wiedergibt,
Was Erde werden muss,
Auf meinen Mund, den Du geliebt,
Gib mir noch Deinen Kuss.

Doch denke auch: im fremden Sarg
Steck ich ja nur zum Schein,
Weil sich in Dir mein Leben barg!
Und ganz bin ich nun Dein.*

Tal duplicação, que faz do desaparecimento terrestre símbolo (e até suposto) de uma união tanto mais total, volta a mostrar, uma vez mais, a carreira irregular desse desenvolvimento amoroso. Permanece ainda por distinguir: irregular em comparação com aquele que se esgota no pacto civil com todas suas conseqüências, e para o qual eu estava, de fato, ainda demasiado imatura — e irregular, também, como conseqüência do pano de fundo deífico em minha infância. Pois desde ali a conduta amorosa não se orientava, *de antemão,* para a conclusão habitual, mas, ao contrário, por meio da vivência pessoal, atuava além da pessoa do amado, em sua simbolização quase religiosa.

Assim sendo, da mesma maneira como os processos que se afastam do curso habitual permitem distinguir as linhas do normal, a mesma coisa pode-se dar nos processos amorosos em geral, na medida em que o amor pelo outro — sem significar de antemão semelhante transfe-

* **Pedido fúnebre**

"Quando em meu leito de morte eu repousar/ — centelha agora apagada —/Meus cabelos uma vez mais vêm tocar/Com tua mão tão amada./Antes que devolvam à terra/Aquilo que terra se vai tornar/A boca amada vem e cerra/Os lábios teus, num último beijar./Mas pensa também: no estranho ataúde/Não sou mais que uma ilusão/Meu ser abrigou-se em tua plenitude!/Só tua eu serei, então."

rência de Deus — é elevado, de uma forma quase mística, a símbolo de tudo que é maravilhoso. Amar, no pleno sentido, é então a mais ousada exigência mútua, irresistível, desde a simples ebriedade até as paixões mais ricamente complexas; por isso também se conta com que aqueles que "não-cabem-em-si" pouco a pouco retornem "para si", tanto em razão das outras exigências da vida, quanto por causa dos deveres assumidos para com o outro. O que não impede que os atingidos — os assim chamados "arrebatados" — sintam, em relação a essa situação de transbordamento amoroso, problemática, criticada ou ironizada pela razão, uma gratidão extrema, *porque* é uma situação que se opõe aos critérios habituais; e *porque* ela ajuda a fazer emergir temporariamente aquilo que, antes que cheguemos a nos orientar pela realidade, nos parecia o mais necessário, o mais apropriado. A pessoa que possui o poder de nos fazer *crer e amar* continua sendo, para nós, no mais íntimo, o ser humano-rei, ainda que depois se torne nosso adversário.

Por isso, mesmo na consumação do amor mais normalmente orientada, temos que perdoar o abuso de nossos exageros mútuos — não obstante o problema da fidelidade e infidelidade, que se enredam uma com a outra de modo curioso e incalculável. Caminhando juntas a irrupção do máximo poder de nossos sonhos com a mais poderosa exigência real em face de outro ser humano, o amado não é mais que o fragmento de realidade que incita o poeta a um poema que não guarda a mínima relação com suas demais utilizações no mundo da práxis. Somos todos mais poetas que homens sensatos; aquilo que poeticamente *somos*, no mais profundo dos sentidos, é mais do que nos *tornamos* — e aqui não se trata de questão de valores, mas de algo que coloca de forma subjacente a necessidade irrefutável que a humanidade tem de adequar-se àquilo para que é meramente levada, tendo que tentar, nesse processo, orientar-se por si mesma.

Amando, empreendemos juntos como que exercícios de natação com salva-vidas, fazendo com que o outro, enquanto tal, seja o próprio mar que nos carrega. Por isso ele nos parece tão único e precioso como a terra natal e, ao mesmo tempo, tão desconcertante e confuso como o infinito. Nós, universo tornado consciente e por isso fragmentado, temos que nos deter e suportar-nos reciprocamente no vaivém desse estado — temos que consumar nossa unidade fundamental simplesmente com uma demonstração: a física, em carne e osso. Mas a realização positiva, material, desse fato fundamental, demonstração aparentemente irrefutável, não passa de afirmação sonora, que contrasta com o iniludível isolamento de cada um em seus limites pessoais.

E é por isso que, precisamente quando estamos empenhados no amor anímico-espiritual, podemos sucumbir à maravilhosa ilusão de pairar no ar, "livres do corpo", unidos quase por cima deste; pela mesma razão pode ocorrer também o inverso, que seja nossa vida corporal,

e não esse empenho afetivo, que realize integralmente essa consumação, por meio de um objeto que a nada mais importa. Daí ser possível falar-se tão adversamente de Eros, o condutor, ou de erotismo, o sedutor; da sexualidade, como um lugar-comum, ou do amor, como uma emoção que nos inclinamos a valorizar quase "misticamente"; enfim, ou será porque se exprime em nossa ingênua corporalidade enquanto tal, que não tem necessariamente que estar consciente do que é banal, mas sim que satisfazer-se, como no prazer de respirar ou saciar-se — ou, então, será porque nós, simples seres humanos, celebramos extaticamente, com todo nosso ser, o mistério de nossa primitiva ligação com a existência total.

O dom perfeito da ausência de contradição erótica somente podia caber aos animais irracionais. Apenas eles conhecem, em lugar do conflitante amar e abandonar humanos, aquele regulamento em si mesmo, que flui, puramente natural, no cio e na liberdade. Só nós estamos na infidelidade.

Da violência natural dos animais até nossas complicações humanas, apenas a *fecundação e a maternidade* escapam de nossas decisões particulares. (Se, quanto ao amor, não podemos ir muito além de dizer que ele irrompe em meio às ordenações humanas, isso se deve ao fato de que somente "entendemos" aquilo que tange as nossas esferas racionais e ansiosas de prazer, mas de entendimento e gozo, vasos humanamente restritos, não se extrai absolutamente nada de profundo.) Assim, pois, nos permitimos também o feito da maternidade. Afora toda problemática, uma grande saúde na mulher diz sim à transmissão da vida — até mesmo quando o instinto não se tenha personalizado no desejo consciente de fazer renascer, em si mesma, a infância do homem que ela deseja. Não poder viver isso exclui a mulher, indubitavelmente, do material feminino mais valioso.

Recordo-me do assombro de alguém a quem confessei, já madura, durante uma conversa sobre essas coisas: "Sabe que nunca tive a ousadia de colocar um ser humano no mundo?" E, contudo, estou segura de que essa tomada de posição nem sequer provinha da juventude, mas sim de muito antes, de quando o entendimento ainda não se defronta com semelhantes questões. Conheci o Bom Deus muito antes que a cegonha, as crianças vinham de Deus e, em caso de morte, iam para Deus — quem, exceto Ele, lhes poderia possibilitar a existência? Não quero, no entanto, dizer que o desaparecimento de Deus, cheio de significações, possa ter sido a causa de minha resignação ou mesmo do aniquilamento da pequena mãe que havia em mim. Não, particularmente não queria ter dito nada disso. Mas não se pode ignorar que o "nascimento" tem sua abundância de significados fortemente alterada conforme a criança provenha do nada ou do todo.

Para a maioria das pessoas, as convenções habituais, as expectati-

vas mais comuns — e também os sentimentos e desejos pessoais — ajudam a superar quaisquer dúvidas; e nada as impossibilita de espalhar à sua volta todo um otimismo sem compromisso, segundo o qual os filhos hão de chegar a ser a ansiada realização de todas as nossas ilusões perdidas. Mas o que há de perturbador no engendramento do ser humano não advém de considerações morais ou banais, mas sim da própria circunstância de sermos arrancados do pessoal e projetados no criatural; de sermos privados da própria decisão e dispensados dela, justamente no momento mais criador de nossa existência. Embora um equívoco parecido permeie inevitavelmente todos os nossos atos, já que subscrevemos aquilo que nos é imposto, esses dois elementos se entrechocam com extrema evidência exatamente naquilo que chamamos de ato criador (em qualquer campo!). Pois quão honesta e séria possa ser a bipartição da responsabilidade dos pais diante do procriado, ela acaba atropelada pelo ímpeto do acontecimento, que corresponde à simultaneidade do mais íntimo de nosso próprio condicionamento psicofísico *e* do mais distante e insusceptível de influência que invisivelmente recai sobre nós. Por isso é bem compreensível que, entre todos os crentes, seja a *mãe* quem mais intensivamente anseie pela fé: Deus deveria persistir pelo menos *num* ponto — na cabeça dos nascidos dela. Portanto, não há, sobre a face da Terra, uma única Maria que tivesse que ser outra coisa além de mulher de um José — que não se tivesse tornado, ao mesmo tempo, a concepção virginal do enigma último de toda a existência, que a elegeu como receptáculo.

Entre as manifestações de Eros, além daquelas todas que une dois seres humanos de maneira pessoal ou procriadora, há ainda uma outra relação muito profunda, que é rara e não se pode descrever corretamente com referências ligeiras, meramente indicativas. Poder-se-ia talvez arriscar o intento de descrevê-la numa espécie de analogia ao que ficou dito acima. Imagine-se um casal que, com a consumação de seu amor, tencionasse única e exclusivamente a procriação de um novo ser humano, e que transpusesse essa consumação para além do biológico, para a esfera espiritual: estaríamos, então, diante de uma imagem análoga de reencontro do mais evidente aos sentidos com o mais distante e completamente alheio às duas pessoas. O êxtase glorificador de ambos não estaria mutuamente orientado de um para o outro, mas sim para um terceiro de suas ânsias que, de suas últimas profundidades essenciais, surgiria, por assim dizer, diante de seus rostos, diante de seus olhos. A medida, então, não é o que são atualmente, mas sim aquilo sobre o qual se *fundamentam*; possibilita-lhes, concomitantemente, uma concepção *compartilhada*.

Não se precisaria tentar tal descrição com palavras aparentemente tão oraculares, se isso não estivesse quase inevitavelmente condenado a ser mal compreendido e confundido com o que se conhece sob o nome

comum de "amizade", na medida em que também esta, ao invés da ligação corpórea, celebra e consolida sua aliança num terceiro nível: no fundamento comum de inclinações, sejam elas de natureza anímica, intelectual ou prática. A amizade distingue-se do que acima escrevi não só como uma colina em relação à montanha, mas também difere em essência, como se dois seres humanos, em vez de engendrar um filho, adotassem um, para o bem de ambos; quão conveniente e bom isso também lhes possa ser, tornando-os felizes. São os anos de juventude que mais possibilitam a mescla da amizade com esse arrebatamento que aqui intentamos compreender: nesses mesmos anos em que as disposições criadoras voam alto e exigem seus direitos, antes que a maturidade do corpo nos monopolize, carreando toda nossa atenção a seu serviço.

É raro que esse processo não se interrompa em meio ao caminho e chegue a *seu* pleno amadurecimento; é o destino mais raro e seguramente o mais magnífico que Eros criou para os homens. Pois consiste em que o outro permaneça uma espécie de intermediário humano, como que uma imagem transparente daquilo que trazemos em nós mesmos como exigência mais profunda. Porque "ser amigo" significa aqui o quase único que vence as mais fortes contradições da vida: estar ali onde, para ambos, está o divino, e compartilhar, *a fim de* aprofundá-la, a mútua solidão, a tal ponto que passamos a conceber-nos no outro, como consagrados a todo engendrar humano. O amigo significa, assim, o protetor que nunca nos deixa perder a solidão diante do que quer que seja, protetor inclusive *de um frente ao outro.*

Muitos dos elementos essenciais do que acabo de descrever relacionaram-se, nos meus anos mais jovens, com meu primeiro grande amor, e, por isso, talvez eu não tenha sido capaz de exprimir em palavras o meu pensamento. Também em minha vida isso ficou incompleto. Assim, relativamente às três maneiras de consumação do amor (no casamento, na maternidade e na pura união erótica) tenho mesmo que confessar não poder competir com quem, aqui ou acolá, tenha obtido bom resultado em todas elas. Mas não é isso o que importa; "basta que tenhamos agarrado o que era vida e produza vida, e que, do primeiro ao último dia, tenhamos permanecido produtivamente nela, como seres vivos."

É mais ou menos assim: quem impetuosamente mete as mãos numa viçosa roseira, enche a mão de flores; comparado com a roseira, esse punhado, por abundante que seja, é apenas um pouco. Mas é suficiente para que nele viva a totalidade das flores. Se não fazemos o gesto, porque não nos trará toda a roseira, ou se exageramos nosso punhado, pretendendo *todas* as rosas do arbusto espinhento — então elas florescem, sem vida, sobre nós, e nos deixam sozinhos.

O modo como naqueles anos minhas companheiras de sexo haviam-se com o problema do amor e da vida, sei apenas de forma episó-

dica, pois na época eu já adotava, sem me dar conta, uma atitude diferenciada. Primeiramente porque, sem dúvida, ultrapassei muito cedo a fase das "expectativas e temores tormentosos", característica desses anos, graças ao encontro decisivo do homem que realmente me abriu o portão da vida e incutiu em mim não uma meiguice feminina, mas sim uma prontidão de adolescente. Mas não só por isso. Também porque minhas contemporâneas, em seu otimismo juvenil, imaginavam cor-de-rosa todas as coisas que desejavam, supondo que elas pudessem ir sendo realizadas conforme seus desejos. Para isso, faltava-me algo, ou, talvez, me sobrasse; algo como uma muito antiga experiência, que deve ter cunhado para sempre minha disposição natural. Como uma inquebrantável pedra sob meus pés, que podiam caminhar seguros ali onde, desde há muito, havia crescido o musgo e brotado flores. Não terei, talvez, me expressado de modo demasiadamente conciso, já que me entregava alegre, solícita e sem reservas a tudo o que me esperava na vida?

Porque "viver" — isso era algo amado, esperado e abraçado com todas as minhas forças. Mas, precisamente por isso, não era algo poderoso, dominante, que pressupunha transigência. Pelo contrário: era algo igual a mim, uma existência inapreensível como eu mesma. Quando e onde termina Eros? — Essa questão não pertence também, afinal, ao capítulo "Experiência do amor"? Acima da felicidade ou da desdita, da espera ou da necessidade, fluía todo o ardor da juventude em direção à "vida", um estado sem objeto e impregnado de alma — que, à maneira dos estados amorosos, se derramava em versos. Quero, como conclusão, transcrever um poema que é, nesse sentido, o mais característico, nascido quando deixei a pátria russa e por mim denominado *Oração à vida*:

Gewiss, so liebt ein Freund den Freund[14]
Wie ich Dich liebe, Rätselleben —
Ob ich in Dir gejauchzt, geweint,
Ob Du mir Glück, ob Schmerz gegeben.

Ich liebe Dich samt Deinem Harme;
Und wenn Du mich vernichten musst,
Entreisse ich mich Deinem Arme
Wie Freund sich reisst von Freundesbrust.

Mit ganzer Kraft umfass ich Dich!
Lass Deine Flammen mich entzünden,
Lass noch in Glut des Kampfes mich
Dein Rätsel tiefer nur egründen.

de quinze filhos e eu, de nenhum; quando, de forma enérgica, lhes contrapus o testamento, recebi como resposta que isso absolutamente não me dizia respeito: não continuaria eu sendo, de uma vez por todas, sua "irmãzinha de outrora"? O mais velho — Alexandre, Sascha[16], em seu misto de energia e bondade, sempre foi para nós como um segundo pai, por também ser ativo e prestimoso, até mesmo fora do círculo da família; dono de um humor extraordinário e do riso mais contagiante que jamais ouvi, provenientes, de certo modo, da conjunção de uma inteligência extremamente clara e de um caráter caloroso, para ele a ajuda ao próximo era o que havia de mais natural. Eu tinha cinqüenta anos quando, em Berlim, recebi o inesperado telegrama, comunicando-me seu falecimento; minha brusca e egoísta reação foi pensar: "Desamparada!" O segundo — Robert, Roba[17] — (o mais elegante dançarino de mazurca em nossos bailes de inverno) era dotado de toda a espécie de dons artísticos e possuía uma natureza sensível; ele gostaria de ter sido militar como seu pai[18], que, no entanto, o havia destinado à carreira de engenheiro, no que ele se distinguiria mais tarde. À época, o sistema patriarcal da família era tão forte que meu terceiro irmão — Eugène, Genia[19] — que parecia nascido para a diplomacia, tornou-se médico contra sua vontade, porém igualmente com sucesso; pois ainda que fundamentalmente diferentes, eles tinham em comum extraordinárias qualidades profissionais e eram de uma absoluta dedicação a seus *ofícios*. O terceiro deu provas disso como pediatra; aliás ele já se ocupava de crianças quando era apenas um rapaz. Entretanto, mesmo mais tarde, permaneceu, em seu íntimo, um ser reservado, secreto como um "diplomata". Dos meus anos de infância lembro-me de que ele me repreendia quando eu desafiava abertamente as proibições e, certa vez, ele me irritou de tal modo, que lhe atirei uma xícara de leite quente; mas, em vez de acertá-lo, foi sobre meu pescoço e minhas costas que o líquido fervente derramou-se; meu irmão, embora tão impulsivo e violento como todos nós, disse satisfeito: "Você vê, eu falava exatamente no que acontece quando as coisas são féitas de forma errada". Só muito tempo depois de sua morte, por tuberculose, aos quarenta anos, é que o compreendi melhor, especialmente porque ele — muito alto, magro e não muito bonito — provocava nas mulheres as mais loucas paixões sem, no entanto, jamais ter-se ligado a qualquer uma delas. Às vezes, eu pensava que seu charme tivesse qualquer coisa de demoníaco. De vez em quando isso condizia com uma boa dose de humor: assim, em um dos bailes em nossa casa, ele resolveu tomar meu lugar. Lindos cachos adornavam sua face, na maior parte das vezes barbeada, sua silhueta muito longa e magra apertada num espartilho da época e, com isso, arrebatou o maior número de fitas de cotilhão dos jovens oficiais estrangeiros, que sabiam muito vagamente haver na casa uma jovem que se mantinha completamente afastada do mundo. Eu adorava as sapatilhas, que usa-

Experiência da família

O sentimento de estar ligada por laços fraternais aos homens foi para mim, pelo fato de eu ser no círculo familiar a caçula e a única filha, tão evidente, que ele se irradiou continuamente a todos os homens do mundo; em qualquer época, sempre me pareceu que um irmão se escondia em cada um dos homens que encontrei. Mas isso também estava ligado ao próprio caráter de meus cinco irmãos, especialmente de três deles, já que a dois — o primogênito e o quarto — não foi dado viver até a velhice. Ainda que minha infância se tenha desenrolado numa solidão cheia de fantasmas, ainda que todo o meu pensamento e minha aspiração tenha-se rompido com a tradição familiar e causado escândalo, ainda que minha vida se tenha passado vinculada ao estrangeiro e longe dos meus, o relacionamento com meus irmãos permaneceu imutável; só o passar dos anos e a distância é que amadureceram meu julgamento e ensinaram-me a apreciá-los em seus valores humanos. Mais tarde, quando me acontecia duvidar de mim mesma, a lembrança de que éramos do mesmo sangue verdadeiramente me reconfortava; e, de fato, jamais conheci homens, cuja sinceridade, integridade, virilidade ou bondade não fizessem reviver em mim a imagem de meus irmãos.

Com a morte de nossa mãe aos noventa anos[15], eles dobraram minha parte na herança, embora os irmãos casados tivessem que cuidar

de quinze filhos e eu, de nenhum; quando, de forma enérgica, lhes contrapus o testamento, recebi como resposta que isso absolutamente não me dizia respeito: não continuaria eu sendo, de uma vez por todas, sua "irmãzinha de outrora"? O mais velho — Alexandre, Sascha[16], em seu misto de energia e bondade, sempre foi para nós como um segundo pai, por também ser ativo e prestimoso, até mesmo fora do círculo da família; dono de um humor extraordinário e do riso mais contagiante que jamais ouvi, provenientes, de certo modo, da conjunção de uma inteligência extremamente clara e de um caráter caloroso, para ele a ajuda ao próximo era o que havia de mais natural. Eu tinha cinqüenta anos quando, em Berlim, recebi o inesperado telegrama, comunicando-me seu falecimento; minha brusca e egoísta reação foi pensar: "Desamparada!" O segundo — Robert, Roba[17] — (o mais elegante dançarino de mazurca em nossos bailes de inverno) era dotado de toda a espécie de dons artísticos e possuía uma natureza sensível; ele gostaria de ter sido militar como seu pai[18], que, no entanto, o havia destinado à carreira de engenheiro, no que ele se distinguiria mais tarde. À época, o sistema patriarcal da família era tão forte que meu terceiro irmão — Eugène, Genia[19] — que parecia nascido para a diplomacia, tornou-se médico contra sua vontade, porém igualmente com sucesso; pois ainda que fundamentalmente diferentes, eles tinham em comum extraordinárias qualidades profissionais e eram de uma absoluta dedicação a seus *ofícios*. O terceiro deu provas disso como pediatra; aliás ele já se ocupava de crianças quando era apenas um rapaz. Entretanto, mesmo mais tarde, permaneceu, em seu íntimo, um ser reservado, secreto como um "diplomata". Dos meus anos de infância lembro-me de que ele me repreendia quando eu desafiava abertamente as proibições e, certa vez, ele me irritou de tal modo, que lhe atirei uma xícara de leite quente; mas, em vez de acertá-lo, foi sobre meu pescoço e minhas costas que o líquido fervente derramou-se; meu irmão, embora tão impulsivo e violento como todos nós, disse satisfeito: "Você vê, eu falava exatamente no que acontece quando as coisas são feitas de forma errada". Só muito tempo depois de sua morte, por tuberculose, aos quarenta anos, é que o compreendi melhor, especialmente porque ele — muito alto, magro e não muito bonito — provocava nas mulheres as mais loucas paixões sem, no entanto, jamais ter-se ligado a qualquer uma delas. Às vezes, eu pensava que seu charme tivesse qualquer coisa de demoníaco. De vez em quando isso condizia com uma boa dose de humor: assim, em um dos bailes em nossa casa, ele resolveu tomar meu lugar. Lindos cachos adornavam sua face, na maior parte das vezes barbeada, sua silhueta muito longa e magra apertada num espartilho da época e, com isso, arrebatou o maior número de fitas de cotilhão dos jovens oficiais estrangeiros, que sabiam muito vagamente haver na casa uma jovem que se mantinha completamente afastada do mundo. Eu adorava as sapatilhas, que usa-

va desde meus cursos de dança, porque elas deslizavam pelo assoalho do grande salão como se fosse sobre o gelo. Os outros cômodos, enormes, de tetos altos como uma igreja, também me atraíam bastante. O apartamento de serviço da Morskaia estava situado numa ala do edifício do Estado-Maior geral, à beira do canal de Moika, e esses salões em que se podia deslizar estavam ligados às minhas alegrias quotidianas: revejo-me, sobretudo, evoluindo *nesse* movimento, era como estar só.

Meus irmãos mais velhos casaram-se cedo, pois fizeram suas escolhas definitivas já na época dos cursos de dança; maridos e pais apaixonadamente devotados, tornaram-se homens muito felizes e seus comportamentos, em relação às esposas, refletiam a atitude de nosso pai em relação à nossa mãe; ele, por exemplo, tinha o costume de levantar-se quando ela entrava em algum cômodo, o que nós, crianças, imitávamos de maneira espontânea. Isso não excluía que ele também pudesse ter acessos de violência, provocados por seu temperamento irritadiço, herdado por todos nós. Contudo ele era de uma autenticidade e franqueza a toda prova; a esse propósito, corria em nossa casa uma anedota divertida. Nossa Muschka, era assim que chamávamos nossa mãe, havia recomendado encarecidamente que se cuidasse de certa pessoa que, segundo se dizia, o caluniava, e salientava, ao mesmo tempo, a intenção amistosa de outra: meu pai, sem perda de tempo, confundiu um com outro. Em sua juventude, ele tivera acesso a todas as alegrias do mundo, na brilhante São Petersburgo, à época do Czar Nicolau I e de Alexandre II; ele pertencia ainda à geração de Puschkin e Lermontoff, a quem ele, como oficial, tinha conhecido pessoalmente. Durante o casamento, tanto ele como sua mulher — aproximadamente dezenove anos mais jovem — mudaram de práticas religiosas, por influência de um pastor báltico, Iken, que insuflou um espírito piedosamente religioso ao moralismo empedernido da Igreja Evangélica de São Petersburgo.

As igrejas evangélicas *reformadas* — francesa, alemã e holandesa —, ao lado das luteranas, formavam uma espécie de congregação de fé para as famílias estrangeiras, ou seja, aquelas não católico-ortodoxas ainda que, fora delas, as pessoas se sentissem inteiramente russas; assim, abandonando a igreja, fiquei de certa forma à margem da sociedade, o que fez com que minha mãe, em particular, sofresse terrivelmente. Por outro lado, eu estava certa de que meu pai, que morrera pouco antes disso, apesar do profundo desgosto pela descrença da filha, teria aprovado esse passo (embora ele estivesse particularmente ligado à igreja reformada alemã, pois foi ele quem outrora conseguira, junto ao Imperador, autorização para fundá-la). Ele não costumava falar sobre religião e, só após sua morte, quando me presentearam com a bíblia de seu uso particular, é que compreendi, graças às numerosas passagens sublinhadas com um traço fino, sua verdadeira fé. A devoção, discrição, humildade e confiança desse homem viril, ativo e habituado à autoridade

tocaram-me tão profundamente, que me assaltou o remorso por tudo que, com meus dezesseis anos, não pude descobrir nele.

Em toda minha primeira infância, meu pai e eu estivemos ligados por uma ternura secreta, e lembro-me vagamente de que nós a dissimulávamos à chegada de Muschka, pois ela não gostava de manifestações de sentimentos; meu pai tinha desejado ardentemente uma filha, depois dos cinco garotos, enquanto Muschka teria preferido completar a meia dúzia masculina. Em antigas cartas de meu pai à minha mãe, durante uma viagem de verão que ela fez ao estrangeiro junto com os filhos mais novos, li, após a morte dele, o seguinte *post scriptum*: "Beije nossa filhinha por mim". E uma outra vez: "Ela pensa de vez em quando em seu velho papai?" Lembranças ardentes invadiram-me. Ainda bem pequena, fiquei temporariamente incapacitada de andar, por causa de um mal passageiro chamado "dor de crescimento"; como consolo, ganhei pequenos sapatos de marroquim, vermelhos e macios, com bordas douradas e, entronada assim nos braços de meu pai, sentia-me tão bem que as coisas acabaram terminando mal: não dei sinais de que a dor havia passado e, por isso, o mesmo pai carinhoso, com o coração partido, mas inflexível, fez uso de uma boa varinha de bétula sobre aquela mesma parte de meu corpo que permanecera acomodada em seus braços.

Lembrei-me de nossos passeios a dois, pelos claros dias de inverno; como minhã mãe não gostasse de dar o braço ao andar, meu pai habituou-me desde muito pequena a realizar a façanha de acompanhar, com enormes passadas, seus passos tranqüilos e longos. Certa vez encontramos um dos numerosos mendigos russos, e eu que havia ganhado uma moeda de prata de dez copeques, para aprender a "repartir o dinheiro", quis dá-la a ele. Meu pai, então, fez-me compreender que essa não era uma boa repartição, e que a metade era suficiente; mas era absolutamente necessário que essa metade fosse dada ao próximo, e, na verdade, ela nunca deveria ser inferior àquela que se conservava, portanto não podia, por exemplo, ser uma moeda de cobre. E, com um ar sério, trocou a pequena moeda de dez por duas encantadoras moedinhas de prata, de cinco copeques cada uma.

Mas se comparo meus sentimentos em relação a meus pais com os da maioria das crianças que conheço, quer me parecer que eles não tinham nada de excessivo, seja em teimosia, seja em amor. Tanto o que me ligava quanto o que me opunha a eles ia até um limite, além do qual eu guardava uma certa liberdade. Durante meu período escolar, essa "liberdade" chegou a ir muito longe: nas últimas séries, o russo era obrigatório em todas as classes, e eu me queixava de dominar pouco essa língua (já que em nossa casa estávamos habituados a falar alemão e francês). Meu pai decidiu subitamente me autorizar a ser aluna-ouvinte e, rindo, assegurou: "Essa não precisa de escolaridade obrigatória". De onde ele tirou esse prejulgamento afetuoso, eu ignoro.

Penso que foi graças a essa liberdade que meus cinco irmãos, mesmo depois de adultos, continuaram mantendo com os pais um relacionamento cordial, caloroso e confiante.

Como prova disso ocorre-me um pequeno episódio, para o qual infelizmente não posso precisar a idade que tinha, senão que eu já era uma estudante, o que para nós, na Rússia, significava ter mais de oito anos. Nosso cão, um *terrier* chamado Jimka, contraiu raiva. A raiva era com freqüência transmitida aos animais domésticos através de mordidas, devido ao grande número de cães vadios que erravam pelas ruas (tanto no calor do verão, quanto no mais rigoroso inverno). Era a primeira vez que isso nos acontecia e, portanto, não nos apercebemos de imediato. Quando, antes de minha partida para a escola, o simpático cão subitamente me mordeu no pulso, de pronto pus algo em cima e não dei maior importância ao fato. Voltando para casa, não mais encontrei nosso cão, pois a raiva tinha-se manifestado e o haviam levado. Ainda antes do anoitecer ele foi sacrificado em um instituto de observação, existente para esse fim. Mas, no intervalo, Jimka também havia mordido nossa lavadeira, e o médico da família estava justamente explicando que nada podia ser feito, pois já se haviam passado algumas horas (conforme se pensava na época). Apavorada, dominou-me a idéia terrível de que, a qualquer momento, pudessem suspeitar que eu estivesse com a raiva, e que meus irmãos temessem que, à menor discussão, eu fosse mordê-los. Seguiu-se um penoso e secreto período de medo. Ouvi falar, entre outras coisas, do sintoma da fobia pela água, e passei a temer durante noites inteiras pelo escovar de dentes da manhã seguinte. (Felizmente eu ignorava que esse sintoma também se manifestava quanto ao chá ou ao leite.) Inteirei-me também de que cães com raiva atacam primeiro seus queridos donos, e lembro-me de minha pavorosa convicção: "Vou morder papai". Para mim, isso significava "a pessoa mais querida", ainda que eu não tivesse, de forma alguma, consciência de preferi-lo à minha mãe.

Uma lembrança de minha primeira infância prova-me, contudo, a pouca consciência que eu tinha disso: no verão, permitiam-me freqüentemente (para meu grande prazer) acompanhar minha mãe, em nosso cabriolé, ao banho de mar. Por uma pequena janela da cabina do balneário eu a observava dando braçadas na água da piscina e, uma vez, gritei-lhe em tom de súplica: "Ah, Muschka querida, afogue-se, por favor!" Ela, rindo, carinhosamente respondeu-me: "Mas, filhinha, então eu morreria!", ao que, com voz mais forte, gritei-lhe a típica palavra russa: "*Nietschewó!*" ("não faz mal!"). Mas em meu coração eu não fazia nenhuma diferença entre meus pais; pela maneira mesma como meu pai, com terno cavalheirismo, respeitava minha mãe diante de nós, as crianças, jamais a considerei "abaixo dele" quanto ao respeito. E eu já era quase adolescente, quando percebi, com inesperado

assombro, que aquilo não era absolutamente *óbvio*. Foi assim: tinha-se perdido a chave de uma porta e meus irmãos acudiram, vindo ajudar, quando então consegui abri-la sem instrumento algum. Pouco depois, ao contar o ocorrido com ar triunfante à minha mãe, à sua pergunta "com que, afinal, você a abriu?", respondi "com meus dedos". Pude ver então como seu rosto se petrificou; ela apenas disse: "à *minha* mãe eu jamais teria ousado responder dessa forma; que você não a abriu com os pés, eu já sabia". Olhei-a como quem olha algo de insuspeito e fiquei tão estupefata que me senti incapaz de lhe dar explicações.

Meus pais entendiam-se mesmo sem palavras, a despeito das grandes diferenças entre eles (excetuada a igual força de seus temperamentos e a mesma fé); numa harmonia inabalável, mantinham-se na mais profunda fidelidade amorosa. O essencial era também, sem dúvida, que ambos tinham em conta, de forma absolutamente involuntária, o quanto vale, ao longo da vida, suprir as próprias deficiências: talvez menos no sentido moral do que no desejo de não ficar prisioneiro de si mesmo. (O atributo que de maneira mais completa lhes faltava era o orgulho e a pusilanimidade que lhe é inerente.) Para um caráter como o da minha mãe, isso provavelmente equivalia a transferir, sem maiores cerimônias, sua natureza independente e ativa para a condição de esposa e mãe, dignidade que, afinal, o Senhor havia conferido à mulher. Daí resultava sua contenção, atitude que julgou conveniente adotar e que ela esperava igualmente dos outros. Por outro lado, é possível que alguma coisa de revolucionário não fosse de todo estranha a seu sangue. Com a morte de sua avó, ela, pouco mais que uma menina, havia-se encarregado da direção de uma grande casa, para não cair sob o domínio de uma irmã de seu padrasto. E ante meus olhos fixou-se uma imagem fugaz de nossos veraneios na Suíça: recém-chegados, vejo-a parada no corredor diante de nossos quartos no hotel, a olhar fascinada para o pátio, onde dois homens atracavam-se selvagemente, numa luta a faca. Ela não apenas teve sempre uma grande coragem física, como também, por ela, talvez preferisse decidir a fundo seus conflitos a conciliá-los. Ainda durante a pré-revolução de 1905, já octogenária, foi difícil impedi-la de sair às ruas tumultuadas e assoladas por disparos, diante do que suas duas serviçais, moças devotadas, recuavam, suplicantes.

Depois de ter sobrevivido a nosso pai por quase quatro décadas, minha mãe teve a felicidade de não conhecer a Revolução de Outubro. As famílias de meus dois irmãos mais velhos, porém, tiveram que suportar, durante muitos anos, a subversão e as guerras civis na mais amarga necessidade e miséria. Só a grandes intervalos era possível uma precária comunicação postal com a Alemanha. Meu segundo irmão, Robert, voltando finalmente da Criméia onde havia enterrado seu filho mais novo, que caiu doente durante a guerra, viu-se não só privado de sua posição, de sua moradia, de todos seus bens e propriedades, como

também reduzido a viver em sua pequena casa de campo, nos arredores da capital, onde ele passava o verão, da caridade de um criado doméstico, a quem haviam adjudicado a casa com seus implementos e seus campos. O homem reservou para ele e os seus uma parte do sótão e dava-lhes, ao meio-dia, sopa de couve, sempre que ele o ajudava no campo; durante o dia, ele colhia, com seus pequenos netos, cogumelos e bagas, para remediar a situação. Sua mulher não podia suportar a idéia de ver como a camponesa usava suas roupas, nem a ingênua alegria que isso lhe proporcionava. Mas, apesar de todos os temores desse período, não era disso que se falava mais forte e comovedoramente nas raras cartas recebidas de lá: era o alcance interno da revolução, que se havia consumado até nas próprias pessoas. Não que as opiniões políticas de meu irmão (ele teria pertencido ao chamado Partido dos Cadetes[20]) tivessem mudado completamente, mas quando ele contava como se sentavam juntos ele e seu criado, de tarde, no banco diante da porta — descansando e contemplando as perturbações do mundo —, não se tinha mais tanto a impressão de que senhor e empregado haviam trocado de papéis, deslocados respectivamente para baixo e para cima, mas que uma terceira pessoa se exprimia através deles, na qual a mesma renovação produzia-se. O caráter específico do camponês russo não lhe era estranho, tanto que meu irmão, reconhecendo, escreveu: "Como esse analfabeto é inteligente e amável!" Era translúcido que aqui não se podia falar em resignação de um lado, e, de outro lado, em consciência de si, irrompendo bruscamente: o que delineava essas duas personagens era o fato de estarem na aurora de uma reviravolta mundial, como se tivessem sido arrancadas de si mesmas e projetadas num mundo maior e mais simples, transcendendo seus próprios perfis, ampliando-os.

O mais comovedor, porém, era ver, junto a esse fenômeno, como a união íntima dos membros da família mostrava agora seu efeito mais essencial — justamente agora, quando ela estava a ponto de ser abolida em seu sentido burguês. E não só porque a aflição os forçou a agruparem-se como sobre pequenas ilhas em meio à rebentação já que, ali, as querelas devidas às divergências de intenções pessoais e projetos também criaram, como em todas as famílias, dissensões. Não, o significado interno da ligação familiar, a felicidade e o calor que lá ainda consolava e amparava, a velha poesia da "não só objetividade" alcançava, moribunda, uma flor na qual sua força vital se derramou redobrada. Em contraposição, o extravasamento de uma juventude repentinamente desenfreada teve uma influência poderosa, ao lado das novas possibilidades de descuidos e de brutalidade de toda espécie.

Foi poupado à nossa velha mãe[21] não ter que presenciar a Revolução e também a morte de seu filho mais velho, seu conselheiro e protetor, que morreu pouco depois do começo da guerra, de *angina pectoris,* em meio a imensas inquietudes e pressentimentos sombrios. Vivendo

sozinha, mas rodeada por filhos e netos dedicados, conheceu ainda alguns anos de felicidade. Perto do fim de sua vida, seu maior desgosto foi que nós, os filhos, para estarmos seguros de que seria bem cuidada, lhe impusemos uma dama de companhia, uma parenta de quem certamente ela gostava, mas não tanto como da solidão sem perturbações. Apesar de estar cercada por filhos e netos, ela gostava muito da solidão e permaneceu extraordinariamente ativa até o fim de sua vida. Também suas leituras, raras vezes, eram escolhidas segundo conselho de outrem; assim, a obra que mais lhe apaixonava no fim da vida era a *Ilíada*.

Relatando sua vida entre os oitenta e os noventa anos, não posso deixar de pensar na grande luta e no triunfo que ela me revelou durante uma de minhas visitas à sua casa: tratava-se do aniquilamento do diabo, a quem ela, crente fervorosa, sentia-se obrigada a eliminar definitivamente antes de terminar sua vida. Ante a minha objeção, realmente consternada, de que estaria arriscando-se também a aniquilar o Bom Deus, já que a decisão era coisa sua, ela me respondeu, tranqüilizando-me e quase indulgente: "Você não entende disso, a Ele não pode acontecer nada; durante anos refleti com Ele sobre isso. Evidentemente Ele permanece, mas é claro que expulsa o diabo". Ela não negava, com isso, a causa dessa mudança tardia e radical no modo de pensar: foi obrigada a ir reconhecendo, pouco a pouco, a descrença de todos os seus filhos, sucumbidos ao diabo, ainda que meus irmãos, como gesto cavalheiresco, se dispusessem a cumprir algumas cerimônias, em consideração às suas mulheres e precisamente à nossa Muschka. Apesar de tudo, ela jamais fazia qualquer coisa que a pudesse pôr em contradição consigo mesma: evidentemente sempre seguia, em qualquer assunto, um impulso imediato, que só depois avaliava reflexivamente e a fundo, tendo em vista a si mesma e às circunstâncias imperantes.

O que se segue é também uma lembrança repetida de sua paz interior: como ela se sentava, pela manhã, à mesa do desjejum, com um sorriso nos olhos, que se haviam tornado profundamente azuis; e quando começávamos a desconfiar pudesse estar rindo de nós, acabávamos constatando que, na verdade, ela sorria para um sonho muito agradável. Daí surgiu o gracejo: depois de um dia especialmente pouco alegre (pois aborrecidos, por assim dizer, ela não conhecia), nossa Muschka compensava-se com noites divertidas. Nos últimos anos de sua vida, quando começou a ficar surda, achava engraçado que suas visitas, senhoras tão surdas quanto ela, conversassem sem se entender. Rindo alegremente, contava-nos como cada uma, ela inclusive, percebia bem as respostas erradas da outra, mas não se deixava absolutamente desconcertar por suas próprias respostas, não menos equivocadas.

Ao lado da leitura, o que mais a atraía era observar a natureza. A época do verão causava-lhe uma alegria transbordante e, no fim do outono, ela conversava, de suas janelas, com uma fileira de árvores de

uma rua transversal como se elas fossem seres vivos, ou observava as dispersões da luz. Seus cômodos estavam sempre repletos de folhagens, cuidadas por ela mesma, mas ela não gostava de ter animais ao seu redor. Com idade muito avançada, toda posse parecia-lhe excessiva, como se fosse um atentado a esse seu "estar a sós". Preocupava-se com grande dedicação e cautela em relação a cada um dos objetos de suas propriedade, mas alegrava-se também toda vez que, sem chamar a atenção, abria mão de um deles, dando-o a nós ou a outras pessoas. Pouco a pouco surgiu a divertida necessidade de presenteá-la com as mesmas coisas, para que não acabasse rodeada pelo vazio. Às vezes, ela me dava a impressão de alguém que se libera ou se evade, e que, com todos os seus objetos, prepara para os seus que ficam pequenos ninhos; e eu parecia adivinhar, por trás dessa ocupação tão prosaica, sua atitude fundamental frente à vida e, principalmente, frente à morte: em contrapartida ao sentimento de ser despojada pela morte, a consciência da superfluidade da riqueza, num momento em que não se tem mais por que temer a necessidade.

Não posso falar de minha mãe sem lembrar o quanto ela fez por mim, embora desaprovasse totalmente a vida que levei, moça, no exterior, com idéias completamente contrárias às suas. Se essa filha já havia decepcionado ao não chegar ao mundo como filho, ao menos devia ter-se esforçado para alcançar o ideal de filha, sonhado pela mãe — e fiz exatamente o contrário! Mas mesmo na época em que minha mãe sofria com mais amargura, em razão de minha conduta, que se chocava de forma violenta com os costumes sociais de então, Muschka adotou para si a seguinte postura: irredutivelmente a meu lado frente ao mundo; cheia de desgosto e, no entanto, cheia de confiança; dando a impressão de que nos entendíamos perfeitamente, pois isso lhe parecia o mais importante a fazer, para evitar mal-entendidos hostis que me prejudicassem. Enquanto passei meus maravilhosos anos de juventude no exterior, isso não me ficou, de forma alguma, claro: tão discreto expressou-se esse sentimento materno que, na minha consciência, ficou praticamente apenas o tom de reprovação e o convicto antagonismo que minha mãe manifestava *diante de mim*, contra meu modo de pensar e de viver. Egoísta como eu era, fiquei completamente a salvo de remorsos e saudades do lar. À sua insinuação, por carta, de que ela desejaria ver-me protegida "debaixo de véu e grinalda", respondi radiante: prefiro ficar debaixo do chapéu de Paul Rée. Somente após meu casamento, durante uma longa visita de minha mãe à nossa casa, é que chegamos a conversar sobre tudo isso. Fiquei surpresa e, olhando sua cabeça branca, pensei com uma emoção desusada e afortunadamente sentimental: "Não foi por minha causa que ela encaneceu?" Eu estava emocionada, é certo, mas "*feliz*", sentindo com enorme alegria o amor e o respeito que brotavam ao ouvi-la e que agora, estando juntas, teriam excelente oca-

sião para materializar-se e proporcionar felicidade mútua. Alguém que me conhecia bem e que, uma vez, me pediu que lhe contasse o episódio, disse, indignado: "Ao invés de uma juventude — como deveria ter sido — arruinada pela nostalgia e pelo remorso, satisfação e felicidade redobradas! Se a *isso* não se deve chamar de *moral insanity*..."

De fato, isso revelava uma das mais fortes contradições entre o modo de ser de minha mãe e o meu: *ela* agia a todo tempo impulsionada pelo senso do dever a cumprir e pela necessidade do sacrifício, seu traço, em certo sentido, heróico; talvez fosse seu lado masculino que nisso se satisfazia de uma maneira sutil, tornando possível o desabrochar consciente e harmonioso de sua feminilidade. Para *mim*, os conflitos, mesmo interiores, nunca estiveram em primeiro lugar; nem mesmo em meus desejos ou esperanças eu lutava por coisas de *primeiríssima* importância: para isso eu era demais maleável ou indolente. A tal ponto essas coisas coincidiam, externa e internamente, com minha existência, com minha existencialidade, que jamais poderia haver conflitos (quando muito, um comportamento de acordo com o versinho: "O mundo lhe dará pouca ajuda, creia-me! Se quer ter uma vida: roube-a!"). Sempre me pareceu que as coisas são belas, valiosas, quando são *presentes*, não aquisições, porque assim trazem imediatamente consigo o segundo presente: *o poder de sentir-se agradecido*. E *eis aí*, sem dúvida, a razão pela qual era necessário que eu fosse uma filha, e não um filho, apesar de toda minha aparência combativa.

Mas é preciso acrescentar aqui o agradecimento a meus pais: sua lealdade, seu amor, toda a atmosfera que os envolvia, foi o que desenvolveu em mim natureza confiante que me fez *crer* nos presentes. Um pequeno episódio de minha experiência posterior confirma o quão arraigado pode estar esse sentimento numa pessoa já adulta e mais sóbria na maneira de pensar: uma manhã, ao caminhar pelo bosque encontrei, por acaso, gencianas azuis, que eu gostaria de levar a uma amiga doente; mas, ao mesmo tempo, estava tão ocupada com reflexões que queria aprofundar nesse passeio matinal, que me recusei a interrompê-las sob o pretexto de que a colheita seria trabalhosa. Quando, pouco depois, voltava para casa, vi, perplexa, em minha mão, um buquê farto e redondo. Lembrava, entretanto, claramente como me havia empenhado em levantar os olhos do chão, para não colher as flores. Por momentos, esse fato inesperado pareceu-me um verdadeiro milagre. Mas milagre não houve, nem tampouco ri da "distração". Minha primeira reação consistiu em ouvir-me dizer, com viva alegria e em voz alta: "obrigada!"

Todos os anos, ou pelo menos a cada ano e meio, eu vinha do exterior para visitar minha mãe. Guardo, estupendamente viva, a lembrança de nossa última despedida, antes de sua morte suave. Eu estava de partida de São Petersburgo para a Finlândia do Norte, de onde prosseguiria viagem de navio até Estocolmo. Como o trem partisse ao alvore-

cer, dissemo-nos adeus tarde da noite. Quando, de manhãzinha, eu me esgueirava pelo vestíbulo, para sair tão silenciosamente quanto possível, minha mãe surgiu de repente diante de mim: descalça, em sua longa camisola, os cabelos brancos como a neve, desalinhados e encaracolados como os de uma criança, e, abaixo, os olhos de um azul profundo, grandes e abertos, esses olhos penetrantes sobre os quais alguém disse uma vez, com acerto, que não era bom enfrentá-los, quando não se tinha a consciência tranqüila.

Parecia saída de um sonho e ela mesma parecia um sonho.

Não me disse uma única palavra. Apenas atirou-se em meus braços. Da mesma estatura que a minha, embora conservasse o porte esguio e ereto, com a idade ela ficara ligeiramente mais baixa, de modo que seu corpo delicado, de finas articulações, pôde abrigar-se completamente no meu.

Quando havia tido esse gesto antes? Era como se ela o tivesse buscado no mais recôndito de seu ser, para esse momento. Ou como se, nos últimos anos, tivesse amadurecido secretamente esse gesto, para uma última doçura, como aquela que se concentra num fruto que amadurece ao sol o tempo suficiente antes de cair.

E, talvez, no silêncio dessa terna doçura liberada atravessou-nos o mesmo pensamento, a mesma dor, o mesmo golpe no coração: "Oh, por que, por que somente agora?"

Esse foi o último presente de vida que me deu minha mãe.

Muschka querida.

A experiência Rússia

Nossa família descende, pelo lado paterno, de sangue francês e alemão, báltico. Huguenotes de Avinhão, foi, ao que parece, só depois da Revolução Francesa e de uma longa estada em Estrasburgo que atravessamos a Alemanha para chegar ao Báltico, em Mitau e Windau, onde se tinha instalado aquilo que chamavam de "Pequena Versalhes". Em minha infância ouvia falar freqüentemente disso em família.

Ainda menino, meu pai[22] fora enviado a São Petersburgo, sob o reinado de Alexandre I, para lá receber uma educação estritamente militar. Quando se tornou coronel, por haver-se distinguido na revolta polonesa de 1830, Nicolau I lhe conferiu um título de nobreza russo, que se juntou ao seu francês. Lembro-me muito bem, por vê-lo amiúde quando criança, do grande armorial com as palavras do Imperador, com um antigo brasão em baixo, listrado de vermelho e ouro, e, em cima, o brasão russo com duas linhas diagonais, vermelha e dourada, sob o elmo; lembro-me também do broche de ouro, que, por ordem do Imperador, mandaram fazer para minha mãe, imitando a forma de espada de honra em ouro. Todas as condecorações de meu pai estavam engastadas nele, em miniaturas fielmente reproduzidas.

Minha mãe, nascida em São Petersburgo, era de origem hamburguesa, da Alemanha do Norte, e seu ramo materno era dinamarquês;

seu sobrenome era Wilm e de seus ancestrais dinamarqueses, Duve (pomba).

Difícil saber qual foi (na Rússia) nossa primeira língua: na época, o russo era preponderantemente a língua do povo e deve ter cedido lugar, de imediato, ao alemão e ao francês. Em nosso caso foi a língua alemã que prevaleceu por completo[23]; ela permaneceu como vínculo entre nós e a pátria de nossa mãe, e não somente porque conservamos amigos e parentes em terras alemãs, mas também porque ela era a expressão de pertinência de fato a um país, se bem que, em nossa casa (e nisso diferíamos dos alemães peterburguenses, nossos conhecidos), essa pertinência dizia respeito mais diretamente ao alemão da língua do que ao alemão da política; porque não só nos sentíamos a "serviço" russo, mas também como russos. Cresci rodeada por uniformes oficiais. Meu pai era general, mais tarde, como civil, foi conselheiro de Estado, Conselheiro Privado, depois Conselheiro Privado Titular. Permaneceu, porém, em serviço no edifício do Estado-Maior general até idade avançada. E meu primeiro amor, quando eu tinha cerca de oito anos, foi o jovem Barão Frederiks (verdadeiramente muito bonito à época), ajudante de Alexandre II, mais tarde Ministro de Palácio, e que, na velhice, assistiu à queda do Imperador e à Revolução. Minha intimidade com ele, contudo, limitou-se a esta pequena ocorrência: certa vez, ao sair deslizando pela superfície gelada diante da ampla escadaria externa do edifício do Estado-Maior general, pressenti que atrás de mim vinha aquele a quem eu admirava. Escorreguei e caí sentada no gelo e ele, acorrendo cavalheirescamente em meu auxílio, teve a mesma sorte. Sentados um diante do outro, em ambos os lados da porta, nesta vizinhança tão próxima e inesperada, olhamo-nos perplexos: ele desatou numa gargalhada, e eu permaneci muda de felicidade.

Mais especificamente russas que essas lembranças do mundo que nos rodeava eram as impressões provenientes da ama-de-leite e da babá. (Apenas eu tive uma ama-de-leite.) Minha ama-de-leite, uma pessoa delicada e bonita (que, mais tarde, depois de fazer a pé uma peregrinação a Jerusalém, alcançou a "Pequena Canonização" eclesiástica, o que fazia meus irmãos morrerem de tanto rir, mas que para mim era motivo de orgulho), era muito afeiçoada a mim. As *njanskis** russas tinham, aliás, a reputação de devotar um amor maternal ilimitado, insuperável até mesmo pela mãe verdadeira (embora menos competentes na arte de educar). Por toda parte, havia, ainda entre elas, descendentes dos que, até há pouco, haviam sido servos, e em homenagem a elas é justo que se conservasse a palavra "servo" em seu sentido mais afetuoso. Os demais servidores russos das famílias misturavam-se fortemente com elementos não russos: os tártaros, preferidos como cocheiros e

* Babás. (N.T.)

criados, pela sua abstinência alcoólica, e os estonianos; misturavam-se evangélicos, greco-católicos e maometanos, orações para o Oriente e orações para o Ocidente, e o velho e o novo "estilo" (de calendário) com respeito a jejuns e gastos com salários. Essa diversidade era ainda mais colorida porque nossa casa de campo, em Peterhof, era administrada por colonos suevos, cujos trajes e língua seguiam exatamente o modelo de sua Suábia natal, há muito deixada. Do interior da Rússia eu conhecia pouca coisa. Apenas através de umas poucas viagens à casa de meu segundo irmão, Robert, que, como engenheiro, logo partira para bastante longe, até o Leste (Perm, Ufa), foi que travei meu primeiro contato, na região de Smolensk, com a sociedade puramente russa. A própria São Petersburgo, esta união atrativa de Paris e Estocolmo, tinha um aspecto cosmopolita, apesar de seu esplendor imperial, com seus trenós puxados por renas, e seus palácios de gelo iluminados sobre o Newa, suas primaveras tardias e seus verões caniculares.

Também meus companheiros de escola pertenciam a todo tipo de nacionalidade, tanto na pequena escola particular inglesa, que primeiro freqüentei, como também na seguinte, maior, onde nada aprendi.[24] E ali, entretanto, podia haver relações que se tivessem ligado ao país russo de uma maneira nova, ou seja, política. Pois já fervia e fermentava, até nos estabelecimentos de ensino, o espírito de revolta, que havia encontrado seu primeiro programa nos Naródniki[25], "os que vão ao povo". Mal era possível, sendo-se jovem e cheio de ardor, não se ver envolvido por esse movimento, sobretudo quando o espírito da casa paterna, apesar de suas relações com o imperador antecedente[26], considerava com bastante inquietude o sistema político vigente, especialmente após a reacionária transformação sofrida pelo "Czar libertador" Alexandre II, depois de abolida a servidão.

O que me manteve isolada desses poderosos interesses da época foi, pura e simplesmente, a influência decisiva de meu amigo, a quem dediquei meu primeiro grande amor. O fato de ele, holandês, sentir-se totalmente estrangeiro na Rússia, atuou sobre mim de um modo desrussificante, pois ele considerava que uma meta cultural puramente individual, com ênfase no desenvolver do entendimento, moderado de todo sentimento, era desejável para mim (que era uma criatura fantástica). Assim, ficou como único indício de minha participação política, escondido em minha escrivaninha, um retrato de Vera Sassulitsch[27], a introdutora, por assim dizer, do terrorismo russo, que atirou no capitão de praça Trepow, e, depois de absolvida pelos jurados (os tribunais de júri acabavam de ser aceitos como válidos), foi carregada nos ombros por uma multidão rejubilante; ela fugiu para Genebra e hoje, talvez, ainda viva. Durante meus estudos em Zurique, em cujo começo os estudantes russos comemoraram com desfiles de archotes e ruidosa exaltação o assassinato de Alexandre II pelos niilistas, em 1881, eu ainda não co-

nhecia pessoalmente nenhuma de minhas companheiras, quase exclusivamente estudantes de Medicina. Eu acreditava também que elas podiam estar usando seus estudos predominantemente como cobertura política, para permanecer no estrangeiro, porque na Rússia, já há muito tempo, muito antes que em qualquer outro lugar, havia-se conseguido o estudo feminino e até mesmo implantado escolas superiores para mulheres, com corpo docente completo, com professores, por exemplo, da Academia de Cirurgia Médica. Mas eu me enganava redondamente, pois essas mulheres e moças, que, com sacrifícios e lutas incríveis, conquistaram para si institutos semelhantes aos dos homens em seu país, e que voltavam a abri-los cada vez que eram fechados à força, não sabiam de nada mais sério, de nada mais importante do que acumular o mais rapidamente a maior quantidade possível de saber e prática. Não era nem para concorrer com os homens e seus direitos, tampouco por ambição científica, visando ao próprio desenvolvimento profissional, mas somente por uma coisa: para poder ir ao povo russo, sofrido, oprimido e ignorante, a quem carecia ajudar. Uma legião de médicas, parteiras, professoras, assistentes de toda espécie, qual sacerdotisas profanas, jorrava ininterruptamente das salas de aula e das academias para os recantos mais longínquos e ermos do país, para as aldeias mais abandonadas; mulheres sempre ameaçadas politicamente com prisão, exílio e morte, e que se entregavam *por inteiro* àquilo que correspondia simplesmente a seu instinto mais forte.

De fato e na verdade, isso foi na Rússia uma tendência entre os revolucionários de *ambos* os sexos: como crianças estão para seus pais, eles estavam para o povo. Ainda que fossem eles (grande parte provenientes dos círculos da *intelligentsia*) que, por sua vez, ministravam ao povo instrução, esclarecimento, saber; num sentido mais humano, o camponês continuou sendo para eles o modelo, não obstante sua superstição, sua afeição à bebida ou sua rudeza. Uma atitude como a que se chegou a conhecer através de Tolstói, para quem só a comunidade campesina serve de medida para se saber o que é a morte e a vida, o trabalho e a devoção. Isso excluía desse amor todo o cumprimento de dever e condescendência, e concentrava nele, ao mesmo tempo, toda força fundamental da própria vida anímica: um primitivismo, de cuja infantilidade o indivíduo que se torna adulto em ambição e maturidade nunca se desliga por completo em suas mais profundas forças impulsivas. Segundo minha impressão, na Rússia isso influencia inclusive o amor sexual, atenuando um pouco a altura de suas tensões, que na Europa Ocidental agravam-se, em cerca de mil anos, culminando em tão delirantes exageros. (Encontrei alusões exatas a esse estado de coisas erótico entre os russos num único autor, o Príncipe Karl Rohan, em seu importante livro de esboços. *Moscou,* 1929.) Junto a isso podem ocorrer excessos e desordens eróticas, como em qualquer outra parte, ou

mais brutais ainda, porém, num plano mais alto, desenrola-se a verdadeira vida espiritual numa infantilidade primitiva mais intacta que entre os povos mais "educados", voltados para um amor privado mais "egoísta". Dessa forma, em russo, o "coletivo", significa, popularmente e em essência, precisamente a intimidade, a raiz cordial, e não a educação voltada para princípios, ou para conhecimentos, ou para a razão. Todo o extático pulsa *aí* dentro, completado também pela ênfase da diferenciação entre os sexos: porque a entrega passiva e o recebimento entrelaçam-se nisso com o repentinamente ativo, revolucionário, na mesma disposição anímica.

Muito disso eu só compreendi verdadeiramente mais tarde durante minha terceira estada em Paris[28], em 1910, quando, graças à bondade da irmã de uma terrorista, consegui ingressar em seu círculo. Foi logo após a eclosão da tragédia de Asjów[29], quando este, o mais incrível e monstruoso de todos os agentes duplos, acusado por Burzew de sua dupla traição, deixou atrás de si um desespero inominável. Na época, ficou-me imediata e sentimentalmente claro até que ponto o pequeno número de revolucionários dispostos a explodir tudo, que sacrificavam totalmente suas vidas privadas à fé na sua missão assassina, não era em nada diferente da idêntica passividade de crença do camponês, que aceita seu destino como determinado por Deus. É o mesmo fervor religioso que em um caso apela à submissão e, no outro, à ação. Acima dessas duas formas de vida, acima de tudo que nelas privadamente se manifesta, está um lema não mais tirado do pessoal, no qual vêm ambas a conceber-se e no qual as duas espécies de martírio, o camponês e o terrorista, recebem a serena força de sua paciência e a súbita força de seus atos.

Quando o partido social revolucionário, ativo há quase um século, foi brutalmente colocado contra a parede pelo bolchevismo triunfante, por causa da poderosíssima superação do que, até aqui, haviam sonhado juntos, formou-se então, provindo desse mesmo fervor religioso do povo, um terceiro tipo: o proletariado liberado, engajado a participar do trabalho e do êxito, e, por isso mesmo, incitado — em meio a uma nova forma de coerção e de uma miséria renovada de mil modos — a lançar-se numa orgia de voluntariosa capacidade de ação.

Mas em sua resignação, até o momento passiva, ele se viu confrontado com o espetáculo deslumbrante das realizações inauditas na totalidade da vida popular e na remodelação do país, que devia dar-lhe impressão idêntica à que tiveram os cristãos, no ano 1000, que esperavam pela sobrevinda do além no reino terrestre. Com isso, ele se tornou o adversário natural de seu irmão, o camponês, que percebeu, antes de mais nada, o aspecto negativo de tudo isso: a destruição de suas pacíficas e primitivas comunas de aldeia por medidas políticas abstratas, medidas estas que não mais podiam apelar a seu velho devotamento e resignação, porque se voltavam fundamentalmente contra Deus e con-

tra a fé religiosa. Assim, reunido em torno de seus sinos e cruzes, em torno de sua representação divina, o campesinato viu-se diante do bolchevismo como diante de algo diabólico.

Costuma-se observar que a força de atração quase religiosa com que o bolchevismo apoderou-se do proletariado russo, sobrepondo, por assim dizer, o mito de Lênin à tradição de Cristo, foi um aproveitamento esperto e intencional da fé piedosa desse povo; porém, embora isso também possa ter ocorrido com freqüência, é uma explicação tão pouco esclarecedora como aquela que se quis dar ao fenômeno da religião, atribuindo-o à astúcia e à ambição de poder dos sacerdotes. Trata-se, sem dúvida alguma, do resultado dos experimentos colossais que, por meio de sua irresistibilidade terrorista, de seu atrevimento desmedido, revolveu a Rússia por todos os lados. Abstraída a questão do futuro, se haverá fracasso ou triunfo, eles estão ligados ao fervor religioso do homem russo, porque tem sido este homem, precisamente, que se tem deparado com o materialismo das teorias políticas e com o mecanismo da técnica assombrosa, um terreno que se lhe apresenta completamente diferente, pois sua alma está impregnada pela fé. Não deveria ser assim lá, onde essas teorias foram projetadas, ou, melhor dizendo, não poderia ser assim nas civilizações que evoluíram em um ritmo mais normal e mais lento.

Poder-se-ia dizer que já na tardia cristianização da Rússia (a partir de 900 d.C.) era possível reconhecer algo dessa tendência do povo. A cristianização russa não ocorreu como, geralmente, nos demais casos, pela ação de conquistadores, mas sim através dos que foram enviados a fazer uma escolha, os quais entenderam que, entre islamismo, budismo e cristianismo bizantino, este último estava mais aparentado ao povo russo, razão pela qual se viu adotado e "russificado" irresistivelmente. Quando os documentos bizantinos copiados tenderam paulatinamente para uma espécie de "russificação", a própria Igreja (Patriarca Nikon) sentiu-se obrigada a cotejá-los e corrigi-los, tendo os russos entendido que isso era um esclarecimento religioso que ia longe demais, uma ingerência religiosa em seus próprios domínios. Cerca de um terço deles preferiu abandonar a igreja e ligar-se aos Velhos-Crentes do "Raskói" (Cisma, 1654), onde se inventou esta frase: "Quem ama e teme a Deus, não vai à igreja".

Dessa maneira, o recebido do cristianismo corresponde à essência russa com uma autenticidade especialmente radical e não se fixa senão nela. E entre os que permaneceram na Igreja, a veneração, propriamente, não se dirige aos altos dignitários do clero, não adota uma atitude hierárquica — ela se fixa nos peregrinos, nos eremitas, nos anacoretas, cujas pegadas qualquer um podia seguir, e a reverência que se lhes presta condiz com aquela que cada um concede também secretamente a si mesmo. Do mesmo modo que, inversamente, poderia acontecer a alguém

BIBLIOTECA FUNCEB

estar no lugar de um condenado ou de prisioneiro: disso dá provas o costume popular de oferecer qualquer coisa aos forçados durante sua penosa marcha pelo país, em direção às penitenciárias siberianas, mesmo que seja apenas um ovo, um pedaço de pão, uma tira de pano colorida. Junto a isso, entra em conta a expressão de uma piedosa compaixão, mas ao mesmo tempo alguma coisa do que a frase de uma pequena camponesa dava a entender, chamando-me a atenção para uma daquelas colunas de prisioneiros: "*Esses* foram apanhados".

Se eles fazem pouca diferenciação em sua apreciação dos homens e se, em seus julgamentos, não se atêm aos critérios tradicionais de juízo, é porque tudo retrocede a "Deus", que dispõe de todos e de tudo, segundo lhe apraz. Esta confiança infantil encontra-se também no dito tradicional de consolo do povo martirizado, em épocas aflitivas e fatídicas: "Todos nos esqueceram, menos Deus".

Percebe-se facilmente que essa orientação religiosa favoreceu a aparição, junto à Igreja, de um enorme sistema de seitas e que, entre elas, puderam aparecer as formas mais diversas e mesmo as mais contrapostas: desde o ascetismo brutal dos Skopzen[30], com seus princípios de castração, até as orgias mais nefastas e repugnantes dos sentidos, classificadas no culto como mistérios sexuais; ou também a deliciosa e humana jovialidade e moderação de ânimo, que tão profundamente impressionou Tolstói, tornando-o, de certo modo, um discípulo do camponês russo. Da mesma forma como isso só pode ser bem esclarecido pela psicopatologia de Tolstói, assim também ultimamente se tem tentado explicar a figura de Rasputin muito *pessoalmente,* como se a exibição de condutas sacras, orgiásticas e brutais fosse sua monstruosa especialidade, em vez de entendê-lo pela peculiaridade de sua seita e de seus mandamentos.

Que nos homens possa estar contido o que há de mais oposto é algo que está em correlação com o mais primitivo, o mais indiferenciado. Mas, além disso, a falta de dualismo é algo visivelmente próprio do ser russo: faz com que as esperanças do sonho e a experiência da realidade pareçam desintegrar-se menos do dia-a-dia, como se, pouco separadas ainda, a vivência do "celestial" não fosse, todavia, abstrata, nem a vivência do "terrenal", carregada de culpa. Isto é confirmado, aqui e ali, e de maneira impressionante, por aqueles que, não tendo nascido na Rússia, viveram lá por muitos anos, e acabaram desenvolvendo uma afeição involuntária e forte pelo russo.

Assim também aconteceu conosco: meu pai, em particular, amava tanto o *prasstój naród,* as "pessoas simples", que ao falar delas, mesmo se freqüentemente fosse obrigado a censurá-las, havia em sua voz um tom diferente, quase de respeito, que ele também esperava de nós. Minha mãe, sem dúvida, diante da ortodoxia greco-católica, conservou o sentimento de ser uma emigrada, originária de um país protestante. E

eu? Eu fora, ainda jovem, desrussificada especialmente por minha primeira grande experiência amorosa, na medida em que meu amigo, como estrangeiro (e, para seu desgosto, condenado pela situação russa a deixar improdutivo seus mais valiosos dons), dirigia todos os seus interesses e desejos para "além das fronteiras": *sagranízu,* que é o termo russo que designa a terra estrangeira em geral. Mas quando, após minha mudança, eu viajava da Suíça ou da Alemanha, para visitar minha pátria, quando trocava de trem na fronteira russa, para vagões mais largos e mais pesados, quando o funcionário preparava-me para dormir, chamando-me de "mãezinha" ou "pombinha", quando o odor das espessas peles de carneiro ou o aroma de cigarros russos cercava-me, então, os três toques da sineta, antigo sinal de partida, despertavam em mim uma inesquecível felicidade de estar de volta ao país natal.

Isso não estava ligado nem a meu retorno à família, nem a uma espécie de nostalgia, que nunca senti pelo país natal ou pelas primeiras impressões da infância. Ainda hoje seria incapaz de defini-la com suficiente exatidão. Sei apenas que sua substância permaneceu inalterada ao longo dos anos de minha maravilhosa juventude, envolvida por trabalhos intelectuais que nada tinham a ver com a Rússia. E esse sentimento foi transformando-se, pouco a pouco, em ocupações e estudos, em que eu ainda estava absorvida, quando Rainer Maria Rilke encontrou-me, em 1897. As duas viagens que fizemos juntos à Rússia[31] provocaram em nós uma saudade crescente desse país. Foi para cada um de nós uma experiência extraordinária: para *ele,* significou a irrupção de sua atividade criadora, pois a Rússia oferecia-lhe os símbolos adequados, enquanto ele continuava a aprender e a estudar o idioma; para *mim,* simplesmente a embriaguez de rever a realidade russa em toda a sua amplitude. Em torno de mim apresentavam-se, com todo o seu peso, a terra russa em sua imensidão, a miséria desse povo, a resignação e a esperança; essa realidade envolveu-me de forma tão poderosamente real, que nunca mais, exceto em experiências únicas e individualíssimas, cheguei a sentir algo parecido que me causasse tão forte impressão. O efeito mais extraordinário dessa dupla experiência foi que, nos mesmos momentos e diante dos mesmos objetos, a cada um de nós se revelava aquilo de que tínhamos necessidade — Rainer tornando-se criativo, e eu vivenciando-vivendo minhas primitivas necessidades e lembranças.

Para isso, porém, o que necessitávamos com mais urgência, curiosamente, era que nas enormes distâncias desse país, e não apenas naquelas que percorremos, ao longo de seus rios, entre o mar Cáspio e o mar Negro, entre as fronteiras do Ural e da Europa, parece que se encontra um único e mesmo homem, como se ele proviesse da aldeia vizinha e tivesse um nariz grão-russo ou mesmo tártaro. Essa unidade em meio à multiplicidade de tipos não provém, contudo, da uniformidade das massas pouco conhecidas e ainda dificilmente diferenciáveis. Deriva da

franqueza que se espelha no rosto russo, como se este expressasse o que nos é comum, o mais profundamente humano em geral. Como se, em certa medida, se percebesse algo de novo e comovedor em quem vem ao nosso encontro — e o amamos. Para Rainer, isso devia ter um efeito decisivo, em razão de sua atitude de busca dos fundamentos primitivos do humano, através dos quais ele se foi impregnando dos símbolos que iriam convertê-lo em um hinista de Deus.

Só mais tarde é que compreendi melhor essas coisas: seu ímpeto nessa direção como em busca de uma cura, de uma soldagem interior para as fendas secretas de sua estrutura. Da mesma forma, algo o afastava da supercultura européia e do demasiado ocidental, impelindo-o para o Oriente, como se ele sentisse que, tanto na Rússia quanto nas culturas asiáticas, a direção era permanentemente definida pelo fundamento da primitividade humana, com suas vantagens e seus defeitos.

Freqüentemente nos perguntávamos durante o caminho se uma viagem que nos internasse mais na Ásia não nos teria revelado melhor essa "essência russa em estado puro". Mas sentimos também que a isso viria se acrescentar, pelo contrário, algo diferente, estranho, que não se abria livremente, mas sim se fechava de modo defensivo. Com o verdadeiro *Oriente* e em qualquer parte que lhe é próxima, levanta-se ao mesmo tempo um pedaço da Grande Muralha que rodeia a China; torna-se, com isso, um objeto que só permitiria uma aproximação mais fácil com o apoio do entendimento científico e das ferramentas eruditas. Porém, rodeiam-no suas remotas culturas, em si acabadas, como obras maravilhosas, discretas diante de nós na inacessibilidade e na fabulosa e encantadora sabedoria de profundíssimas tradições, nas quais todos, seja quem for, tenham nascido. Isso encobre sua face diante de nós. Visto a partir de nosso desmembramento ao individualíssimo, senti-lo-íamos tão diferente, que ele pereceria pela adoção do que é nosso, muito embora, ao mesmo tempo, esteja à nossa frente e nos ultrapasse naquilo que guardou de sua unidade incontroversa, de sua especificidade cada vez mais autônoma de cultura e natureza, de formação e essência.

A terra *russa* não se apresenta assim. Mesmo em suas distâncias siberianas, de certo modo ainda se volta para o Ocidente, como se não *pudesse* deter-se, parar definitivamente, ela que desde sempre está situada entre todas as invasões e influências, como se fosse precisamente seu destino legitimar sua amplitude, acolhendo até o mais estranho, dispondo-se à síntese pelos dois flancos. Como se sua própria impenetrabilidade, sua universalidade interna não tivessem chegado a representar, exatamente por isso, nenhuma defesa, nenhum acabamento, mas sim uma lenta marcha — porque o percurso é longo e a carga é muita — de um "nomadismo a longo prazo": caminhar e caminhar do Ocidente

ao Oriente, e novamente retornar, para não perder algo da preciosa carga e não se tornar muito cedo sedentária — para conservar *em troca,* seus pés dançarinos, a alegria de seu canto, mesmo nas mais melancólicas canções, que (talvez!) antecipem o tom de um crepúsculo já iminente.

O ser humano dessa espécie aparece hoje em dia poderosamente comprometido em um êxtase de progresso, violado por metas opressoras ocidentais. Se elas não chegaram a produzir, no Ocidente, seu total efeito é porque nelas foi percebido o produto de séculos passados, com o que se intencionava combater as nostalgias de nosso século, isso é que lhes conferiu, na Rússia atrasada, o poder colossal dos extremos em choque. Não se tratava aí da modificação de formas culturais, mas sim da questão de uma primeira forma de cultura para a totalidade. Mas é exatamente por isso que, por maldição ou por bênção, um golpe de violência poderia originar algo de novo, tanto pela presença das possibilidades técnicas, quanto pelas dimensões asiáticas de seu emprego. Isso faz desaguar nos frios e secos conceitos do bolchevismo russo sangue e ardor, até que ele surja como pressuposto de uma nova aurora, na qual a Rússia parece convidar o universo de forma totalmente não nacional e totalmente irracional.

Mas o que nos era necessário, o mais necessário de tudo, era ficar um tempo na velha Rússia, antes que se corresse o risco decisivo da reviravolta, na qual se haveria de fazer a prova do exemplo. Era necessário porque, somente contemplando a Rússia, podia-se compreender o que estava por vir; porque assim era possível evitar o mal-entendido de muitos viajantes, que percorrem hoje o país e se admiram de que o homem russo, até então um tolo com barba, tenha-se transformado subitamente numa espécie de máquina exaltada, apenas porque, ao invés da antiga *nagaika,* brandem sobre ele um chicote hipermoderno.

Às margens do Volga, na grande dor da despedida, inventamos um consolo para *poder* partir. Pensamos: mesmo com a poderosa mudança dos tempos, quando e se voltássemos, cedo (!!) ou tarde, ou quando viessem outras gerações, isso que nossos olhos úmidos contemplavam permaneceria ali. Ignorávamos quão rápido o quadro haveria de mudar, como o Volga teria que colaborar com os outros rios, obrigados a desembocar em gigantescas represas, para, forçados pela mão do homem, estrugir como *única* onda gigantesca pela terra russa, não se detendo senão ante o Oceano Pacífico.

Mas tínhamos experiência e sabíamos que isso não alteraria nada *daquilo* que, em nossa vivência aqui, tinha sido grandioso e, ao mesmo tempo, o mais íntimo do mundo.

Na Rússia, nós tínhamos recebido mais do que a própria Rússia, e nos era permitido deixá-la.

Altrussland[32]

Du scheinst in Mutterhut zu ruhn,
Dein Elend kaum noch zu begreifen,
So kindhaft scheint noch all Dein Tun,
Wo andre reifen.

Wie stehn Dir noch die Häuser bunt,
Als spieltest Du sogar im Darben:
Rot, grün, weiss auf goldnem Grund
Sind Deine Farben.

Und doch: wer lang darauf geschaut,
Enthält ehrfürchtig sich des Spottes:
Ein Kind hat Russland hingebaut
Zu Füssen Gottes.*

Wolga

Bist Du auch fern: ich schaue Dich doch an,
Bist Du auch fern: mir bleibst Du doch gegeben —
Wie eine Gegenwart, die nicht verblassen kann.
Wie meine Landschaft liegst Du um mein Leben.

Hätt ich an Deinen Ufern nie geruht:
Mir ist, als wüsst ich doch um Deine Weiten,
Als landete mich jede Traumesflut
An Deinen ungeheuren Einsamkeiten.**

* **Velha Rússia**

No regaço materno tu pareces / Repousar distanciada da amargura, / Infantil em teus atos permaneces, / Quando tudo madura. / Que cores exibem teu casario, / Como tu brincas, mesmo desvalida, / Branco, azul, verde, carmim, fundo ouro, /És assim colorida. / E se as cores miras, todavia, / A razão calará os desprezos teus: / Uma criança edificou a Rússia / E a pôs junto a Deus.

** **Volga**

Por longe que estejas: posso ainda te ver, / Por longe que estejas: tu permanecerás / Qual presença que não pode empalidecer, / Qual paisagem, a mim sempre contornarás. / Se tuas margens eu jamais tivesse tocado, / Mesmo assim saberia tua imensidão: / Ondas de meus sonhos me teriam levado / À beira de tua infindável solidão.

Experiência da amizade

Numa noite de março do ano de 1882[33], em Roma, quando alguns amigos estavam reunidos na casa de Malwida von Meysenbug[34], aconteceu o seguinte: após o toque da campainha, Trina, a fiel factótum de Malwida, interrompeu-nos para cochichar em seu ouvido uma perturbadora notícia. Diante dela, Malwida correu até a sua escrivaninha, reuniu às pressas dinheiro e saiu. Ao regressar à sala, ela ria, mas a emoção agitava ainda um pouco o fino lenço de seda preto, em torno de sua cabeça. A seu lado entrou o jovem Paul Rée[35], um amigo de longa data, a quem ela amava como a um filho, e que, chegando precipitadamente de Monte Carlo, tinha pressa em entregar o dinheiro da viagem a um rapaz para quem havia pedido empréstimo, depois de ter perdido literalmente tudo no jogo.

Este começo sensacional e divertido de nossas relações perturbou-me espantosamente pouco; elas se estabeleceram instantaneamente e talvez tenham sido favorecidas pelo fato de Paul Rée, adornado por uma espécie de auréola pelos acontecimentos precedentes, sobressair-se claramente entre todos. Em todo caso, seu perfil profundamente acentuado, seus olhos plenos de inteligência foram-me imediatamente familiares pela sua expressão, em que se misturavam, naquele momento, uma espécie de contrição cheia de humor e um ar de bondade superior.

Naquela mesma noite, e dali em diante, nossas apaixonantes conversas costumavam ter fim somente ao chegarmos em casa, depois de muitos desvios: da Via della Polveriera, de Malwida, até a pensão, onde minha mãe estava hospedada comigo. Esses passeios pelas ruas de Roma, sob o clarão da lua e das estrelas, nos aproximou tanto um do outro que comecei a forjar um projeto maravilhoso, para dar continuidade a esse estado de coisas, mesmo depois que minha mãe, que me havia trazido de Zurique para repousar no sul, retornasse para casa. É verdade que Paul Rée errou no começo, comportando-se de maneira para mim irritante e lamentável, pois submeteu à minha mãe um projeto bem diferente, um projeto de casamento, o que dificultou sobremaneira o consentimento dela ao meu. Primeiramente tive que fazê-lo compreender tudo aquilo que minha vida amorosa "definitivamente fechada" e minha necessidade completamente desenfreada de liberdade impeliam-me a realizar.

Confessei-lhe francamente. E o que me convenceu, com mais evidência, de que meu projeto, verdadeiro insulto aos costumes sociais vigentes à época, era realizável foi, em princípio, um simples sonho noturno. Eu havia sonhado com um agradável gabinete de trabalho, cheio de livros e de flores, ladeado por dois quarto de dormir, e, andando de lá para cá, entre nós, havia companheiros de trabalho, formando um círculo ora alegre, ora sério. É impossível negar que nossos quase cinco anos de vida em comum corresponderam estupendamente a essa visão de sonho. Paul Rée disse uma vez que a única diferença era que, na realidade, eu aprendera muito lentamente a distinguir entre os livros e as flores.

No princípio, eu espalhava os veneráveis volumes universitários por debaixo dos suportes dos vasos e agia, às vezes, de modo desconcertante também para com as pessoas. Enfim, enquanto lutava com minha pobre mãe, que tinha resolvido chamar todos os seus filhos para ajudá-la a arrastar-me para casa, viva ou morta, Malwida mostrou ser, para meu espanto, bastante preconceituosa; quase mais que minha mãe, detentora da inquebrantável e, para ela, sacrossanta tradição do mundo e da fé. No entanto, eu soube mais tarde que tudo aconteceu em grande parte por culpa de Paul Rée, que, no início, em grande aflição, correra à casa de Malwida para confessar-lhe que nós devíamos "fugir um com o outro", pois ele não poderia comprometer os "princípios" de Malwida — o que, na opinião dela, já havia acontecido com nossos "desvios" noturnos (certamente conhecidos por minha mãe). Com surpresa, compreendi então até que ponto um ideal de liberdade pode entravar a liberdade individual, pois, para servir sua causa, o indivíduo se esforça com maior cuidado em evitar qualquer mal-entendido, toda a "falsa aparência", e acaba submetendo-se, por isso, ao julgamento de outrem. Em Roma, respondendo a uma carta de meu preceptor, que parecia não

mais disposto a ajudar-me, exprimi minha contrariedade e decepção. Eis a carta, endereçada a São Petersburgo:

Roma, 26/13 de março de 1882.

Já li sua carta seguramente umas cinco vezes[36], mas continuo ainda sem entendê-la. Que diabo fiz de errado? Eu pensava que o senhor não tivesse senão elogios para mim. Estou, pois, em condições de provar que aprendi muito bem as lições que o senhor me ensinou. Primeiramente, não estou me entregando, em absoluto, a uma fantasia, pois ela se realizará; e, em segundo lugar, porque ela se realizará junto a pessoas que parecem até escolhidas pelo senhor, de tanto que esbanjam inteligência e discernimento. Mas eis que o senhor, ao contrário, afirma que essa idéia é a mais fantasiosa que eu jamais tive, e querer efetivamente convertê-la em realidade contribuirá apenas para piorar as coisas; enfim, que não sou capaz de julgar acertadamente os homens superiores e bem mais velhos que eu, como Rée, Nietzsche e outros. Mas é aí que o senhor se engana. O essencial (e para mim o essencial, *no plano humano*, é *apenas* Rée) conhece-se de imediato, ou não se conhece nunca. Rée ainda não está totalmente convencido, está ainda um pouco perplexo, mas em nossos passeios noturnos, entre meia-noite e duas horas, sob o luar romano, voltando das reuniões de Malwida v. Meysenbug, faço-me entender com eficácia cada vez maior. Malwida também é contra nosso projeto, o que lamento muito, pois gosto demais dela. Mas para mim já está claro há muito tempo que nós, no fundo, sempre pensamos de modo diferente, mesmo naquilo em que aparentemente concordamos. Ela costuma dizer que "nós" não podemos fazer isso ou aquilo, ou "nós" devemos realizar isso ou aquilo; contudo não faço a menor idéia do que realmente seja esse "nós" — algum partido qualquer, ideal ou filosófico, provavelmente —, mas, quanto a mim, conheço apenas o "eu". Não posso viver obedecendo a modelos, nem jamais poderia representar, para quem quer que seja, um modelo. Mas é inteiramente certo que construirei minha vida segundo aquilo que sou, aconteça o que acontecer. Fazendo isso, não defendo nenhum princípio, mas sim alguma coisa bem mais maravilhosa, alguma coisa que está em nós, que arde no fogo da vida, que exulta e quer brotar. Certo, o senhor também escreve que jamais me viu abraçar objetivos puramente intelectuais senão como mera "transição", mas o que o senhor chama de "transição"? Se existem pela frente outros objetivos que nos obrigam a renunciar ao que há de mais magnífico e de mais difícil de se obter na face da Terra, ou seja, a liberdade, então quero permanecer sempre em estado de transição, pois não a sacrificarei. Certamente não se pode ser mais feliz do que agora sou, e a boa velha guerra que vai, sem dúvida, eclodir, não me assusta absolutamente, ao contrário: que ela rebente! Vere-

mos, contudo, que a maior parte dos chamados obstáculos "insuperáveis" erigidos no mundo, não se revelará se não como inofensivos traços de giz!

O que talvez poderia assustar-me é que o senhor não tivesse boa vontade para comigo. O senhor escreve, desgostoso, que seus conselhos não podem mais me ajudar contra isso. "Conselhos", não! o que preciso do senhor é infinitamente mais que conselhos, é de confiança. Naturalmente não no sentido óbvio, como se entende de costume — mas *uma* confiança que, faça eu o que fizer, persista no âmbito daquilo que nos é comum (veja o senhor, eis aí um "nós" que conheço e aprovo). E no âmbito do que, com toda a certeza, me pertence, como cabeça, mãos ou pés, desde que passei a ser aquilo em que o senhor me transformou:

Sua menininha.

Aconteceu então em Roma algo que nos beneficiou: a chegada de Friedrich Nietzsche[37] à nossa casa; seus amigos, Malwida e Paul Rée, haviam-lhe escrito, e ele chegou inesperadamente de Messina, para partilhar nossa companhia. O mais inesperado ainda foi que Nietzsche, tão logo tomou conhecimento do projeto meu e de Paul Rée, ofereceu-se como terceiro na aliança[38]. Até mesmo o local de nossa futura trindade[39] logo foi determinado. Por um momento pensamos em Viena, depois, em Paris, onde Nietzsche queria assistir a alguns cursos e onde Paul Rée e eu conhecíamos Turgueniev[40] — ele, há muito tempo, e eu, desde São Petersburgo. Isto tranqüilizou um pouco Malwida, ao saber que estaríamos em um local que contasse com a proteção de suas filhas adotivas, Olga Monod e Natalie Herzen[41]. Esta dirigia um círculo, em que moças liam belos textos com ela. Mas Malwida teria preferido ver a sra. Rée escoltando seu filho, e a srta. Nietzsche, seu irmão.

Nossa brincadeira era alegre e inofensiva, pois gostávamos muitíssimo de Malwida, e Nietzsche estava freqüentemente tão bem-humorado, que nada fazia transparecer sua natureza algo reservada ou antes um tanto solene[42]. Lembro-me de seu ar solene desde nosso primeiro encontro, que teve lugar na igreja de São Pedro. Paul Rée, sentado num confessionário, voltado para a luz, dedicava-se com fervor e devoção às suas anotações de trabalho. Nietzsche veio ao nosso encontro. Suas primeiras palavras para mim foram: "De que estrelas caímos para nos encontrarmos aqui?" Mas isto que começou tão bem, logo tomou um rumo que deixou Paul Rée e a mim apreensivos em relação ao *nosso* projeto, que se complicaria de modo incalculável com um terceiro participante. Na verdade Nietzsche pensava antes em simplificar a situação: ele fez de Rée seu intercessor para pedir-me em casamento. Muito preocupados, pensamos num meio de arranjar as coisas da melhor forma possível, sem pôr em perigo nossa trindade. Decidimos esclarecer antes

de tudo a Nietzsche minha profunda antipatia pelo casamento em geral, além do fato de que eu vivia somente da pensão que minha mãe, viúva de general, recebia, e que, ademais, com o casamento, eu perderia também minha modesta pensão, concedida às filhas únicas da nobreza russa.

Quando deixamos Roma[43], esse assunto parecia provisoriamente solucionado. Nos últimos tempos, Nietzsche tinha tido, além disso, vários "acessos" daquela doença que outrora o fizera abandonar sua cátedra na Basiléia, e que se apresentava como uma violentíssima enxaqueca. Por causa disso, Paul Rée ficou junto dele, enquanto minha mãe, como eu suponho lembrar, julgou mais conveniente partir antes comigo, tanto que somente nos reencontramos no caminho. Ocorreu-nos, então, parar em alguns locais pelo percurso, como, por exemplo, em Orta, às margens dos lagos italianos do Norte, onde o Monte Sacro, que ficava bem próximo, pareceu-nos deixar fascinados[44]. Nietzsche e eu, pelo menos, magoamos minha mãe, ao demorarmo-nos demasiadamente no Monte Sacro, voltando a procurá-la somente depois da hora marcada. E Paul Rée, que lhe fez companhia durante esse tempo, também levou a coisa a mal. Depois que deixamos a Itália, Nietzsche deu um pulo até a Basiléia, à casa dos Overbecks[45], mas logo voltou a encontrar-nos em Lucerna, porque lhe parecia que a intercessão de Paul Rée a seu favor, em Roma, fora insuficiente; ele queria explicar-se a mim pessoalmente, o que afinal aconteceu no Löwengarten de Lucerna. Na mesma ocasião, incumbiu-se de mandar bater uma fotografia de nós três[46], apesar da veemente resistência de Paul Rée, que guardou durante toda vida uma aversão doentia pela reprodução de seu rosto. Nietzsche, com extrema alegria, não só persistiu em sua intenção, como também empenhou-se pessoalmente na realização de todos os detalhes, como o da pequena (muito pequena!) charrete e, até mesmo, do piegas ramo de lilás preso ao chicote.

Em seguida, Nietzsche retornou para a Basiléia, e Paul Rée, conosco a Zurique. De lá ele voltou à sua casa, em Stibbe, perto de Tütz, nos domínios familiais dos Rée, na Prússia Ocidental, enquanto minha mãe e eu nos demoramos ainda algum tempo em Zurique, hospedadas por amigos[47], dos quais conhecia a encantadora casa de campo onde permaneci até minha viagem para o Sul. Depois fomos para Berlim, via Hamburgo. Eugène, meu irmão mais novo, acompanhou-nos até lá, pois meu irmão mais velho, aquele que substituiu nosso pai, tinha-o enviado para socorrer minha mãe. Travaram-se, então, os últimos combates: de minha parte o que mais me ajudou foi a confiança que Paul Rée incontestavelmente me inspirava e que também ganhou, pouco a pouco, minha mãe. Com isso as coisas terminaram desta forma: meu irmão acompanhou-me até a casa dos Rée, em Schneidemühl, na Prússia Ocidental, onde Paul Rée veio nos encontrar, e, assim, raptor e protetor puderam trocar seu primeiro aperto de mão.

De acordo com nosso programa, permaneci em Stibbe até o alto verão – sem dúvida, foram muitos meses — para, em seguida, com o início do Festival de Bayreuth[48], reencontrar-me com Malwida na casa dos Wagner. Assim conheci Richard Wagner em seu último ano de vida, e também a seu *Parsifal,* a que pude assistir graças ao bilhete-permanente de Paul Rée. Durante as noites em Wahnfried, nos intervalos entre as duas representações de *Parsifal,* eu via muito da vida daquela família, ainda que a casa estivesse invadida por enorme torrente de hóspedes de todos os países do mundo. No lugar em que se encontrava a personagem principal, Richard Wagner, que, como bruscos jatos d'água, era visível apenas a intervalos, devido à sua pequena estatura ser dominada sem cessar pelas outras pessoas, ressoava sempre a mais viva alegria. Em compensação, a figura de Cosima, por sua estatura, projetava-se por sobre as pessoas presentes. A enorme cauda de seu vestido deslizava diante de todos, isolando-a literalmente e mantendo-a à distância. De qualquer forma, esta indescritível mulher, de andar tão distinto, em face de sua amizade por Malwida, procurou-me uma vez e possibilitou-me, assim, ter uma longa e demorada conversa com ela. Siegfried, à época com aproximadamente treze anos, tinha um jovem preceptor, Heinrich von Stein, a quem conheci em Bayreuth. No inverno seguinte, ele foi um dos mais antigos e leais membros do círculo berlinense formado em torno de Paul Rée e de mim. Entre os próximos dos Wagner, travei amizade sobretudo com o pintor russo Joukowsky[49], cujo emblema, o besouro, ornava o canto do gigantesco quadro que salta à vista logo que se entra em Wahnfried: a Sagrada Família, com Siegfried como o Salvador, Daniela como a mãe de Deus, e as três outras encantadoras filhas como anjos.

Sobre o imponente acontecimento que é o Festival de Bayreuth não me é dado pronunciar uma palavra sequer, pois, com meus ouvidos surdos para a música[50], sem a mínima compreensão e possibilidade de apreciação, pouco merecia estar lá. Se havia alguém com quem pudesse me comparar nesse ponto, esse alguém era Trina, a fiel factótum de Malwida, que, com muita vergonha, viu-se coberta de descrédito. Richard Wagner tinha, com efeito, predito que uma ignorância assim tão cabal iria sofrer, naquela oportunidade, uma operação de "catarata no ouvido", uma espécie de revelação. E foi com essa finalidade que permitiram a ela assistir repetidamente às representações. Apesar de seu encantamento cheio de gratidão, a tentativa, porém, malogrou, porque Trina não podia ocultar sua consternação quando novamente entrava em cena Parsifal, ao invés de apresentarem "uma nova peça".

Depois de Bayreuth, Nietzsche e eu tínhamos planejado passar algumas semanas na Turíngia — em Tautemburgo[51], perto de Dornburgo — onde, casualmente, fui morar numa casa, cujo proprietário fora um antigo aluno de meu principal professor em Zurique, Alois Bieder-

mann[52]. Parece que de início houve disputas[53] entre mim e Nietzsche, provocadas por toda a espécie de mexericos, incompreensíveis para mim até hoje, pois não correspondiam de forma alguma à realidade. Tivemos que nos livrar imediatamente disso, para poder levar juntos uma vida rica[54], com a exclusão, sempre que possível, de perturbações de terceiro. Pude ali, então, aprofundar-me no universo do pensamento de Nietzsche, melhor do que havia feito em Roma ou durante nossa viagem. De suas obras, conhecia apenas a *Gaia Ciência,* que ainda recebia os últimos retoques e da qual ele já nos havia lido algumas passagens em Roma. Naquelas conversas, Nietzsche e Paul Rée exprimiam exatamente as mesmas idéias, pois tinham a mesma linha de pensamento há muito tempo, pelo menos desde o rompimento de Nietzsche com Wagner. A preferência pelo método aforístico[55] — imposta a Nietzsche por causa de sua doença e de seu modo de vida — sempre foi própria de Paul Rée; ele, desde sempre, perambulava com um La Rochefoucauld ou um La Bruyère no bolso, e seu pensamento permaneceu o mesmo desde sua primeira obra, *Da Vaidade.* Quanto a Nietzsche, sentia-se já que ele não iria permanecer em suas coleções de aforismos, mas que iria em direção a "Zaratustra": um movimento profundo à procura de Deus, que derivava da religião e aproximava-se da profecia religiosa.

Em uma de minhas cartas de Tautenburgo[56] a Paul Rée, de 18 de agosto, já se lia: "Bem no começo de meu relacionamento com Nietzsche, escrevi a Malwida que ele era uma *natureza religiosa* e isso despertou nela as mais fortes dúvidas. Hoje eu sublinharia essa expressão duas vezes". "Viveremos ainda para vê-lo surgir como o profeta de uma nova religião, que quererá heróis como seus discípulos. Pensamos e sentimos a mesma coisa sobre isso e pronunciamos exatamente as mesmas palavras e os mesmos pensamentos. Literalmente nós nos esgotamos em discussões nestas três últimas semanas, e, coisa estranha, ele agora suporta cerca de dez horas por dia de conversação." "Estranho que nós, com nossas conversas, tenhamos involuntariamente descido a abismos, esses lugares misteriosos que um dia se escala apenas para sondar as profundezas. Sempre escolhemos caminhos de cabra, e se alguém nos ouvisse, teria acreditado que dois demônios conversavam..."

A inevitável fascinação que exerciam sobre mim o caráter e as palavras de Nietzsche vinham daquilo que não era objeto de discussão entre ele e Paul Rée. Tudo aquilo me evocava, com efeito, lembranças e sentimentos semi-inconsciente, provindos de minha indestrutível infância, a mais recuada e, portanto, a mais íntima. Mas ao mesmo tempo foi *isso* que me impediu de tornar-me sua discípula, sua sucessora: eu hesitava, o tempo todo, em caminhar *nessa* direção, da qual precisava me afastar para ver com clareza. Entre o objeto de minha fascinação e meu movimento de recuo havia uma estreita ligação.

Depois de meu retorno a Stibbe, para passar o outono, reencontra-

mos Nietzsche em Leipzig[57], no mês de outubro, por três semanas (?). Nenhum de nós dois suspeitava que seria a última vez. Já não era, entretanto, mais exatamente como tinha sido no início, se bem que ainda alimentássemos o desejo de viver os três juntos, no futuro. Quando me pergunto o que mais abalou o conceito que eu tinha a respeito de Nietzsche, creio terem sido suas insinuações, cada vez mais numerosas, com o propósito de denegrir Paul Rée[58] a meus olhos — e me espanto que ele pudesse julgar esse método eficaz. Somente depois de nossa despedida, em Leipzig, é que sua hostilidade irrompeu-se igualmente sobre mim, sob a forma de críticas rancorosas, das quais só tomei conhecimento através de um rascunho de carta[59]. O que se passou em seguida pareceu tão contrário ao caráter e à dignidade de Nietzsche que só pode ser explicado pela intervenção de alguma influência estranha. Foi assim que ele fez recair, sobre Paul Rée e sobre mim, suspeitas que ele era o primeiro a saber serem infundadas. Mas os acontecimentos odiosos dessa época foram-me ocultados pela solicitude de Paul Rée, o que só vim a compreender muitos anos depois. Parece mesmo que as cartas que Nietzsche endereçava-me, e que continham difamações incompreensíveis, nunca chegaram até mim. E não apenas isso: Paul Rée ocultou-me também o fato de que, entre seus familiares, circulavam intrigas a meu respeito, colocando-os frontalmente contra mim, até o ponto de odiarem-me; é verdade que o ciúme doentio da mãe de Rée, que desejava tê-lo somente para ela, também representou um papel significativo nisso tudo.

Muito mais tarde, Nietzsche ficou sem dúvida desgostoso com os boatos que ele mesmo havia provocado. Chegamos a saber, por Heinrich von Stein[60], nosso amigo íntimo, do episódio ocorrido em Sils Maria, quando ele visitou Nietzsche (não sem antes ter pedido nosso consentimento prévio). Ele tentou convencer Nietzsche da possibilidades de dissipar os mal-entendidos ocorridos entre nós três; Nietzsche, contudo, respondeu, balançando a cabeça: "O que eu fiz, não se pode perdoar".

Em seguida passei a adotar o método de Paul Rée: mantive-me à distância, não lendo mais o que quer que fosse sobre o caso[61] e não tomando conhecimento nem das manifestações de hostilidade da família de Nietzsche, nem das obras surgidas sobre ele, após sua morte. Escrevi meu livro, *Friedrich Nietzsche em Suas Obras*[62], com uma total independência de espírito. O que me incitou a isso foi o fato de, em face da renomada celebridade de Nietzsche, um número enorme de escrevinhadores ter tomado de assalto sua obra, com resultados bastante equivocados. De minha parte, foi somente *depois* de nossa relação pessoal que, lendo suas obras, compreendi seu universo intelectual; nada me importava mais do que compreender a personagem Nietzsche, a partir de suas impressões *concretas*. E assim como ele me apareceu, na pura

comemoração de acontecimentos pessoais, assim devia permanecer a meus olhos.

Nesse ínterim, Paul Rée e eu estávamos instalados em Berlim. Nosso projeto original de ir viver em Paris foi inicialmente adiado e, depois, anulado, por causa da doença e da morte de Ivan Turgueniev. Assim, a comunidade com a qual eu tinha sonhado realizou-se plenamente, através de um círculo de jovens homens de letras, a maior parte docentes. No decorrer dos anos, esse círculo ora se completava, ora trocava de filiados. Nessa comunidade Paul Rée era chamado de "a dama de honra" e eu, de "Sua Excelência", como constava em meu passaporte, onde, por ser filha única, herdara, conforme o costume russo, o título de meu pai. E mesmo no verão, quando deixávamos Berlim para gozar as férias universitárias, havia sempre alguns amigos que se juntavam a nós. Lembro-me de um verão particularmente feliz em Celerina, em Oberengadin[63], quando nos instalamos na casa de moleiros, e foi somente com as primeiras neves abundantes do fim de outono que Paul Rée e eu partimos em direção ao Sul. Não havia ainda estrada de ferro passando por Landquart e, por isso, tomamos, como únicos passageiros, um landô postal que, no inverno, substituía o ônibus, com todo o conforto (antecipando, assim, os automobilistas de hoje), e descemos até Meran-Bozen, demorando-nos à vontade sob o sol ou à luz do luar.

Embora viajássemos bastante, tínhamos dinheiro suficiente para viver. Eu recebia duzentos e cinqüenta marcos por mês, graças à pensão de minha mãe, e Paul Rée tinha o gesto atencioso de pôr a mesma quantia em nossa bolsa comum. Quando a situação apertava um pouco, sabíamos economizar e usar com parcimônia nossos recursos, o que era divertido e me valeu, da parte do irmão de Paul, Georg, que administrava também a fortuna de Rée, cartas entusiásticas, pois o irmão tinha-se tornado mais modesto em suas necessidades, não o importunando com pedidos de dinheiro.

Certa vez, tentamos passar uma parte do inverno em Viena, onde meu irmão Eugène permanecia alguns semestres para completar seus estudos junto a Nothnagel[64]. Mas esse projeto fracassou por motivos engraçados: ao invés da desconfiança rígida que os proprietários de nossos três cômodos em Berlim freqüentemente demonstravam, sentíamos que os locadores de Viena, com um ar de aprovação cordial, acolheram nossa situação que, aos olhos deles, era induvidosamente de amantes; aquilo que segundo os temores de Malwida representa uma "imagem má", era, ao contrário, bem visto. De acordo com o sábio conselho de Paul Rée (um homem é uma dama de honra bem mais ajuizada que qualquer outra mulher), freqüentamos em Berlim apenas nosso próprio círculo e outros bastante ligados a ele, deixando de lado as boas famílias e a boêmia da época, tanto mais que as "belas letras" viam em mim o mais belo espécime de incultura.

Foi portanto nessa época, em Gris-Meran, que escrevi meu "primeiro livro"[65]. O motivo foi que tentavam fazer-me voltar para casa e nossos amigos pensavam que, escrevendo um livro, eu obteria permissão para ficar no estrangeiro. Este objetivo foi efetivamente alcançado, se bem que me impuseram a condição de não envolver o nome da família. Adotei, então, como pseudônimo o prenome de meu jovem amigo holandês, acrescido do meu próprio, mas da forma como ele me chamava (por causa de meu prenome russo, de difícil pronúncia). É engraçado que esse livro — *Na Luta por Deus,* de Henri Lou — obteve as melhores críticas que jamais recebi. Entre outras, a dos irmãos Heinrich e Julius Hart[66], que mais tarde conheci tão bem e, à custa dos quais, diverti-me, pois eu sabia, melhor do que ninguém, com que intenção puramente prática essa obra tinha sido escrita: nascera de minhas anotações de São Petersburgo e, como isso não fosse suficiente para completá-la, de uma novela em versos que eu havia escrito um dia e que simplesmente despojei de seus elementos métricos.

Entre as pessoas que nos rodeavam, havia representantes de diferentes disciplinas, naturalistas, orientalistas, historiadores e muitos filósofos. Inicialmente o círculo formou-se em torno de Ludwig Haller[67], que, depois de um longo período de silêncio e trabalho, retirado no interior da Floresta Negra, voltava com um manuscrito sob o braço e repartia conosco suas vitórias e preocupações metafísicas, durante conferências privadas. Após a impressão dessa obra (*Tudo em Todos,* metalógica, metafísica, metapsiquismo), ele, de meia-idade, durante uma travessia em direção à Escandinávia, suicidou-se, atirando-se ao mar, gesto esse que tinha uma significação nitidamente mística.

Mas se a filosofia teve por efeito inquietar e estimular os espíritos, isso também foi decorrente da particular mentalidade daquela época. Os grandes sistemas pós-kantianos, até as ramificações hegelianas para a direita e para a esquerda, não declinaram sem chocar-se de modo bastante sensível com o espírito contrário do século XIX, a chamada "era darwiniana". Em meio aos princípios de objetividade e realismo do modo de pensar que se defendia, as tendências pessimistas ocuparam espaço, quer ocultas nas profundezas do pensamento, quer de modo acentuadamente desenvolvido e confessado. Isso representava uma reação ainda mais idealista a toda espécie de práticas de "desdivinização"; por amor à verdade fizeram-se sinceros sacrifícios. Por isso, poder-se-ia quase falar de um período *heróico* para aqueles que se interessavam então pela filosofia. Esse período somente encontrou seu fim, quando (precisamente pela separação mais e mais clara e rigorosa entre aquilo que cientificamente é chamado de "verdadeiro" e os acréscimos subjetivos, oriundos da verdade e da poesia) a submissão à verdade se encontrou limitada a domínios cada vez mais circunscritos, que prescindiam de grandes palavras. A própria alma humana passou a ser objeto de sonda-

gem e ela se prestou mais à investigação tanto em seus modos de ação, que influenciaram de maneira impertinente o conhecimento estrito, quanto em seus direitos indubitáveis de complementar e preencher a ciência de modo vivo. Essa aspiração da época transpôs o rigor da lógica para o próprio rigor de uma psicologia. Depois da humildade diante da "verdade", abriu-se toda uma era de confissões humilhantes: do orgulho particular da superioridade chegou-se à constatação da inferioridade humana.

Mesmo em nosso círculo, que durante os anos reduziu-se, cresceu, completou-se e se transformou, ninguém conhecia bem o homem cujas coleções de aforismos trariam à corrente psicologizante sua notoriedade mundial: Friedrich Nietzsche. Contudo, como recoberto por um véu, numa forma invisível, ele estava entre nós. Pois não era ele, com efeito, portador dessa efervescência de espíritos, que *viviam interiormente* aquilo que os conhecimentos racionais podiam dar ou tirar, que extraíam suas alegrias e suas dores de um espírito-vívido fortemente objetivo? Não foi em razão de conflitos e de dificuldades psíquicas, que o incitaram a dar o máximo de si mesmo, que sua força poética e seu poder de discernimento foram conjugados de maneira tão frutífera?

Isso, entretanto, além de ser o motivo da enorme ressonância de Nietzsche junto à intelectualidade dessa época e da que se seguiu, era, também, o que assinalava o contraste entre ele e nossos amigos de então, porque, embora cada um tivesse posições diferentes em face de questões essenciais, em *um* ponto eles estavam de acordo: na valorização de sua objetividade, no esforço em separar suas próprias emoções da vontade de conhecimento, de as dissociar o mais possível do ato científico, de as considerar como questão privada, a ser regulada por eles mesmos.

Para Nietzsche, ao contrário, seu estado d'alma e sua profunda angústia tornaram-se o cadinho onde sua vontade de conhecimento tomou forma. O que surgiu das chamas foi a "obra completa de Nietzsche", a poesia está nela mais densa do que suas verdades — verdades que ele não somente modificava, mas também a elas se ligava cada vez mais no plano teórico, como a verdades já orientadas em uma certa direção, com um abandono quase feminino. E isso até sua profecia: a doutrina de Zaratustra, do Super-Homem e do Eterno Retorno, onde ele mesmo se divide naquele que tudo padece e naquele que tudo domina — em Deus. Até o momento em que se pôde dizer: ele realizou isso "em verdade e poesia"; pois aí o pesquisador assentou em si mesmo seus limites, tirou diante de si a cortina[68] que sua afetividade sofredora e apaixonada pintara tão grandiosa e involuntariamente, que ele nunca mais voou alto e libertou o olhar.

Eu não era a única a sentir esse contraste entre Nietzsche e nós

como a coisa mais benéfica que rodeou nosso grupo[69].* Neste reinava um clima são e franco, a que eu aspirava e que fez de Paul Rée meu companheiro espiritual, mesmo quando ele se fatigava com sua *Gênese da Consciência,* de um utilitarismo algo limitado, e ainda que eu me sentisse, em meu trabalho intelectual, mais próxima de qualquer um de nosso grupo do que dele. (Falo de Ferdinand Tönnies e Hermann Ebbinghaus.)[70]

O que nos impeliu um ao outro, Paul Rée e eu, não foi, sem dúvida, a perspectiva de um encontro passageiro, mas eterno. Acreditamos nessa possibilidade, sem temer as contradições insolúveis, porque Rée, com seu modo de ser, era, entre milhares de pessoas, um companheiro de uma nobreza d'alma absolutamente única. Eu era uma moça tola e inexperiente, e muitas coisas que me pareciam absolutamente naturais e compreensíveis eram de fato extraordinárias, sobretudo sua bondade inalterável, que, no começo, eu podia suspeitar estivesse baseada num ódio secreto de si mesmo — e uma dedicação tão completa a alguém muito "diferente" apresentava-se a ele como uma solução satisfatória. De fato, melancólico e pessimista, Paul Rée, que desde a juventude se comprazia em jogar com idéias de suicídio, tornou-se um homem firme, alegre. Seu bom humor aflorou, e o que ainda lhe restava de pessimismo manifestava-se em atitudes amáveis como esta: enquanto os outros demonstravam irritação ou espanto diante das decepções do quotidiano, ele tinha a serenidade de ligar-se apenas àquilo que iludia agradavelmente suas esperanças pessimistas. Assim, sua natureza neurótica subjacente permaneceu para mim dissimulada, embora ele deplorasse abertamente e com freqüência ser afligido por todos os defeitos possíveis e imagináveis. Foi por momentos apenas, depois de tê-lo visto sucumbir outra vez à paixão pelo jogo[71], que fiz comparações entre o jogador, tal como o havia conhecido em Roma na primeira noite, e seu caráter especial, tal como o vejo e concebo hoje. E ainda hoje experimento uma tristeza profunda ao pensar que ele poderia ter encontrado salvação, se a psicanálise de Freud tivesse surgido alguns decênios mais cedo e lhe tivesse sido aplicada, pois não somente o teria restituído a si mesmo, como também ele teria pertencido ao restrito grupo de eleitos destinados a servir essa grande causa do novo século. Pela profunda compreensão que ele tinha dos homens, *ela* lhe teria enfim permitido atingir a maturidade intelectual.

Quando fiquei noiva, essa circunstância não precisaria necessariamente causar mudança em nossa ligação. Meu marido estava de acordo

* Georg Brandes, Hans Delbrück, Paul Deussen, Hermann Ebbinghaus, W. Halbfass, Ludwig Haller, Max Heinemann, Julius Gildemeister, Hugo Göring, Paul Gussfeldt, Wilhelm Grube, Ferdinand Laban, Rudolf Lehmann, Heinrich Romundt, Georg Runze, Barão Carl von Schulz (Livland), Heinrich von Stein, Ferdinand Tönnies, etc.

com esse estado de fato, que era alguma coisa absolutamente indemovível. Paul Rée acreditava que meu noivado desmoronaria, mas o que lhe faltava em demasia era crer que se pudesse verdadeiramente amá-lo. E ele só se esquecia de que fora recusado em Roma, porque a realidade continuamente lhe provava o contrário. Assim, apesar da franqueza com que nos explicamos face a face (ele se dispôs a não ver meu marido e a não lhe falar, ao menos durante um certo tempo), um mal-entendido[72] subsistiu entre nós. Nessa época Paul Rée tinha iniciado seus estudos de medicina e morava sozinho, pois começava a trabalhar muito cedo em anatomia (chegamos a cogitar se eu não deveria também engajar-me nesses estudos, mas, rindo, demo-nos conta de que isso não era necessário, já que nós dois não nos separaríamos nunca).

A noite em que ele me deixou inscreveu-se com letras de fogo em minha memória. Ele partiu bem tarde, voltando minutos depois, porque chovia torrencialmente. Ao cabo de um certo tempo, partiu novamente, mas logo retornou, para apanhar um livro. Depois que ele se foi, amanheceu. Olhei para fora e fiquei surpresa: sobre as ruas secas, pálidas estrelas cintilavam num céu sem nuvens. Afastando-me da janela, vi, sob a luz da lâmpada, uma pequena fotografia de minha infância, que pertencia a Rée. Estava sobre um pedaço de papel dobrado, onde li: "Tenha piedade, não procure".

Era normal que a desaparição de Paul Rée agradasse a meu marido, ainda que, por delicadeza, ele se tenha calado a respeito. E, do mesmo modo, era normal que, com o passar dos anos, o desgosto continuasse a pesar sobre mim: era algo que eu esperava jamais tivesse ocorrido. Quando acordava de manhã, com um sentimento de opressão, era porque um sonho tinha tentado anular esse acontecimento. Um dos mais angustiantes foi este: eu me encontrava em companhia de nossos amigos que gritavam, alegremente, que Paul Rée estava entre nós. Olhei-os e, não o encontrando, dirigi-me ao vestiário, onde eles tinham pendurado seus casacos. Meu olhar recaiu sobre um homem gordo e desconhecido, que, atrás dos casacos, estava tranqüilamente sentado, com as mãos cruzadas. O excesso de gordura, que tornava seu rosto irreconhecível e quase lhe fechava os olhos, recobria seus traços como uma máscara mortuária feita de carne. Satisfeito, ele disse: "Não é verdade que *assim* ninguém me achará?"

Paul Rée terminou seus estudos de medicina; mais tarde retirou-se para Celerina, em Oberengadin, onde serviu como médico à população carente.

Nos arredores de Celerina, Paul Rée sofreu uma queda mortal das montanhas[73].

Entre as pessoas

Para resumir o que a Rússia representou para mim nos primeiros tempos e depois, passei por alto os anos intermediários que me fizeram circular entre pessoas de outros países. Mas, em parte, isso também se deve ao fato de que a multiplicidade de trato pessoal e das impressões individuais sobre cada um impede o prazer do relato. A todo instante sentimo-nos colocados diante da escolha: ou penetrar tão profunda e extensamente que se chega a tocar coisas mais essenciais do que seria oportuno, ou, na pressa, sucumbir ao perigo de cair, com ênfases precipitadas e qualificações casuais, naquele "palavrório sobre pessoas", em que consiste a maioria de nossos juízos. De qualquer maneira, a informação impõe limites a si mesma, quando se trata de alguém de quem se esteve verdadeiramente muito próximo. Pois o que significa, afinal, proximidade humana? Um encontro que se projeta para além do que se julgava sabido, uma daquelas entrevistas preciosas que já não se colocam mais dentro do exatamente observável. O que permanece realmente comunicável só pode ser efetivado, em parte, por meio daquele modo indireto de expressão, em que os elementos poéticos colaboram, porque *vivido,* já estaria, no fundo de sua essência, igualmente *poetizado.*

Por isso, após meus tempos de solteira, aproximadamente a primeira dúzia de anos ficou sem muita loquacidade, se bem que os tenha

passado animadamente entre as pessoas. *Muitos* foram os que estiveram a meu lado, porque assim o queria aquele tempo. Dessa forma, meu olhar abriu-se a muitos acontecimentos e figuras, embora, de costume, eu preferisse manter-me afastada, entretendo-me somente de indivíduo a indivíduo, de diálogo a diálogo. Depois de permanecermos, primeiramente, na residência de solteiro de meu marido, em Berlim-Tempelhof, passamos, mais tarde, a ocupar uma casa situada por ali mesmo, em meio a um jardim e entre olmos, cujo interior, projetado para ser magnífico, ficou inacabado em razão de uma quebra financeira, motivo pelo qual a davam em aluguel por baixo preço. Habitávamos quase que exclusivamente o mezanino, com salas tão grandes que recordavam minha casa e minhas sapatilhas de dança; uma biblioteca gigantesca, dois quartos, revestidos de madeira entalhada, que davam para um amplo terraço e, além disso, possuíam grandes armários embutidos, de maneira que tivemos apenas que completar com algumas poucas peças nossa reduzida mobília. Assim, vivíamos nos arrabaldes do sul da cidade, servidos por um ônibus e, no inverno, um ônibus de rojo que, por um vintém, ligava os habitantes de Tempelhof a Berlim. Mas em tais "arrabaldes" viviam também, por aqueles anos, a grande maioria daqueles que conhecíamos[74]: entre os primeiros, Gerhart Hauptmann, em Erkner, com sua mulher Marie e seus três filhinhos: Ivo, Ecke e Klaus; e mais Arne Garborg e a encantadora Hulda Garborg, loira como o trigo. Em Friedrichshagen estavam Bruno Wille, Wilhelm Bölsche e os dois irmãos Hart, que logo arrastaram atrás de si um caudal de pessoas — Ola Hansson-Marholm, August Strindberg e outros, que se podiam encontrar ocasionalmente no *Schwarzen Ferkel* de Berlim. Lembro-me ainda da primeira reunião no terraço, cercado de flores, de nossa casa, e na sala de jantar por trás dele, vejo Max Halbe, muito jovem e esbelto, ao lado de sua pequena noiva, que parecia a própria Psique, Arno Holz, Walter Leistikow, John Henry Mackay, Richard Dehmel, que na época irritava-se com seu próprio nome, e muitos outros. *Antes do amanhecer* havia-nos unido a todos numa mesma comunidade de idéias, irrompendo num irresistível naturalismo. A primeira obra de Gerhart Hauptmann havia despertado, em meio a mais acerba indignação, também algo daquilo que faria a nova tendência triunfar: a economia do aspecto lírico, apesar do caráter ainda doutrinal do drama e das grosserias que provocavam o bom burguês.

Ainda que em meus tempos de solteira Paul Rée houvesse intencionalmente evitado os círculos literários habituados à boêmia, fazendo com que freqüentássemos exclusivamente cientistas, a situação agora havia mudado. A literatura, enquanto tal, ainda não me havia preocupado (meu interesse pelo povo russo tinha um outro sentido que não o literário), eu não era "ilustrada" nela, nem sequer em seu otimista período anterior, contra o qual agora se deflagrava essa vigorosa batalha.

Mas o que nesse movimento mais fortemente comovia era o lado humano: seu ímpeto alegre, sua juventude altiva e confiante, que não se importava em pregar o novo espírito por meio dos temas mais tristes e sombrios. Arrebatou inclusive os velhos, como se sabe de Fontane; e também fez capitular Fritz Mauthner, com quem freqüentemente eu conversava, depois de nos mudarmos de Tempelhof para Schmargendorf, onde um estreito caminho no bosque levava até sua casa, em Grunewald.

A fama de Henrik Ibsen na Alemanha ajudou bastante. Conheci suas obras quando ainda não eram encontradas em alemão, graças a meu marido, que as ia traduzindo enquanto lia. Apareceram os dois "Palcos Livres"; um deles logrou impor-se, e Brahm colocou-se, com Ibsen e Hauptmann, à frente dessa luta cada vez mais coroada de êxito. Minha longa amizade com Maximilian Harden, co-fundador do "Palco Livre", provém dessa época (e durou até a Guerra Mundial). Junto a Gerhart, o Dr. Carl Hauptmann, até então aspirante a filósofo, inclinou-se para o drama. Otto Hartleben, com a simpaticíssima Moppchen, trouxe colaboração muito eficaz. Forças jovens trocavam suas ambições científicas pelas literárias, políticas. Recordo-me de muitos acordos e discordâncias nos longos serões com Eugen Kühnemann, que à época não parecia ainda disposto a abraçar a carreira universitária. Entre os que me eram mais próximos, quem adquiriu mais forte significação humana para mim foi Georg Ledebour[75]: estas linhas o saúdam.

Nessa época, já tínhamos, junto à orla do bosque, em Schmargendorf, nossa segunda casa, tão ridiculamente pequena que, por muito tempo, pudemos cuidar dela sem a ajuda de criados. Fui então, em 1894, para Paris, onde se realizava revolução literária similar à alemã[76]. Foi na época do assassinato de Carnot, quando em toda parte participava-se de política, e pude pessoalmente ouvir, na Câmara, Millerand e Jaurès. O "Palco Livre" veio a exercer influência no surgimento do "Théâtre Libre", de Antoine, e da *Oeuvre,* de Lugné-Poe. Para *Hannele,* de Hauptmann, criada em Berlim por Paula Conrad, mais tarde esposa de Schlenchter, Antoine levou uma pobre e pálida mocinha da rua a um sucesso retumbante (e, no entanto, a linguagem prejudicava a poesia de Hauptmann, pois, para a tradução da palavra alemã Flieder-duft*, Hanelle dizia "Je sens le parfum *de* lilas", ao invés de "Je sens le parfum *du* lilas"). A criação mais emocionante de Hanelle vi, mais tarde, na Rússia; emocionava em razão de a montagem ter concebido o céu e o Salvador em estilo ingênuo-bizantino.

Em Paris: a mesma comunidade viva do círculo literário ativo, dos interesses aos quais apenas se opunha, em expectativa, a geração mais velha. Na fundação da nova editora que Albert Langen empreendeu

* Perfume de lilás. (N.T.)

com o dinamarquês Willy Grétor, conheci Knut Hamsun, que à época parecia-se com um deus grego. A colônia escandinava estava fortemente representada, mesmo antes que Albert Langen passasse a fazer parte dela, integrando-se na família Björhson através do casamento. No princípio vivi com uma amiga dinamarquesa, Therese Krüger. Com uma recordação especialmente viva, lembro-me de Herman Bang, que vivia em Saint-Germain e, embora continuamente doente, possuía um espírito brilhante. Ainda vive em mim, quase textualmente, uma conversa que tivemos, na qual descreveu-me, arrepiado, o modo assustador como se processava nele o início do trabalho poético: como ele corria, nessas ocasiões, em direção à janela, na esperança de encontrar algum chamariz que o distraísse de seu trabalho. O que saltava literalmente aos olhos, contudo, era a imperiosidade com que, no processo de criação artística, se desprendem e ressurgem materiais profundíssimos, acumulados no inconsciente, para uma transposição que deve ser imediata, pois sobre ela pesa o perigo do transitório. Embora eu soubesse da crônica doença nas costas de Herman Bang, não podia vê-lo depois sem imaginar, involuntariamente, que mesmo no físico assemelhava-se a uma figura de transição entre o mais assustador e a redenção produtiva. Quem percebe até que ponto seus livros (como *A Casa Branca* e *A Casa Cinza*) são construídos *próximos da recordação,* suspeitará também do susto que deve ter presidido o nascimento dessas obras.

Um companheiro bastante diminuto acompanhava-me por toda parte: um pequenino *poodle,* negro como o breu, um "Toutou" ainda filhote, que esqueci de onde veio. Quando, tarde da noite, eu voltava a meu quarto, ele se erguia, ereto como uma vela, do cestinho onde dormia e olhava-me com penetrante desconfiança, intrigado em saber onde eu passara todo esse tempo sem ele. Durante o dia causava-me incômodos por sua afeição a "as maçãs que não caem longe dos cavalos"* (essa magnífica variação do ditado provém de uma escritora infelizmente "inédita"). Meu cãozinho "Toutou" saía então para a rua, onde, ao invés de infinitos carros, havia carruagens verdadeiramente deslumbrantes, e, com sua maçã demasiadamente grande no focinho demasiadamente pequeno, imensamente aberto, corria de mim, como uma pulga preta pelas praças e avenidas gigantescas, indo devorá-la em algum lugar protegido; e eu atrás dele! E não só eu, mas também, não raro, qualquer tipo de transeunte que, com seu espontâneo: "*O lalà, le joli Toutou*", se lançava sobre ele, e sobre sua presa, como ele seguramente temia.

Passei quase a maior parte de meu tempo em Paris com Frank Wedekind[7], mas não de início. Porque, logo depois de nos conhecer-

* Referência ao provérbio alemão: *Der Apfel fällt nicht weit von Stamm* (literalmente: A maçã não cai longe do tronco). (N.T.)

mos na casa da condessa húngara Nemethy e terminarmos, com outras pessoas e madrugada adentro, nossa animada conversa num restaurante de sopa de cebolas em frente a "Les Halles", ocorreu entre nós um mal-entendido wedekindiano, que ele depois relatou a outras pessoas com franqueza comovente, sem a menor contemplação para consigo mesmo (tive ocasião de utilizar isso como recheio literário para uma novela). A propósito, para encontrá-lo com mais certeza ia-se aos Cafés do Quartier Latin, onde, nas pegajosas mesas de mármore da calçada, ele, à noite, rabiscava versos, precursores das *Canções do Patíbulo,* como, por exemplo, o lamento: "Eu esquartejei minha tia, minha tia era velha e fraca mas vós, juízes sanguinários, vós perseguis minha juventude". Wedekind tinha, de fato, autênticas mãos de esquartejador, mas, ao mesmo tempo, era verdadeiramente terno, tinha virtudes extremamente ternas. Quase sem meios e sem teto, sentava-se então entre as *grisettes* (na época não mais assim chamadas), esperançoso de que uma delas, ao fechar o Café e depois que sua bolsinha estivesse suficientemente cheia, o levasse bondosamente a casa, para ter um abrigo, um desjejum matinal e um pouco de atenção. Mas também em outros locais podia-se encontrar Frank Wedekind. Ele me levou, por exemplo, não sem orgulho e para minha grande alegria, a um lugar onde passava serões inteiros: um pobre quartinho da mais pobre Paris, na casa de uma sessentona, a viúva de Georg Herwegh[78], que sofria de hidropisia e a quem ele levava jantar cuidadosamente escolhido.

Se alguém em Paris desejasse visitar os locais noturnos do Quartier Latin ou de Montmartre, geralmente com um ou dois conhecidos da imprensa, era sobretudo pelo fato de as putinhas continuarem sendo interessantes por duas razões: uma, por sua desenvoltura e franqueza, que não só colocava sua profissão como permitida, mas também as jungia a todo o humano, fazendo desaparecer a vergonha do autodesprezo e a clandestinidade lucífuga. Ao mesmo tempo, a maioria delas caracterizava-se por essa velha proximidade à cultura, revelada no mesmo solo e específica de todo o povo — no tato e na conduta — que é aliás, o fator que faz com que em Paris seja gratificante a experiência de conversar-se com pessoas das "camadas mais baixas", encontradas casualmente. O mesmo também se dá nas camadas "superiores": em nenhum outro lugar a mulher pode estar tão segura de encontrar tanta cortesia, mesmo que se veja em apuros à noite, caminhando, e depare com uma figura de homem por demais estranha, pois o parisiense se envergonharia feito um *poodle,* se não se portasse como um cavalheiro em tal situação, ou se a interpretasse mal. Mas ao lado dessa impressão se me afirmava também a de que se devia deixar as coisas por aí; de que pouco atraía para um conhecimento mais profundo; de que ali o gesto cultural, envelhecido e consolidado, tinha brotado demasiadamente do interior para o exterior, como que para conservar ainda um fundo não des-

perdiçado. Era exatamente a impressão oposta à que eu tinha da Rússia. Paris era, depois de Berlim, a primeira metrópole estrangeira na qual vivia por longo tempo, e lá cada experiência realçava-se bastante, se comparada com as precedentes. A magia indizível daquela civilização madura parecia-me como a de uma amada que renova sempre seus enfeites, cingida de todo o brilho da juventude, de atrativos, que nem ferrugem nem traças corroem.

Durante uma de minhas visitas ao Louvre, fiz pelo caminho uma amizade de rua sem maior importância, sobre a qual agora me ocorre falar. Era uma alsaciana idosa, chamada Madame Zwilling[79], que, como florista, sustentava seu filho doente, portador de tabe. Uma noite, ao visitar o quartinho de ambos, encontrei-a desmaiada, em meio a um grande cesto de flores primaveris que acabara de ir buscar nos *Halles*. Tinham-na trazido da rua naquele estado, e eu, num ímpeto, resolvi vender as flores para ela. Comigo estava Sophie, Baronesa de Bülow, que vivamente aprovou a idéia: disfarçamo-nos depressa com o traje alsaciano da senhora Zwilling e, por volta das duas e meia da madrugada, diante dos cafés do Quartier Latin que eu tão bem conhecia, vendíamos a última flor, com grande lucro. Também aqui tive a oportunidade de constatar quão irrepreensíveis foram as pessoas do sexo masculino diante das duas vendedoras, surpreendentemente novas, que se destacavam das pequenas e delicadas francesas por sua grande estatura (Sophie era ainda mais alta que eu), e a quem dirigiam constantes perguntas, cheios de compreensão. Somente dias depois é que fomos informadas por alguns senhores da imprensa do risco que havíamos corrido de passar a noite presas preventivamente, por falta de qualquer espécie de licença para o ofício.

Na colônia russa tornei-me amiga de um jovem médico imigrante que, suspeito de envolvimento no assassinato de Alexandre II, fora deportado para a Sibéria, tinha sofrido quatro anos de trabalhos forçados, e finalmente escapado para Paris. Sawelii, de saúde de ferro (com sua relampejante dentadura podia arrancar das paredes os pregos mais encravados), pôs-me em contato com todo o círculo russo. Quando, após meio ano, o sol do verão começou a importunar-nos terrivelmente, Sawelii e eu escapamos para a Suíça, comprimidos num trem barato de férias. Por trás de Zurique subimos um pouco as montanhas e instalamo-nos numa cabana alpina, onde vivíamos de leite, queijo, pão e frutas silvestres. Apenas poucas vezes repetimos subida e descida para Zurique, para saciar nossa luxuosa fome, cada um com porções duplas cuidadosamente cobradas de antemão, em qualquer mesa de hotel (foi numa dessas ocasiões que topei com Wilhelm Bölsche, vindo da Alemanha, assim como ocorreu em Paris, com Hartleben e Moppchen). Em minha lembrança desse idílio alpino, porém, o papel principal é representado por um pequeno episódio: como nós, descalços — pois era

assim que sempre andávamos lá em cima, sobre a relva suave — caímos inesperadamente em um declive, sobre um prado de amoras rasteiras. Não havia mais muita claridade, não tínhamos idéia da direção em que estaria a saída mais próxima, e cada passo, cada parada arrancavam de nós gritos de dor. Voltamos, com lágrimas roladas, ao solo paradisíaco de nossa relva suave.

Nos minutos que passamos embrenhados na amoreira, ocorreu-me algo assim como uma imagem antiqüíssima[80] — ou uma recordação? — uma impressão de que já tinha passado por aquela experiência de ser arrancada do encanto primitivo e lançada cruelmente na vida. Um momento repentinamente revivido. A imagem tornou a desaparecer, enquanto limpávamos, rindo, a umidade do rosto e também o sangue dos pés, sob as alegres palavras de Sawelli: "Não somente as amoras nos devem desculpas, mas nós também a elas, pois as pisoteamos, ao invés de beijá-las". Algo em mim acrescentou, confiante: "Sim. *Todo* o mal do mundo não vem, talvez, exatamente *desse* mal-entendido?" O riso e a raiva expulsaram-se reciprocamente, até novas ousadias, até novos destinos de amora.

Algumas semanas depois estávamos de volta ao turbilhão da cidade de beleza ímpar, deixando admirarem nosso bronzeado, que, na época, ainda não era moda. Daí até o fim do outono foram muitas as pessoas e as novas impressões que me envolveram. Mas, então, veio aquela hora em que algo ou alguém parece fazer-me sinal, uma noite qualquer, e aí é preciso seguir em frente. Nunca cheguei a sondar devidamente por que e quando isso ocorre, ainda que ali eu estivesse desfrutando do que me rodeava com a plenitude dos sentidos e da alma. Algo não convidado instala-se em seu lugar e torna-se impaciente. Da noite de meu regresso, na época, à Alemanha, é pouco provável que me recordasse com clareza suficiente para reproduzi-la, caso há pouco tempo não me tivesse chegado às mãos uma carta sem maior importância (escrita em Schmargendorf, em 22 de outubro de 1894), conservada por uma escritora amiga minha.

"Já faz mais de três semanas que me safei de Paris, inesperadamente para mim mesma e para todos, em segredo e sem dizer adeus. E assim, sem comunicar, cheguei também aqui, igualmente no meio da noite. Deixei minha bagagem na estação, saí e segui pelo caminho silencioso, através dos campos escuros, em direção à aldeia. Esse passeio foi belo e estranho. Sem nada ver, eu sentia o outono pelo cair das folhas e pelo vento tempestuoso, e isso me agradava; em Paris ainda era 'verão'. Na aldeia, tudo dormia, apenas na casa de meu marido ardia a forte lamparina que ele utilizava para apanhar livros nas prateleiras superiores da estante. Da rua eu podia distinguir visivelmente sua cabeça. A porta, como sempre, estava apenas encostada, e entrei vagarosamente. Então a cachorra Lotte, no quarto, começou a latir estridentemente —

reconhecera-me pelos passos. Aliás, ela se transformara, nesse meio tempo, num verdadeiro monstro de gordura e quadratura, apenas nós continuávamos achando-a encantadora como sempre. Nessa noite, em casa, não fomos dormir. Quando clareou, acendi o fogo da cozinha, limpei a lamparina esfumaçada e escapei para o bosque. Lá a espessa neblina da manhã ainda envolvia as árvores, e um corço manchado deslizou sem ruído pelos pinheiros adiante. Tirei os sapatos e as meias (o que não se pode em Paris) e senti-me muito feliz."

A única mulher com quem, naqueles tempos, eu tinha amizade íntima era Frieda, Baronesa von Bülow[81], a quem conheci em Tempelhof. Em 1907 ela me foi arrebatada por sua morte prematura, quando apenas começava os cinqüenta anos. Durante minha temporada em Paris, ela havia acabado de chegar de sua segunda estada na África Oriental alemã, e ficou em minha casa, onde também sua irmã a esperava, aquela Sophie Bülow com quem eu havia vendido as flores de Madame Zwilling. No ano seguinte acompanhou-me à Rússia, em visita a minha mãe e meus irmãos, dos quais Eugène fez profunda amizade com ela. De seus irmãos, três haviam morrido violentamente: os dois mais novos e a já conhecida escritora Margarethe von Bülow[82], que, ao tentar salvar um rapaz que se afogava, caiu para debaixo do gelo. Frieda, por natureza, tendia à melancolia, apesar de sua vontade viril e de seu impulso vital, que a haviam levado, na juventude, à África Oriental, na época dos êxitos de Carl Petersen. Ela mesma gostava de chamar essa mistura de energia e fraqueza de sua quota-parte na velha e cansada linhagem, que finalmente iria terminar na nostalgia da submissão e da própria entrega.

Também em Viena[83], em 1895, passamos juntas vários meses, quando eu, desde São Petersburgo, voltava ali pela primeira vez. Através do círculo berlinense de literatos foi-nos possível conhecer o círculo correspondente de Viena. Com Arthur Schnitzler eu já havia trocado várias cartas, desde Paris; continuava a apreciá-lo particularmente, entre os outros. Mais tarde me vi radicalmente separada dele, para outra direção. Naquela época ele vivia do êxito decisivo de seu *Liebelei**, e ao seu redor estavam Richard Beer-Hofmann, Hugo von Hofmannsthal, ainda muito jovem, no uniforme de hussardo do serviço militar, Felix Salten e outros, com os quais se encontravam, fora do contato pessoal, quase todas as tardes nos cafés, como "*Grien-Steidl*", tornando possível conhecer-se a vida intelectual vienense em seus modos de expressão mais característicos.

Eu vivia junto à catedral de Santo Estevão, num hotel muito bom e grande, ocupando dois quartinhos minúsculos no alto do edificio anexo, encantadoramente mobiliados. Pelas horas de conversação que ali

* *Namoro*. Título de sua obra. (N.T.)

passamos, esses quartinhos e eu mesma fomos parar no primeiro livro de Peter Altenberg, *Como eu vejo*. Se tivesse que descrever a atmosfera vienense em comparação com outras metrópoles, diria que naquela época ela me parecia caracterizada principalmente pela confluência da vida intelectual com a erótica: aquilo que noutra parte distingue, digamos, o homem galante de profissão ou intelectual, encontrava aqui uma graça capaz de atrair a "doce menina", e até mesmo a menina unicamente doce, para um erotismo refinado, que em compensação dissolvia até mesmo o mais sério projeto intelectual num comportamento que perfilhava a pura ambição. Ao lado da concorrência de amor e ambição ficava assim espaço livre para ser repartido entre as amizades masculinas, que com isso ganhavam uma forma especial e, estranhamente para mim, bastante seleta. Arthur Schnitzler participava disso em alto grau: talvez fosse esse um dos aspectos mais luminosos de sua maneira de viver, ensombrecida por uma leve melancolia. Mas talvez ele tivesse conseguido livrar-se dos conflitos, se o encanto intelectual, seja para o amor, seja para a ambição, o tivesse fascinado de um modo mais demoniacamente unilateral.

Peter Altenberg colocava-se um pouco à parte, se bem que não na amizade. Quando se estava com ele não se pensava nem em homem nem em mulher, mas numa terceira e mais rica criatura. A conhecida frase sobre ele: "*mon verre est petit, mais je bois dans mon verre*", traduz com precisão um juízo exato, se não se puser todo o peso sobre o "*petit*", mas sim sobre "*mon*", pois o novo e o encantador das pequenas figuras de Peter Altenberg baseiam-se no modo enigmático como ele impede, por assim dizer, ambos os sexos de tornarem-se adultos, empregando poeticamente seu infantilismo de uma forma especial, que também se expressava plenamente em suas peculiaridades mais pessoais.

Sempre que ia a Viena, mesmo nos anos posteriores, eu podia ficar na casa de Marie von Ebner-Eschenbach[84], aonde fui levada pela primeira vez por Fritz Mauthner. A última vez, ainda em 1913, poucos anos antes de sua morte, que sua sobrinha, a Condessa Kinsky, mandou-me comunicar em casa. Foram inesquecíveis as horas que passei com ela, a calma e, como devo dizer, a *essencialidade* que emanavam dela. Em conseqüência disso, sua aparência exterior dava quase a impressão de que ela se acocorava ou se encolhia intencionalmente, como se seus olhos cinzentos, olhos infinitamente sábios, olhassem tão de baixo, que ninguém se daria conta do que tinha adiante, como se fosse melhor não deixar que nada transparecesse. *Isso*, no entanto, transparecia, íntima e ininterruptamente, no tom, na palavra, no olhar e no gesto. Nela podia-se haurir como que o mistério e a revelação, e isso conservava este calor concentrado de secreta presença.

Pela magnificência de seus arredores, Viena nos impele a buscar o ar livre do campo, para onde se transferem continuamente as relações

sociais e de amizade. Ainda no verão do mesmo ano de 1895 encontrei-me com amigos em Salzkammergut e em Innsbruck. Para mim, o viver só se torna verdadeiramente completo quando estou cercada dos bosques, das amplitudes, do sol, ou mesmo das montanhas, entre as quais tinha estado até o momento muito poucas vezes, descontadas algumas viagens de infância com meus pais pela Suíça. No inverno seguinte estive novamente em Viena e no verão do outro ano embrenhei-me, pela primeira vez, nas montanhas austríacas. De maneira especialmente viva recordo-me de uma longa excursão a partir de Viena, em que um amigo e eu cruzamos a pé toda a Carintia, passando por Hohe Tauern, até Veneza. Dessa vagarosa viagem a pé, descansando tranqüilamente nos lugares mais bonitos, tenho ainda gravada na lembrança uma impressão breve e poderosa: tínhamos que chegar antes do escurecer à geleira de Rotgülden, mas nos demoramos muito porque nos informaram que lá perto havia um touro no cio, para cuja captura veio finalmente conosco um grande número de moradores, excitados, portando as mais estranhas armas. Durante alguns minutos vimos o animal. Sobre um pedaço da montanha situado à frente, separado de nós por uma profunda garganta, ele se erguia, de perfil, uma imagem de poder e obsessão, "igual ao deus" no sentido antigo, e de um efeito absolutamente indelével, graças à nossa localização isenta de perigo que nos permitia uma demorada contemplação. A imagem continuou perturbando-me, enquanto seguíamos pela geleira, sós, em plena escuridão, buscando e dando pancadinhas nas pedras, para ver se em algum lugar encontraríamos, como nos contos de fadas, um chalé alpino escondido.

De todas as impressões de paisagem, a que me pareceu mais encantadora foi a rápida sucessão de *três primaveras,* que vi quando deixei a Itália e segui para o Norte, atravessando a Alemanha. Nunca o Sul havia-se imposto a meus sentidos de modo tão triunfante como dessa vez, quando o inverno, que transcorria como um maio, parecia fazer-se primavera, sem confundir-se simplesmente com o verão. Dava a impressão de que, para além das aparências, qualquer estação do ano dispunha à vontade de uma reserva inexaurível, e que o incomensurável nos estaria esperando para as coisas terrestres, desde que nossa receptividade fosse profunda e sensível o suficiente. Assim, saciada, pude também fazer justiça ao clima centro-europeu, cuja fleuma é às vezes irritante, obrigando-nos continuamente a esfregar os olhos por causa da chuva e do granizo e a encorajar os amentilhos em botão nos ramos das árvores. Contente, deliciei-me com as violetas e com tudo o que era, na melhor acepção, "sentimental". O coração, magnificamente sossegado, tornara-se paciente e, por isso, muito mais encantado. Do terceiro verão que presenciei na época, o nórdico, que eu amava desde a infância, pouco tenho a dizer. Esperado por muito tempo, desabrochou de forma plena e breve, ostentando sua irrefutável e ininterrupta clarida-

de. Quando se ouvia, tarde da noite, o chamado do cuco ou as cantigas dos camponeses que voltavam às casas, não se pensava: "Tudo se apressa para resolver as coisas na brevidade do verão", mas sim sentia-se a abolição do tempo e das mudanças por trás da discórdia entre cedo e tarde, dia e noite.

Em casa, fosse qual fosse a estação do ano, o desejo de solidão logo voltava a dominar-me, pelo que valia também manter-me ocupada e escrever os artigos do dia[85], como na época em que eu fazia crítica teatral. Quando muito minhas caminhadas ocasionais através do campo, em meio à neve ou à luminosa folhagem verde de Lichterfelde, levavam-me até a casa da Baronesa Anna Münchhausen-Keudell[86], aonde eu ia a fim de visitar sua parenta Frieda Bülow, que lá residia, ocupando dois quartos repletos de veneráveis e belíssimos objetos da família, além de outros, exóticos e atuais, da África Oriental. No início do ano de 1896 resolvemos passar algum tempo em Munique, e foi lá que encontrei a segunda mulher a quem deveria seguir bem de perto e permanecer para sempre próxima (também na idade somos bastante próximas), de 1896 até a morte.

Helene von Klot-Heydenfeldt[87] era báltica, nascida em Riga, e estava de passagem em Munique com a mãe e a irmã. Após ler *Sonata a Kreutzer,* de Tolstói, ela havia escrito um bom livro, *Uma Mulher.* Tinha muitas relações alemãs e, um ano mais tarde, casou-se com o arquiteto Otto Klingenberg. Quando, mais tarde, muito mais tarde, vinda de Göttingen, passei vários meses em Berlim, a casa de Helene Klingenberg foi meu lar. Helene e Frieda diferenciavam-se uma da outra como um rapaz moreno de uma virgem loira. (O marido frísio e as crianças de Helene eram ainda mais chegados ao loiro.) E se a sede de ação de Frieda a impulsionava para o mais distante, o destino de Helene estava, por assim dizer, intimamente predestinado à onipotência do amor para ser mulher e mãe — ela desejava como epitáfio as palavras bíblicas: "A sorte obsequiou-me com o amoroso". Com Frieda eu vivia em debates fecundos, por força de nossas diferenças, as quais eu suportava com mais tranqüilidade, pois ela queria a todo custo que fôssemos iguais. Com Helene unia-me seguramente algum parentesco oculto, o que, na verdade, não impedia que eu trilhasse caminhos muito diferentes dos dela: e isso não nos importava, porque sua natureza fortemente amorosa tolerava-me sem reservas, como eu era, mesmo quando era um monstro.

Em Munique[88] não se vivia numa comunidade tão ampla como em Paris ou em Viena. A amplitude e beleza de suas ruas estavam como que vazias, como que pedindo que se reunissem nelas. Ali as pessoas não se acomodavam ao "muniquês" dos nativos, mas sim a tudo o que era comum à nacionalidade alemã circundante; chegava a haver sociabilidade em algumas famílias literárias e em alguns recantos de Schwabing.

Do círculo de relações integrado também por Max Halbe, Frank Wedekind, a editora Langen, mais tarde Björnson, quem mais me tocava era um conterrâneo de Helene, que ela, porém, não conhecia: o conde Eduard Keyserling, que na época já estava ficando cego. E numa nova visita a Munique, anos depois, fiquei muito desolada em saber que havia morrido. Com outros, como Ernst von Wolzogen, Michael Georg Conrad, conversei apenas muito rapidamente; e entre os mais jovens, meu contato mais freqüente era com Jakob Wassermann, cuja excelente obra, *Os Judeus de Zirndorf*, já lhe conquistara a atenção geral. Tive amizade especialmente com August Endell[89], artesão e arquiteto, posteriormente Diretor da Academia de Arte de Breslau, a quem até o final me liguei profundamente. Que esta lembrança seja um necrológio a esse jovem então doente e solitário e em amarga luta! É a recordação de uma proximidade inesquecível e de um inesquecível valor.

Por ocasião de um encontro comum no teatro, Jakob Wassermann trouxe até nós um amigo, a quem desejava apresentar: era René Maria Rilke.

Com Rainer

Nas chamadas "Casas de Príncipes" da rua Schelling, em Munique, onde me instalei com Frieda von Bülow no início de 1897, recebi, durante certo tempo, poesias enviadas por um anônimo. Reconheci seu autor pela caligrafia da primeira carta, depois de termos sido apresentados por Jakob Wassermann, numa noite de teatro, na primavera[90]. Então, ele me leu mais poemas, entre os quais as *Visões de Cristo*; por suas palavras naquela primeira carta, eles me pareceram concebidos num tom muito negativo. Embora alguns já devessem ter sido publicados em *Sociedade* e também chegado a mãos de outras pessoas, não conseguimos encontrá-los anos depois, apesar do empenho da editora Insel. Assim, tiveram que ser considerados perdidos.

Não levou muito tempo mais para que René Maria Rilke se tornasse Rainer. Ele e eu passamos a procurar uma casa afastada, perto das montanhas, e uma vez ali, em Wolfratshausen[91], tornamos a trocar de morada. Para a primeira, veio conosco Frieda; na segunda, uma casa de camponês construída na montanha, cederam-nos os cômodos sobre o estábulo. Na fotografia que foi feita mais tarde devia ter sido retratada também a vaca, mas ela não olhou pela janela do estábulo. A velha camponesa, no entanto, aparece na frente, e bem em cima do telhado pode-se ver, com clareza, o caminho que se entranha na paisagem. No

alto, tremulava nossa bandeira, de linho grosseiro e com letras pretas de um palmo de comprimento, pintado *Loufried**, confeccionada por August Endell, que logo fez amizade com Rainer. Ele também nos ajudou a tornar mais acolhedores os três cômodos ligados entre si, com belos cobertores, almofadas e utensílios. Lá pelo outono chegou, por algum tempo, meu marido, junto com a cachorra Lotte. Jakob Wassermann visitava-nos de vez em quando, e também outras pessoas, como, na primeira casinha, um compatriota (certamente de não muito boas recordações), com quem eu fizera estudos de russo e que havia vindo de São Petersburgo para me ver.

Rainer, muito jovem ainda, já tinha escrito e publicado com impressionante profusão poemas, histórias, e editado também a revista *Wegwarten*[92]. Não obstante impressionasse por sua peculiaridade *humana,* não fazia ainda a figura do grande poeta que chegaria a ser. E isso apesar de, desde o princípio, desde a infância, haver pressentido a tarefa poética como sua vocação incontrolável e nunca ter duvidado dela. Mas precisamente porque ardia nessa certeza quase onírica, ele não atribuía, de modo algum, demasiada importância ao que já havia feito: constituía apenas o impulso para renovadas tentativas de expressão, nas quais o esforço técnico e as lutas com as palavras quase naturalmente o prendiam ao excesso de sentimentos — a "sentimentalidade" tinha que vir em ajuda do que ainda não se podia cumprir completamente. Esse "sentimental" delimitava-se diante de seu ser: ficava, por assim dizer, dentro de uma situação de carência técnica. Pois, além disso, surgia precisamente da enorme certeza de poder realizar-se poeticamente. Ainda que, por exemplo, seu amigo Ernst von Wolzogen, gracejando, o tenha chamado, certa vez, por carta, de "Puríssimo Rainer, imaculada Maria"**, não havia, contudo, no âmago, nenhuma espera infanto-feminina, mas sim uma espécie de virilidade, uma delicadeza senhorial que lhe correspondia intangivelmente. E isso não se contrapunha sequer à sua atitude muito temerosa diante do que pudesse influenciá-lo ou ameaçá-lo, a saber, do desconhecido: sentia que isso não o ameaçava, mas àquilo cuja custódia lhe era permanentemente encomendada e que sabia estar a seu cargo. Isso lhe conferia uma indivisibilidade de espírito e sentidos, uma vibração recíproca de ambos. O ser humano fundia-se completa e naturalmente no artista, e este, no humano. Onde quer que a emoção surgisse, era *uma* emoção que ignorava divisões e que não conhecia dúvidas, hesitações, nem oposições fora do ainda inquieto desenvolvimento de seus domínios poéticos. O que se designa com a expressão "garbo masculino" era, à época, muito peculiar a Rainer,

* "A paz de Lou". (N.T.)

** Jogo de palavras com o nome de Rilke. Em alemão: *Reiner Rainer, fleckenlose Maria.* (N.T.)

simples em toda delicadeza e indestrutível na harmonia de todas as suas manifestações. Naquele tempo ele tinha tudo para rir, acolhido, inofensivo e ingênuo, nas alegrias da vida.

Se se pensa, a partir dessa óptica, no poeta posterior, já próximo à meta e aperfeiçoando-se em sua arte, torna-se extremamente claro por que isso teve que lhe custar a harmonia da personalidade. Visto em profundidade, é indubitável que *todo* fenômeno artístico encerra um pouco desse perigo, de semelhante rivalidade para com a vida: para Rainer, ainda incalculavelmente mais perigoso, dada sua disposição a dominar liricamente o quase impronunciável, a preparar, um dia, a palavra para o "indizível", com a força de sua lírica. Por isso que para ele ocorreu, mais tarde, que o desabrochar da plenitude da vida, por um lado, e, por outro, o da genialidade de sua obra não se promoveram reciprocamente, mas sim cresceram quase um contra outro, fazendo com que as exigências da arte e de uma humanidade plena entrassem em conflito, na mesma medida em que o êxito artístico foi-se abrindo nessa realidade enorme, exclusiva. Uma mudança ia-se preparando, nisso, inexoravelmente.

Passaram-se anos antes que isso se tornasse totalmente nítido. O que viria a ser "obra", concentrava-se em abundância e claridade crescentes; porém as semanas ou meses entre os períodos de encantamento esvaziavam-se numa espera, com a consciência dolorida. Era então que eu temia por Rainer: parecia-me que qualquer espécie de trabalho ou de atividade despretensiosamente cumprida era melhor do que aquela espera vazia, em meio a autocensuras inúteis (isso também era o que mais o atemorizava). Acabamos por chamar essas esperas, por brincadeira, de "a decisão de tornar-se condutor postal". Então, passamos a desfazer-nos, durante anos, de todas as preocupações, pois aquilo que às vezes sob a forma de ameaça e doença começava a despontar como destino de Rainer, era ao mesmo tempo acompanhado de momentos magníficos, que encorajavam esperanças inauditas.

Embora nos tivéssemos conhecido entre tantas pessoas, o tempo trouxe um entrelaçamento em nossas vidas, em que tudo nos era comum. Rainer partilhava por completo nossa existência modesta na orla do bosque, em Schmargendorf[93], perto de Berlim, de onde em poucos minutos alcançava-se Paulsborn, caminhando-se entre corços amistosos, que nos farejavam os bolsos dos casacos, enquanto passeávamos descalços, como nos ensinara meu marido. Na pequena casa, onde, fora a biblioteca de meu marido, a cozinha constituía o único espaço que podia fazer às vezes de sala de estar, Rainer ajudava-me, não raro, a cozinhar, especialmente quando havia seu prato favorito, papa de sêmola à russa ou, então, *borsch*. Ele perdera toda a susceptibilidade de criança mimada que antes o fizera sofrer pelas menores privações e queixar-se de sua diminuta mesada. Em sua camisa azul, russa, com fechamento vermelho nos ombros, ajudava-me a partir lenha ou a secar a louça,

enquanto prosseguíamos imperturbáveis em nossos diferentes estudos. Eles diziam respeito a muitas coisas, mas Rainer, que vivia há muito tempo imerso na literatura russa, dedicava-se com mais zelo à língua e à geografia russas, desde que tínhamos planejado fazer nossa grande viagem[94]. Durante certo tempo ela esteve ligada a um plano de meu marido de empreender uma viagem ao Transcaucásio e à Pérsia, que não se concretizou. Por volta da Páscoa de 1899, fomos os três para São Petersburgo, à casa de minha família; somente um ano mais tarde Rainer e eu percorremos a Rússia mais minuciosamente.

Se bem que não tivéssemos começado por Tula, para ver Tolstói, sua figura constituía, de certo modo, para nós, a porta de entrada da Rússia. Porque se anteriormente fora Dostoiewski quem revelara a Rainer as profundidades da alma humana nos russos, era Tolstói quem, para ele, encarnava o próprio homem russo, devido ao poder de penetração poética em todas as suas descrições. Esta segunda visita a Tolstói[95], em maio de 1900, não teve lugar, como na primeira viagem, em sua casa de inverno em Moscou, mas em sua quinta Iasnáia Poliana, situada a dezessete *verstas* de Tula. Apenas podia se apreciar plenamente Tolstói no campo, não na cidade ou dentro de um quarto, por mais que este, em seu aspecto campesino, se distinguisse dos cômodos restantes da mansão condal, ou por mais que o dono da casa se mostrasse à vontade em uma bata por ele mesmo remendada, ou ocupado em trabalhos manuais, ou à mesa familiar, comendo papa de sêmola ou sopa de couve, em contraste com as deliciosas iguarias dos outros convivas.

Dessa vez, a mais forte e significativa impressão ficou-nos de uma curta *caminhada* a três. Após uma pergunta a Rainer: "Com que você se ocupa?", e sua resposta, um pouco tímida: "Com a lírica", Tolstói fez chover sobre ele um vivo e humilhante discurso contra toda a lírica, mas um espetáculo interessante à saída do pátio da quinta impediu que lhe dedicássemos toda nossa atenção. Um peregrino, vindo de longe, já ancião, aproximou-se, prestando incansavelmente homenagem a outro velho, com reverências e cumprimentos reiterados. Ele não mendigava, apenas cumprimentava, como outros que freqüentemente chegavam de muito longe, com igual objetivo: rever suas igrejas ou santuários. Assim, enquanto Tolstói continuava caminhando sem prestar atenção, tivemos que aguçar os ouvidos para ambos os lados, mas nossos olhos permaneciam ocupados com maior concentração ainda: cada movimento, cada virada de cabeça, cada mínima parada na maneira brusca de caminhar permitiam-nos conhecer "*Tolstói*". Os prados, no verão recém-iniciado, enchiam-se de flores de cores profundas, como raramente se constatava fora da terra russa. Ainda dentro da sombra do bosque, miosótis incrivelmente grandes cobriam o terreno um pouco pantanoso. E com a cor mesma dessas flores ficou-me acentuadamente gravada a lembrança de como Tolstói, em meio a um falar vivo e cheio de ensinamentos, de

súbito curvou-se para a frente e, com a mão em concha, mais ou menos como se pega uma borboleta, colheu um tufo de miosótis, pressionando-os impetuosamente contra o rosto, como se necessitasse incorporá-los, para, em seguida, deixá-los tombar negligentemente da mão. Ao longe, confusamente audíveis, ressoavam ainda as palavras de veneração e cumprimento do camponês. Naquele "não-ata-nem-desata" ecoava algo como um: "Que eu ainda possa voltar a vê-lo!" E a nossa emoção daquela hora me fez tomar-lhe emprestado as mesmas palavras de agradecimento, a mesma saudação: "Que nós ainda possamos voltar a vê-lo!"

Talvez essa hora tenha contribuído para despertar o exagero de Rainer que, cheio de esperança, queria ver em cada camponês uma possível reunião de simplicidade e grandeza de espírito. Mas, por vezes, ocorria ter ele razão. Assim aconteceu, na visita à Pinacoteca Tretiakov de Moscou[96], que fizemos junto com um par de camponeses. Diante de um quadro, *Gado pastando,* um deles manifestou-se, insatisfeito: "Vacas! Nós já as conhecemos! Que importância têm elas?" O outro censurou-o, com um ar quase maroto: "Estas aqui estão pintadas porque têm alguma coisa de importante. Porque você deve amá-las, entende, *por isso* estão pintadas. Você deve amá-las, ainda que nada tenha a ver com elas, entende?" Provavelmente surpreso com sua própria explicação, o camponezinho, com olhar interrogativo, voltou-se para Rainer, que estava a seu lado. E a verdadeira aventura, aqui, foi ver a reação de Rainer: a forma como cravava os olhos nos camponeses e como, entusiasmado, externou do íntimo, em seu claudicante russo: "Você está certo".

E, finalmente, chegamos lá, onde Rainer tinha que sentir a impressão de encontrar constantemente o que, cheio de nostalgia, o trouxera até ali: as pessoas e as paisagens do Volga. Remontando o rio, do Sul para o Norte, desembarcamos além de Iaroslawl. Lá nos foi permitido sentir-nos em casa, por um momento, na *isbá* russa (cabana camponesa)[97]. Tantas vezes vistas terra adentro, quando descíamos do vapor, aquela isbá era nova ainda e perfumada de resina, em seu envigamento de bétula não descascada. O jovem casal que a edificou entre outras castigadas pelas intempéries e enegrecidas pelo fumo pusera-se a nosso serviço para ganhar algum dinheiro. Um banco redondo, um samovar e, sobre o chão, um saco de feno recém-fornido para nós constituíam o interior; no estábulo vazio ao lado, um outro enxergão de palha, embora a camponesa vizinha, ingenuamente, nos fizesse ver que o primeiro fora preparado na largura conveniente. Não descemos apenas algumas vezes do vapor do Volga? Não fomos hóspedes daqueles camponeses, e não foi até mesmo o poeta camponês Droschin[98] nosso hospedeiro em sua cabana? Não havia livros inteiros a encher com aquilo que despertou nosso mais vivo interesse? Não foram muitos os anos que passamos

assim? Foram, realmente, apenas dias, semanas, ou meses? Mas tudo voltava sempre a concentrar-se na imagem de *uma* determinada hora e *uma* isbá: voltava sempre a *nos* ocorrer o que ali acontecia quando nos sentávamos, de madrugada, na soleira, com o samovar fumegante no chão diante de nós, e olhávamos alegremente as galinhas que, das cabanas vizinhas, bandeavam curiosas em nossa direção, como se viessem pessoalmente nos oferecer seus ovos para o chá.

Realmente, a "isbá no caminho" simboliza, de certa forma, aquilo que "Rússia" significava e prometia a Rainer. Uma dessas cabanas de troncos de bétula, de frontaria entalhada ou de cores campesinas fortes e puras, que deixam aos invernos e aos verões a tarefa de escurecê-las ou aclará-las, significava um "lugar", um "lugar de descanso" para tomar fôlego, tal como Rainer ansiava, antes de começar a peregrinação, e tal como ele o necessitava, para poder realizar-*se*.

Aqui vivia um povo cuja história fora aflição e miséria, cuja natureza fundamental, contudo, sabia manter unidas a resignação *e* a confiança: assim também Rainer, que sentia em si essa natureza suscetível de aceitar a vicissitude mais violenta. Esta fatalidade chamava-se, para esse povo, "Deus", não um poder que das alturas do trono aliviava suas penas, mas somente uma proteção máxima, a não permitir que o coração fosse atingido por alguma destruição fatal — o Deus russo de Lieskow, que "habita a axila esquerda"[99]. Rainer adotou esse Deus, mas não da história nem da igreja de seu novo ambiente; ele mesclou na história e na teologia russas suas próprias necessidades e devoções, até que um clamor de súplica e de glorificação brotou dele num balbucio que, como nunca antes, se fez palavra, fez-se *oração*.

Não nos deixemos iludir, pensando que nos livros do *Livro das Horas* não esteja, isento de contradições, o único e mesmo Deus que Rainer tomou dos russos: particularmente junto à atitude de piedosa confiança na proteção divina, há repentinamente também *aquela* em que, pelo contrário, o homem parece transformar-se em criador de Deus, em construtor de Deus, que tem que tomar a Deus sob *sua* proteção. Não que a petulância desavenha-se aqui com sua oração: esta é tão grande que todos os sentimentos, desde o estremecimento da humildade até o mais delicado carinho, reúnem-se em torno da mesma piedade, de maneira extremamente íntima, na poesia inauditamente doce:

"— Du bist aus dem Nest gefallen,[100]
bist ein junger Vogel mit gelben Krallen
und grossen Augen und tust mir leid.
(Meine Hand ist Dir viel zu breit.)
Und ich heb mit dem Finger vom Quell einen Tropfen
und lausche, ob Du ihn lechzend langst,

und ich fühle Dein Herz und meines klopfen
und beide aus Angst."*

e junto a isso:

"Wir bauen an Dir mit zitternden Händen[101]
und wir türmen Atom auf Atom.
Aber wer kann Dich vollenden,
Du Dom."**

Em tudo isso não há nenhuma contradição interna; nada limita sua devoção piedosa; nele não há poesia que não convirja para esse círculo piedoso. "Deus" tomou forma em sua poesia com a concorrência de *todos* os sentimentos mais humanos, sentimentos estes que, confiantes e sem temor, deixavam ocorrer em si o Deus mesmo, como sua própria harmonia e ordem incompreensível.

Pois é na *devoção* e na *oração* que repercute tudo aquilo que palpita em nós, até o limite das representações conscientes dos sentimentos: aquilo que se torna recolhimento interior, recolhimento de coração; aquilo que une todos os êxtases (mesmo que provenham de muito longe, como do sexo ou do prestígio) num centro desconhecido. O que está, mesmo para as pessoas "crentes", na base do nome de Deus? O contato do que nós é ainda acessível a partir da consciência, mas que, contudo, escapa de nossas motivações conscientes, não nos aparece mais como "nós"; ainda que *nós* desemboquemos ali e, por isso, agrade-nos sucumbir à tentação de *denominá-lo,* de objetivá-lo, no mais recôndito de nosso ser.

Mas a "oração", como realização da devoção sentida, pressupõe altos graus de necessidade íntima, de íntimo júbilo, de abandono ou

* "... tu caíste do ninho,
és um passarinho de garras amarelas
e olhos grandes, e fazes-me pena.
(A minha mão é larga demais para ti.)
E tiro com o dedo uma gota da fonte,
e fico à escuta se tu a sorves sedento,
e sinto bater o teu coração e o meu,
e ambos de angústia."

** "Vamos te construindo com mãos a tremer
e pomos, em torre, átomo sobre átomo.
Mas quem pode concluir-te,
Catedral?"

(Tradução de Paulo Quintela, in: *Rainer Maria Rilke — Poemas.* Ed. O Oiro do Dia. Lisboa, 1983.)

glorificação. Quando, a essa altura, surge a *poesia*, a produção artística involuntária, grandiosa em expressão, ocorre algo paradoxal no mais profundo, invertendo-se causa e efeito, no sentido de que o secundário, a *formulação*, não mais coincide com a experiência mesma, mas sim faz com que, ao menos por um sinal, transforme-se em um impulso e um objetivo autônomos.

Já no início da elaboração do *Livro das Horas*[102], por ocasião da primeira viagem russa, os sinais disso tornaram-se surpreendentemente evidentes. Na segunda viagem, porém, esse problema interno aflorou completamente, pois foi então que Rainer pôde, sem entraves, entregar-se à impressão "Rússia", durante nossos encontros e andanças. Cheio de dor, ele viria a lamentar, mais tarde, que a profundidade dessas impressões tivesse permanecido sem muitas "orações". Isso provinha justamente do fato de que ele *as rezava*: oração e realização correspondiam ainda a *uma só* realidade, presente na execução. E o feito artístico, que ficava incompleto ou não se produzia, acabava realizando-se como nunca no próprio Rainer, no aspecto extraordinário que sua pessoa oferecia em tais momentos, se bem que cedendo, freqüentemente, à espera e à inquieta busca da *última* expressão, que deveria ratificar e consolidar a expressão *autonomamente*. Ficava ele, então, dilacerado entre a impaciência que corria na direção das impressões como símbolos (que para ele já eram, em si, experiências de presença), entre a nostalgia de adentrar ajoelhado em cada uma delas até completar-se na *formulação* poética, e o impulso contrário de não deixar, por elas, perder-se o que já se estava criando dentro de si. Assim, com freqüência ele permanecia, ao mesmo tempo, como que encantado no lugar de silêncio perscrutante que lhe cabia, e arrastado infatigavelmente, como diante das janelas de um trem expresso, de um lugar a outro, de uma paisagem a outra, sem possibilidade de regresso. Depois de anos, ele ainda falava do irrecuperável, das lacunas da memória que isso provocava, comparando-as, por analogia, ao que sucede com o material da mais recuada infância. Com voz baixa e pausadamente, citava então estes versos:

> "Mach, dass er seine Kindheit wieder weiss[103]
> das Unbewusste und das Wunderbare
> und seiner ahnungsvollen Anfangsjahre
> unendlich dunkelreichen Sagenkreis."*

A isso estava ligado o apelo secreto para "cumprir uma vez mais sua infância", o desejo de que esta pudesse ressurgir, qual uma visão,

* "Faça com que ele saiba de novo sua infância;
o inconsciente e o maravilhoso
e de seus primeiros anos plenos de pressentimentos
o ciclo de legendas infinitamente rico em sombras."

apesar de tudo o que o fazia retroceder, horrorizado, diante de muitas lembranças. Pois acima desse horror, *antes* de qualquer discórdia, a infância mais recuada abarcava sua originária segurança, que se nutria de si mesma. Somente a partir *dela* libertar-se-ia o grande impulso para a obra que ele viria a criar.

"Ich glaube an alles noch nie Gesagte[104].
Ich will meine frömmsten Gefühle befrein.

Was noch keiner zu wollen wagte,
wird mir einmal unwillkürlich sein.
Ist das vermessen, mein Gott, vergib.

Und ist das hoffart, so lass mich hoffärtig sein
für mein Gebet —"*

Em *todo* caso costuma nascer uma rivalidade entre o homem e o artista quanto à questão de como ambos devem dividir suas forças: para Rainer, o objeto de sua arte era o próprio Deus, ou seja, aquilo que exprimia sua atitude diante de seu mais íntimo fundamento de vida, o que há de mais anônimo por trás das fronteiras conscientes do eu. E isso numa época em que a "arte religiosa" não mais fornecia nem prescrevia as imagens válidas, pela drasticidade dos padrões de fé em geral vigentes. Pode-se mesmo dizer desta maneira: a grandeza poética de Rainer, bem como sua tragédia humana, remontavam à circunstância de haver tido que se precipitar numa criação de Deus *sem objeto*. Por mais potente que tenha sido ou possa vir a ser, para o crente, o desejo de produzir, o ímpeto de exprimir-se, isso não altera este outro elemento todopoderoso: a *situação de fato* da abrangência de Deus, que, como tal, seguramente não o necessita. Na verdade, em Rainer, a falta de objeto praticamente não modificou suas atitudes mais íntimas, mas sua tarefa como artista, como criador, não podia deixar de tocar em suas profundezas humanas: onde aquela ameaçava falhar, ameaçava também a estas, cujo objeto coincidia com o da criação.

É aí também o ponto a partir do qual se compreende o "medo" de Rainer como um destino. Não como mero temor de uma natureza deli-

* "Creio em tudo o que nunca foi dito.
Quero libertar meus sentimentos mais piedosos.

O que ninguém ousou querer,
Um dia me será involuntário.
Se isso é atrever-se, meu Deus, perdão.

E se isso é orgulho, então deixa-me ficar orgulhoso
de minha oração..."

cada diante das perdas de objeto no decorrer da vida, mas como o de todas as naturezas artísticas, em conseqüência de uma interrompida força criadora que não se deixa comandar, mas como medo *absoluto* de ser engolido pelo nada, onde também desapareceu aquilo que, não fazendo parte de nós, atua em nós e em tudo. Assim, na realização da tarefa "Deus", tinham que nele se chocar humanidade e poesia: a humanidade como imediatidade viva do ser que recebe; a poesia como ação de autenticar esse ser que dá forma. Assim, tanto no começo quanto depois, Rainer por vezes entendia sua tarefa-de-Deus artística como uma sedução ou tentação que ambiciona as alturas, as quais tinham que arrancá-lo necessariamente da potente força de atração do solo sustentador, embasamento de tudo:

"Weit war ich, wo die Engel sind,[105]
hoch, wo das licht in Nichts zerrinnt —
Gott aber dunkelt tief.

Die Engel sind das letzte Wehn
an seines Wipfels Saum;
dass sie aus seinen Ästen gehn,
ist ihnen wie ein Traum.
Sie glauben dort dem Lichte mehr
als Gottes schwarzer Kraft,
es flüchtete sich Luzifer
in ihre Nachbarschaft.

Er ist der Fürst im Land des Lichts,
und seine Stirne steht
so steil am grossen Glanz des Nichts,
dass er, versengten Angesichts,
nach Finsternissen fleht."*

(Retiro esses versos do *Livro das Horas* especialmente porque ele contém criações precoces e tardias, razão pela qual Rainer os chamava, com prazer, de "os indatáveis", como também chamava o *Malte Laurids Brigge* e as *Elegias*.)

* "Longe eu estava, onde estão os anjos,
alto, onde a luz se dissipa em o nada —
Mas Deus é profunda escuridão.

Os anjos são o derradeiro farfalhar
no extremo dessa frondosidade;
que tenham saído de seus ramos,
é para eles como um sonho.
Crêem ali mais na luz
que na escura pujança de Deus,
e Lúcifer está refugiado
em suas proximidades.

Esta situação do elemento luciferino caracteriza o ponto de partida para a *trajetória do anjo* na poesia de Rainer. Uma grande questão! Se bem que os anjos estejam aqui citados ainda como inocentes, parecendo fazer sinais, além de si, em direção a Deus, ainda assim já reduzem, involuntariamente, sua imediatidade, como uma imensa antecâmara de asas agitando-se diante do Santíssimo. E não fica aí: mais e mais a estada, mesmo no domínio dos anjos, vai dependendo da força de produção, da hora de sua graça. O repousar em Deus é deixado para mais tarde, para depois da audiência com o anjo. E até o final, essa problemática revolve-se com Deus e anjo aparecendo em mútuo intercâmbio.

Pode-se observar essa mudança, que é praticamente visível, em qualquer das linhas do conjunto. Ela fica especialmente clara nos significados que Rainer atribui à palavra "pobreza", que no *Livro das Horas* integra o título da terceira parte. Originariamente, tanto para o homem quanto para o poeta, "pobreza" significava o manter-se livre para o essencial, o não se deter no secundário, uma atitude de riqueza e posse preciosa, que é só o que vale, pois

"Pobreza é um grande brilho a partir do interior".[106]

Já fazia parte disso o empenho de Rainer pela simplificação prática da vida quotidiana, pelo desacostumar-se das pretensões absorventes, das perdas de tempo. Todavia, entre um e outro momento de força produtiva, espreitava, já então, a pergunta se não se estaria sendo improdutivo com uma parte do *próprio ser,* que permanecia entregue ao trivial e à distração. Sente-se ainda, lá em cima, o bater de asas dos anjos, cuja existência é canção de louvor a Deus, mas se está, como o mais pobre, abaixo deles; não mais inquestionavelmente cercado pela presença de Deus, que a tudo rodeia e para quem não há pobre nem rico em dons, mas apenas a meninice do ser mesmo. Pelo que de mais horrível Rainer trouxe à expressão — a descrição da pobreza dos mais pobres, em sua primeira estada em Paris[107] — é *esta* a verdadeira coloração do inferno, mesmo que aí só esteja descrita a miséria puramente material. Pois ainda que, naquele ano, o medo da pobreza material também o acolhesse, esta era para ele, sem dúvida, puro reflexo da pobreza da alma, que o impelia ao desespero. Ela se manifestava até nos detalhes (cartas para mim, logo transpostas para o *Malte Laurids Brigge*), com a grandeza da mais poderosa poesia, porque nela o estigmatizado pela

---

Ele é o príncipe no país da luz,
e a estrela de sua fronte
volta-se tanto para o brilho imenso do nada
que ele, com o rosto crestado,
implora pelas trevas."

pobreza, em um medo sem esperanças, lança um grito em direção a Deus, que não se concebe possa amar tais coisas. Projetado na afluência da pobreza, doença e imundície, Rainer não interpretou, nesse meio, um compadecente, mas seu próprio padecer, que irrompe, cheio de medo, na frase: "Eu gostaria de dizer, em voz alta e freqüentemente, que não sou um deles" (carta). Sua identificação com tudo o que há de fracassado e de rejeitado se lhe apresenta tão absoluta ao sentimento como provavelmente só acontece na impotência de criar do criador, isto é, com a força de um ato de criação. Quando eu, dominada por essas descrições, escrevi para Worpswede, dizendo-lhe como elas desmentiam sua impotência, ele respondeu que, a ser assim, tinha aprendido "a fazer as coisas por medo", por medo de morte[107].

A partir desse ponto, compreende-se o quanto de redenção significou para Rainer seu encontro com Rodin[108], que, como artista, deu-lhe de presente a realidade como ela é, sem que o sujeito a falsifique com seus sentimentos. Rodin, com seu próprio exemplo, ensinou-lhe unificar a fertilidade da criação e da vida, e seu único mandamento e lei, "*toujours travailler*", permitiu-lhe "fazer coisas", não por medo, para esconder-se por detrás delas, mas sim com os olhos bem abertos diante do *modelé*[109] em questão. Enquanto Rainer aprendia a estar ativo, entregue às coisas e fazendo abstração de seus estados sentimentais do momento, sua vida quotidiana, pacientemente ocupada pelo ofício, pelo trabalho técnico, acabou por submeter-se ao comando exclusivo da arte. Há muito tempo que sua nostalgia, cheia de apreensões, caminhava para esse objetivo: já no círculo de pintores de Worpswede, graças a Clara Westhoff, a aluna de Rodin, que, ainda antes de tornar-se a mulher de Rainer, possibilitou a este conhecê-lo pessoalmente. Em Paris, o medo de Rainer elevou-se, sem dúvida, uma vez mais ao extremo, até que, por fim, sobreveio a realização: poder instalar-se totalmente com Rodin, pertencer-lhe por completo, apenas aparentemente seu secretário particular, em realidade um amigo para o amigo, em um tomar e dar-se ilimitados. A rigor Rodin apresentou-lhe o mundo dos objetos.

E não apenas o mundo dos objetos, também a arte de produzir o fantástico, o horrível, o repulsivo, infernal em todas as suas desfigurações. Diante daquilo que sua doentia supersensibilidade antes se abatia no medo, Rainer, mesmo sem se livrar dele, ganhou a distância artística necessária, contendo seus estados de ânimo e obtendo espaço para uma liberação igual àquela que permite uma criação sem medo. Como pôde aprender também isto, pela mão e disciplina de Rodin? Porque, como não se pode deixar de considerar, o distanciamento fundamental, diante do objeto realmente contemplado, significava, para Rainer, um pedaço enorme da natureza espiritual, que devia referir-se somente ao objeto em questão, e não a ele. O sentimento contido, aparentemente imperceptível, teria podido talvez *vingar-se* mil vezes, por distorções

depreciantes, desaguando nelas negativamente seu antigo e costumeiro excesso: desde o momento em que pôde fazê-lo artisticamente, conquistou um novo território de prazer. Um estado de prazer que desde o primeiro bom resultado, nas configurações e exageros da miséria de Paris, indizivelmente interessantes a este respeito, permaneceu ainda semi-inconsciente. (Não se negue, contudo, que este subsídio de liberdade de figuração o aproximou ainda mais de um ponto perigoso: incluir-se, nas horas de decepção e autodepreciação, em tal "vingança do objeto".) Numa carta posterior (1914)[110], Rainer chama de artista aquele que não está constrito a "dissolver *em si* aquilo que não se domina, mas sim que *aí* (está) *para* consumi-lo no inventado e no sentido, em coisas, animais — por que não? — e, se necessário, em monstros". Acrescente-se: também na própria "monstruosidade".

Sente-se de imediato quão contrariamente a disposição primitiva de Rainer, pois somente ela criou seu símbolo de Deus, seguiu oposta a Rodin, não obstante todo o apego.

É quase indiscutível que a relação pessoal entre eles não poderia mesmo ser durável, se bem que o afastamento parece ter sido motivado por um mal-entendido pequeno e casual. Para Rodin, sua excelente saúde e virilidade resolvia o problema de como viver primeiramente para o objetivo artístico e, ao mesmo tempo, descansado e despreocupadamente alegre, fatores estes que, conjugados, redundavam em proveito da arte. Alcançar a postura de Rodin pressupunha, para Rainer, que sua ação criadora fosse uma entrega passiva, um olhar absolutamente voltado para o mestre condutor; e a imensa transformação do excesso de sentimentos em frieza disciplinada adveio-lhe exatamente a partir dessa salutar contradição.

Isto foi tão longe que chegou inclusive a exercer influência nas formações poéticas de seu símbolo de Deus, no *Livro das Horas*. A continuação da obra em Viareggio[111], no Mar Mediterrâneo, para onde havia fugido dos horrores de Paris, mostra os vestígios desta tentativa de transformação. A escura força telúrica de Deus, que esconde o embrião e o protege, eleva-se em ímpeto gigantesco de montanha, onde o homem é encerrado, sufocando-se entre os veios de minério — quase uma repetição do velho sonho febril da infância de Rainer[112], em que o esmagava uma espantosa força pétrea. Contudo o apelo, apelo para Deus:

> "Bist du es aber: mach dich schwer, brich ein:
> dass deine ganze Hand am mir geschehe
> und ich an dir mit meinem ganzen Schrein."*

* "Mas se és *tu*: faz-te pesado, irrompe:
que toda tua mão caia sobre mim
e eu sobre ti, com todo meu clamor."

A face de Deus ganha severidade como a do anjo, como a do mestre, cuja exigência é a *obra realizada.* E a imagem continua se transformando: o ímpeto de montanha, no medo e esforço da criatura, expulsa de si o *fruto,* como uma criança nas dores de parto. Com isso está sancionada a dor ou a morte, na medida em que também resulta disso, ou, pelo menos, afastada a banalidade casual. Cumpre-se a súplica, já antiga, de Rainer:

"Senhor, dá a cada um sua própria morte".

A *morte* torna-se fruto criador, torna-se a verdadeira missão. Mas isso, sem querer, vai-lhe corporificando o sentido de arte: dispêndio da vida na *obra de arte.*

Em conseqüência dessa sujeição à própria obra, Rainer foi perseguido por crescentes temores de morte, especialmente nas horas ou períodos de produtividade hesitante, temores de um fim banal por uma causa de morte qualquer. A "própria" morte, como ele a ansiava, tinha uma espécie de acento de consolo tão-somente pela circunstância de que se está dentro dela como si mesmo. Preso ao "rendimento", Rainer não encontrava, malgrado seus esforços, o ponto de vista que mostra a morte e a vida abraçados uma à outra, e era precisamente isso que correspondia à sua essência fundamental, ou seja, dar de si aquela "total pobreza", que se abandona completamente, que se entrega por inteiro, porque é rica em seu estar incluída em tudo.

Em contrapartida, por influência de Rodin, Rainer adquiriu, dentro de sua arte, uma imperecível perfeição artesanal. Quem conhecesse os *Novos Poemas,* que deixam muito atrás o *Livro das Imagens,* para não se falar na lírica prematura, notava isso imediatamente. Mas não apenas sua lírica alcançou maestria técnica pela eliminação do supersensível e dos estados de ânimo: a grande obra em prosa de Rainer, o *Malte Laurids Brigge,* deve indiretamente seu nascimento à época de Rodin. Pois, ainda que ela seja sempre considerada como um de seus desabafos mais subjetivos, não há razões para isso. Ali, diante de seu objeto, que era ele mesmo, Rainer alcança uma tal atitude objetiva como nunca antes lhe fora possível. *Malte* não é um retrato, mas a utilização de um auto-retrato precisamente com a finalidade de distinguir-se dele. Mesmo quando nessa obra ele utiliza diretamente algo de biográfico (só na infância de Malte isso *não* acontece), é para aprender a manter-se apartado do próprio declínio de Malte. Numa carta de 1911, escrita no castelo de Duíno[113] (já referida por mim no livro sobre R. M. Rilke), encontra-se esta passagem:

"Talvez devesse ter escrito este livro como quem incendeia uma mina; talvez devesse ter saltado para longe dele no momento de acabá-lo. Mas para isso estou ainda demasiadamente apegado à propriedade e não posso assumir uma pobreza extrema, por mais que essa seja provavelmente minha tarefa decisiva. Tive a ambição de investir todo meu

capital numa causa perdida, mas por outro lado seus valores só podiam tornar-se visíveis nesta perda, e, por isso, lembro que durante muito tempo o *Malte Laurids* não me pareceu tanto um naufrágio, mas muito mais uma ascensão, particularmente sombria, a um lugar descuidado e recuado do céu."

Não se pode imaginar, sem emoção, com que coragem de professada objetividade Rainer trabalhou nele, como se conclamasse seu transbordamento lírico a cortar as asas e manter-se em terra. É exatamente por isso que, quando se permite descrever, experimenta uma alegria pura, uma alegria nova (conforme me contou em Paris, com uma satisfação quase infantil, enquanto ainda trabalhava nele). Como se o próprio autor, diante de *Malte,* contivesse um pouco do "Deus-que-não-retribui-o-amor"[114] desse livro, porém apenas na medida em que, com isso, chegasse a conhecer melhor a Deus e, utilizando uma imagem drástico-piedosa, suas intenções secretas para conosco. Não se trata, então, de ser amado, mas de abandonar-se absolutamente; a volta do filho pródigo mostra ser o mal-entendido de uma religiosidade que procura o seu, ao invés de abstrair-se de si e, com o olhar nas alturas, participar involuntariamente de toda abundância. Com isso os mais pobres estão aí novamente como os mais ricos, e os desvalidos como benditos e santos.

Por causa disso, antes da erupção tardia das *Elegias* e dos *Cantos de Orfeu,* nada estimulou mais forte e produtivamente Rainer do que a descrição de tais *pobres-riquíssimos*: destinos mais eminentes do que podem sê-lo as obras de arte; destinos amorosos de mulheres, por exemplo, que, por mais tragicamente que tenham sido feridos, levaram, contudo, ao esquecimento último de si, que é a verdadeira posse de si. Na *Primeira Elegia,* ele as nomeia: "Aquelas, tu quase as invejas, abandonadas, que te pareceram mais amantes que as saciadas". (Além disso, os *Sonetos do Português,* os *24 Sonetos de Louise Labé,* as *Cartas da Freira,* etc.)[115]

Nos anos de elaboração das *Elegias,* quando Rainer fazia-me chegar às mãos pequenos fragmentos delas, igualmente foram adquirindo forma, para ele, palavras que exaltavam, junto aos amantes, os homens de ação, e com maior entusiasmo do que o cantor, o criador da arte. Assim, da *Sexta Elegia* em gestação, a quadra intitulada *Fragmento*:[116]

> "Wie hinstürmte der Held durch Aufenthalte der Liebe,
> jeder hob ihn hinaus, jeder ihn meinende Herzschlag, —
> abgewendet, schon schon, stand er am Ende der Lächeln: anders."*

* "Pois ao perpassar a galope o herói pelas estações do amor,
cada coração por ele palpitante o levantava ao alto,
enquanto ele, já de face voltada, se erguia nos confins dos sorrisos — já outro."
(Tradução de Paulo Quintela, *op. cit.*)

Da época em que Rainer, após a conclusão do *Malte*, tomou a decisão de nada mais escrever, de trasladar, em certa medida, a obra para a realidade de uma atitude vital, recordo-me quase literalmente de uma conversa entre nós, numa tarde de verão, em nosso jardim[117]. A conversa girou em torno da freqüência com que esse tipo de amante retira das ilusões o poder de seu amor, e da força criativa, que aparece tanto mais poderosa e frutífera quanto menos legitimada está pelo seu objeto. Então, irrompeu de Rainer como um desespero: sim, criar e poder criar como irrupção do criador *em um mesmo*, e, como tais amantes fazem, dar provas da obra máxima da humanidade! Mas o que o artista cria é, sem dúvida, uma indicação de algo que está além de objetos pessoais e é exatamente daí que ele retira impulso criativo. Em cada minuto em que esse impulso o deixe num impasse, como fará ele, ele mesmo, para escapar disso! Porque, *o que aí está* passa a ignorá-lo e tampouco necessita dele; apenas ele necessita disso, para saber completamente de si.

Sobre a essência de tal desespero evidenciava-se, com um arrepio de certeza, até que grau, o mais profundo, o mais genuíno do homem Rainer o empurrava, mesmo diante do êxito mais perfeito, para além da obra de arte, por sobre a palavra do poeta, até a vivência, até a *revelação da vida*, e a experimentar apenas esta como lugar de repouso, como paz. Até a próxima hora de criação, tudo para ele dependia disso. Por isso seu júbilo diante da afloração espontânea das *Elegias*: "elas existem, elas existem!"[118] E não só como obra, mas como a própria existência inconcebível, na qual o trabalho, que ele criava, e a substancialidade, que o envolvia pleno de graça, eram agora uma só coisa. O rosto involuntariamente severo do *anjo*, que de cima olhava-o desafiante, transformava-se novamente no Deus sem face, em que o homem ingressa como na face de toda vida. Dentro do instante produtivo, ambas as coisas são o mesmo, a mesma realidade inseparável. O que projetava seu grito até o anjo, a quem não incumbe escutar e que não pode senão nos subjugar, com sua magnificência e espanto, transforma-se ao mesmo tempo no repousar em Deus, cuja existência está fundada na impossibilidade de *não escutar*.[119]

Desde a juventude, o que tornava extremamente difícil a Rainer esperar, confiante, o retorno das horas produtivas, era sua saúde frágil: a circunstância de que seu corpo não apenas se consumia em tal espera, mas também respondia histericamente. Ou seja, nele ativava-se não a hesitante disposição artística à ação, mas toda sorte de hipersensibilidades corporais e agitações, causando-lhe dores, até mesmo ataques, afetando todo seu corpo. A isso Rainer chamava, algumas vezes brincando, mas em geral com desesperada aflição, de sua "produtividade no lugar errado", ou, ao seu corpo de um "macaco do espírito"[120]. E a partir daí esses problemas se lhe penetravam até o interior mesmo do

Da época em que Rainer, após a conclusão do *Malte,* tomou a decisão de nada mais escrever, de trasladar, em certa medida, a obra para a realidade de uma atitude vital, recordo-me quase literalmente de uma conversa entre nós, numa tarde de verão, em nosso jardim[117]. A conversa girou em torno da freqüência com que esse tipo de amante retira das ilusões o poder de seu amor, e da força criativa, que aparece tanto mais poderosa e frutífera quanto menos legitimada está pelo seu objeto. Então, irrompeu de Rainer como um desespero: sim, criar e poder criar como irrupção do criador *em um mesmo,* e, como tais amantes fazem, dar provas da obra máxima da humanidade! Mas o que o artista cria é, sem dúvida, uma indicação de algo que está além de objetos pessoais e é exatamente daí que ele retira impulso criativo. Em cada minuto em que esse impulso o deixe num impasse, como fará ele, ele mesmo, para escapar disso! Porque, *o que aí está* passa a ignorá-lo e tampouco necessita dele; apenas ele necessita disso, para saber completamente de si.

Sobre a essência de tal desespero evidenciava-se, com um arrepio de certeza, até que grau, o mais profundo, o mais genuíno do homem Rainer o empurrava, mesmo diante do êxito mais perfeito, para além da obra de arte, por sobre a palavra do poeta, até a vivência, até a *revelação da vida,* e a experimentar apenas esta como lugar de repouso, como paz. Até a próxima hora de criação, tudo para ele dependia disso. Por isso seu júbilo diante da afloração espontânea das *Elegias*: "elas existem, elas existem!"[118] E não só como obra, mas como a própria existência inconcebível, na qual o trabalho, que ele criava, e a substancialidade, que o envolvia pleno de graça, eram agora uma só coisa. O rosto involuntariamente severo do *anjo,* que de cima olhava-o desafiante, transformava-se novamente no Deus sem face, em que o homem ingressa como na face de toda vida. Dentro do instante produtivo, ambas as coisas são o mesmo, a mesma realidade inseparável. O que projetava seu grito até o anjo, a quem não incumbe escutar e que não pode senão nos subjugar, com sua magnificência e espanto, transforma-se ao mesmo tempo no repousar em Deus, cuja existência está fundada na impossibilidade de *não escutar.*[119]

Desde a juventude, o que tornava extremamente difícil a Rainer esperar, confiante, o retorno das horas produtivas, era sua saúde frágil: a circunstância de que seu corpo não apenas se consumia em tal espera, mas também respondia histericamente. Ou seja, nele ativava-se não a hesitante disposição artística à ação, mas toda sorte de hipersensibilidades corporais e agitações, causando-lhe dores, até mesmo ataques, afetando todo seu corpo. A isso Rainer chamava, algumas vezes brincando, mas em geral com desesperada aflição, de sua "produtividade no lugar errado", ou, ao seu corpo de um "macaco do espírito"[120]. E a partir daí esses problemas se lhe penetravam até o interior mesmo do

complexo de relações puramente anímicas. Assim ocorria quando ele se entregava a arrebatamentos irrefreáveis, que o faziam esquecer que se dava ardentemente à sua vida *real*, e que, enquanto duravam, ou em seguida, eram por ele interpretados como "macaquices". Mas os momentos mais dolorosos eram aqueles em que o destino oferecia-lhe verdadeiros presentes, quando o cercavam a boa disposição, a bondade, a veneração e a amizade, as quais, em beleza e grandeza, foram-lhe pródigas até o final. Era então quando mais amargamente se queixava de que ele, o verdadeiro Rainer, se inclinasse a desejá-las e a aceitá-las puramente como anestesia, como distração, como um tipo de auto-engano para gozo e consumo, ao invés de participar delas venturosamente com seu mais próprio ser produtivo.

Aqui também deve-se levar em conta, a meu ver, as ocupações ocasionais de Rainer com as coisas do oculto e do mediúnico[121], as significações extra-sensoriais dos sonhos e a influência dos mortos, que logo ele elevava, em certa medida, a imagem de uma plenitude de existência e saber, com a qual sua inútil nostalgia ambicionava identificá-lo. Nos bons tempos pensava nessas coisas com brusco repúdio, até mesmo com raiva.

O que mais me abalava é que, mesmo quando se tornou guia e amigo de discípulos literalmente mais jovens que ele, vislumbrava-se um rastro dessa imitação de si mesmo, que o atormentava. Ele não *parecia* então ser apenas guia e auxílio, ele o *era*, mas nessa postura percebia irremediavelmente, ao mesmo tempo, uma projeção do que inutilmente ansiava em si mesmo. Tal tormento de nostalgia dava origem a essa insistência, assim como sua velha idéia de preferir trabalhar como "médico de aldeia", entre doentes e pobres, tinha como tônica o desejo de concretizar, com seus atos de salvador, *sua própria* cura, para antecipá-la, para acreditar nela.

Este exato posicionamento entre a graça da criação, compreendida como santa, e a compulsão imitadora, "macaqueadora", de projetá-la como existente, expressa, com bastante rigor, a tragédia de Rainer. Não se deve confundi-la numa comparação inofensiva com aquilo que leva homens de grande seriedade ética ou honestos anseios de progresso moral a entregarem-se, em momentos de fraqueza, a uma aparência que facilita as coisas e que posteriormente eles mesmos censuram; nestes remanesce na mesma linha essencial de deterioração ou aperfeiçoamento do inventário anímico. Em Rainer, alguma coisa de tão desapiedado contém-se em sua seriedade, que ultrapassa até mesmo o plano do ético — a menos que os mandamentos e proibições deste extrapolem uma doutrina da predestinação. Pois o verdadeiramente terrível na inexorabilidade da sina de Rainer era que ela não possibilitava uma vez sequer a pender para o *arrependimento*. Aquilo que o alçava mais alto em sua produção, ou o recebia, protetor, em suas mais caladas profundi-

dades, não era menos grave e fatal do que aquilo que o dispersava na falsa atividade ou num nada de passiva apatia. Em razão dessa circunstância ele buscou, desde cedo, uma vã salvação, supondo que ele era como era, predeterminado "antes de nascer", cunhado desde sempre com todos os defeitos que, apesar de seu violento desgosto, voltavam amiúde a perturbá-lo sem contemplações. De modo muito específico, isso tinha relação com sua mãe. As palavras mais violentas para esse tormento de quase toda sua vida ele as pôs numa carta de 15 de abril de 1904, depois de um de seus encontros com ela, que aconteciam em intervalos cada vez maiores. No meio da carta a mim dirigida, ele escreve:

"Minha mãe veio a Roma e ainda está aqui. Vejo-a raramente, mas, você sabe, cada encontro com ela é uma espécie de recaída. Quando tenho que ver essa mulher, perdida, irreal, que não tem relação com nada, que não pode envelhecer, percebo como, desde criança, tenho lutado para me afastar dela, e intimamente receio que, com todos estes anos de idas e vindas, não consegui estar suficientemente liberto, que ainda guardo internamente movimentos que são a outra metade de seus gestos estiolados, pedaços de recordações que, destroçados, ela traz consigo; causa-me horror, então, sua religiosidade dispersa, sua fé teimosa, todas essas deformações e deturpações a que se tem apegado, vazia ela mesma como uma veste, fantasmagórica e espantosa. E dizer, contudo, que eu seja seu filho; e que nesta parede deslavada, que a nada pertence, uma porta falsa, quase indistinta, tenha sido minha entrada no mundo (se é que tal entrada possa verdadeiramente conduzir ao mundo...)!"

Por extremamente pessoal que isso esteja colocado aí, não deve ser entendido, entretanto, como *absolutamente* pessoal, pois é exatamente a violência do exagero que traz para fora o sentido do juízo, a saber: deslocar para o suprapessoal, para o quase mítico, aquilo que Rainer desejava expulsar de si mesmo. Depois de nos termos reunido os três em Paris, vários anos mais tarde, ainda o desconcertava que sua mãe não tivesse causado aversão à primeira vista, que a mim ela simplesmente me parecesse por demais sentimental. Sua repulsa chegava ao desespero, pela obsessão de ver-se refletido na mãe, em irônica desfiguração sua devoção, em superstição e beatice, seu ânimo produtivo, em sentimentalismo vão; toda a revolta contra o modo de ser da mãe retrata apenas fragilmente o que Rainer, com horror mortal, protesta contra si mesmo, quando sua verdade máxima, sua maior bênção, como um fantasmagórico lençol, faz como se ela fosse ele — eterno seio maternal do nada.

Quando imagino pessoas com os poemas de Rainer diante de si — não, portanto, pessoas apenas indiferentemente paradas ante eles, como diante de quadros nas paredes de um museu — estremece-me o pensamento de que *aquilo* que ali está fez efeito, efeito de *alegria* que com-

partilha e recria. O pensamento de que também os que compartilham a experiência não podem deixar de exaltar uma vida cujas aflições e lutas resultaram, por fim, neste esplendor, nisto que para *eles* adquiriu vida magnífica. Sim, e pode-se afirmar ainda *mais* neles o próprio artista converte-se num ser generoso que glorifica as vicissitudes por que passou; nada é mais certo do que o fato de Rainer, no festival das Elegias, ter realizado a solene afirmação de seus desesperos. No mistério da concepção não há um "não" diante do nexo entre o horrível e o belo[122]. O que ali, impenetrável, passa-se, responde ao chamamento da voz que já se havia feito ouvir no *Livro das Horas*:

"Deixa tudo te acontecer: beleza e horror".

Quem viu isso acontecer retém fundo no sangue a compreensão da inelutável solidão última de Rainer; ainda no cimo da montanha, ela, por um instante, cuidadosamente lhe cobriu os olhos com a mão, escondendo o abismo no qual ele se precipitaria. Quem viu isso acontecer, tinha que deixar acontecer. Impotente e respeitosamente.

Gustav v. Salomé e sua filha Louise

BIBLIOTECA FUNESC

Louise v. Salomé

Hendrik Gillot

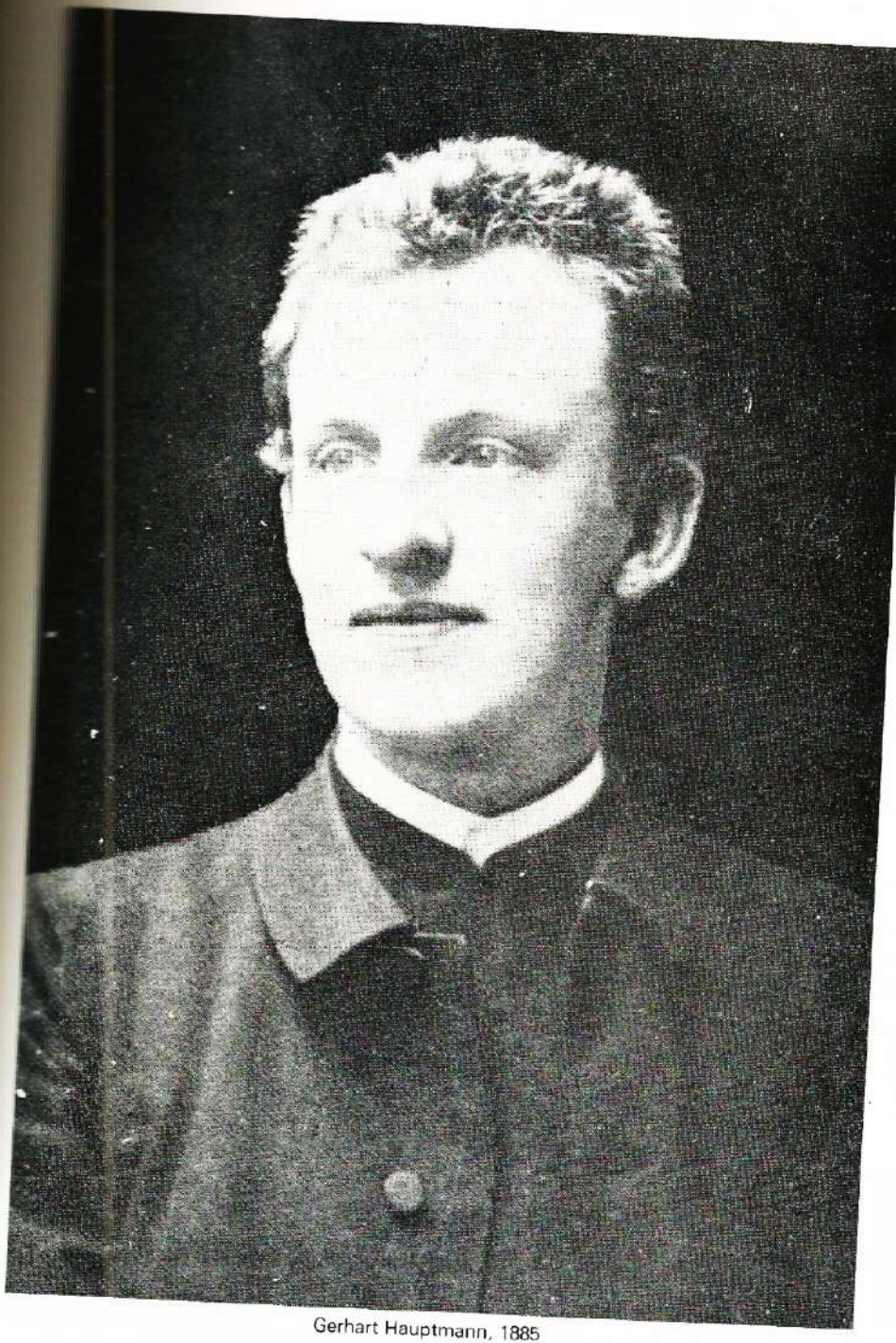
Lou v. Salomé, 1881

Lou v. Salomé, Paul Rée e Friedrich Nietzsche, 1882

Lou v. Salomé, 1882

F. C. Andreas e Lou v. Salomé (Verlobungsbil), 1886

Friedrich Carl Andreas, 1890



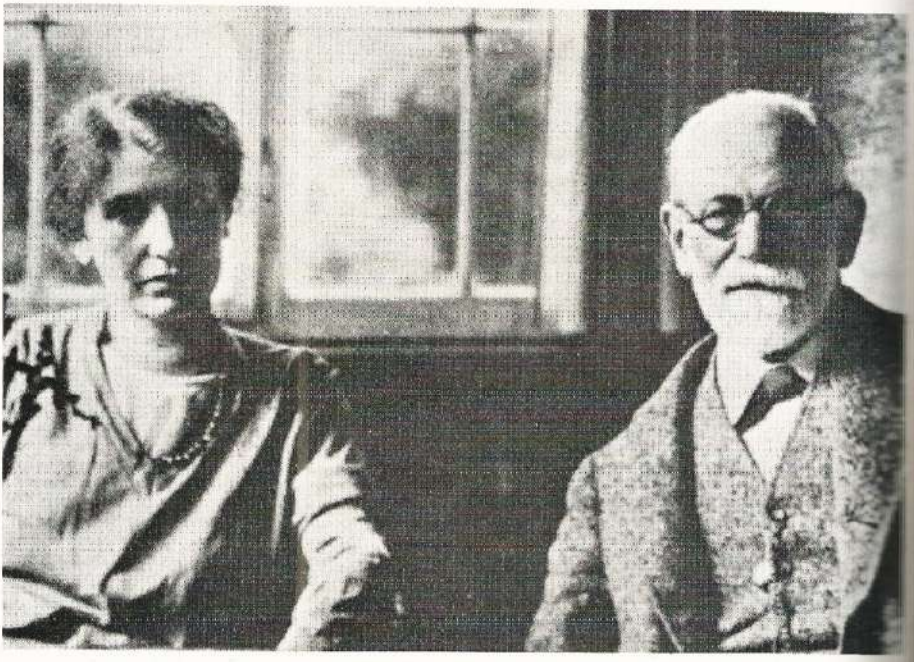
Gerhart Hauptmann, 1885

Georg Ledebour, 1890

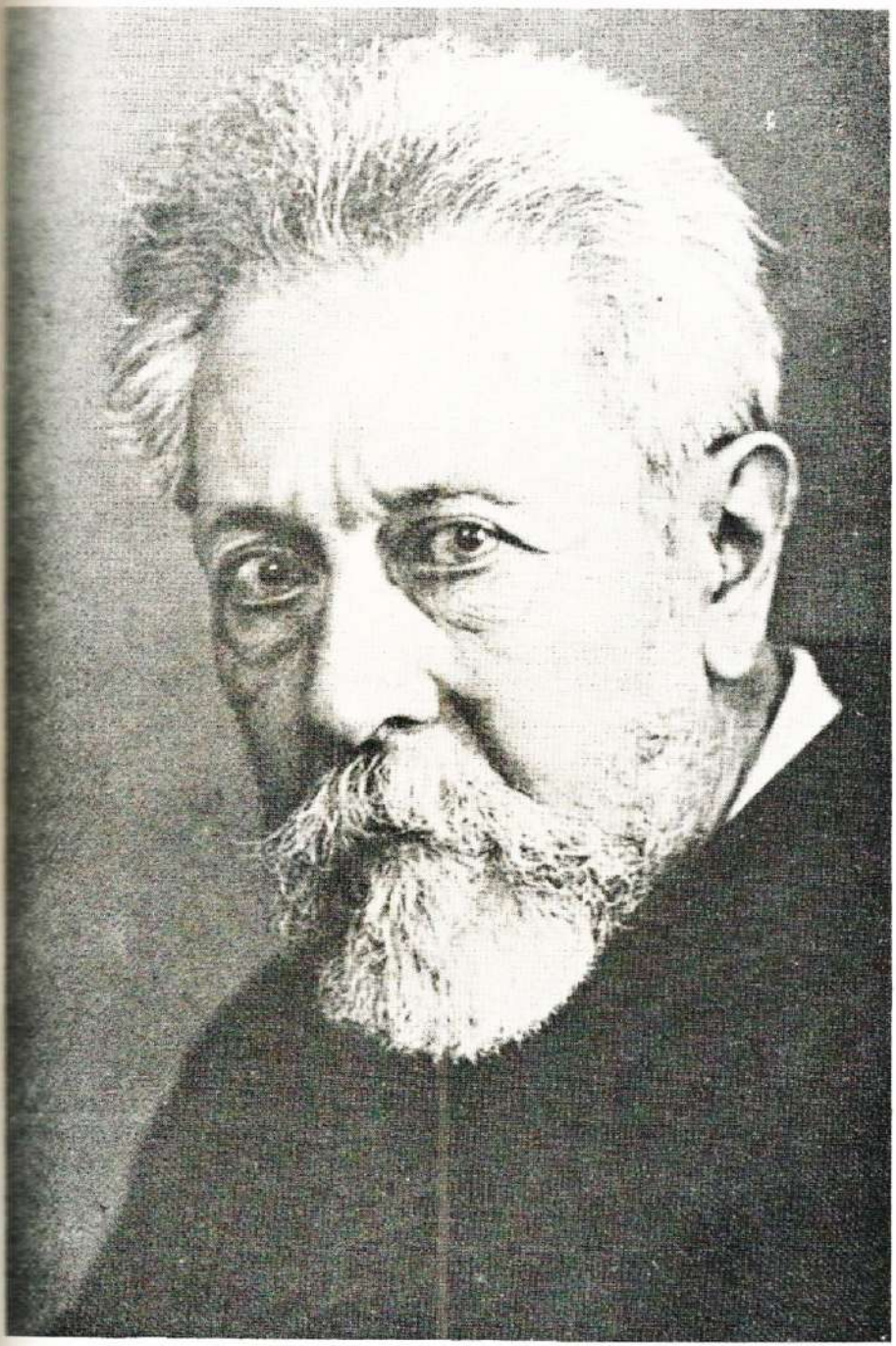
Lou Andreas-Salomé, 1897

No Jardim, em 1897

Rilke e Drozin, 1900



Sigmund Freud e sua filha Anna Freud



Friedrich Carl Andreas, 1925

[Apêndice, 1934]

ABRIL,

nosso mês, Rainer, o mês anterior àquele que nos reuniu. Quantas vezes me faz pensar em ti, e não por acaso; porque ele contém todas as quatro estações, abril, com suas horas de atmosfera nívea, quase hibernal, junto a outras de radiação ardente e junto a tempestades quase outonais, que cobrem o chão úmido, não de folhas desbotadas, mas de inúmeros rebentos, e nesse chão não se pressente, a qualquer hora, a primavera, mesmo antes de vê-la? É disso tudo que provém aquele silêncio e naturalidade que nos uniu um ao outro, como alguma coisa que tivesse existido sempre.

Se fui durante anos tua mulher, assim o foi porque tu foste para mim *pela primera vez o real,* corpo e homem uno, indiscernível, fato indubitável da vida mesma. Palavra por palavra eu tinha podido confessar-te o que me disseste como confissão de amor: "Somente tu és real". Foi assim que nos tornamos esposos ainda antes de nos tornarmos amigos, e tornamo-nos amigos mais por bodas igualmente subterrâneas do que pela escolha. Em nós não havia duas metades que se buscavam: nossa totalidade reconheceu-se, surpresa, fremente, em uma incrível totalidade. E assim fomos irmãos, mas como de tempos remotos, antes de o incesto tornar-se sacrilégio.

Nossa solidariedade pronta e disposta — para empregar tua expressão — para a luz e a escuridão de todas as estações teve que sofrer a prova das circunstâncias invariavelmente imperantes na vida, que por pouco não proíbem até mesmo a expressão poética. Mas tínhamos o di-

reito de destruir, como o fizemos, aquilo que na época tomou forma poética? Diante de tua obra posterior possuía tanto os traços, o semblante de tua pura humanidade, *apenas* humanidade, embora não definitivamente sancionada pela tua arte de poeta consumado, que bem te pareceria ter valor artístico suficiente para ser conservado. Mas em meses muito posteriores, na "Waldfrieden" de Schmargendorf, quando tu, num curtíssimo momento de embriaguez, escreveste o *Corneta*[123], veio-te à mente semelhança com estrofes antigas, que já nos era mais possível comparar, mas que talvez pudessem ter prescindido da mestria técnica sobre a espontaneidade viva.

Naquela época ocorria algo de estranho comigo, na medida em que não conseguia compreender teus primeiros poemas, apesar da musicalidade (daí tua frase consoladora: tu acabarias exprimindo-te de modo tão simples que eu chegaria a entender-te). Houve apenas uma única exceção — mesmo entre os poemas a mim dedicados — e refere-se à *folha* que deixaste em meu quarto[124]. E aí estava de novo uma ocasião em que teria podido dizer-te o mesmo, embora sem verso e ritmo. Afinal, não murmura em nós dois *juntos* o inconcebível, que, experimentado até no fundamento da raiz da corporalidade, "levávamos em nosso sangue", mesmo nos momentos mais diminutos, mais consagrados de nossa existência?

Por minha intercessão, e por isso, esse poema encontrou lugar, anos mais tarde, no *Livro das Horas*:

Lösch mir die Augen aus: ich kann Dich sehn
Wirf mir die Ohren zu: ich kann Dich hören
Und ohne Fuss noch kann ich zu Dir gehn
Und ohne Mund noch kann ich Dich beschwören.
Brich mir die Arme ab: ich fasse Dich
Mit meinem Herzen wie mit einer Hand
Reiss mir das Herz aus: und mein Hirn wird schlagen
und wirfst Du mir auch in das Hirn den Brand
So will ich Dich auf meinem Blute tragen*

* Apaga-me os olhos: inda posso ver-te,
tranca-me os ouvidos: inda posso ouvir-te,
e sem pés posso ainda ir para ti,
e sem boca posso ainda invocar-te.
Quebra-me os braços, e posso apertar-te
com o coração como com a mão,
tapa-me o coração, e o cérebro baterá
e se me deitares fogo ao cérebro
hei-de continuar a trazer-te no sangue.

(Tradução de Paulo Quintela, *op. cit.*) (Veja nota nº 124.)

Afligia-me o fato de não conseguir simpatizar de modo suficientemente pleno com o arrebatamento de tua lírica, na maior parte de tuas manifestações. E quando tive que fazer uma breve viagem de Wolfratshausen para Hallein, a fim de cumprir compromisso anteriormente marcado, chegou mesmo a desagradar-me a exaltação das cartas que me enviaste diariamente, com o selo azul pálido. Mas a casualidade de uma brincadeira transformou meu desagrado na alegria da recordação. Tua intenção era lembrar nosso pequeno quartinho do rés-do-chão, onde tu, para impedir olhares não autorizados da rua, costumavas fechar a veneziana da janela de tal modo que só conseguíamos um pouco de luz do dia através do vão da madeira recortado em forma de estrela. Quando me trouxeram esse bilhete-lírico, profundamente enegrecido de tintas ao redor, sem escrita, eloqüente apenas porque encimado por uma estrelinha deixada em branco, entusiasmada, precipitei-me então sobre a suposta estrela vespertina no escuro firmamento, reverente e encantada diante de um "René Maria" tão autêntico!

Mas apesar de todo o aspecto divertido, esse fato não deixava de evidenciar um mal-entendido. Quando, em meu retorno, contei o ocorrido, refletimos sobre isso. Pensávamos em *nossas* estrelas, que, nem poéticas nem prosaicas, miravam-nos do alto ou erguiam-se diante de nós, e cuja realidade, alegremente serena ou impressionantemente séria, não teria podido satisfazer-se com nenhuma expressão.

À época nos ocupávamos bastante com os mais negros traços de tinta; só paulatinamente fomos deixando o hábito, durante aquele verão. De tudo o que, na época, foi destruído parcial ou completamente, restou, ao longo das décadas, este fragmento, em meio aos amarelecidos papéis de Wolfratshausen:

Dann brachte mir Dein Brief den sanften Segen,
ich wusste, dass es keine Ferne gibt:
Aus allem Schönen gehst Du mir entgegen,
mein Frühlingswind Du, Du mein Sommerregen,
Du meine Juninacht mit tausend Wegen,
auf denen kein Geweihter schritt vor mir:
ich bin in Dir!*

Os anos seguintes tu os chamaste, com razão, de "nossa estada na Rússia", já que ainda não tínhamos posto os pés lá. E, num olhar retros-

* Então tua carta me trouxe a suave bênção,
e me convenci de que não há distância:
De toda a beleza me vens ao encontro,
tu, minha primaveril aragem, tu, minha chuva de verão,
tu, minha noite de junho e seus mil caminhos
que nenhum devoto percorreu antes de mim:
estou em ti!

pectivo, é precisamente essa circunstância que me parece encantadora. Pois somente ela permitiu que nos aprofundássemos a respeito de tudo o que a Rússia significava para nós, inclusive nos estudos bastante exatos e nos pacientes preparativos, em que pairava a esperança, ainda não determinável no tempo, de fazer de tudo uma idéia pessoal. Era como se, de verdade, já estivéssemos segurando tudo com as mãos; algo disso já impregnava fortemente tua poesia, embora fosse ainda apenas qualquer coisa meio irresponsável, para receber sob o céu russo, como um presente, a ansiada transmutação em símbolo, para transformar-se em símbolo corporal daquilo que em ti clamava pela liberação da exuberância interior... O clamor por "Deus" (para exprimi-lo com o mais curto de todos os nomes), como pelo lugar, o espaço-imagem onde o incomensurável está presente ainda nas coisas mais mínimas e onde a aflição do poeta torna-se expressão em hino, em oração.

No princípio, a vivência na Rússia necessitava apenas de uma forma de expressão: descarregava-se nas próprias impressões, e isso voltou a ocorrer outras vezes também, mais tarde. De tais casos resultou uma espécie de mitos vividos, muitas vezes em razão de acontecimentos em nada extraordinários. Não teríamos podido explicar a ninguém o que nisso havia de comum para nós. Por exemplo, a significação que tinha aquele prado junto à aldeia Krestá-Bogoródskoje[125], à luz do crepúsculo; ou o cavalo solto de seu tropel noturno[126], que levava na pata, como castigo, um cepo de madeira; ou o espaço nos fundos do Kremlin[127], onde estivemos sentados em meio à linguagem dos mais poderosos sinos, ainda que eles falassem mudos, eles que, na Rússia, permanecem imóveis, quando o badalo vibra em seu interior.

Os instantes a dois, dessa forma captados, intensificam não raro uma sensação, como se do exterior um acontecimento avançasse até a alma, como carregado objetivamente daquilo de ordinário que só se recebe, extraindo-o de si mesmo. Isso proporcionava às respectivas impressões uma confiança e uma confirmação sem precedentes. E não havia qualquer prejuízo no fato de que, para mim, por trás das impressões recebidas, houvesse algo diferente que em teu caso: a simples alegria do reencontro, que completava, enchendo-me de felicidade, aquilo que minha prematura mudança para o estrangeiro não me havia deixado na pátria russa. Em ti, a irrupção criadora, a mudança que se operava em teu ser de poeta, compreendia, de certo modo, também algo de muito precoce, profundamente esperado, da totalidade de teu ser, algo de que só te desviaste mais tarde, ao despojar-te de teu objeto original.

Muitos anos depois, em situações completamente opostas, quando a produção interrompia-se e deixava-te na dúvida e no temor, falavas algumas vezes de teu empenho em atribuir a qualquer coisa ou panorama algo de "mítico", algo de "místico", o que parecia uma tentativa de anestesiar-te para escapar à dor ou aos receios. E então pensavas na-

queles acontecimentos vividos em comum como milagres perdidos, mas eles existiam! Existiam para nós como o mais real de toda a realidade, nada místicos, e com tão absoluta segurança, que mais de uma vez não pudemos deixar de nos reportar a eles. Era isso, Rainer, o que havia em tuas palavras alegres, quando, numa viagem de semanas, Volga acima[128], depois de quase termos tomado vaporzinhos distintos, tu me disseste, com tranqüilidade: "Mesmo estando em barcos separados, seguiríamos o mesmo caminho rio acima, porque nos espera a mesma fonte".

Quando penso nisso me vem a vontade de continuar a vida inteira nos relatando, como se só assim se chegasse a saber o que é poesia — não na profissão, mas na carne, porque justamente é esse o "milagre" da vida. Aquilo que como "oração" ascendia em ti quase sem querer[129], haveria de permanecer, para quem estivesse a teu lado, como revelação inesquecível, até o fim de teus dias. Isso impregnava qualquer coisa com a qual te punhas em contato; era o corpóreo que, submetido ao teu toque, revelava o divino que nele se consumava; e esse infantil esquecimento de ti mesmo quando norteava tuas experiências tão cheias de fé garantia, a cada dia, a cada hora, a mais íntima perfeição. Nosso tempo permaneceu repleto até a borda. Repleto de ininterrupto esforço para fazer justiça a cada impressão ou, dito de outra forma, foi um tempo de férias indizivelmente solene.

Como estava longe de nós, no começo, a inquietação de saber se o impulso para a criação podia entrar em conflito com o impulso da dócil acolhida da coisa prestes a receber forma[130]! Àquele que reza poderia por acaso inquietar que a postura das mãos tivesse que ser ainda mais perfeita? Não tem ele em ambas as mãos seu Deus, mesmo no mais desajeitado dos gestos, com tanta certeza como se tem a si mesmo? Quando pela primeira vez te ocorreu que algo escapava "afora", algo que fazia parte de tua oração a Deus e a que tinhas querido dedicar-te por inteiro, para vivê-lo *totalmente* — porque um magnífico resquício do anteriormente sucedido ainda te obrigava, "adentro", a terminar de dar-lhe forma —, então tua inquietação dissociou-se rapidamente diante da confiança tranqüila que retornava. Na ocasião seguinte tiveste mesmo uma reação engraçada, sobre a qual freqüentemente voltávamos a rir com todo o coração. Foi quando disseste que, se o Bom Deus tivesse podido assistir a teu trabalho, em nenhum caso ele teria levado-te tão a mal como poderia ter ocorrido num caso que tínhamos ouvido há pouco tempo — o da senhora B., que durante sua viagem de núpcias tinha-se sentido insuficientemente cortejada pelo senhor B., até que este reparasse a ofensa, assegurando a ela que, se às vezes se ausentava, era apenas para escrever-lhe ardentes versos de amor.

Pouco a pouco, porém, foi-se operando uma transformação que definhou nossa risada inocente. De início nós a tomamos por uma perturbação de natureza corporal, mas cada vez foi se tornando mais evi-

dente uma relação com aquele conflito entre o hinicamente vivido e a expressão, a formação do hino. A isso vieram agregar-se os temores, quase estados de pânico, em que se misturavam os fantasmas das duas exigências não equilibradas. Mas o susto maior ocorreu-me durante nosso habitual passeio ao meio-dia[131], pelo magnífico bosque de acácias, quando te foi impossível passar junto a uma determinada acácia. Depois de evitar o caminho e assim que pudeste novamente tomá-lo sem hesitação, recordaste-me apontando as árvores: "Lembras-te ainda?" Assentindo, olhei para a acácia vizinha, que não se diferenciava absolutamente em nada das outras ao lado. Então teus olhos arregalaram-se num espanto de pura incredulidade: "Esta? Não, não esta!" E podia-se ver como a árvore, para ti, começava a se tornar um fantasma.

Perigos similares apareciam quando não conseguias dar *forma completa* a uma impressão: não eram decepções, autocensuras, depressões (como na média dos seres normais), mas sim uma explosão de sentimentos, que iam adquirindo um vulto imenso, monstruoso, como se tivesse a obrigação de deixar-te dominar por isso, quase como se fosse uma feliz imposição da criação. Tu chamavas isso de produtividade desorientada pelo medo, como um substituto desesperado para o domínio das formas que te escapavam.

Voltávamos a esquecer completamente esses fatos durante as semanas de vivência imperturbada, que nos acompanhavam, em indizível alegria e devoção, como nas orações do *Livro das Horas*. Mas logo reapareceram os estados de medo e os ataques corporais[132]. Uma idéia foi-se impondo para mim: era como se nessas ocasiões o esforço para aliviar-se não se satisfizesse mais com a reação anímica, mas repercutisse no *corpo*, que docilmente se lançava numa ruptura de toda medida normal, em pura convulsão. Supunhas, horrorizado, causas patológicas incalculáveis.

Não conversamos, na época, sobre a possibilidade de suas orações resultarem no atual *Livro das Horas*. Sobre a concretização de uma obra, de algo que abrigasse em si a glória do poeta, a publicação nos parecia algo impossível. Mas o que tinha que acontecer para salvar-te do conflito pessoal, para pôr fim à discórdia entre a *devoção* de Deus e a *declaração* de Deus? E aí a circunstância mais grave parecia ser que a irrupção poética, por demais imediata frente ao desmedido de seu objeto, tinha que encontrar *imediatamente* sua mestria técnica, quando podias ter saído em sua busca, ainda que durante anos, em toda a amplitude da realidade, onde cada coisa, de maneira menos pretensiosa, teria te deixado tempo e sossego para isso.

Já tínhamos discutido entre nós até que ponto seria necessário que o mundo e as pessoas te acolhessem em seu meio, ao invés de ficares adstrito ao simbólico, onde acreditavas poder agarrar e celebrar *de imediato* o sonho mais indizível. Mas foi somente ao fim de nossa segunda

estada na Rússia que me ficou totalmente clara quão imperiosa era essa necessidade. Eu fora, por bem pouco tempo, visitar minha família em sua residência (variável) de verão na Finlândia, quando me chegou a carta[133], em que te qualificavas quase como um réprobo por causa da pretensão de tuas orações. Mas, na verdade, logo depois chegou uma segunda, em outro tom: estava impregnada daqueles exageros que tempos antes chamavas, sorrindo, de pré-wolfratshausenianos, e que eram o prenúncio de uma recaída incompreensível.

Isso me provocava e afligia-me, tanto mais porque, quanto *a mim,* o novo contato com a Rússia significava a realização de desejos pessoais e havia-me deixado disposta e alegre para enfrentar circunstâncias de vida inarredáveis e imperiosas, que demandavam força. Caiu-me nas mãos, *sem* qualquer esforço, aquilo que para ti, em razão de teu ingente trabalho, havia-te dilacerado profundamente. Nunca tive consciência mais clara das abissais profundezas que iriam atingir *teu* amadurecimento. Nunca te colocaste diante de mim tão grande e admirado como então: o ímpeto de tua problemática interna arrastava-me para ti, e esse efeito não cessou jamais. Era agora urgente que conquistasse tua liberdade e teu espaço[134], e todo o desenvolvimento que te estava reservado.

E contudo, isso, ao mesmo tempo, não me arrancava de ti? Daquela realidade de teus inícios, na qual havíamos sido como uma só imagem? Quem pode penetrar a escuridão da última proximidade e da última distância de dois seres! Nessa proximidade de ti estava eu, ardente e inquieta, e portanto fora daquilo que une um homem e uma mulher, e doravante isso nunca mais foi para mim de outra maneira. Irremediavelmente excluída do que restava, do que ia viver e crescer, até a hora da tua morte, até a hora da minha morte.

Nada quero atenuar. Com a cabeça entre as mãos, lutei então muitas vezes comigo mesma para compreender. E fiquei profundamente estupefata no dia em que li, num antigo diário manuseado que pouco podia ainda falar de experiências, esta frase nua e crua: "Sou fiel para sempre às lembranças; jamais o serei às pessoas".

Quando separamos nossas residências fez-se necessário que nos prometêssemos não dar continuidade escrita ao costume de compartir com o outro absolutamente tudo, a menos que se tratasse de *uma hora de extrema necessidade*[135]. Porque nas minhas circunstâncias de vida de então, *esse* modo de viver totalmente um no outro me era ainda menos possível do que nos anos anteriores.

As horas de extrema necessidade apareceram para ti em Paris, quando a heróica compulsão de *toujours travailler*[136], nas mãos do redentor Rodin, vingou-se de imediato, fazendo com que as coisas adquirissem fantasmagoricamente proporções desmesuradas e mortais, como já se havia prenunciado na Rússia, pelo represamento das intenções produtivas. Mas em meio aos temores tu *criaste* o atemorizante. De tua

herança chegou-me, entre outras coisas, uma carta minha na qual posso ler a felicidade que isso me trouxe. Mas mesmo nessa ocasião não me preocupava com tuas *obras,* que viriam em conseqüência, mas sim tratava-se ainda da enorme preocupação de como tuas contradições pessoais se conciliariam. E custou-te dura luta interior decidir se devias ceder às exigências de teu editor e publicar o *Livro das Horas.*

O manuscrito, que permanecia em minha casa, foi o motivo de nosso primeiro reencontro, na *Loufried* de Göttingen, que assim intitulamos em razão de nossa bandeira sobre essa casinha campesina em Wolfratshausen.

Ainda te vejo estendido sobre a pele de urso, diante da porta aberta da varanda, enquanto a folhagem em movimento lançava luz e sombra sobre teu rosto.

Rainer, este foi nosso Pentecostes de 1905. E o foi também em sentido diferente do que pressentias em tua arrebatada emoção, pois para mim foi simultaneamente a ascensão da *obra* do poeta por cima do *homem* poeta. Pela primeira vez a "obra", que agora iria chegar a ser através de ti, custasse o que custasse, ficou clara para mim como legítimo dono e senhor de tua pessoa. *O que ela exigiria ainda?* Com o coração paralisado, algo em mim saudava as *Elegias* que nasceriam decênios depois.

A partir de nosso Pentecostes eu não apenas lia contigo o que criavas, mas o recebia e o aprovava como uma afirmação do futuro que te estava reservado. E assim fui tua uma vez mais, de uma segunda maneira, numa segunda virgindade.

Onde quer que permaneceste nas décadas seguintes, em que países, se desejoso de encontrar a segurança de uma casa e de um lugar, se pretendendo ainda mais veementemente uma plena liberdade de movimentos, pela pressão das mudanças, teu sentimento de não mais ter pátria era inamovível. Agora, Rainer, que nós, alemães, estamos politicamente confrontados com o problema da nossa autonomia, pergunto-me às vezes quão prejudicial terá sido para teu destino a forte antipatia que criaste por tua Áustria. Provavelmente um amor primordial por tua pátria e a comunidade do sangue teriam te protegido dos desesperos das épocas improdutivas, cujo maior perigo era exatamente essa condenação-de-ti-mesmo. No solo natal, com suas pedras, suas árvores, seus animais, permanece algo de sacrossanto, que impregna até o íntimo do ser humano. E quanto tu, então, depois da Suíça, elegeste a França — apesar de Paris haver-te enfastiado — quase como uma nova pátria, em língua, amizades e novas intenções produtivas? Tua carta falava, então, da miséria de voltar, apesar de tudo, perturbado e confuso à tua torre de Muzot[137]. Nada posso falar sobre o valor de tua criação lírica francesa, pois para isso me falta a sutileza da diferenciação. Mas... minha injustiça (confesso) não pode ler algumas coisas sem criar suspeitas.

Assim, por exemplo, quando dizes da rosa "*fête d'un fruit perdu*"[138], é a melancolia que fala assim ou o deleite de um masoquismo blasfemo? E há também uma fotografia de ti, lá, que me atinge em pleno rosto, como uma dor, como uma ferida, e que guardo secretamente. Quando a recebi, perguntei-me num grito: ao escrever tuas poesias em francês não terás precisado, para exprimir-te, de um solo estranho, para aliviar-te daquilo que sub-reptícia e silenciosamente te leva ao abismo?

Como eu poderia julgar com justiça! E, no entanto, em meu íntimo, lutava em silêncio contra teu destino e não podia resignar-me. Não podia ignorar que por trás do poeta, coroado pelo destino, e do homem, que por aquele se destroçou, houvesse ainda Alguém... alguém que por nascimento *foste* até o fim: alguém que tinha confiança em si mesmo, porque, muito acima de si, havia Aquele por quem se sentia tão confiantemente levado que assumiu a missão de dar testemunho poético dele. Cada vez que nos reencontrávamos, falávamos, vivíamos esse *presente para sempre,* do qual tiravas a confiança como um homem-menino, cujos passos não se podem desviar do caminho porque permanecem orientados para a própria causa fundamental. Então voltava a estar ali o Rainer com quem se podia sentar de mãos dadas, como num refúgio inexprimível, e esse estado edificava ainda em torno de ti a poesia, que brotava com um resplendor imorredouro. Jamais posso pensar nisso sem que soe dentro de mim o menor dos versos do *Livro das Horas*[139], que no instante de sua elaboração (Ó Rainer, esse instante me estará presente para sempre!), pareceu-me como pronunciado por uma boca de criança tranqüila e alegre:

Ich geh doch immer auf Dich zu
mit meinem ganzen Gehn
denn wer bin ich und wer bist Du
wenn wir uns nicht verstehn —*

* *Vou sempre até ti*
com todo meu caminhar
pois quem sou eu e quem és tu
se não nos compreendemos —

A experiência Freud

O que me predispôs especialmente para o encontro com a psicologia profunda de Freud[140] foram duas impressões vitais muito opostas: ter-me dado conta da excepcionalidade e raridade do destino psicológico de cada indivíduo e ter crescido em meio a um povo que libera sua intimidade sem maiores rodeios. Quanto à primeira, não vou voltar a referir aqui. A outra foi a Rússia.

Em relação aos russos freqüentemente se tem dito — até mesmo Freud, na época de maior clientela russa, antes da guerra — que neste "material", doente ou são, coincidiam duas coisas que não se encontram associadas com freqüência: uma simplicidade de estrutura e uma capacidade de, chegada a hora, extravasar, de modo loquaz e penetrante, até mesmo o mais complicado, de conseguir encontrar expressão para o animicamente difícil. Impressão bastante parecida extrai-se da literatura russa, e não apenas através de seus grandes mestres, mas, também abaixo, nas obras de menor expressão (que disso tornaram-se informes): uma extrema franqueza fala, com sinceridade quase infantil, dos últimos estágios da evolução, como se na Rússia ela crescesse de maneira mais direta, mais imediata, desde o originário até o consciente. Quando penso no ser humano tal como ele se me apresentou na Rússia, compreendo bem o que hoje o torna mais "analisável" para nós, e o

que o conserva bastante sincero, inclusive diante de si mesmo. As formas de repressão, que entre os povos de cultura mais antiga colocam-se como obstáculo entre as experiências fundamentais e seu reflexo na vivência consciente, permanecem, no povo russo, mais tênues, mais afrouxadas. Isto permite compreender melhor aquilo que constitui o problema principal e nuclear da prática analítica, a saber, quanto de nosso substrato infantil *condiciona* permanentemente nossa evolução natural e quanto ele se presta à regressão patológica, que nos faz retroagir, de um nível de consciência já alcançado, para estágios primitivos insuperáveis.

Atualmente a psicanálise é, por sua evolução histórica, *uma prática terapêutica,* e quando aderi a ela acabava de se fazer clara a possibilidade de se inferir dos estados de enfermidade a estrutura saudável da pessoa, na medida em que se podia decifrar, como sob uma lupa, aquilo que ordinariamente permanece quase indecifrável ao nosso olhar. Com imensa cautela e cuidado no manejo metodológico, o trabalho de escavação analítico tinha trazido à luz, camada a camada, o que havia de mais primitivo, e desde a primeira de todas as grandiosas pazadas de Freud[141] foi-se patenteando a irrefutabilidade de seus achados. Mas quanto mais fundo cavava-se, mais se percebia que não apenas no ser humano patológico, mas também e precisamente no são, o substrato psíquico mostrava-se uma cabal exposição daquilo que chamamos "cobiça", "brutalidade", "baixeza", etc., ou concisamente daquilo que há de mais abjeto e do qual as pessoas mais vivamente se envergonham. Mesmo sobre os móveis da razão que nos guia, não se pode dizer nada melhor do que, sobre ela, já afirmou Mefistófeles.[142] Porque se em razão dos apuros e vantagens da experiência prática a aculturação conduz-nos gradativamente acima desse estado, isso só ocorre à custa do enfraquecimento dos impulsos em geral, portanto de uma perda de abundância e força, de modo que o resultado final é um animal humano bastante deteriorado, diante do qual uma criatura extremamente inculta poderia parecer tão imponente quanto um latifundiário. A perspectiva turva desta situação — um pouco mais agradável para o são do que para o doente, pois este poderia ao menos sonhar com sua cura — provavelmente contribuiu para afastar ainda mais pessoas da investigação profunda, porque ela despertava um pessimismo similar ao do neurótico desesperançado, cuja cura ela se propunha a efetivar.

Se devo fazer alguma observação pessoal sobre isso, tenho que constatar primeiramente quão importante é meu débito para com essa atitude espiritual que a psicanálise teve desde o início. Este não-se-deixar-perturbar pelas considerações gerais sobre resultados insatisfatórios, esta atitude de referir sempre de maneira completa o exame exato de cada um dos objetos individuais e casos especiais, qualquer que pudesse ser seu resultado. Era isso exatamente o que eu necessitava. Meus

olhos, ainda totalmente acumulados de impressões precedentes, que acreditavam reconhecer numa humanidade mais primitiva aquilo que no fundo era a infância indelével de todos nós e — como riqueza secreta por trás de toda maturidade — continuava sendo, foram obrigados a deixar isso de lado e, em troca, encararem o objeto humano de uma forma meticulosa e racional; eles precisaram chegar a isso para se esquivarem do perigo de cair num sentimentalismo puramente cego e cegante da "psicologia agradável", que não possibilita acesso à realidade, permitindo-nos apenas andar em círculos ao redor de nosso próprio jardim de desejos. A mim não me resta a menor dúvida de que, se bem que de pontos de partida diferentes, foi algo parecido que nos criou inimigos e fez desertar partidários nossos: necessidade em si tão natural de não deixar tão fundamentalmente em suspenso aquilo que se preferia ver respondido, ou, mais exatamente aquilo cuja resposta satisfatória já se conhece propriamente de antemão. E isso provavelmente continuará sendo assim, mesmo depois que as "mais escandalosas" revelações psicanalíticas tenham se tornado, em virtude do hábito, mais inofensivas. Com efeito, isso parece justificado quando se tenta pensar "livre de impulsos" no âmbito da pura aplicação lógica do pensamento, porém nas chamadas "ciências do espírito", inevitavelmente divididas em observador e objeto, sentimo-nos tentados a temperar o resultado do pensamento com uma pitada do próprio sal, para fazê-lo mais saboroso.

Foi por isso que a psicanálise teve que esperar tanto tempo por seu fundador, por aquele que era capaz de *querer* ver aquilo que, antes dele, fora sempre cuidadosamente evitado no caminho. Só ele foi capaz de aferir o grau de imparcialidade necessário (não à custa de violentar a si próprio, nem, ao contrário, por prazer pelo repugnante) para libertar-se da preocupação de ter que se defrontar com o chocante ou o repelente. Essa sua atitude viu-se *sancionada* pela circunstância de ter sido legitimada pelos fatos, pela realidade. Isso quer dizer, simplesmente: sua alegria de pensar, sua curiosidade de investigador, recebia de seu ser uma quota tão poderosa de sua capacidade de amar, de seu impulso de dominar as coisas, que não lhe importava de forma alguma o lugar que ocuparia na valoração ou no juízo comum dos homens. A pureza (isto é, o não se envolver em questões ou motivações secundárias) da dedicação objetiva produziu exatamente o conhecimento preciso e franco, que não se detinha diante daquilo que o escrúpulo humano queria ocultar. Ele foi, portanto, alguém inteiramente devotado ao racional, um racionalista que, de modo indireto, descortinou o irracional. O novo elemento, que se lhe ia desvelando, ele batizou de "inconsciente", um nome ostensivamente negativo. As três modestas letras dessa "designação", "Ubw"*, sempre me pareceram, nesse sentido, de caráter extremamente

* "Ubw" — *Unbewusstes,* inconsciente. (N.T.)

positivo, como defesa pessoal contra os segredos mais profundos, contra tudo aquilo que pode transformar descobridores em inventores[143].

Nada traduz com maior clareza a perspectiva de Freud do que seu empenho em levar a investigação psicológica até o ponto em que o inconsciente, inacessível como tal à consciência, é experimentado por esta no *corporal,* sem se submeter, portanto, ao nosso costumeiro modo censor de pensar. Provavelmente advém daí, também, a indigna difamação da "sexualidade" enfatizada por esse pensamento, pois a nós, criaturinhas extraordinárias, lembra muito o que mais desordenadamente temos em comum com aquilo que, exteriormente, defronta-se com nossa interioridade consciente, pois o corpo é, em última análise, a parte irrefutável da exterioridade em nós.

Sempre me pareceu que toda essa difamação, no fundo, origina-se do fato de que o homem vê-se voltado principalmente para o *corporal,* que certamente constitui sua existência, mas com o qual ele não pode identificar-se, por causa de suas expressões espirituais e anímicas. Quanto mais nossa consciência aguça-se, mais nos damos conta de que tudo, irremediavelmente, vai-se convertendo em um enfrentamento, no qual só se pode intervir de fora, como se fôssemos um outro. E assim ocorre também com nossa própria corporalidade, que em princípio abriga desvalorização semelhante. (Toda espécie de metafísica mais antiga tinha, nesse aspecto, melhor sorte. O interior e o exterior não necessitavam fixar-se tão irreversivelmente em uma contraposição ordenada pela consciência, uma vez que ainda estavam sujeitos a confusões semelhantes às que, entre nós, são observáveis nas crianças.)

Foi precisamente isso que tornou Freud total e definitivamente detestado, tão logo demonstrou a significação das etapas mais infantis para o global de nossa espiritualidade e psiquismo. Não apenas por causa da controvertida sexualidade infantil, mas também por tê-la indicado como a fonte última de que se alimenta permanentemente nossa evolução interior. Para os fins da cura, temos que retornar a esse começo, ao *primitivo,* na vivência anímica individual, onde está com o transcurso do tempo historicamente reconhecível; ao *primário,* do qual em momento algum nos desligamos, nem mesmo em nossas mais totais e saudáveis realizações, e ainda que nos agrade considerá-las "sublimações" ao léu.

Em seguida Freud introduziu também a palavra *sublimação* (sem levar em conta que ela poderia, com excessiva facilidade, ser confundida com a outra acepção, de valor) e com ela queria dizer desvio em relação à finalidade sexual. De imediato despertou sorrisos por seu excesso de conformismo. Mas já ali estava uma de suas palavras mais fortes (uma daquelas que iriam acabar, de um só golpe, com todos os mal-entendidos), segundo a qual mesmo as perversões sexuais mais proibidas deviam ser consideradas "apesar de seus abomináveis resultados"

como sublimações na medida em que, retidas em fases sexuais infantis, permaneciam afastadas da meta corporal madura. Esse desvio dá-se no mesmo lugar em que se apresentam as sublimações *altamente* apreciadas (aquelas que levam aos êxitos espirituais, sociais, artísticos, científicos), ou seja, a partir da mesma infantilidade poupada. O infantil, contudo, mesmo nas realizações humanas mais relevantes, é apenas um método de estilo diferente para que melhor nos ajustemos, com a ajuda de Eros, ao *fato primitivo* que nos une ao mundo-fora-de-nós e nos permite vencer a fenda que parece nos separar, enquanto indivíduos, de todo o resto. O que chamamos de "objetividade", ao invés de "amor", não é mais que o fato de nossa consciência, com *seus* métodos, abrir-se, solícita, às revelações do subconsciente, dentro do qual nunca cessamos de negar nosso isolamento e de tangenciar o enraizamento comum com o todo. É *por isso* que essas coisas colocam-se extremamente claras no assim chamado "suprapessoal" de nossos interesses, que casam, por assim dizer, o que nos é mais íntima e espontaneamente pessoal com o que ultrapassa, por todos os lados, nossa pessoa. É *por isso* que dadas as circunstâncias, sublimamos uma parte, isto é, renunciamos à emergência da meta sexual corporal, podendo-se explicar dessa forma como se as metas sexuais, no fundo, constituíssem apenas um embaraço ao homem corporalmente isolado, que procura, no contato com outro ser isolado, convencer-se de que nele abarca o todo, enquanto que ele só nos é realmente igual na esfera de sua corporalidade, e é só nesse nível, também, que o casamento pode celebrar-se, testificando a realidade.

Daí ser extremamente natural que estejamos acostumados a atribuir um caráter "divino" ao mais sublimado, porque esta palavra significa *sempre* para nós, em qualquer sentido, o mais íntimo *e,* ao mesmo tempo, o que mais nos transcende. Porém isso não é mais que um expediente necessário para se designar o mais *subterrâneo,* ao qual não chamamos simplesmente de "terreno" porque soaria por demais específico, *já que* nos transcende e nos caracteriza mais fortemente do que a habitual oposição entre o dentro e o fora. Não se pode acentuar demasiadamente a importância disso: a força para sublimar depende diretamente do respaldo que ela encontra no solo primitivo de nossos instintos, e do quanto estes permaneceram sendo a fonte inspiradora daquilo que conscientemente fazemos ou deixamos de fazer. Quanto mais fortes forem os dons eróticos de uma pessoa, maiores serão também suas possibilidades de sublimação, com tanto maior fôlego suportará as exigências daí decorrentes, sem permitir que a realização de seus instintos e a adaptação à realidade entrem em conflito. Tanto menos será asceta, no sentido de um indivíduo de fracos instintos que anseia transformar necessidade em virtude, ou no sentido do indivíduo doentio, que encontra consolo na palavra "sublimar". Não são os ascetas "consumados" que entram nessa categoria, mas sim, pelo contrário, aqueles que mesmo

nas circunstâncias mais adversas conservam ainda o faro para suas conexões secretas com o mais remoto; vedores que mesmo no solo mais secos percebem os pontos mananciais, consumadores, não abstêmios e por isso *capazes* de abstinência nos longos percursos, pois eles se sabem próximos de onde querem chegar e de sua realização interior. Porque o essencial é que o corporal e o anímico não se têm separado no conceitual, mas, ao contrário, têm rodeado o homem em *uma única* força ativa, como o jato d'água do chafariz que cai na mesma fonte da qual se ergueu.

Não é à toa que a investigação profunda exige, de quem pretende analisar os outros, que primeiro tenha se submetido pessoalmente às exigências de seu método: que busque verificar, na honestidade brutal do exame, como está ele precisamente em relação a si mesmo. O trabalho intelectual de escavação executado sobre o material vivente alcança seu objetivo, tanto o da investigação quanto o da cura, apenas por meio desta própria colaboração viva.

Se freqüentemente correram boatos disparatados de que os freudianos, por trás da aparência de cientificismo, formavam uma comunidade sectária, por baixo disso existe uma pitadinha de verdade. Afinal, a investigação profunda não se pode dissociar inteiramente de uma certa *opinião,* porque seu próprio material tangencia a zona em que consciente e inconsciente entrelaçam-se. De fato, esse é o ponto de ligação entre os psicanalistas: este fragmentozinho que não é "puro" saber, pura ciência, reduz a importância de saber-se qual o analista que o analisando procurou. Na mais profunda responsabilidade de cada um deles está permanentemente arraigada a obrigação de auto-analisar o próprio inconsciente, da mesma forma como se exige do analisando, para que ele aprenda a expor-se. Que não se tome a auto-análise de um profissional (analista) por algo divertido ou prazeroso, pois essa questão de superação é assunto da maior seriedade. A luta é a mesma, tanto para o mais são dos profissionais quanto para o paciente tratado. Por isso, a assim chamada "análise didática" possibilita tão freqüentemente uma renovação pessoal igual àquela que ocorreria se o objetivo fosse terapêutico.

Assim, a investigação profunda contém de fato algo que comumente se exclui da atividade científica. Nesta, pode ser que a *interveniência suplementar de uma opinião* seja eventualmente favorável, para amenizar a dedicação científica total — aqui, pelo contrário, *sua ausência* seria o mais fatídico erro, tanto na investigação quanto para o fim de cura. A passividade da investigação objetiva exorta nossa ação íntima a colaborar para que se chegue às conclusões. A honestidade e o rigor do pensamento são acompanhados de um engajamento afetivo, sem o que faltaria o verdadeiro material. Digo isso com ênfase porque me parece que isso não tem sido suficientemente salientado, para não despertar o preconceito de que se trata de uma atividade sectária.

Mas há ainda um outro motivo a nos recordar a atitude apropriada na investigação profunda, e ele diz respeito *a seu próprio criador*. Porque a obra de Freud, as descobertas de Freud têm a ver com a maneira extremamente humana como ele se entregou às suas pesquisas. Sua atenção original estava completamente encaminhada para a investigação e ele persistiu nela com a mesma vontade férrea com que, *ao mesmo tempo*, não vacilou em abrir-se sem reservas àquilo que, como última meta, representou o fim do caminho e contrariava inteiramente o esperado. Sintetizar ambas as coisas em uma implicava justamente aquela entrega íntima que ia além da orientação exclusivamente voltada para o conhecimento.

Para criar a psicanálise, seu fundador teve que jungir essa dupla experiência em *um só* resultado, não em duas espécies analíticas, mas sim numa síntese pessoal. E já é tempo de se dizer isso suficientemente alto, para que até mesmo os ouvidos mais surdos possam ouvir. Pois este resultado *sintético* é idêntico às suas descobertas enquanto tais, ao atrito interior do qual estas emanaram, ultrapassando, por isso, *aquilo* que é disposição pessoal, desejo ou intenção, quase equiparável, sob esse ângulo, à decepção relativamente ao que ele supunha, à renúncia ao esperado, ao conjeturado.

Ao lado da enorme oposição vinda do exterior, que fez a obra de Freud tão rica em sacrifícios, ao lado da ironia e da cólera de seus contemporâneos, estava também sua luta *espiritual* para seguir, firmemente e com total dedicação, apenas aquilo que entrevia, mesmo se contrário à sua própria natureza e em completa oposição a seu gosto. Se se quiser comparar tal conduta com sacrifícios de outra espécie, que investigadores fizeram em suas explorações da vida e dos danos corporais, dir-se-ia que no caso de Freud a coisa seria igualável a uma realização espiritual, pela determinação, pela disposição de saltar, se necessário e, por assim dizer, fora da própria pele, sem se perturbar e sem se preocupar como posteriormente iria aparecer tão exposto à luz do dia. O Freud pensador e o Freud homem permanecem, em sua irradiação pessoal, exatamente os dois, unidos apenas pelo sacrifício. Dificilmente ele poderia negar ter sempre esperado que a ciência biológica fosse gradualmente ao encontro de seu trabalho de investigação, nem que, para ele, causou mais satisfação que aborrecimento ter descoberto até que ponto seu "Ubw" resultou ser uma beleza fria e de difícil acesso, com a qual os metafísicos de todos os tempos têm-se permitido contatos íntimos.

Sem dúvida, todos conhecem os escritos de Freud racionalista, e não somente pelas partes onde — seja filosofando, seja acentuadamente antifilosófico, não importa agora — extrai conclusões teoréticas que ele mesmo (contrariamente a outros autores nossos) queria saber claramente diferençadas do achado puramente psicanalítico. Era bem de acordo com sua natureza o querer incorporar, na perspectiva racionalis-

ta, as avaliações que apontam para além da averiguação exata e concludente, ou deixá-las de lado com um dar de ombros que queria dizer, mais ou menos, "não dar maior importância".

Poder deixar algo em suspenso, ao invés de desperdiçar reflexões diante do inacessível, não é apenas direito, como também um dever ao qual a inteligência humana deve aspirar. É a vitória sobre a intrometida necessidade secundária de colocar tudo debaixo de um chapéu de fôrma preestabelecida. Poder-se-ia perguntar se esse costume de acentuar exclusivamente o conhecimento lógico-formal, com seu método de discriminação cada vez mais compulsivo, não faz, quase instintivamente, crescer aquela outra necessidade, a de fortalecer (mais do que é preciso) pelo menos *essa* perspectiva unificadora. Não é por meio dele, afinal, que nós atingimos a última, a única forma possível de síntese, ou seja, precisamente *através* dessa preferência incontestada pelo método da disjunção e fragmentação do conhecimento? Nosso pensamento puro, livre de qualquer emoção, ao entregar-se à abstração sem pressupostos, não se vinga nele e com ele de si mesmo, em conseqüência de sua abstração, por assim dizer, "desumana"? Lançamos nosso *esquema de pensamento* como uma rede indestrutível sobre a imensidão fragmentada dos fatos que se impõem a nós, e o objetivo é de nos entendermos uns com os outros, de comungar nesse mundo para nós delimitado, que a rede abarca (não importa a reação de cada um, em seu sentimento de existência, pois seu pensamento, sua vontade de conhecer, de qualquer modo, estender-se-á sobre esse sentimento exatamente como uma rede). Não é isso, afinal, uma tentativa de *imitação* daquilo no qual, em nosso sentimento de existência, sentimo-nos enraizados no todo, de certa forma como um véu por cima, escondendo a incomensurável profundidade do solo abaixo, invisível ao nosso conhecimento?

Quando o homem, essa alguma coisa tornada consciente, pensa, ele se encontra ao mesmo tempo presente no pensamento com outro, e no fundo não faz senão inverter essa situação, imitando-a: volta-se "para fora", simbolicamente, o que é o mistério de sua própria existência. Nosso pensamento formal seria, enfim, uma espécie de "simbolização", para através da inversão levar o inexprimível à linguagem, à compreensão. A inteligência seria nosso artifício ao qual se oferece a imensa síntese de todo o existente: aberta, mas como nossa analítica.

Nesse ponto a maioria dos homens, sem exclusão dos plenamente dedicados à ciência, decide-se a completar seu saber do exatamente demonstrável por meio das supostas verdades, que eles aceitam ou se impõem. Como se, na falta de tal acesso ao crédulo otimismo, tudo dentro de nossa humanidade se impregnasse de um pessimismo demasiadamente perigoso.

Como se nós, ao contrário, simplesmente caíssemos sob o que está "morto", sob o que nossa forma de saber e de conhecer torna cada vez

mais despedaçado, descorporificado e inanimado. Entregues radicalmente ao nada. Diante disso Freud não se contentava com uma atitude de repúdio: mostrava-se adversário, intimamente agressivo. E nisso o levam a mal, na medida em que se trata, sobretudo, do ser humano, das necessidades e angústias do mais fortemente vivo no homem. Todavia a atitude de Freud explica-se pelo fato de que nossa condescendência nesse ponto, digamos, em curtas palavras, da metafísica à física, representa um abuso daquele instrumental de conhecimento que criamos para empregar no mundo do físico. É exatamente nesse ponto de separação entre os dois mundos que Freud fez suas descobertas, que permaneciam em grande parte ocultadas, porque eram deliberadamente mantidas enclausuradas, ou porque eram inconseqüentemente permeadas de pressupostos metafísicos. O que fez de Freud um lutador, ou até mesmo um agressor, foi a mesma seriedade incondicional e sem tréguas do investigador, que implacavelmente traz à luz seus achados, tão surpreendentes para ele mesmo, que não tolera, sob hipótese nenhuma, o reocultamento. Que não se confunda isso com agressão de missionário, proveniente de um ímpeto de convencer ou de doutrinar (como é o caso do "Que eu permaneça sempre fiel à terra!" nietzscheano, ou a qualquer outra coisa do gênero proclamação).

O que a causa de Freud exige de nós é simplesmente que permaneçamos, nesse momento de decisão, um pouco mais pacientes diante das ordens de nossa vontade de conhecimento; que, sem considerações para conosco mesmos, permaneçamos naquela honestidade de pensamento que aprendemos a cultivar, sempre com bons resultados, diante das coisas exteriores. Neste passo cabe reconhecer tranqüilamente que a tendência de Freud nos arremessou entre as coisas! Reconheçamos de imediato *aquilo* no que somos unos e iguais com o todo, antes de nos interessarmos, pura e simplesmente, em saber como e por que meio poderemos fundamentalmente nos distinguir, pois o nosso "mais" diante das coisas reside exatamente em *sermos conscientes* daquilo que nos dá acesso à fraternidade de todo o ser em geral. O que aqui atua como fator de obstrução — e sempre mais obstrutivo, com o avanço de nossa cultura consciente — é o mais tolo de todos os "preconceitos de casta", que, ao invés de contentar-se com um chão primitivo igual ao dos outros, prefere construir castelos no ar, para pôr-se a salvo. Quanto a esse ponto delicado, por nossa arrogância ferido ou hipersensível, a capacidade de reflexão, por muito que seja exercitada, não imprimirá qualquer mudança, o que só seria possível através de uma revolução do pensamento, que se instaurasse, no lugar do conhecer, o reconhecer.

Depois de aqui reconhecer Freud como racionalista emérito, inclusive por interferência de seu gosto pessoal, tanto que seus seguidores *não* estão constritos a seguir "a lei conforme ele apresentou", devo exprimir uma vez mais, e com todas as minhas forças, aquilo que desde

Recordando Freud (1936)

Quando, ao voltar para casa de uma estada na Suécia, deparei-me com Freud no Congresso Psicanalítico de Weimar, no outono de 1911, ele riu-se muito de minha veemência em querer aprender sua psicanálise, pois ninguém ainda pensava em institutos de ensino, como os planejados mais tarde em Berlim e Viena, para formar a nova geração. Quando então, depois de um semestre de estudo preliminar autodidata, cheguei à casa de Freud em Viena, ele riu-se ainda mais cordialmente de mim, porque eu, a insipiente, participei-lhe minha intenção de trabalhar não só com ele, mas também com Alfred Adler, que, aliás, havia-se tornado seu inimigo figadal[144]. Gentilmente permitiu, com a condição de que nada que se passasse em um ou em outro grupo transpirasse. Esta condição foi tão bem respeitada que, somente depois de meses, Freud tomou conhecimento de minha separação do círculo de trabalho de Adler. Mas o que eu gostaria de relatar não se refere a qualquer formulação teórica, pois mesmo a mais interessante delas não conseguiria desviar minha atenção daquilo que as descobertas de Freud continham. Quando se pensa em seu "descobrir", compreende-se que nem o mais brilhante teórico dessas descobertas teria podido afastar-se delas, e esse meu interesse não seria reduzido nem mesmo se elas resultassem em uma teoria malograda ou incompleta do próprio Freud. As teorias, na época ainda em fase de elaboração, valiam-lhe como o meio de com-

preensão indispensável entre os colaboradores, e, quando *ele* as construía, elas mostravam indiscutivelmente o caráter de seu método de pensar, comprometido científica e pessoalmente com a mais exata sobriedade. Mas se me propusesse a descrever como seu modo de pensar contribuía para suas descobertas, então ele poderia rir-se de mim pela terceira vez, pois isso em nada seria mais fácil do que fixar a especificidade daquilo que é inerente à mão que pinta ou aos dedos que esculpem. Por outro lado, as descobertas ocorriam *diante de algo,* a saber, diante de uma expressão momentânea de um determinado ser humano vivo; para seu olhar, nada podia ser tão isolado ou tão passageiro que não se pudesse desvendar, para revelar como expressão total da humanidade. Ao invés de aplicar seus pensamentos, os mais profundos ou os mais sutis, em divagações, ele estava sempre pronto a pôr-se a serviço do mais exato, ao qual nós, seres humanos, temos que nos fixar, porque seres únicos e finitamente condicionados, e o qual, exatamente por isso, só nos é compreensível e real por esse meio.

Numa das primeiras tardes do grupo de trabalho (que, há apenas um ano, contava com uma participante feminina), Freud explicou, preliminarmente, que se falaria sem pudor ou reserva sobre temas, por sua matéria ou outros motivos, embaraçosos, e que eram justamente os que estavam em questão. Gracejando, com uma daquelas pequenas delicadezas cordiais que ele demonstrava, acrescentou: "Como sempre, vamos ter jornadas de trabalho duras..., com a diferença de que, agora, há um domingo entre nós". Mas a palavra "domingo" parecia-me aplicável com mais freqüência em relação a ele mesmo e à sua visão das coisas, a qual eu gostaria de descrever, a saber, em relação à materialidade e à plenitude que dela emanava. Por mais repugnante ou espantosa que pudesse parecer em seus pormenores, para mim sempre permaneceu, por trás da agitação dos dias de trabalho, o dominical. Freud, em momentos em que ele mesmo sentia repugnância, expressou-me seu assombro pelo fato de eu, apesar de tudo, continuar-me aprofundando em sua psicanálise: "Já que eu nada faço senão ensinar a lavar a roupa suja das outras pessoas".

Roupa engomada e mecanicamente guardada em gavetas de armários já se conhecia, certamente, antes dele. Mas o que se podia chegar a saber até da mais usada, fosse ela de estranhos ou nossa, é que não era apenas mais uma peça de roupa, mas sim uma peça distinta do todo, posta a nu, valorizada principalmente porque transformada pela realidade.

Assim, o olhar não se fixava no desnudamento, por mais repugnante ou desanimador que fosse. Freud fez alusão a isso uma vez, quando a questão veio à baila, e agora sem rir-se de mim, afirmou, com incrédula admiração: "Mesmo quando falamos das maiores atrocidades, você as contempla como se fossem Natal".

De nosso último encontro, em 1928, nada me ficou nos olhos com cores tão fortes como os grandes canteiros, repletos de amores-perfeitos, junto ao palacete de Tegel, que, transplantados do verão para o ano seguinte, pacientemente esperavam, florescendo entre as árvores que se despojavam de suas folhas, em meio ao outono já avançado. Descansava-se solenemente ao olhar aquele esplendor esperançoso de verão a verão, com seus tons infinitamente diversos, em vermelho-escuro, azul e amarelo-claro. Freud colheu um buquê deles para mim, antes de uma de nossas viagens quase diárias a Berlim, que eu queria emendar com uma visita a Helene Klingenberg.

Apesar da dificuldade de Freud em falar e ouvir, tivemos ainda, à época, algumas conversas tão inesquecíveis quanto aquelas anteriores a seus longos anos de sofrimento[145]. Nessa ocasião, falamos algumas vezes de 1912, ano de meus estudos psicanalíticos, quando eu tinha que deixar permanentemente em meu hotel o endereço de onde estava, para poder, não importa de que local, encontrar Freud o mais rápido possível, caso ele tivesse tempo livre. Certa vez, pouco antes de um de nossos encontros, chegou-lhe às mãos o *Hino à Vida,* de Nietzsche: minha *Oração à Vida,* escrita em Zurique, que Nietzsche, modificando alguma coisa, havia musicado. Aquilo não era muito do gosto de Freud. À sua acentuada sobriedade não podiam agradar aqueles entusiásticos exageros, próprios de quando se é bem jovem, inexperiente, inexperimentado. Bem-humorado, alegre e amável, pôs-se a ler, em voz alta os últimos versos:

"Jahrtausende zu denken und zu leben
Wirf deinen Inhalt voll hinein!
Hast du kein Glück mehr übrig, mir zu geben,
Wohlan — noch hast du deine Pein..."*

Dobrou a folha, batendo com ela no espaldar da poltrona: "Não! Saiba que não estou de acordo. Com franqueza, a mim, me bastaria perfeitamente uma oportuna e irreparável congestão nasal para me curar de semelhantes desejos!"

Naquele outono, em Tegel, voltamos a falar sobre esse episódio: recordava ele, ainda, a conversa que tivéramos há tantos anos? Sim, ele lembrava muito bem, inclusive do que falamos depois. Não sei ao certo por que lhe fiz a pergunta. Estava perturbada, pois sabia que, há muito, ele atravessava anos terríveis, difíceis, dolorosos — anos durante os quais todos que o cercávamos, todos, todos, nos perguntávamos até

* "Milênios para viver e pensar
Lança fora o que tens por dentro,
Se não tens mais venturas a me dar,
Pois bem, 'inda tens teus tormentos..."

que ponto seria capaz de chegar a resistência humana. Então ocorreu alguma coisa que nem mesma compreendi, algo que não tive forças para conter. Revoltada com seu destino e martírio, escapou-me dos lábios trêmulos:

"Aquilo que outrora tagarelei, em meu entusiasmo, o senhor tem padecido!"

Depois, "espantada" com a sinceridade de minhas palavras emocionadas, suspirei alta e incontidamente.

Freud não respondeu. Senti apenas seu braço em torno de mim.

Antes e depois da Guerra Mundial

No fim do outono de 1903 mudamo-nos para Göttingen, onde meu marido foi convidado para trabalhar como iranista[146]. Realizou-se para nós, então, entre outros desejos, *este* de viver uma vida campestre, pois as alturas de Göttingen prometiam mais que os arredores de Berlim. Depois de procurarmos desesperadamente um lugar afastado da cidade, acabamos encontrando, como nesses pequenos milagres de contos de fadas, uma pequena casinha de madeira, em meio a um pomar, sobre o Rohnshöhe. Ela estava tão rodeada de solidão que vez por outra apareciam pequenas raposas no ponto mais extremo do grande jardim.

Esta proximidade da natureza atuava sobre mim com um efeito renovador, infundindo-me um sentimento vital de realização. Cada vez que, ao longo de três décadas, para ali regressava, a respectiva estação do ano sempre parecia estar rodeando aquele lugar mais plenamente, mais concentradamente, como se fosse a partir dali que ela se espalhasse. Acabei adquirindo um hábito curioso: depois de cada ausência prolongada em qualquer parte, costumava, durante passeios matinais de reencontro, avaliar por assim dizer, através da paisagem, como as impressões que eu havia recebido apresentar-se-iam em face de tudo aquilo que durante a minha ausência havia acontecido com as árvores e o bosque; em face de tudo aquilo que havia espalhado sua primavera ou

celebrado seu outono; mudança eterna em eterna harmonia. Eu procurava verificar como e em que medida a vivência humanamente complicada reagiria diante daquilo que se mostrava tão extremamente discreto, e, em sua absoluta naturalidade, tão essencialmente presente.

Durante a primeira primavera após nossa mudança empreendi, por causa de minha saúde debilitada, uma viagem com um amigo médico. As árvores frutíferas acabavam de se abrir em flores: uma pereira velha e gigantesca (que a tempestade derrubou no ano anterior) esgalhava seus ramos cobertos de branco janela adentro, em meu gabinete de trabalho. Parecia-me quase um pecado ir-me embora, mas considerei que no ano seguinte ela voltaria a estar assim tão esplendorosamente coberta de primavera. Mas eis que no ano seguinte ela permaneceu verde. Havia-se desgastado em sua exuberância e pulou o mês de maio; essa explicação, porém, em nada alterou a desconfiada impressão que guardei do fato. Muitas janelas dando para fora; e o sol no interior da casa. Meus dois quartos no andar superior pareciam um caramanchão, cercados por tílias de ramos largos que eram como uma cortina verde contra o alumbramento, mas que, no fim do outono, quando os primeiros golpes da tempestade revolviam as folhas, deixavam tudo inundado, com nova e consoladora claridade. As paredes, revestidas por mim de um azul-cinzento escuro, foram-se desbotando, sem que, contudo, perdessem o tom fundamental. A neutralidade que a cor de fundo acabou por adquirir realçava impremeditadamente os zelosos e multicolores bordados de camponesas russas, e outras recordações históricas semelhantes. Com certeza não se podia mudá-las de lugar, nem mesmo um pouco: por trás ressurgiria o escuro azul-cinzento, que permanecia fiel ao que fora. Por isso permaneceu, na parede principal, o *quadro de amor* de Heinrich Vogeler[147], que ele mesmo havia pendurado ali, e que na verdade era de Rainer. Mas até hoje não sou favorável às mudanças demasiado freqüentes dentro de casa, para adaptação ao estado de espírito ou ao correr dos tempos. (Neste aspecto Rainer freqüentemente ia longe demais, em virtude de uma involuntária confusão entre a exterioridade adaptada e o interiormente proposto — que desse modo, por engano, acabava dormitando.) Rainer gostava muito desses dois cômodos, principalmente por causa daquelas manchas de cor profundas, fortes, atrás dos móveis e dos quadros, que ficavam dispostas, como secretos caminhos de volta ao passado: pequenos portais abrindo-se ao imorredouro.

As duas grandes peles de urso, provenientes das perigosas caçadas de Willy Brandt na Rússia, dominavam o gabinete de trabalho, cercado de simplicíssimas estantes de livros em madeira de pinho. Mas essa biblioteca em verdade sempre foi muito deficiente, inclusive após a morte de meu marido, quando vendi muitas de suas coisas. Desde o princípio eu tinha me abstido de fazer novas aquisições (e com muita razão!),

para dar espaço ao crescimento muito expressivo da biblioteca de meu marido, que para ele era não só uma necessidade mas também trazia-lhe felicidade intensa. As obras básicas de minha biblioteca dos tempos de solteira eu havia deixado na Rússia: tanto nossos grandes poetas, alemães e russos, quanto os livros que tinha usado para meus estudos meio secretos da época, e que em parte eu havia adquirido à custa de muito trabalho ou às escondidas, em troca das jóias que eu ganhava e vendia (por exemplo, Spinoza). Porém o mais importante e terrível dos motivos do mísero estado de minha biblioteca é o seguinte: a grossura e o peso dos volumes incomodavam-me tanto, quando lia deitada, que preferia lê-los em pedaços, mas não voltava, depois, a reencaderná-los. Por outro lado, nunca deixei de emprestá-los e dá-los, especialmente os que me eram mais valiosos, e isso se explica, eu temo, por um motivo meio maluco: uma falta de respeito pelo exemplar de papel mil vezes reproduzido, que me parecia indigno de seu conteúdo, como se de direito o conteúdo devesse subsistir diante dos olhos por si só, espectral, sem o apoio do papel.

No conto *A Casa*[148], de 1904, trocando idades, destinos e relações, transformei nossa casinha em cenário de acontecimentos vividos por pessoas que me eram conhecidas, entre elas Rainer, na figura de um menino entre pais felizes; com seu consentimento utilizei-me também de uma carta que ele me enviara. Mas antes, praticamente concluída em Schmargendorf, pus no papel minha saudade da Rússia, dando origem a *Ródinka*[149], que eu gostava que fosse lido porque falava das coisas russas; porquanto o resto do que escrevia era-me importante só ou quase só pelo fato em si de escrever, pelo processo que, de qualquer modo, continuou sendo para mim uma necessidade vital. Conservava numa caixa forte minha biblioteca de manuscritos, da qual apenas pelo "menos nobre" dos motivos, ou seja, por vergonhosas razões de dinheiro, eu retirava freqüentemente contrariada uma peça ventável. A menos que se tratasse de artigos diversos, que, sem colecioná-los, tenho espalhado pelo mundo afora. Eu os escrevia, em parte, porque os temas na época falavam-me ao coração, e em parte porque eram primordialmente motivados por necessidades econômicas.

Sobre isso quero revelar uma esquisitice minha: nestes trabalhos conceituais sentia-me acentuadamente entregue a uma atividade feminina, enquanto tudo o que fosse caracteristicamente poético eu o sentia como algo masculino. Por isso, a maioria das personagens femininas são vistas por mim com olhos de homem. A explicação de ambas as coisas remonta à minha adolescência, pois no conceitual, para o qual meu amigo educou-me, estava incluído, de forma feminina, o amor que eu lhe devotava, ao passo que tudo aquilo que instigava a fantasia estava submetido à sua proibição, e só podia subtrair-se à obediência através de atitudes de desafio, de orientação masculina. Não é de se surpreen-

der — profundamente enraizados que estão os impulsos humanos no inconsciente — que esses efeitos não tenham desaparecido senão em uma idade bastante avançada, em torno dos sessenta anos.

Sucumbi várias vezes à tentação de passar os meses de inverno em Berlim, impelida por Max Reinhardt, que me convidou a assistir desde os ensaios a criação dos *Kammerspiele*[150]. A experiência foi-me tão forte que até mesmo as outras coisas que tive acesso por seu intermédio, as relações com o rico círculo humano em seu redor, ficaram em segundo plano, o que não significa pouco.

Não penso aqui em termos de censura ou glorificação, relativamente ao discutido problema Reinhardt, nem penso sequer em suas próprias estréias, mas apenas em sua peculiaridade como trabalhador — do mesmo modo que a partir dele nenhuma tradição ou doutrina vai corporificar-se, permanecendo apenas a impressão da singularidade de seu trabalho (cuja liberdade provinha do fato de que apenas *Edmund* Reinhardt era o responsável por todos os negócios). E minha impressão era a seguinte: *nesse* Reinhardt, que sonha e recebe a poesia tão passivamente como o grande ator recebe a obra de arte que lhe é confiada, o ponto verdadeiramente genial é uma enorme *atualidade,* que jorra e se apodera dos atores. Tendo que lutar como um ator contra a timidez e comportando-se socialmente de forma bastante insegura, Reinhardt tem, *trabalhando,* um entusiasmo que é o que explica seu enorme vigor e resistência. A vontade de sonhar *e* um desejo quase brutal de poder unem-se indistinguíveis na realização.

Entre outras coisas o que me gravou fortemente na memória era como, mesmo em instantes extremos, sua brutalidade não se abrandava. Certa vez, quando Agnes Sorma, em *Os Espectros,* soluçando e contendo os soluços, escutava a confissão do filho, sem conseguir acertar o tom que Reinhardt exigia, o ensaio foi encerrado em um clima de cansaço geral, e ao sair a atriz, extenuada, irrompeu num choro convulsivo. Reinhardt deu um salto, com o braço erguido, gritando entusiasmado: "O tom! é esse o tom!" e se teve que recomeçar para "ensaiar" a crise de choro.

Minha impressão de Reinhardt foi a seguinte: enquanto a poesia só se viabiliza na voz que encontra, aqui, não raro, era como se ela fosse dispensada da cabeça de um poeta, ao expressar-se, *em vontade de poder,* o processo de trabalho com seres humanos vivos. Elemento onírico e momento de vontade uniam-se para juntos produzir o efeito expressivo, que brotava sob forma inteiramente pessoal, tornando visível o que ia sendo criado. As estréias, por mais brilhantes que fossem, não podiam sequer sugerir uma idéia aproximada disso — apenas os atores o podiam, mas estavam, no entanto, absorvidos por inteiro em seus trabalhos. De qualquer modo, creio ser bastante eloqüente quando friso que tudo o que recebi indiretamente de Max Reinhardt, as impres-

sões e as relações provenientes do círculo de pessoas a seu redor (e que sensação de enriquecimento me dá, só em pensar nos nomes de Kaysler, Bassermann, Moissi, Gertrud Eysoldt!) tudo cede passo diante do espetáculo que ele mesmo oferecia.

Naquela época pude presenciar também a inusitada passagem do grupo de Stanislawski[151], que eu já conhecia de São Petersburgo e que ninguém apreciava mais ardentemente do que Reinhardt. Nesse grupo o diretor tinha sido de certo modo substituído pela *vontade comum,* que tinha reunido todos aqueles atores da mesma classe e de mesma cultura, o que, até há bem pouco tempo, faltava ao teatro. O modo de ser russo decuplicava isso. Cheguei muitas vezes a pensar que somente a partir desses princípios, de uma coesão semelhante, chegar-se-ia a criar uma base realmente nova para todo o teatro, pois isso era uma profunda necessidade comum dos homens; não teatro como mera diversão artística particular de alguns. Com a parte artístico-técnica, Stanislawski era, no entanto, seriíssimo: "Para cada representação, cerca de cem ensaios!", preconizava ele, e Reinhardt suspirava, nostálgico: "Se *isso* fosse possível!" A oportunidade de obter mais detalhes dos russos nasceu dos repetidos convites que recebíamos, eu e Harden, o qual sabia magistralmente como dirigir a conversa de todos, entremeada de francês e russo, para os pontos que lhe eram especialmente importantes. Nossas caminhadas a dois, do hotel dos russos em Unter-den-Linden até sua pequena vila em Grunewald, proporcionava-nos uma continuação magnífica para as conversas; na época nos entendíamos a qualquer hora, e foi somente a Guerra Mundial que nos separou, em razão de seu ofício de jornalista.

Entre os meses de inverno que passei em Berlim fiz múltiplas viagens, por exemplo, à Noruega, Suécia e Dinamarca, porém sem me encontrar com Rainer durante sua estada lá, no verão de 1904, por causa de um incompreensível desatino de minha parte. Eu sabia que ele estava no sul da Suécia, na casa de uns conhecidos de Ellen Key, e ao passar por Copenhague enviei-lhe um cartão-postal de meu hotel, indicando, com um pequeno sinal, a janela de meu quarto; quando Rainer o recebeu, viajou para lá, em vão, para me procurar. Com Ellen Key nós dois prosseguimos mantendo amizade mais ou menos o mesmo tempo[152], e foi com ela que fiz minha terceira viagem a Paris, em 1909, onde encontramos Rainer, na época secretário de Rodin. Ellen Key tinha uma bondade tão humana para comigo que até suportava, com humor, minha aversão a seus livros, mesmo quando me ameaçava: "Burra, então da próxima vez não vou para tua casa em Göttingen, mas seguirei viagem diretamente para a Itália, a pé!" Ela gostava muito de nossa casa, e eu também da dela, na Suécia, junto ao Wettersee, onde uma vez passei todo o final do verão.

Rainer e eu nos desencontramos uma segunda vez, por pouco e

sem saber, na época em que ele tinha estado em Duíno, e eu, ao final de uma viagem para o Sul, fiquei algum tempo em Sistiano[152]; mais tarde gostávamos de imaginar como teria sido nos encontrarmos, inesperadamente, num passeio matinal à beira-mar. Porém muito mais importante parecia-nos o fato quase estranho de nós, por maior que fosse o tempo que passássemos sem nos avistar, ao nos reencontrarmos — seja em nossa casa ou na dele, em Munique, ou em qualquer outro lugar — sentíamo-nos como se, nesse ínterim, tivéssemos percorrido os mesmos caminhos, aproximando-nos dos mesmos objetivos, ou quase como se a separação tivesse sido anulada por uma secreta correspondência que absolutamente não tinha existido. Quaisquer que tivessem sido os acontecimentos exteriores, o ponto de encontro era sempre alcançado em comum e o próprio reencontro pessoal uma celebração desta circunstância, que transformava tristeza e preocupação em alegria transbordante.

Cheguei também a ter um contato com a Espanha, muito antes, porém, que Rainer. Mas, ao entrar em San Stefano, uma corrida de touros antagonizou-me tanto com o país que preferi permanecer no país basco francês (Saint Jean de Luz). Com os anos, não só tomei mais gosto pelas viagens, como também tornei-me mais acessível e receptiva às impressões do exterior. As coisas deixaram de ser apenas cenário (como acontecia ainda em Roma) de extraordinários acontecimentos interiores e passei a abrir-me de modo totalmente diferente a todas as verdadeiras alegrias e à compreensão do mundo. Paul Rée, junto a quem pela primeira vez senti-me verdadeiramente alegre, achou que isso ia tomando proporções tais que tratou de dizer: nesse ritmo você acabará uma velha senhora que ninguém vai conseguir segurar. Com efeito, mais tarde as pessoas supunham que minha juventude fora vivida dessa forma, e isso rendeu mais de um mal-entendido delicioso. Num círculo com os tipos mais variados de pessoas, e na parte mais alegre da conversação, alguém afirmou indiscretamente que estava seguro de ter ouvido há muitos anos que eu desaparecia a cada primavera e outono para um lugar qualquer, de onde retornava completamente regenerada. Seriamente e num tom de repreensão, respondi que diante de tal acusação falsa era de se exigir retratação e pedido de desculpas, porque *nunca* me teria atido às estações do ano.

Nem sempre escolhia os mesmos amigos como companheiros de viagem. Cada país e cada povo exigiam formas diferentes de vivência e minha persistência nos retiros advinha do fato de isso ser, para mim, uma necessidade. Em contraste com as excursões de hoje, que geralmente incluem também o ultramar, minhas viagens circunscreveram-se apenas a um pequeno setor da Europa; nunca me aventurei até o extremo oeste. Em minha viagem mais longa para o sul, passei pela Bósnia, Herzegovina, Dalmácia, Bulgária, Montenegro e Albânia, até a Turquia, para além de Skutari. O que se chama hoje Iugoslávia, literalmen-

te me fez prisioneira de recordações, por seus habitantes — como se o jugo do povo russo houvesse transferido para lá a alegria e a liberdade: nada lembrava a formal soberania turca, e as pessoas tratavam-se com grande amistosidade. Raras vezes vi algo mais encantador do que essas altas mulheres de um loiro escuro, fortemente diferenciadas, por seu porte, das turcas, corpulentas e de andar acanhado (pelo menos eram assim, na época!); e, raras vezes, crianças maltrapilhas mais graciosas: por uma tradição antiqüíssima, os movimentos estavam como que aliados à beleza. Até na gesticulação constatava-se isso: naqueles que galopavam ladeira abaixo, com seus trajes, e montados em pêlo, ou nas pessoas sentadas de cócoras à beira d'água (que podiam estar lavando roupa ou rezando, tanto faz: a atitude tinha moderação e forma igual para ambas as coisas). Passamos várias vezes por um mendigo de idade avançada que, agachado na grama, parecia um príncipe, apesar da mão estendida, de modo que, ao passar na vez seguinte, não nos causou assombro o fato de ele, com a outra mão, estender uma cigarreira de esmalte azul e convidar-nos a fumar. Sem dúvida, tudo se apresentava primitivo: depois de alguns anos, Rainer e eu discutimos essas impressões tão vivamente como se elas tivessem sido uma recordação comum. Aquele aspecto religioso da vida russa, que tanto tinha impressionado Rainer, parecia aqui exercer uma influência ainda mais ampla. Se se quiser, mais mecânica, justamente por sua antigüidade, por sua "calcificação" mais efetiva e sem a pretensão de que os outros professem convicções semelhantes. Já no serviço religioso russo, e ainda mais no armênio, essa rigidez aparece como efeito, oferece-se ao estranho como que uma taça de prata vazia, para que ele coloque dentro sua própria devoção. Ocorre algo parecido com o islâmico, pelo que ele combina bem com a atmosfera dos ritos greco-católicos. Se para entrar numa mesquita basta apenas livrarmo-nos dos sapatos para pertencer ao silêncio religioso dos que, em pé ou agachados nos belos tapetes, rezam, então a meditação e o recolhimento tornam-se irresistíveis.

Recordo-me, numa noite lá, da primeira impressão que me fez intuir algo dessa espécie de devoção. Nossas janelas estavam abertas para o tumulto das ruelas estreitas, onde o burburinho dos mercadores, o barulho dos veículos, os zurros dos asnos e outras atividades competiam desenfreadamente. Então, de súbito, aconteceu um tão repentino instante de silêncio, como se o universo tivesse prendido a respiração; sucumbia-se à ilusão de que a própria natureza o compartilhava — até mesmo os burros emudeciam. Desde o minarete da mesquita, projetando-se como um dedo levantado em direção ao crepúsculo, escutou-se: "Allah Akbar!", a chamada do muezim. Como surgido do coração de toda criatura que teme e anseia, esse grito ressoa na linha divisória entre a luz e as trevas, e ninguém se atarda para encontrar nele uma significação, incorporando-se todos no uníssono da devoção comum; assim

também de madrugada, quando o mesmo clamor cai sobre os sentidos dormentes como uma proclamação da vida, que é alvorada e ocaso.

Minha última viagem, em 1911, foi a São Petersburgo e à Suécia; regressando, saí de Estocolmo com um psicoterapeuta dessa cidade, ambos com destino a Weimar, onde se reunia em setembro o Congresso Freudiano. Um ano depois estive em Viena[154], e a partir de então não empreendi uma viagem sequer que não estivesse relacionada com o professor Freud, com Rainer, ou com algo de natureza profissional.

Uma vez que a guerra mundial delimitou, para sempre, frente a todo o posterior, esses anos de visitas despreocupadas a diferentes povos e diferentes países, tudo aparece em retrospectiva, com aquela salutar e confiante mistura do estranho e do próprio, como uma fase da vida já encerrada — tudo já transformado apenas em lembranças e visível apenas com o distanciamento de quinze anos, pois 1914 nos transformou em outros seres humanos.

Em lugar do múltiplo intercâmbio de novas e velhas amizades, as pessoas que comungavam as mesmas convicções passaram, ano a ano, a estreitarem-se mais. Em Viena, no círculo ainda reduzido que se aglutinava em torno de Freud, vi-me acolhida em uma comunidade que, por sua meta, parecia-me uma irmandade. Havia algo nele que atuava em mim com um efeito tão agradável quanto o do nosso círculo em torno de Paul Rée: assemelhava-se a um retorno àquela naturalidade com que tratava meus irmãos que, malgrado nossas diferenças, eram provenientes dos mesmos pais. Ainda que vivendo nos locais mais distantes do mundo e nos mais diferentes países, ligava-nos a condição de correligionários.

A maioria deles foi para a guerra. O professor Freud, cujos três filhos e um genro estavam em combate, escreveu-me uma vez, fazendo referência à minha boa opinião sobre os homens em geral: "O que você me diz agora dos irmãos[155]? Diante de tudo isso, você, com seu jovial otimismo, poderá voltar alguma vez a ser completamente alegre?" Dilacerada entre os povos em luta, no mais profundo isolamento e em conflito comigo mesma, pude apenas responder: "Não".

A guerra é como uma coisa e um modo de ser de homens: isso faz pensar se o mundo não seria outro, se as mulheres o comandassem. Quantas vezes se terá imaginado e sopesado isso, em revolta contra o humanamente inalterável: porque não parece que se vê, elevando-se com sua imensa e expressiva imagem por todas as fronteiras dos povos em luta, a figura da *Mater Dolorosa,* inclinada sobre cada um dos caídos, inclinada sobre o Filho? E, todavia, continua sendo uma ilusão ótica elevar essa invisibilidade a tal exegese e evidência. Não *é* assim como parece. Porque o materno, de cuja corporalidade o ser humano nasce, não é apenas o eterno *padecer,* aquilo que se passa com cada um de seus filhos, e também não é a eterna *represália* pelo que ocorre a cada um

deles de ameaçador à vida. Ser-mãe é necessariamente uma adesão apaixonada à vida e ao ódio, irredutibilidade na intolerância e no furor destrutivo, desde que se trata daquilo que ela pôs no mundo, daquilo que ela se desprendeu apenas como parte inalienável de si mesma. A herança materna molda em todo o nascido tanto a força de sua entrega quanto a de sua brutalidade, a implacável limitação entre os seus.

Mesmo que tomadas por um profundo desejo de paz, as pessoas sentem-se satisfeitas na plena disposição para a luta, sem cólera e defesa contra tudo o que as ameaçam. Por isso, ao pacifismo de princípio, mesmo o mais honesto e o de mais elevada convicção, não toca nunca de maneira completamente injusta a suspeita de frieza de sentimentos, pois ali onde se podia impor um pensamento racional e disciplina sentimental purissimamente filtrados, faz falta a adesão apaixonada, que se identifica com o objeto agredido.

Por isso existe uma diferença apenas aparente entre as eras mais selvagens e as mais civilizadas, orgulhosas de sua cultura, que, por um lado, prestam-se a fornecer armas e recursos assassinos ainda mais engenhosos, e, por outro lado, ao mesmo tempo, dedicam-se a cuidar e sarar as chagas abertas pelos inimigos. Se fazemos guerra é porque já em nós mesmos somos guerra: plantados, em nossa essência, sobre dois planos, como não se pode imaginar outros mais opostos nem mais dispostos a disputar espaço. A humanidade manifesta-se nos níveis do *instinto* e do *pensamento,* esferas tão divergentes que parecem impossíveis de integrar a mesma pessoa. Só que, à medida que a civilização cultiva-se, aparece uma terceira possibilidade: adaptar-se um ao outro, num bom entendimento (numa atitude política igual àquela que preside o apaziguamento entre inimigos, após as guerras), ainda que, uma e outra vez, ocorra atropelos. Recorremos a esse método cultural para evitar uma guerra total em nós mesmos. Desse modo, porém, acaba crescendo em nós uma *máscara,* cada vez mais involuntária, encoberta e desconcertante — e não apenas por fora, diante de nosso rosto, mas também voltada para dentro, por trás do rosto, voltada para a própria alma — como dificilmente poderia ocorrer com uma humanidade mais ingênua, mais desajeitada, e de impulsos mais primários.

Mas em extrema oposição a isso, tais épocas permitem também que aflorem à vivência elementos mais primitivos, escancarando o homem diante de extratos fundidos no passado, e o fazem mais profundamente que outros destinos. É o que se deduz dos relatos daqueles que conseguiram voltar da guerra, testemunhos surpreendentes de algo nunca antes conhecido. Aquilo que se resumia sob a "camaradagem", companheirismo, na igualdade de experiências, e que era muito mais forte a amizade e a família, havia levado os homens a incorporar-se em uma totalidade, em uma comunhão, como se tivesse ressuscitado aquilo que no ser humano, antes de qualquer articulação da consciência indi-

vidual, é forte e coeso. Assim, esses relatos de guerra revelavam também uma desconhecida conexão com a *natureza*, percebia-se algo que aparecia como uma novidade em relação à única atitude vigente, que se resumia ao prático, ou ao estetizante, ou ao determinado pelo sentimento.

Segundo tais notícias, tinha-se francamente que acreditar que esta renovação, sob o influxo do absolutamente destruidor e transformador das "forças do destino sobre o amigo e sobre o inimigo", apareceria também na comparação com os povos que haviam sido poupados da guerra, os quais, tanto quanto nós, em tempos de paz, só ouviram falar de tais coisas como uma anedota, contempladas de longe. Sem dúvida, as experiências abissais daquilo que é a realidade do horror contêm um enorme valor humano, porque são homens, homens, homens, os que sofrem em sua carne: o ser humano só vive a vida realmente quando suprimida a autorização para ocultar-se algo sobre si mesmo.

Na dúzia de anos após a Guerra Mundial, apesar de todos os esforços e meios empregados para terminá-la, a guerra continuou, ininterruptamente. Antes mesmo que terminasse oficialmente, a Revolução Russa havia-me separado de forma definitiva da família e do país natal! A transformação que ali havia ocorrido, somente poderia manter-se por imposição da violência revolucionária.

Durante a guerra e o pós-guerra, minha atividade na psicologia profunda freudiana ocupou mais e mais minha vida pessoal, em todos os níveis, tanto como investigação quanto como método de cura.

Não há nada que aconteça de modo mais belicoso que descortinar, até o fundamento de nossa alma, aquilo que há de quizilento em nós mesmos. Não há nada que nos projete mais num estado de guerra — de homem para homem, sobre um pé de terreno, nos limites da paz — que penetrar, em comum, no fundamento anímico de todos nós.

O que aconteceu, afinal? Apenas isto: um estranho entrava no quarto, recebido sem amor nem ódio, objetivamente disposto a tal trabalho, para cumprir, sem dúvida, algo muito mais dominante do que se pode dizer fora da colaboração vivente.

Passaram-se os anos, as filas de meus contemporâneos foram clareando pela idade, assim como a guerra havia clareado as filas dos jovens — e o ser humano estranho permaneceu.

Nos últimos dias de 1926, Rainer morreu; em 4 de outubro de 1930, meu marido. Logo depois procurei, mal e parcamente, esboçar seu perfil essencial, pensando somente em seus discípulos e amigos mais próximos. Por isso isolei-o, mais tarde, como apêndice àquilo que, no ano seguinte e de modo cada vez mais insistente, foi-me brotando como imprevisíveis *recordações* da vida: aquelas reproduções humanas do passado que, não casualmente, alcançam-nos apenas com a idade, como se precisassem de um longo caminho para nos mostrar o que têm de imorredouro.

Abstraindo isso, a vivência isolada pessoal não é assim tão importante quanto nos compraz crer: em que momento da existência foi-nos dado provar, em felicidade e dor, a existência, já que mesmo o mais diminuto e aparentemente banal de seus conteúdos pode mostrar-se, inesgotável, já que mesmo no mais brilhante, no mais coroado de êxito não é possível aos nossos olhos humanos reconhecer a imagem, em sua totalidade.

Pois a imagem continua sendo, a nossos olhos, um enigma: porque nós mesmos estamos inscritos em seu segredo aberto.

F. C. Andreas

Em comparação com aquele que vemos como homem médio (na maior parte das vezes, com um olhar demasiadamente superficial), o homem de valor apresenta dimensões mais amplas, há nele espaço para o homem *inteiro,* "com sua contradição", mas também com suas misérias, motivadas por semelhante convergência de contrastes. Também o que costumamos chamar de "dons" atualiza-se freqüentemente por meio desse drama interno, por esse atrito caracterizado pela penosa tentativa de apaziguamento dos conflitos que nos exaure até a última de nossas forças. A assim chamada *harmonia* da personalidade — de alguma forma ideal de toda a humanidade — está, *de fato,* ou num contentar-se com uma paz medíocre, obtida mediante redução das possibilidades humanas, ou, então, um mero esquema de aperfeiçoamento, que no fundo construímos e ilustramos baseados na não-humanidade da fauna e da flora, diante das quais medimos, invejosos, nossas muito maiores complicações.

Dentro da humanidade, o primigênio e o consciente defrontam-se mais ou menos como o "primitivo" e o "cultural", ainda que um seja a continuação e não a abdicação do outro, já que o mais espiritualizado não pode fugir do mais caracteristicamente primigênio, mas apenas superestruturá-lo. Do *nosso* ponto de vista, chamamos essa dualidade

de o europeu e o extra-europeu (apesar de seus povos altamente civilizados de outrora); ou então ela corresponde, para nós, aproximadamente, a duas direções: preponderantemente noroeste e preponderantemente sudeste. E, finalmente, tal comunidade de contrários carrega em si a problemática irresolúvel de toda a humanidade. Mas ter recebido o oposto em grau *individual* significa tanto um conteúdo mais rico quanto uma vulnerabilidade maior na luta de dons e carências. E quando um indivíduo *nasce* no embate exterior das duas direções e possibilidades, é claro que os dons que herdou não só se reforçam mutuamente, mas também se vingam, já que tal circunstância desenvolve-se até transformar-se num traço pessoal básico da imagem inteira. Algo dessa natureza se me impõe sempre na explicação da figura de F. C. Andreas, que se viu colocado entre essas duas tendências, tanto no que têm de debilidade, de forma que não posso evitar compreendê-lo a partir disso; se bem que eu esteja consciente da unilateralidade de tal esboço. Pois este só aclara *um* traço, ainda que fundamental, de sua figura, mas a ele devo ater-me, pois me vejo impedida de desenhar o contorno completo, pela proximidade pessoal do olhar.

Como neto, pelo lado materno, de um médico da Alemanha do Norte[156], de altas qualidades espirituais, que emigrara para Java e casara-se com uma malaia — uma mulher bonita, delicada e muito amada — Ocidente e Oriente participaram já do nascimento de Friedrich Carl Andreas; porém sua mãe, por sua vez, ligou-se a um armênio, da família principesca dos Bagratuni, domiciliado em Isfahan; como era costume entre os persas, em caso de contenda familiar, a parte vencida havia trocado de nome e adotado, nesse caso, o de Andreas. O pai do pequeno Andreas mudou-se para Hamburgo quando este tinha seis anos; aos quatorze, ele o mandou estudar em Genebra, onde ele se sobressaiu por sua ardente ambição e onde, junto com a música, dedicou-se apaixonadamente ao estudo das línguas. Nas universidades alemãs concentrou-se nos Estudos Orientais, especialmente os relativos ao Irã; doutourou-se em 1868, em Erlangen, e freqüentou ainda dois anos de estudos especializados em Copenhague, até ser chamado de volta a seu país, em 1870, por causa da guerra. Terminada a guerra, embarcou para Kiel, a fim de prosseguir suas pesquisas relativas à língua e à escrita Pehlevi, que seriam terminadas apenas em 1882, pois nesse interim foi enviado à Pérsia como integrante de uma expedição.

Se, por um lado, isso correspondia integralmente a seus desejos e estabeleceu uma ligação definitiva entre o objetivo de seus estudos e suas experiências e impressões pessoais do Oriente, por outro lado não deixou também de ir marcando o desacordo entre o europeu, que tinha aprendido a ser pragmático, e aquele outro que não podia resistir a ir para o Oriente como uma espécie de primeiro *retorno a casa,* em meio a seu bel-prazer. O que o destino, de modo surpreendentemente amisto-

so, havia preparado e presenteado, acabou mal. Ele foi juntar-se à expedição, que já havia partido fazia tempo, com grande atraso, demorando-se ainda na travessia da Índia, onde fez observações e achados valiosos, mas que nada tinham a ver com o motivo pelo qual ele havia sido enviado; isso causou mal-estar, além do que não agradaram os primeiros envios que fez da Pérsia, razão pela qual foi chamado de volta. O que acabou por piorar as coisas na Alemanha foi a explosão de temperamento, faiscante de ódio, que permeou sua resposta oficial, seguida da desafiadora e ardente continuação de seu trabalho na Pérsia, *sem* financiamento estatal. Sua estada nesse país durou seis anos, a maioria passados em amarga penúria. Forçado a regressar em virtude de uma doença da vista contraída na pesquisa de inscrições em plena luz do sol, viu-se obrigado a ganhar a vida penosamente, dando aulas particulares, até a fundação do Instituto de Estudos Orientais, em Berlim, conceder-lhe uma cátedra. Mas isto também logo teve fim, por força de intrigas que deram a impressão de que aqui também Andreas não se tinha atido aos objetivos e limites de suas funções, que não estava formando cientistas puros, mas sim ensinando diplomatas e comerciantes com interesses práticos: o que era absolutamente infundado, porquanto seu curso compreendia precisamente puros cientistas, os quais haviam encontrado nele um mestre nato.

Mas semelhantes mal-entendidos, provocados por outros, eram perigosos principalmente porque evidenciavam nele uma falta de equilíbrio; pois mesmo ali onde ele podia entregar-se tão ilimitadamente quanto quisesse a seu trabalho de investigação, ia de encontro a outra fronteira: em uma espécie de intuição visionária, o objeto de suas pesquisas científicas tinha a seus olhos um caráter de evidência em face do qual o caminho da demonstração racional parecia-lhe infinito — por assim dizer, interminável.

Sua meticulosidade, exatamente porque era uma supermeticulosidade que beirava o extremamente minucioso, exatamente porque lhe permitiu tornar-se mestre nela, impossibilitava-o de satisfazer a outra vocação essencial nele, a intuição visionária. O que fracassava, a meio caminho entre a meticulosidade e a intuição visionária, era a exata conclusão *final*. Uma pessoa indisposta com Andreas expressou isso, certa vez, com toda clareza: "Só como *sábio*, no Oriente, você teria estado em seu elemento". Ele não se imaginava, contudo, numa barraca, sob o céu claro do Sul, distribuindo sabedoria a seus jovens, mas sim exclusivamente como investigador em trilhas científicas, no caminho da erudição ocidental, com a meta da ciência rigorosa diante dos olhos. Nenhuma das duas coisas estava disposta a fazer concessões à outra, cada uma exigia para si tanta atenção quanto podia oferecer esse forte temperamento. Nem mesmo mais tarde, passados esses anos difíceis, isso se modificou: depois que obteve a cátedra de Estudos Iranianos e Línguas da

Ásia Ocidental[157], em Göttingen, Andreas não cuidou de fixar os resultados de suas investigações em livros, não se preocupou em publicá-los; ele os deixou no estado de anotações provisórias, como algo feito *de passagem*. Considerado em rigor, um resultado não é de fato definitivo através de tal fixação; não se nega que ele pode ir-se tornando cada vez mais cientificamente plausível, através de relações mais amplas e profundas, mas para tanto é necessário que se esteja disposto a uma dedicação para toda a vida. A mescla da supermeticulosidade e dos visíveis dons de adivinhação e associação, que se reconhece em Andreas como sua grande força, não permitia uma valorização oficial de seus trabalhos de investigador, não tendo sido tomada jamais a decisão de aproveitá-los de maneira útil. Assim, o que havia de mais valioso permaneceu como uma espécie de visão íntima encerrada nele mesmo, numa vivência pessoal, ainda que cada parcela mínima de investigação ou de demonstração, em sua singularidade, apontasse para o todo, e o ajudasse, de fato, a esclarecê-lo. Havia entretanto *um* lugar onde se reuniam para ele esses dois métodos antagônicos de conhecimento. A maravilha entre visão e erudição encontrava eco nos homens de igual vontade investigadora, nos discípulos dispostos à produção: sua dimensão supracientífica fundia-se em seus discípulos por meio da ciência. A propósito de Andreas, pode-se dizer, tranqüilamente: constituiu um verdadeiro crime o fato de ele ter que permanecer durante quinze anos de sua melhor idade viril sem discípulos de envergadura (para ministrar, por exemplo, aulas de alemão a oficiais turcos em Berlim). Foi apenas em Göttingen que ele passou a vivenciar a riqueza suprema que era o contato com seus ouvintes mais dotados, um contato diferente do de um simples professor ou de um amigo que ensina. Seus discípulos foram para ele o campo onde semeava sua riqueza, com tanta exatidão e incondicionalidade como só ele podia fazê-lo. Um colega de meu marido, que o conhecia desde a juventude, disse, após sua morte: "Ele tinha todos os alunos praticamente em suas mãos, e como eles permaneciam-lhe fiéis! Mas também *como* ele se dedicava!"

Devo confessar que a vivência de Andreas através de seus discípulos quase anulou sua morte, para mim, e aqui não me refiro à tristeza, à boa vontade, nem aos lamentos que aqueles externaram, mas sim à circunstância de que sua imagem continuou atuando com vivacidade tal, que é como se ele se tornasse tão real como jamais fora. Gostaria de repetir aqui o que me contou um de seus discípulos mais queridos: como, voltando da guerra, depois de vários anos, sentia-se desligado da ciência, uma vez que o impulso e a forma do pensamento científico não encontravam mais em sua memória nenhum material erudito. "Construir novamente esse mundo interior a partir dos livros parecia-me impossível; porém bastou que eu me perguntasse: como tinha sido na época de Andreas..., logo nos meus primeiros tempos e depois..., o sem-

blante dele quando pronunciava as palavras que desde o início envolveram-me com o todo, tanto que pensei afogar-me nisso sem poder dominá-lo, ainda que o grande mestre que eu havia tido tivesse me inculcado: 'Agora você está tão adiantado que precisa prosseguir com Andreas'. E então, no caudal dessas recordações, consegui reencontrar o caminho que buscava. Era um saber que não tinha nada de livresco, impossível mesmo de ser captado nos apontamentos, pois Andreas, ensinando, buscava-o sempre de novo, e de novo o encontrava com os estudantes. Essa experiência viva estava absolutamente intacta dentro de mim, e a partir desse momento voltou a encontrar sua plenitude."

De personalidade e saber foi-se harmonicamente construindo em seus alunos aquilo que nele próprio chocava-se discrepantemente: o contemplado, assegurado e evidente, *e* a infinitude daquilo que precisava ser demonstrado até no mínimo detalhe. A essa impressão que dele emanava, outro de seus discípulos da época chamou-a de "a mais régia soberania" que ele jamais havia experimentado, imune a todos os ataques externos, na consciência de seu valor grande e seguro e, por conseguinte, de sua alegre falta de ambição, da inexistência de um desejo de fama, da liberdade exterior.

A forma aberta que Andreas imprimia a seus cursos (não na Universidade, mas em casa, em seu gabinete de trabalho) contribuía ainda mais para que confluíssem as impressões puramente pessoais. Começava-se à tardinha, por assim dizer, na boca da noite, e não se pode dizer que terminasse logo — porque para ele, que não costumava ir descansar antes das quatro da madrugada, dia e noite intercambiavam-se naturalmente. Para aliviar os espíritos tão empenhados, servia-se ou chá, que ele preparava com as próprias mãos, com esmero oriental, e bolos, ou vinho e sanduíches; e a escolha de um ou de outro marcava a natureza e o tema da respectiva discussão.

O que ocorria a seus discípulos, a ele ocorria. Nos primeiros anos em Göttingen, conseguiu, com indizível esforço, assegurar o financiamento suficiente para um de seus discípulos, que ia integrar uma expedição à Pérsia. Ao voltar para casa e relatar-me os fatos, seu rosto exibia uma das expressões mais radiantes de alegria que acredito jamais ter visto; e foi só *nesse* instante que se extinguiu de vez o sofrimento que o afligia desde os tempos de sua funesta expedição.

E, contudo, por baixo e por trás dessa alegria formalmente redentora em meio a tal comunidade, não se dissolveu, em Andreas, sua permanente e dual direção. Jazia *latente* no íntimo, como uma possibilidade trágica, ainda que vez por outra vagamente realizada. Por exemplo, quando um de seus alunos tinha que passar a produzir individualmente — e por causa dessa força produtiva tinha que ser preferido, encorajado e querido — ele se adaptava aos *objetivos* da vocação de investigador melhor do que Andreas jamais o conseguira. Ele jamais

estava seguro de ter realmente pensado a coisa até o fim, de que a publicação era *necessária,* e transferia espontaneamente esses *seus* escrúpulos para a obra do outro: ele temia sacrificar, em nome da ambição e da pressa demasiada, aquilo que havia sido o sentido ainda não esgotado, ainda infinitamente independente, do trabalho comum. Mas quem pode afirmar se essa suspeita não era, afinal, uma necessidade — poder-se-ia dizer profilática — para não perceber a existência da suspeita contrária: a discórdia entre os dois métodos de trabalho, que se configurava espontaneamente na evidência vivida e no cientificamente dependente, de algum modo, de prova, em si não completável nem finalizável. Ele sempre temeu, em todas as áreas, as manobras mistificadoras do diletante, que faz acreditar que possui o todo, quando apenas renunciou à exatidão das partes. Nas possibilidades latentes de ódio frente a seus discípulos preferidos, aquele temor cruzava-se com o oposto sentimento de aflição, por estar apartado deles pelo medo de não poder transferir plenamente, nem mesmo para *eles,* sua própria riqueza. Isto não impedia sua comunidade com eles, mas mergulhava a todos, dolorosamente, no mesmo fundo de ódio. Gerhart Hauptmann, em sua juventude, descreveu a capacidade de amor de meu marido com estas insuperáveis palavras: "Que selvageria e que doçura". Era impossível não notar em Andreas o traço perigoso que transformava seu conflito interior numa sobrecarga, um peso excessivo para suas forças, que podia às vezes arrastá-lo a uma infatigável atividade interior, a uma espécie de lida incessante que carecia de um olhar retrospectivo ao já executado, ao trabalho-que-ficou-para-trás, de modo que esse homem extraordinariamente robusto podia, de repente, parecer esgotado e como que acossado por si mesmo. Por isso era necessário evitar cuidadosamente, na vida em comum, compartilhar distrações com ele, mesmo quando elas o interessavam (e o que é que não interessava a esse ativo espírito!). É também daí que provinha sua atitude de perplexidade diante das puras obrigações, que demandam um certo interesse constante, por assim dizer, a prazo determinado; a elas, ele mais "do que é de César", mas esse "mais" era demasiadamente forçado para poder ser cumprido. E embates dessa espécie manifestavam-se nele de forma tão corporal que um deles poderia tocá-lo no coração, como um destino. Por isso ficou-lhe durante toda a vida a amargura pelo que não realizara nos anos de juventude, e pela injustiça que isso lhe causou na pátria alemã. Lembro-me de como reagiu certa vez quando eu, a mando de alguém que o estimava, perguntei-lhe se não queria colaborar em uma coleção de autobiografias de eruditos. Ele estava em pé, servindo-se de chá. Não respondeu, mas seu rosto moreno tornou-se lívido e seus olhos cravaram-se num determinado ponto da parede de forma tão ameaçadora que era como se ali, diante dele, estivesse pregado e já morto o infeliz solicitante. Largou rapidamente o bule de chá, pois suas articulações esvoejavam. O moti-

vo banal por que ele largou o bule estava suficientemente claro. E, contudo, uma impressão fez-me estremecer: era como se ele tivesse precisado deixar as mãos livres.

Mas isso e coisas que tais não devem ser confundidas com o que costumamos chamar de ausência de cuidado ou de autodomínio: ele podia, sob tais circunstâncias, controlar-se até graus igualmente extremos. Era arrebatado antes de mais nada porque a totalidade de sua esfera sentimental era mais capaz de vibração que o comum das pessoas, e ela efetivamente correspondia quando se tratava de assuntos que de um modo ou de outro dissessem-lhe respeito — como se involuntariamente aproveitasse a ocasião de resgatar-se em meio à serena ordem das coisas. Sua íntima participação originava então, injustificadamente, mais espanto que a ocasião que ela refletia.

Um pequeno episódio dos primeiros anos de nosso casamento pareceu-me característico: havíamos comprado um enorme terra-nova como cão de guarda, e numa noite de verão meu marido entrou furtivamente pelo jardim até o vestíbulo, para comprovar se o cachorro, ainda não familiarizado, o identificaria pelo faro, ou o confundiria com um ladrão: ele vinha nu, como o cão ainda não o vira. Mas ele mesmo, na precaução e agilidade de seus membros, e na seriedade concentrada em seu rosto, parecia-se tanto com uma fera espreitando sua presa que — é difícil traduzir em palavras — ambos, em seus mistérios, assemelhavam-se. Ele fez tão seu o drama interior do animal, aquele "pró ou contra", que de certa forma não estava mais participando de um jogo, parecendo, isto sim, entregue a seu próprio duplo desejo, porque em realidade desejava tanto ser amado quanto ser guardado por seu novo companheiro. O animal, extremamente tenso, sai-se brilhantemente do impasse, fazendo justiça aos dois desejos: *rosnando* ameaçadoramente, *recuou*. Diante disso, meu marido, nada menos que feliz, desatou a rir e abraçou entusiasticamente o cachorro, que pulava sobre seus ombros.

Muitas vezes causava surpresa uma reserva, uma contenção nele, uma postura encoberta apesar ou por causa da maneira íntima como participava das coisas. Assim, por exemplo, quando seu amigo Franz Stolze[158], o acompanhante que lhe designaram na Pérsia, relembrava os anos ali passados em comum, evocando, como se faz de costume, os acontecimentos interessantes, Andreas ficava de lado, geralmente monossilábico. Sentia-se que para ele não era algo de interessante, mas sim de íntimo, e que não podia ser contado, mesmo sob o aspecto mais exterior, sem que se perpetrasse indiscrição. E não era assim apenas por causa do sofrimento passado, mas também pela felicidade havida, que o comovia fortemente. Mas também havia horas em que ele falava disso como se exibisse um tesouro: relatava a seus amigos e discípulos as noites com o vice-rei, falava de seu criado, seu cavalo, do *fox terrier* que lá deixara cheio de tristeza, de seu camaleão. Mas prefiro voltar a descre-

ver, pela boca de um deles, *como* Andreas falava de suas viagens: "Quando chegava o amanhecer eu já estava cansado para prosseguir trabalhando, mas ainda não me despedia e a conversa ampliava-se mais. Certa vez ele leu para mim um quarteto de Omar Chajjã, na tradução de Rosen[159]; aquilo não era *relato* da Pérsia, era como uma cena sob o céu persa. Os versos exprimiam a sabedoria oriental, falavam do vinho e do amor, reinava ali uma espiritualidade alegre e uma ternura única". Ou: "Fora da produtividade sempre renovada, pela qual nenhum material de aprendizagem era dado como acabado, tudo, inclusive o aparentemente formal da gramática, era um pedaço vivo do Oriente. Por trás das deduções da ciência racional continuava-se a sentir o jorro de vida da qual elas advinham — uma vida inexprimível mas pulsante, que transformava uma palavra e todas as regras de fonação e declinação que nela eram observáveis, em um pedaço do mundo real."

Parece-me que, nesse sentido, o "completamente real" do espírito permaneceu, no homem do *oriente,* conceito mais imediato que no *ocidente,* onde "idéia", "ideal", "ideológico" significam sempre uma distância relacionada com algo acima ou abaixo (exceto no amor goethiano, que é "*ambas* as coisas de *uma só* vez"[160]). Ao espiritual dá-se uma expressão que se manifesta *corporalmente* e, com isso, a corporalidade ganha uma significação que a transcende. Isso me parece explicar muito daquilo que em Andreas resultava peculiar e essencial, por reunir o "espiritual" e o "corporal" de maneira indissociável. Seus alunos sabiam com que freqüência, antes ou após a aula, eram discutidas questões de natureza higiênica, sempre com relevo tal que pareciam fazer parte do programa; e ainda que ele fosse pouco preocupado com seu estado corporal ou com sua aparência exterior, o corporal — o corpo límpido, banhado e ungido com sabedoria oriental — não era de forma alguma postergado como merecedor de respeito. Poder-se-ia dizer, em tom de brincadeira, que a esfera das idéias não estava para ele *visivelmente legível* no corpo, mas sim originava-se indiscutivelmente neste, assegurando sua presença não por uma longa cadeia de pensamentos, mas pela ininteligível existencialidade e espontaneidade. Sempre me recordo de um versinho do velho Mathias Claudius (provavelmente familiar a meu marido desde sua infância hamburguesa), que ele citava sempre com um tom maroto e alegre, e que, para mim, parecia provir diretamente daquilo que para ele era segurança e realidade, das quais não podiam desviá-lo nenhuma unilateralidade, nem a obscuridade do corpo, nem a claridade do espírito:

Siehst du den Mond dort stehen?*
Er ist nur halb zu sehen
Und ist doch rund un schön...

* Vês ali a lua?/Só se pode ver sua metade/E contudo é redonda e bela... (N.T.)

Tem também relação com isso a impressão de que, para Andreas, juventude e velhice não eram tão distintas como para o comum das pessoas. Ambas se expressavam menos separadas e sucessivas; mal sei se antes o conheci mais sereno ou mais impetuoso, pois quando ele estava *inteiramente aí*, estava-o com uma presença de cunho intemporal, em face da qual mesmo o que era invisível continuava sendo "redondo e belo". Imagino que devia ser isso o que muitas pessoas, mesmo aquelas que mal o conheciam, chamavam de seu "charme". Não obstante o conflitivo, o irreconciliável que o fez sofrer tanto, viveu, até os 85 anos, o presente indestrutível, até que, sem olhar para a morte ou para o espanto que se aproximava, adormeceu para o tempo, como uma criança mergulhada em seus pensamentos. Em sua velhice, eu às vezes pensava: alguém que não tivesse vivido como ele, voltado tão desembaraçadamente para o extraordinário, mas sim como um monstro, um malfeitor ou um libertino, conservasse, todavia, após tão longa vida, tanta vitalidade, tanta alegria e segurança de coração, tamanha capacidade tanto para a extrema ira como para a profunda ternura, na verdade estaria justificado e seria para os homens motivo de contentamento.

O que falo aqui a respeito dele pouco mais pode fazer do que tocar na lembrança dos homens em cuja estima ele já descansa; percebo-o assim que olho para o que está à minha volta, para os espaços que foram sua morada, e onde os mais corriqueiros acontecimentos do quotidiano falam dele e tornam visível sua figura.

Ou então olho para o pomar, através da janela; vejo sua figura atravessando-o uma vez mais, ao terminar sua jornada: clareia o dia de verão e ele vai descansar. Na maior parte das vezes ainda repleto de problemas científicos, que o faziam esquecer de tudo o mais, em penoso e feliz trabalho. Mas o que se via não revelava isso: ele caminhava cuidadosamente como os animais, despertando os melros com assobios que estes respondiam, de início com suavidade, e depois em doce chilreio; e também o galo no galinheiro, que era igualmente chamado, deixava-se levar pelo orgulho e tentava sobrepujar o segundo galo estranho, com igual cocoricar.

Este homem que suplantava os melros e os galos fazia isso tão bem quanto exercitava, em sua escrivaninha, a investigação lingüística, pois para ele, aqueles momentos eram tão importantes e tão ricos quanto os que desfrutava na comunidade de seus semelhantes.

O que falta ao "esboço" (1933)

O elementar e o íntimo não dizem nada de si mesmos[161]. Assim, o que é verdadeiramente essencial acaba não sendo expresso. Mas se o positivo cala-se, pode ser que, a partir do negativo, torne-se confissão, esboçando-se em seus erros e lacunas, e evidenciando, com seus lugares vazios, a devida silhueta.

Numa hora muito pessoal, e sem que fosse premeditado, veio-me num estalo aquilo sobre o qual vou falar: a coação que originou um mal-entendido entre mim e o amigo de minha juventude, Paul Rée; como se contra um veículo a toda velocidade fosse arremessado um obstáculo, despedaçando-o.

Obstáculos exteriores havia muitos, mas confiávamos em nosso caminho, sem preocupações e satisfeitos. Para onde quer que fôssemos, seria sempre por nosso próprio caminho.

O mal-entendido aconteceu pelo fato de eu ter dado um passo no caminho de outrem, sem que pudesse, por causa desse outro, comunicar ao amigo toda a verdade sobre esse passo[162].

Paul Rée, para quem nada era mais difícil do que acreditar que se pudesse gostar dele, viu nesse passo a prova de uma separação previamente urdida, e tirou disso todas as conseqüências: mais tarde, inclusive a do ódio.

Ele não suspeitava que nem antes nem depois sua amizade fora-me tão necessária como naquela hora. Pois a coação que me obrigou a dar esse passo irregressível separou-me não dele, mas de mim mesma.

Só quem conheceu integral e profundamente meu marido, só quem o tinha amado total e profundamente segundo as circunstâncias de seu ser e temperamento, poderá suspeitar o que significa aqui a palavra "coação".

O que originava essa coação era o poder do *irresistível,* a que meu marido mesmo sucumbiu. Irresistível porque não se manifestava preliminarmente como violência instintiva do desejo, mas se colocava desde o princípio como *fato real* inalterável. E tampouco encontrava exteriorização plena através de persuasões, mas sim era encarnada diretamente por meu marido: seu corpo a exprimia em sua totalidade. Seria inútil tentar descrever isso a alguém que jamais percebeu em meu marido aquilo que não conheci em nenhuma outra pessoa. De pouco serviria, também, equipará-lo com efeitos desmedidos e violentos, como os que produzem criaturas monstruosas e desenfreadas, nem com os efeitos de extrema ternura, produzidos por criaturas tão indefesas quanto um passarinho, o qual ninguém, e sã consciência, suportaria pisar ou renegar.

Mas é sintomático que tais comparações defeituosas e inservíveis sejam feitas involuntariamente a partir do mundo das criaturas[163]. Um fator a nos fazer conscientes das limitações dos critérios humanos.

A impressão que eu tinha era de que ele não estava em condições de compreender meu estado emocional de então, minha apatia, minha indiferença pela excitação erótica dos sentidos; ao contrário, era bem diferente disso. Porque de modo algum eu estava me comportando como *mulher* em minha maneira de sentir. Nesse aspecto eu me comportava com a mesma *neutralidade* que em relação ao companheiro de minha adolescência.

Mas naquela oportunidade a motivação estava em algo que, mesmo se anunciando tenuemente, não deixava de distinguir entre o sentimento de amizade, inclusive a mais profunda, e o amor: porque os sentidos notam, em maior ou menor grau, o que é estranho ao *corpo.* Aqui não se tratava de nada parecido, nem no início, nem no transcurso das décadas.

Poderia ser também que tivessem interferido outras inibições, aqueles impedimentos que tantas mulheres conhecem e que em nenhuma parte estão mais claramente e melhor classificados do que nos descobrimentos da psicanálise. As experiências posteriores de minha juventude, contudo, mostram o descabimento desse diagnóstico.

Como qualquer pessoa bem podia ter pensado, na época meu marido sentenciava: "Idéias de moça que passarão com o tempo". E tempo aqui significa a vida inteira ou mais ainda: algo que excluía a morte, com a qual, em vida, meu marido simplesmente não contava.

Esse *exigir a totalidade* da vida ocupava-me muito mais do que o problema particular que mencionei acima, e para o qual eu mesma não encontrei resposta. Ainda me enchia de tristeza pela perda do companheiro, que tinha sido incluído como condição imposta a meu marido, condição que ele acabou aceitando, pois estava disposto a tudo.

Se formos considerar quantos anos mais de experiência tinha ele, e quanto eu era mais infantilmente ingênua que as moças de minha idade, sua obstinação e sua inquebrantável segurança pareciam quase monstruosas.

Nenhum de nós dois, porém, tinha um conhecimento suficiente de mim mesma, de minha própria "natureza", ou como se queira chamar isso que nos comanda sem nosso prévio conhecimento e sem mais nada. As opiniões juvenis que eu ainda pudesse ter ou as concepções sérias e honestamente meditadas *fundamentalmente* não me ajudaram em nada. Gostaria de explicar essa dificuldade com um exemplo de um âmbito completamente distinto que, de mais a mais, já incluí nas "Lembranças": o de minha separação da Igreja. Ela não representou nenhum ato de teimosia nem absolutamente de fanatismo pela verdade, e contra esse impulso, que haveria de causar aflição a meus pais e provocar escândalo, lutei não só com a razão: cheguei mesmo a condenar, por assim dizer "moralmente", o gesto exaltado que necessariamente resultava disso. Mas a rigor não fui eu que decidi na ocasião, mas sim um sonho noturno, em que me ouvi gritar durante o ato da Confirmação: "Não!" Não que eu, ao despertar, temesse proceder no final desse modo; mas esse episódio convenceu-me completamente o quanto me era impossível obrigar-me a fazer o que me pediam, ainda que somente *pro forma*.

Por mais que nos esforcemos para manter límpida a rede de suas conexões, o que acreditamos ser nossas motivações ou juízos pode mostrar-se, num determinado momento, tão insignificante para nós como teias de aranha entre dois ramos, que a suave brisa de fim de verão agita ou dispersa.

Viver subitamente um momento desses pode mudar a vida.

Tal experiência surgiu de repente diante de nós dois, se bem que esse momento permaneceu cercado de silêncio. Jamais corremos o risco de, juntos, falar sobre ele.

Uma tarde meu marido tinha-se deitado num divã sobre o qual eu repousava, dormindo profundamente.

Talvez fosse um repentino impulso de surpreender, de conquistar, que o induziu a isso. De qualquer modo, não acordei imediatamente. O que me despertou parece ter sido um ruído; um som débil, mas de tonalidade tão veemente e estranha que me pareceu vindo do infinito, de outro mundo.

E eu experimentava também a sensação de não ter meus braços comigo, mas em algum outro lugar distante de mim. Então, abriram-se-

me os olhos: meus braços rodeavam firmes um pescoço. E minhas mãos o envolviam com forte pressão, estrangulando-o. O som era um estertor.

O que vi, olhos nos olhos, muito perto de mim, inesquecível para toda a vida, um rosto...

Mais tarde, lembrava-me freqüentemente de como, na véspera de nosso noivado, as aparências teriam podido colocar-me sob suspeita de assassinato.

Meu marido levava consigo, nas caminhadas noturnas até sua casa, um pequeno e pesado canivete. Ele estava colocado sobre a mesa em que estávamos sentados, um diante do outro. Com um gesto tranqüilo, ele o apanhou e cravou-o no próprio peito.

Como louca, corri à rua de casa em casa, à procura do médico mais próximo, e quando um dos que corriam comigo perguntou-me sobre o acidente, respondi que alguém caíra sobre uma faca. Enquanto o ferido, desmaiado no chão, era examinado pelo médico, o rosto deste e algumas sílabas que pronunciou tornavam clara a suspeita de que havia sido eu que manejara a faca. Ficou-lhe alguma dúvida, mas em seguida ele se comportou discreta e bondosamente.

A circunstância de ter o canivete escapado de suas mãos fez com que a arma se dobrasse, o que deixou a salvo o coração, mas, ao mesmo tempo, produziu um ferimento em forma de triângulo, de difícil cicatrização.

Não foi a única vez que estivemos diante da morte, que ajustamos contas com a vida e ordenamos nossos assuntos diante dos próximos. Dois seres repletos da mesma perplexidade e desespero.

Todavia, horas, momentos que não podem servir de padrão para medir o resto de nossa vida. Porque em muitas coisas uniam-nos as mesmas inclinações e tendências de pensamento. Em geral, assim me parece, atribui-se a isso não pouca importância; é certo que cria ligações, traz alegria e permite o trabalho conjunto, mas com igual freqüência encobre de uma forma neutralizadora as diferenças, a distância recíproca, ao invés de permitir vê-las mutuamente com maior clareza, o que possibilitaria o aprofundamento da união.

Relativamente às múltiplas experiências de meu marido eu era de uma ignorância tão absoluta quanto se possa imaginar; mesmo quando havia podido estar tão perto dele quanto qualquer um de seus futuros alunos prediletos, os de capacidade produtiva, isso apenas relegava para um nível periférico nossas dificuldades de relacionamento e iludia-nos até a próxima e inevitável hora de separação. Mas os acontecimentos externos atuavam favoravelmente. Meu marido tinha, no Seminário de Estudos Orientais em Berlim, uma posição rica em trabalho e interesses, se bem que essa cátedra estava voltada mais para diplomatas ou industriais com perspectivas dirigidas à Ásia, fazendo com que apenas uma parte de seus conhecimentos de pesquisador encontrasse ali aplica-

ção. Seu colega e amigo Rosen, que anteriormente ocupara o posto e o deixara para ingressar no serviço diplomático, tornando-se embaixador e mais tarde Ministro do Exterior, lamentava, sorrindo, que meu marido devesse guardar o mais precioso creme ali, onde se podia viver com um gole de leite. Mas, para meu marido, a coisa era completamente diferente. Para ele, tratava-se de extrair toda a nata de uma gigantesca quantidade de leite! Ou, em outras palavras, agregar ao pensamento científico aquilo que devia refluir para a vida, fortificando-a; os estudos de povos e dialetos deviam conter esse condensado, que jamais fora investigação pura.

A sorte trouxe-lhe alguns discípulos dignos, entre eles Solf[164], que lhe foi devotado por toda a vida. Mas o posto mesmo tornou-se ingrato e intolerável, exatamente porque não lhe era possível oferecer qualquer coisa que não... leite.

Tudo isso era de tal maneira integrante de sua natureza como sua própria respiração, não representando nem um conflito a mais, nem um infortúnio evitável. Porém era nisso que se delineava a fatalidade. Como se aquilo que tinha sido sua mais poderosa iniciativa tivesse fracassado diante do caráter absoluto de suas exigências. Como se a vida, naquilo que ela possuía de mais vibrante, se tornasse impossível, pelo caráter ilimitado de cada uma das realizações. Como se o "absoluto" e o "relativo" integrassem-se um no outro de tal forma que chegassem a negar mutuamente o resultado.

Talvez fosse algo assim que permitia, à expressão de seu ser e seu querer, alcançar tão imediatamente em sua aparência poder tão sugestivo. Talvez algo dessa oculta tragicidade se exprimisse em sua maneira de ser que subjugava, como em uma dominação do mais real e do nunca realizado.

Por isso adaptei-me, desde o princípio, e com grande naturalidade, a seu estilo de vida, tal como se lhe parecia necessário a seus objetivos. Concordei também em deixar a Europa, quando parecia, no início, que deveríamos ir para a Pérsia armênia, à região dos mosteiros de Etschmiadzin. Mesmo nossa forma exterior de viver acabou sendo determinada cada vez mais pela de meu marido: como ele, tornei-me um ser voltado para a simplicidade no vestir e no comer, e para uma relação radical com o ar; apesar de meus hábitos de origem nórdica, assumi essas mudanças com a mais decisiva afirmação, e persisti nelas durante toda minha vida. E havia um campo em que nos identificamos de imediato e que nos abria as mesmas portas: o *mundo dos animais*. Este mundo do "ainda-não-humano", diante do qual nos causa comoção sentir que ele descortina nossa humanidade de maneira mais visível do que nos é possível perceber em meio a todas nossas preocupações. Nossa atitude diante de cada uma das criaturas *animais* era tão parecida quanto era diferente nosso comportamento diante de cada um dos *seres humanos*.

Em contraposição ao acatamento objetivo e combativo de meu marido a seus propósitos fundamentais, minha natureza alheia à ambição e às metas contribuiu para que me adaptasse com facilidade. Eu nem saberia nomear o que era para mim necessário e essencial, talvez porque para realizá-lo prescindisse de preocupações e cuidados. De certa maneira parecia-me que qualquer coisa a ser empreendida, desde que se a fizesse *bem,* necessariamente conduziria ao resultado almejado. A isso se acrescia um sentimento secreto de resignação, pois, como quer que eu me comportasse, não teria mais nada a perder, no sentido último da expressão. A diferença entre meu comportamento de então e o anterior, não somente com o companheiro de minha adolescência, mas também em geral, com outros companheiros que me rodeavam, estava em que *outrora* a questão de andar ou não um caminho comum, e até onde, era, para mim, de certo modo inofensiva, respondível intelectualmente, enquanto que *agora* ela não se colocava mais, pelo fato de eu estar envolvida em uma responsabilidade indissolúvel.

Por outro lado, com isso emancipei-me extraordinariamente naquilo que dizia respeito à elaboração intelectual; o trabalho transformou-se em algo com existência própria, uma esfera de solidão ambicionada e séria; ele não tinha qualquer relação com a vida em comum nem com a problemática que esta me colocava. Aquilo que se convencionou chamar de desgaste mútuo praticamente não teve lugar entre nós. Daí porque os anos, por fim quatro décadas, não imprimiram qualquer mistura nem tampouco nenhuma perturbação naquilo que cada um realizava. Mesmo quando éramos pessoas já bastante velhas, raramente eu procurava meu marido para tratar de coisas que me ocupavam essencial e quotidianamente, era como se eu, para agir desse modo, precisasse estar chegando do Japão ou da Austrália — e, quando isso ocorria, parecia estar-me embranhando em continentes ainda mais distantes, nos quais punha os pés pela primeira vez.

Essas coisas só podem ser entendidas conceitualmente, mas seria verdadeiramente um mal-entendido se nelas só se percebesse uma *distância* que aumentou com o correr dos anos. Um pequeno episódio do último ano de vida de meu marido poderia provar isso. No fim daquele outono estive cerca de seis semanas doente em uma clínica, e como a partir das quatro horas da tarde continuasse a ocupar-me com minha atividade psicanalítica, meu marido conseguiu autorização para me visitar antes das três: o tempo regulamentar e disponível era, portanto, limitado. Estarmos assim sentados um diante do outro era, para nós, um fato totalmente novo. Nós, que não conhecíamos os habituais serões familiares, "sob a luz da lamparina", que mesmo nos passeios preferíamos correr cada um por si, experimentamos com isso uma situação de todo inusitada, que nos arrebatou completamente. Era preciso esticar os minutos, como, durante a guerra, esticávamos o pão diário, do qual

se tinha que viver. Cada reencontro nosso era como entre pessoas que regressam de longe e depois de muito tempo; e a comparação ocorreu-nos espontaneamente, estendendo uma delicada alegria sobre a riqueza dessas horas. Quando finalmente me recuperei e voltei para casa, as "horas de hospital" não cessaram de colaborar furtivamente, e não apenas entre as três e quatro horas.

Entre as pessoas dos círculos literário e político da época que se seguiu a nosso casamento, conhecemos um homem que nos chamou particularmente a atenção e nos agradou a ambos[165]. No primeiro momento, e como era comum acontecer, não ouvi bem seu nome, nem ele o meu. Quando meu nome foi repetido, notei que ele observava minhas mãos com exagerada insistência, e eu já estava em vias de perguntar-lhe o que ele olhava tão fixamente, quando, num tom brusco, fez-me a pergunta: "Por que não usa aliança?" Rindo, disse-lhe que havíamos esquecido de comprá-las e que deixamos ficar assim mesmo. Seu tom, porém, permaneceu o mesmo, e ele francamente me ordenou: "Mas isso tem que ser feito!" Ao mesmo tempo, alguém lhe perguntou, brincando, como haviam sido, para ele, as "férias em Plötzensee*", que acabara de expiar por crime de lesa-majestade. Não pude deixar de achar divertido que precisamente de sua boca tivesse escapado uma repreensão tão austera contra mim, mas ele permaneceu mal-humorado, contrariando sua estimulante loquacidade anterior.

Não tardamos em nos tornar amigos, e depois de algumas semanas, regressando a casa após uma reunião a que assistimos a dois, ele me confessou seu amor, acrescentando essas palavras surpreendentes, como que se desculpando: "Você não é uma mulher, é uma menina".

Um temor diante desse incrível saber preponderou em mim sobre todo o resto, de tal maneira que não só nesse momento, mas em geral, não pude chegar a me dar conta, conscientemente, de minha disposição para com esse homem. Não é impossível que eu experimentasse sentimentos em relação a ele; contudo, na medida em que estes, mesmo inconscientes, estivessem a caminho, foram totalmente obstados por um segundo temor, não menor, talvez até mesmo mais forte do que pode sentir a mais virtuosa das esposas que começa, inesperadamente, a se apaixonar. Porque mínima parecia-me a ligação de um sacramento ou de outras instituições humanas, em comparação com aquela *indissolubilidade* que, por força do caráter e do temperamento de meu marido, excluía qualquer separação.

Rapidamente me vi de novo imersa *naqueles* tempos que já havíamos experimentado antes de nosso casamento, antes das "promessas para sempre". Os estados de agitação de meu marido, que não permanecia cego e, contudo, preferia a cegueira, decidido a apunhalar o outro,

* Conhecida prisão, em Berlim. (N.T.)

mas não a dirigir-lhe a palavra, dominavam completamente o quadro da situação. E isso fez nascer em mim, involuntariamente, aquelas atitudes sentimentais de pessoa apaixonada, isto é, a necessidade de proteção diante dos temores, contra os quais eu nada podia, e que tornavam nossos dias e noites demasiadamente carregados de dor. O modo como o amigo tentava ajudar-me, nas horas cada vez mais raras que passávamos juntos, sua autêntica disposição amistosa e sua nobreza de caráter, que o tornaram inesquecível na minha lembrança, significavam, para mim, a redenção de uma solidão quase insuportável. Mas as coisas não paravam aí: as emoções e os temores que ele experimentava por minha causa agravavam seu estado até uma imoderação que afligia e torturava, ferindo-me ainda mais, como uma segunda violência.

Que em matéria de ódio ele não ficava atrás de meu marido pude constatar outra vez, depois de passados mais de vinte anos. Extremamente preocupada com meus parentes, em razão de problemas políticos russos, solicitei-lhe, num pequeno bilhete fechado, informação e conselhos. No seu nome e na indicação "Membro do Reichstag", constantes do endereçamento, reconheceu minha letra. O bilhete voltou com uma anotação postal: "Recepção recusada".

Na época, o fim chegou porque eu cedera à exigência de meu marido de não mais rever o amigo.

Esse episódio revelou o verdadeiro significado de nosso casamento, demonstrando que prosseguir a união, como até o momento havia sido, era humanamente impossível. Um divórcio no exterior, tanto antes quanto agora, estava fora de cogitação, pois o modo de pensar de meu marido excluía essa possibilidade, não porque ele tivesse esperança de que as coisas mudariam no futuro, nem porque estivesse convicto de que os erros do passado pudessem ser corrigidos, mas simplesmente pelo fato de ele ter-se fincado em algo irrefutavelmente *real,* presente. Sempre me permaneceu gravado o momento em que me disse: "Não posso deixar de *saber* que você é minha mulher".

Depois de meses de dolorosa convivência, entremeados de separações que ajudaram a evitar a solidão a dois, ficou assentada a nova situação. Exteriormente nada havia mudado, por dentro, tudo. Em todos esses anos as viagens foram numerosas.

Certa vez, numa hora amistosa e comovida, dirigi a meu marido a pergunta: "Permita-me dizer-te o que me aconteceu nesse meio tempo?"

Rapidamente, sem hesitar ou deixar um segundo de espaço para qualquer outro som, respondeu: "Não!"

Assim, sobre nós e sobre aquilo que dividíamos um com o outro, recaiu a abóbada de um silêncio elevado e inquebrantável, do qual jamais chegamos a sair.

Apesar da natureza especial de meu marido, ela não poderia deixar de conter traços característicos da natureza masculina comum, não

obstante pudessem ser diversas as circunstâncias em que tais traços viessem a se manifestar. Anos mais tarde, um amigo deu-me resposta semelhante, em face de minha prolongada ausência pelos motivos mais inocentes. Confundindo o motivo, e diante da minha proposta de esclarecimento, ele respondeu, de forma incisiva, depois de um minuto de pensativo silêncio: "Não. Não quero saber".

Em razão de nossa costumeira reserva no trato social, é possível que se tenham imaginado sobre nós coisas que sequer chegamos a saber; talvez as pessoas, tais como são, supusessem que meu marido era-me infiel, e eu a ele. Ninguém, contudo, poderia imaginar com que fervor, durante toda minha vida, desejei para meu marido, como um maravilhoso presente de Natal, uma mulher, ou a mais amada, a mais bela, a melhor das amantes. Nosso mútuo silêncio pode ter encoberto a ocorrência dessa eventualidade, mas nunca cessaram meus desejos de que isso realmente acontecesse.

No que me dizia respeito, pode ser que as lutas e as tensões precedentes, que se embatiam com violência contra uma saudade que crescia, tivessem justamente colaborado para o encontro do amor, em meio a uma grande calma e naturalidade[166].

Não apenas isenta de sentimentos de remorso ou de culpa, mas da mesma maneira como se recebe uma bênção, através da qual o mundo torna-se perfeito: o mundo não para si mesmo, mas como que o mundo em si. Do mesmo modo como se definem os fatos cuja definição está traçada e é imutável, pairando acima de nossas opiniões, e sendo recebido por nós sem qualquer acréscimo.

Por isso não se deve tentar comparar ou medir a *grandeza* e a *duração* das autênticas paixões: se sua extensão abrange a duração de uma vida e incorpora para sempre todas as relações práticas, ou se elas vão acontecer mais de uma vez. Deve-se experimentá-las como algo magnífico, para além de todo o entendimento, mantendo-se modestamente consciente da própria insuficiência, porque só assim todos os traços particulares do amor deixam-se, de forma visível, subjetiva e objetivamente explicar e apreciar. Na verdade, suspeitamos tão pouco do mistério de *todo* amor, exatamente em conseqüência da miséria de nossa limitação ao puramente pessoal, pois só dentro desse âmbito é-nos possível compreender as coisas. A colaboração de nossa condição humana e de nossa tendência apaixonada em direção ao sobre-humano atrapalham a valoração e a apreciação daquilo que nenhum coração humano jamais chegou a entender completamente.

Portanto à razão não resta outra coisa senão esforçar-se para compreender o que se passa no mais obscuro das consumações *corporais*, as quais, por isso, ficam entregues à banalidade. Contudo não acontece, com isso, o mesmo que com o pão e vinho sacramentais, que recorrem ao alimento e à bebida do corpo *para ser*?

Seja qual for o estado de emoção espiritual e anímica de ambos, o ser humano de nosso amor permanece sempre um sacerdote em vestes litúrgicas, que somente por necessidade chega a pressentir aquilo que celebra.

Tardiamente, mas mesmo assim durante mais de duas décadas e meia, meu marido esteve em exercício em Göttingen; mas mesmo depois de sua jubilação nada mudou, em essência: a equipe de alunos e de colegas estrangeiros com que trabalhava não o abandonou. Certa vez, esteve prestes a obter uma nomeação em Berlim, mas ela acabou não ocorrendo porque um certo artigo deveria estar pronto para publicação antes do prazo que meu marido julgava conveniente.

A involuntária expectativa que em geral cerca a elaboração de um trabalho para publicação trazia-lhe não só alegrias, mas também alguma irritação, relacionada, por exemplo, com a inclinação natural de responsabilizar quaisquer obstáculos externos pelo atraso na consecução do trabalho; por isso, entre outras coisas, nasceu nele um ódio quase incontrolável contra o dono de uma taberna em frente a nossa casa, de onde chegava até nós (bem atenuado) o barulho de um gramofone. Muitas vezes eu pensava nas palavras bem-humoradas ditas por um colega seu e amigo dos mais antigos, o Prof. Hoffmann, de Kiel, que nos visitou logo após nosso casamento. Ele havia dito: "Se Andreas fosse ameaçado de execução sumária, talvez se pudesse extrair dele um trabalho de sua especialidade devidamente concluído, ou talvez não: ele precisaria executar-se para fazê-lo". Pois toda conclusão é também uma renúncia à total perfeição daquilo que se está impregnado completa e definitivamente.

Nesse sentido não posso deixar de lembrar a impressão que lhe causava a atitude dos alemães na Guerra Mundial, que ia além do fervor patriótico, como impressão de paixão e ao mesmo tempo de contenção, de entusiástico arrebatamento e também de extrema eficácia de cada um dos envolvidos, que nada negligenciavam nem ignoravam. Essa admiração aguçava seu próprio problema essencial, a ponto de ele se perguntar, perplexo, como as duas coisas podiam reforçar-se, ao invés de obstruir uma à outra.

Mas isso não era nenhum conflito que ele pudesse dominar, pois era sua essência enquanto tal que haveria de ser cenário e ponto de encontro de dois mundos muito distantes um do outro, dos quais ele estava impregnado desde que nascera. E apesar de toda a aparente discrepância, o mais amargo para ele tinha sido — na medida em que isso poderia ter acontecido — haver fechado a brecha, por meio da qual sacrificaria um mundo em benefício do outro. Nada seria comparável à destruição que se produziria nele se, em nome de um objetivo ou de um êxito qualquer, houvesse simulado que algo estava cabalmente cumprido, quando, para ele, esse algo reclamava um complemento inesgotavelmente amplo de combinações.

Ainda que se tenha perfeita consciência dos efeitos negativos dessa peculiaridade, não se pode perder de vista, porém, que ela lhe trouxe e conservou uma juventude indescritível. O que atuava laboriosamente dentro dele esteve sempre, de algum modo, impregnado de futuro, não somente de um futuro gratificante ou condenado a acontecer, mas de um futuro apartado de todo e qualquer significado temporal. E se isso o deixava ora perplexo, ora despreocupadamente inativo, ao mesmo tempo dava à mais íntima expressão de seu ser um ar rejuvenescido, provindo de uma força que não constatei em quase nenhuma outra pessoa. Mesmo em idade avançada, seus ombros curvados e sua dificuldade de audição não o afetaram nesse particular — como também sua cabeça embranquecida ganhou em expressão, e os olhos escuros, apesar dos anéis azuis da velhice, pareciam haver alcançado uma força elevada e penetrante, como se sua cor já não fosse suficiente para que rebrilhassem.

Recordo-me de seu septuagésimo aniversário em todos os detalhes. A festa oficial e amistosa encontrou meu marido bastante despreparado, pois as celebrações de seus sessenta e cinco anos haviam sido prejudicadas pelas atribulações das épocas em que ocorreram. Ele, que só ao amanhecer ia descansar, foi de fato arrancado da cama, mas com uma presença calorosa, logo estava misturado às pessoas. Numa espontânea resposta aos votos de felicidade, à veneração sincera e também à discreta recordação do reitor da Universidade de que ele ainda tinha a dar aquilo que só ele era capaz de oferecer — em resposta a tudo isso criou, cheio de fogo e convicção, uma imagem daquilo que a ciência ainda teria que realizar; previu para as futuras décadas o começo da colaboração entre as disciplinas filológicas, a exemplo do que acontecera com as ciências naturais, e percebia-se nitidamente como ele, em sua firme convicção, vivia um fato que os tempos acabariam por reafirmar. Aqui e ali alguns esboçavam um sorriso, enquanto a outros vinham lágrimas aos olhos. Mas *assim* como ele mesmo, seguramente as pessoas não imaginavam que as esperanças nele depositadas permaneciam irrealizadas — talvez, num sentido mais alto, até mesmo irrealizáveis.

Seus fatos interiores estavam sempre despertos em mim, porém nunca foram tema de conversação entre nós. Duas vezes, creio, entre muitos anos, chegamos a tocá-los. Esse jeito de não estar, diante do outro, *en face,* mas de certo modo meio de costas, sempre nos foi próprio; e de resto, nos demais aspectos, nossa relação não deu margem a mudanças e desenvolvimentos, mas conservou sua base simples e imutável. A isso se acrescentava que minha atividade era silenciosa, na medida em que aquilo que me despertava o interesse na convivência e no tratamento com os outros não cabia ser contado, além do que as grandes distrações eram simplesmente nefastas a meu marido. A perfeita liberdade que cada um se colocava era, sem dúvida, nítida igualmente —, para ambos, como uma *comunhão* da qual estávamos certos; poder-

se-ia talvez dizer: um simples respeito mútuo, ao qual tínhamos sido levados, que imprimia um sentimento de possessão e segurança. Porque para uma coisa meu marido conservou, mesmo em meio à completa ocupação, um maravilhoso olfato: para saber em que medida o outro seguia seu caminho tranqüilo e alegre. Uma prova disso ficou profundamente gravada em mim. Eu havia excepcionalmente começado a escrever algo de uma narrativa — de forma inconseqüente, já que desde o começo de minha atividade psicanalítica tinha cessado completamente com esse antigo hábito — e o excesso de concentração em ambos os tipos de atividade fez-me mergulhar totalmente no trabalho. Uma vez concluído este, e com remorsos, exclamei, rindo: "Decerto durante esse tempo todo estive completamente imprestável e insuportável!" Quase em tom de júbilo, e com um rosto iluminado que nunca pude esquecer, meu marido respondeu: "Mas estavas tão feliz!"

Nessa participação na alegria do outro havia mais do que uma simples bondade, embora esta também fosse relevante. A capacidade para *compartilhar a alegria,* esse traço muito expressivo de sua humanidade, sempre significou para ele a compreensão do outro como um seu igual: uma compreensão do substrato essencial comum a ambos. Provinha daí a expressão poderosa e convincente que o caracterizava: a de uma *realidade* que ele descortinava. E ainda hoje, à parte o fato de sua morte, a qual ele nunca levou em consideração e com a qual nunca se preocupava, essa expressão encontra em mim seu prolongamento. Cada vez que chego ao mais profundo de mim mesma, parece-me estar reencontrando essa participação na alegria. Diante disso não diria ele, talvez, que, apesar de tudo, ele teve razão, naquela época, a respeito de nós dois?

O que me subjugou em sua expressão de outrora não teria relação com o fato de ela provir de uma verdade última?

Não sei. Perdoa, perdoa: não sei. Mas nesses momentos de extrema alegria é como se *eles* soubessem por mim.

Assim, minha lembrança de ti não a experimentei como algo passado, mas algo que vai a teu encontro. Não foi uma cerimônia fúnebre, tornou-se experiência de vida.

Notas

(A sigla LAS indica depoimentos de Lou A.-S. na velhice.)

1. A epígrafe foi retirada (pelo editor) do livro *Agradecimento a Freud.*
2. *a primeira "recordação" — assim a chamaríamos mais tarde.* Na época das anotações para *Minha Vida,* Lou A.-S. escreveu a Carta Aberta ao Professor Freud, *Meu agradecimento a Freud,* no início da primavera de 1931. A visão da origem, em sua particularidade de exposição livre e confidencial, inserida no capítulo "A experiência Deus", pode tornar-se mais compreensível, se a compararmos com a teoricamente ligada à Carta Aberta, especialmente se relacionarmos, comparando-os, o "impulso à obscuridade materna", de que Lou A.-S. ali fala (pág. 38) em conexão com Freud, com o formulado aqui (de forma correspondente) "impulso à unidade com tudo o que é". Uma frase de uma conversa com LAS elucida a convergência e a divergência para com Freud: "Seu mérito foi ter restabelecido o homem em sua unidade com tudo o que vive, não intuitivamente, mas de forma racional. A diferença, em relação a mim, foi, desde o princípio, que ele teria preferido desligar o homem dessa relação perigosa com a unidade, enquanto eu sentia o poderoso ainda naquilo que irrompe em lugar errado, no patológico". — Mas uma segunda comparação também se dá a entender: com o enunciado da Oitava Elegia de Duíno, de Rilke, da "lembrança como se aquilo para onde tendemos, já havia estado uma vez próximo". "Tudo aqui é distância, e lá era alento." A Elegia, contudo, fala do "aberto", que somente o animal, a "cria tura" (extrahumana) vê "com todos os olhos". E com esse "aberto" pode-se por sua vez, relacionar "o que abriga" (se nos é permitida esta expressão abreviada de Lou A.-S.) — tampouco procurando aqui dependências, mas sim esclarecimentos da visão especial em *Minha Vida.* A expressão *Zurückrutsch* (resvalo para trás), empregada várias vezes por Lou A.-S., é um germanismo femininamente drástico do conceito freudiano de "regressão", o "retorno da libido a estágios anteriores ao desenvolvimento".
3. *esboçado numa pequena narrativa, A Hora se Deus*: No livro *A Hora sem Deus e outras Histórias Infantis* (*Die Stunde ohne Gott und andere Kindergeschichten,* Jena, bei Eugen Diederichs, 1922). A recordação dos pormenores do acontecido, "já em idade avançada", ocorreu em junho de 1919, durante uma visita a Höhenried, na casa de Henry v. Heiseler. O conto, escrito logo depois, começa com o primeiro relato mentiroso do criado que vem do campo, sobre o misterioso casal parado diante da casinha, e com as perguntas da criança que, pouco a pouco, vão avançando. Em seguida, descreve a vida da menininha com o Bom Deus em todo seu imediatismo e — apesar da transposição literária — próximo da lembrança; por exemplo, também se faz referência, fiel à realidade, à recepção do Bom Deus "em plena luz do dia": "Em toda a casa havia apenas um cômodo, em que podia entrar apenas uma pessoa por vez, e que oferecia apenas um assento, onde ela [a pequena Úrsula] era senhora absoluta de seu fazer e desfazer, e onde lhe era permitido fechar-se com a tranca. Naturalmente, a tranca não valia para o Bom Deus". A segunda visita do amável criado introduz a segunda parte do conto e, com ela, a catástrofe: "Pois aquilo que o criado não sabe como explicar, ele, que desde o começo, havia visto tudo — não, os homens não sabem essas coisas". "Como

é possível que ela se tivesse esquecido? Esquecido de perguntar a Ele, ao Bom Deus, que tudo sabe? Por que não se lembrara, já da outra vez, de perguntar a Ele — quem era esse casal estranho, que se tem a impressão de conhecer —, o nome, o nome dessa gente ele tem que dizer! — Agora ela estava ali, estendida, escutando." — No diário da grande viagem à Rússia, empreendida com Rilke em 1900, encontra-se a primeira anotação (conservada) de uma lembrança da primeira infância: "E finalmente tudo se torna sonho. Máximo e mínimo misturam-se indistintamente — talvez dentro disso esteja a vida inteira, mas quem a desenredará..." "No fim, no fim de tudo, me vejo como uma menininha — à noite, na cama, com duas bonecas junto a meu travesseiro, uma de porcelana e a outra de couro e cera — me vejo contando ao Bom Deus, ao invés das orações noturnas, as mais belas histórias." E ainda uma das mais tardias anotações de Lou A.-S., de fevereiro de 1936, inicia-se com esta lembrança: "Se volto a recordar os mais antigos acontecimentos da infância, vejo-me, quase sem querer, como durante as noites, antes de adormecer, contava histórias ao Bom Deus", e procura aprofundar ainda o que foi dito aqui, em *Minha Vida.*

4. *relacionando as mais diversas impressões exteriores*: Toda essa passagem pode ser melhor compreendida se recorrermos à descrição precisa desse procedimento da fantasia, contida na história infantil "A Aliança entre Tor e Ur", a terceira história do livro *A Hora sem Deus.* Ali, logo no início, é dito que "a pequena" Ur[sula] prefere associar o "inventado", o fantasiado, "àqueles com quem se encontra"; "para isso, utilizava-se de muitas pessoas, embora para jogar fosse suficiente um par verdadeiro não inventado". Para dar forma completa à figura principal, através de todas as etapas de crescimento, Ur procede tomando as impressões correspondentes de "pessoas que encontra" pelo caminho, "até que todo um grupo de pessoas contivesse em si apenas uma única pessoa". Para o rapaz Tor[wald], seu companheiro de jogo, ela constrói, por exemplo, a forma "avô", utilizando para tanto a impressão de um velho tímido, com quem ela cruzara, e que olhava cheio de medo à sua volta. Quando Torwald se apercebe dessa atividade fantástica, ele também exclama (como a pequena parenta de Louise v. S.): "Você é uma mentirosa!" — e então Úrsula se lembra de que uma vez, por causa de um acontecimento inventado, haviam-na atalhado com assombro e censura: "Mas você está mentido!", fazendo com que ela decidisse: "Nem um tiquinho de acréscimo". — A observação (pág. 15): *É possível que tal hábito se tenha repetido mais tarde, pelo fato de eu escrever livros de contos,* poderia significar que, como narradora, Lou A.-S. (como a pequena Ur) tinha a tendência e a capacidade não só de transformar em forma múltipla um "modelo" humano, como também de apresentar essa pessoa em uma idade diferente daquela em que ela a havia conhecido. (Dessa maneira, a figura de Balduíno, no romance *A Casa,* evidencia traços do jovem Rilke, tal como ela o imaginava na fase anterior a seu encontro; Ver comentário à pág. 122.)
5. "*Tu, céu claro sobre mim...*": Lou A.-S. voltou a lembrar-se pela primeira vez desse poema ao final da grande viagem à Rússia, em 1900, como proveniente "de uma noite clara em Rongas [Finlândia], há muitos anos"; tal versão que se encontra no diário, está um pouco modificada e também possui uma estrofe a mais.
6. "*Desacostumar-nos da meia medida...*": Três versos da quinta e penúltima estrofe do poema de Goethe "Confissão Geral", do ciclo *Cantigas de Companhia.* A estrofe diz: "Se queres a absolvição/a teus fiéis dar,/Queremos a um sinal teu/empenhar-nos incessantemente/desacostumar-nos da meia medida/e, na totalidade, o bom e o belo/viver resolutamente". — Nietzsche recebeu essa regra de vida da boca de Giuseppe Mazzini, a quem conheceu em fevereiro de 1871. A partir de então, a frase se transformou quase numa senha para ele e seus amigos.
7. *o curso para Confirmação de Hermann Dalton*: Dalton teve sua atenção especialmente voltada para Louise v. S. quando, durante uma explanação dele sobre a onipresença de Deus (não se poderia imaginar um único lugar em que ele não estivesse), ela observou: "Claro que sim, no inferno"; Dalton, então, pediu a ela que fosse vê-lo; a separação dela da igreja afetou-o pessoalmente.
8. *Tenho que admitir, contra toda a lógica*: Este último parágrafo, escrito a lápis, foi acrescentado ao capítulo mais tarde, provavelmente em 1936. — Numa conversa, LAS observou que tinha preferido falar desse "Ser Único" que a importava, "expressando-se numa espécie de prédica", talvez, acrescentou, porque "com elas começara a escrever", quando redigia prédicas para Gillot. Falou também, certa vez, em tom pensativo e lamentoso, da "perda de Deus" como uma "infelicidade" para ela.

9. *No lugar deles, apresentou-se a mim um ser de carne e osso*: Hendrik Gillot, 1836-1916, pregador da legação holandesa de São Petersburgo. Gillot (o nome se pronuncia como se fosse alemão) era, na época, o mais importante pregador protestante não ortodoxo da cidade. Pelo fato de não estar submetido, como membro da legação, a nenhuma das hierarquias protestantes-reformadas de São Petersburgo, era relativamente independente em sua pregação da doutrina. O pastor da Confirmação de Louise v. S., Hermann Dalton, era um de seus adversários no plano teológico. — Gillot, ainda na Holanda, tinha publicado o livro "*De geschiedenis van den godsdienst*" *door* [*A história do serviço divino* segundo o teólogo liberal alemão] *Otto Pfeiderer*, 1ª parte, Schiedam, 1872. Entre os livros de trabalho da jovem Lou havia também a *Religionsphilosophie auf geschichtlicher Grundlage* [*Filosofia da religião sobre um fundamento histórico*] , de Pfeiderer, 1878. Gillot costumava pregar em alemão, sobretudo no inverno; no verão, época em que as camadas superiores da sociedade estavam no campo ou em viagem, pregava com mais freqüência em holandês. — Louise von Salomé, aos 17 anos, foi levada a assistir a uma prédica de Gillot por uma parenta (a mesma cujas cartas são citadas mais adiante). Quando Gillot subiu ao púlpito e começou a gesticular e falar da forma que tão bem o caracterizava, ela soube de imediato que possuía alguma coisa em comum com ele: "agora toda solidão terá fim", "é isto o que tenho buscado", "um ser humano", "é Ele", "tenho que falar com ele"; o importante para ela não era o que ele dizia. Pergunta por seu endereço e escreve-lhe: deseja uma entrevista com ele — mas não por problemas religiosos; em pé, espera em seu gabinete de trabalho, "a mão apertada sobre o coração"; da porta, ele diz: "Vem até mim!" — e estende seus braços. No início ela continuava a visitá-lo secretamente; trabalham — ela, com tal empenho que, certa vez — sobre seus joelhos —, desmaia; "fazer algo de incorreto era impossível". Após algum tempo, Gillot lhe diz que ela deve contar a sua mãe (nessa época fazia pouco tempo que o pai de Lou v. S. havia morrido, em fevereiro de 1879); ela se atém tão rigorosamente às suas palavras que, logo ao entrar em casa — a mãe estava com visitas —, diz: "Venho da casa de Gillot"; a mãe chora. Gillot é recebido pela senhora v. Salomé; escutando furtivamente, ela ouve sua mãe dizer: "O senhor se torna culpado junto a minha filha", e Gillot responde: "Eu *quero* ser culpado em relação a essa criança". Desde então permitem a ela visitá-lo livremente; o trabalho ultrapassa os limites de sua saúde; "eu tinha que segui-lo, porque era Ele — e só deixou de sê-lo ao confundir-me com a proposta de casamento "; "ainda agora me parece como se fosse ontem, eu poderia escrever de imediato, inspirada por esse 'presente' [queixa], como na época escrevia". (Reprodução de conversas com LAS.) — Nas cartas de resposta enviadas por uma parenta mais velha e compreensiva de Lou v. S. (do período de outubro de 1878 a junho de 1879), pode-se notar o reflexo do que se passava em sua alma: a solidão da jovem; o perigo de uma "ruptura" entre mãe e ela, causada por diferenças íntimas; a decisão de separar-se da igreja: "Assim, os dados estão lançados! Quantas lutas você deve ter travado, antes de chegar à decisão e cumpri-la; e todas essas tormentas!" "Você mesma diz que há instantes em que lhe parece estar num deserto." Também a mãe confidencia-se com essa parenta: "Que a primeira tormenta, para mim tão inesperada, tenha passado, sem que eu ficasse doente, realmente me assombra; precisei conservar toda minha força moral para manter-me em pé e, nesses dias, senti exatamente, como aliás já muitas vezes em minha vida, que a força de Deus, quando se confia nela, é poderosa para os fracos; sem dúvida, minha antiquada fé não está mais em moda, mas sou feliz por tê-la! Você acha que Ljola compartilha a dor de minha alma, mas não acredito nisso, pois ela deveria então ter feito tudo de modo diferente e provado através de seus atos; você me pede que eu seja carinhosa com ela, mas como é possível sê-lo com um caráter tão teimoso que sempre e em tudo impõe apenas suas vontades..." "Ljola acha que seria um engano e um crime receber, contra sua convicção, a confirmação com Dalton, mas sei de outras coisas em que não tem procedido tão escrupulosamente." — Nas cartas da confidente a Lou v. S. também se pode ler algo da relação da mãe com Gillot e da luta com ele: a senhora v. S. decide (por volta de abril de 1879) "ver Gillot para ter uma conversa com ele sobre as lições que administra a você e sobre a confirmação na Holanda". "Que ele não se limite a seus ensinamentos religiosos e à preparação para a Confirmação me parece natural, devido a sua maneira de ser e a sua intenção." "Que terrível deve ter sido a luta dentro de você, antes de submeter-se totalmente." "Sei bem quão difícil foi esse 'dobrar-se', conheço-a tão bem! Contudo, o que você fez não é, em minha opinião, nem 'incorreto' nem uma 'desgraça'." "Mas quando chegamos a isso, experimentamos a paz, o repouso, e nossos olhos se voltam para as alturas — você mesma o disse também." A imagem de Gillot

também é reconhecível em alguns traços: sua capacidade de ver através das pessoas, de maneira que, à sua frente, tem-se a sensação de estar "despido"; "como ele deve sofrer continuamente em razão dos sentimentos contraditórios que em seu interior se desencadeiam"; "que força de vontade, porém, tem que ter esse homem!"; é enfatizada sua "impressionante meticulosidade" e também os riscos de saúde de Lou: "Você diz, entretanto, que o trabalho intelectual não a prejudica, que era melhor que os pensamentos desgastantes". — Os temas que Lou v. S. preparava para Gillot eram, inicialmente, mais sobre história e filosofia da religião e, mais tarde, filosóficos. Gillot ensinou-lhe sistematicamente filosofia; juntos leram especialmente Kant, em holandês; quando do encontro com Nietzsche e Rée, ficou provado, numa conversa sobre o assunto, ser ela (devido a seus estudos posteriores em Zurique) a que mais leu, dentre os três, Filosofia Clássica Moderna; e ela fazia valer seus conhecimentos, defendendo ou atacando, mesmo contra as opiniões "mais avançadas" dos dois (LAS relembra isso alegremente).

10. *Antes de minha partida para Zurique*: ocorreu em setembro de 1880. A Confirmação, na Holanda, acontecera antes, em maio; as *palavras de confirmação*: "Não temas porque eu te resgatei, chamei-te pelo nome; meu tu és" estão em Isaías 43, Vers. I — Lou v. S. também insistiu para que Gillot oficiasse seu casamento religioso com F. C. Andreas e, na verdade, na mesma igreja de Sandpoort (Holanda), em que Gillot a confirmara. O casamento realizou-se em 20 de junho de 1887. (O noivado ocorrera em 1º de novembro de 1886.)
11. *uma década depois numa narrativa* ("*Ruth*"): Foi escrita, conforme anotação no manuscrito, entre o período de 23 de dezembro de 1893 e 6 de fevereiro de 1894, em Schmargendorf (primeiramente com o subtítulo "Um Retrato") e apareceu em 1895 em Cotta, Stuttgart. Na narrativa, "Erik" é professor e "Ruth", uma de suas alunas. Aquele encontro imediato não foi transposto para a composição literária. A "mudança surpreendente" (por causa da proposta de casamento) está exposta nas últimas páginas: "Queria levar-te do mundo da fantasia, dentro do qual sonhavas, para o mundo da vida real". "Mesmo que agora eu tenha [também] que destruir o mundo da fantasia que está entrelaçado em teu coração..." "Era-lhe como se tivesse que chamar por alguém distante — por Erik, chamá-lo para que a socorresse diante do incompreensível, diante do desconhecido. Mas era ele — era justamente ele quem estava ali, diante dela."
12. *motivo pelo qual fui levada de Zurique para o Sul*: Desde aproximadamente setembro de 1881, Lou v. S., em companhia de sua mãe, havia visitado, sem sucesso, diversas estações de água (por exemplo, um estabelecimento hidroterápico); em janeiro de 1882, sua mãe "levou-a para o Sul".
13. "*Lieg ich einst auf der Totenbahr...*" ("Quando em meu leito de morte eu repousar..."): Este poema, *Pedido Fúnebre*, modificado como se um homem o dirigisse a seu filho, foi incluído por Lou von Salomé (sob o pseudônimo de Henri Lou) em seu primeiro romance *Na Luta por Deus*, que apareceu pela editora de Wilhelm Friedrich, Leipzig e Berlim, 1885.
14. "*Gewiss, so liebt ein Freund den Freund...*" ("Tanto como se *amam dois amigos...*"): Também *Oração à Vida* Lou von Salomé incluiu em seu romance *Na Luta por Deus*. E escolheu a forma que Nietzsche dera ao poema: soa "mais solenemente, com versos de pés um pouco mais compridos"; o poema, porém, conserva — abstraídas insignificantes diferenças — os vigorosos versos finais da primeira versão, e suas rimas: "Milênios pra ser e pra pensar/ Abraça-me tu com fervor/Se sorte não mais vais-me dar/-Pois bem, inda tens tua dor". — Lou dera a Nietzsche a *Oração à Vida* em agosto de 1882, em Tautemburgo, e ele a musicou, logo depois, em Naumburgo; de acordo, porém, com uma carta dele a sua irmã, em 1887, a melodia provém de uma época anterior. Como *Hino à Vida* (com a ajuda de Gast, e depois da versão que em setembro de 1882 o prof. Riedel, presidente da Sociedade Musical Alemã, fez para "coro a quatro vozes", conforme Nietzsche escreveu a Lou v. S. na época), num arranjo "para coro misto e orquestra", apareceu a composição em 1887. Aí os versos finais dizem: "Milênios para viver e pensar/Lança fora o que tens por dentro!/Se não tens mais venturas a me dar/Pois bem — inda tens teus tormentos". Ao imprimir a música, Nietzsche não indicou o nome do poeta autor do texto, fazendo-o, porém, em *Ecce Homo* (1888), na parte que contém a história da origem do *Zaratustra*: "O texto, assinale-se expressamente, porque ocorre um mal-entendido a respeito, não é meu: é a assombrosa inspiração de uma jovem russa, de quem, na época, eu era amigo, a senhorita Lou von Salomé. Quem sabe deduzir o sentido principalmente das últimas palavras do poema, adivinhará o porquê da minha preferência e admiração: elas têm grandeza. A dor não vale como objeção à vida! 'Se

não tens mais venturas a me dar, pois bem! *inda tens teus tormentos...*' Talvez minha música também tenha grandeza nessa passagem''. — LAS observava que o final desse ''bombástico'' poema expressava, para *ela,* o desejo de abraçar ainda completamente a vida ''despojada'' pela perda de Deus, ao passo que, para *ele,* Nietzsche, o final era uma expressão de seu *amor fati.* — Veja declaração de Freud a respeito à pág. 118.

15. Com a morte de nossa mãe por volta dos noventa anos: Veja nota nº 21.
16. *O mais velho — Alexandre, Sascha —, em seu misto de energia e bondade... de um humor extraordinário*: Numa carta em que se refere ao abalo que esse irmão sofreu por ocasião da morte de um de seus filhos, Lou A.-S. assim explicou seu humor: ''Mas há uma coisa que sempre pressenti e na qual sempre acreditei: essa capacidade para *ver* alegria e *não ver* dissabor, não consistia tanto em encarar superficialmente a dor e a mágoa, em pô-las de lado, mas consistia sim numa profunda *necessidade* de felicidade, proveniente do receio de sofrer demais.'' A morte desse irmão, em 20 de fevereiro de 1915 (''Ele era o amparo''), fez com que Lou A.-S. adiasse por semanas seu encontro com Rilke em Munique.
17. Sobre o *segundo irmão,* Robert, veja pág. 36 e seguintes.
18. Sobre o *pai,* Gustav von Salomé, veja nota nº 22.
19. *O terceiro irmão,* Eugène, era apreciado como médico também nos círculos da corte; seu longo padecimento e sua morte, em 4 de maio de 1898, despertaram uma consternação incomum; Lou A.-S. descreveu, mais tarde, seu caráter ''reservado'' na figura do Dr. Trebor, na primeira parte do romance póstumo *Jutta.*
20. *ele teria pertencido ao chamado Partido dos Cadetes*: os Democratas Constitucionais (chamados ''Cadetes'', pelas duas letras de sua abreviatura, KD) tentaram atuar na Duma (1905), em direção a um parlamentarismo conseqüente; após a revolução de março de 1917, declararam-se partidários de uma república democrática.
21. *Foi poupado à nossa velha mãe...*: Já numa carta sobre ela, provavelmente do ano de 1898, Lou A.-S. diz não ter podido conhecer em sua juventude totalmente a mãe ''porque não tive em mamãe a amiga escolhida por afinidade em minha juventude, permanecendo com ela em pé de guerra para conseguir, através de brigas, tudo o que talvez uma mãe de outra espécie tivesse preferido conceder-me. Somente *depois* é que pude vê-la de forma clara e imparcial e, então, a *amei* por sua força, sua fidelidade e sua *grande* nobreza''. — Uma anotação de Louise Wilm (nome de solteira), dos dias anteriores a seu casamento com Gustav v. Salomé, em dezembro de 1844 — em sua confissão de amor, exame de consciência religioso e promessa de superar as próprias deficiências na entrega —, já permite reconhecer, por pensamento e expressão, o modo de ser dessa mulher. — ''Filha de meu coração'', escreve ela, mais tarde, no cabeçalho das cartas à filha. — Louise von Salomé, nascida em 7 de fevereiro de 1823, como filha de um fabricante de açúcar, morreu em 11 de janeiro de 1913, sem doença grave (''de gripe'', LAS).
22. *Ainda menino meu pai fora enviado a São Petersburgo*: com seis anos. Ele nasceu em 24 de julho de 1804, no Báltico. Seu pai morrera cedo; sua mãe era proveniente de uma família báltico-alemã. Das antigas cartas de seus irmãos ao jovem militar Gustav v. S., sabe-se que ele teve irmãos com os nomes de Carl, Fritz, Alexander e Georg (eram nove) e uma irmã. — Apontamentos do jovem coronel sobre o levante polonês foram conservados por Lou A.-S. até os últimos anos. O broche de ouro (uma espada), que o czar Alexandre II mandou fazer para a senhora v. S., traz a inscrição (traduzida): ''Por valentia, serviços prestados, honra e fama'', ''Pela tomada de Varsóvia, 25/26 de agosto de 1831''. — Como Conselheiro de Estado, o general v. Salomé empreendeu também, conforme LAS se lembrava, viagens de inspeção militar; sua esposa, durante toda a vida, era chamada, no círculo de amigos, de generala, ''*a generalscha*''. — Também a morte *dele* — em 23 de fevereiro de 1879 — ocorreu de forma ''maravilhosamente tranqüila''.
23. *Em nosso caso foi a língua alemã que prevaleceu por completo*: Como já se disse, os irmãos do pai tinham nomes alemães, ou seja, não franceses; eles escreviam (ele mesmo, ao menos para sua mulher) suas cartas em alemão, assim como as cartas da pequena Louise (Ljolla, também Lolja) e de seus irmãos estão escritas na língua alemã. A mãe chamava seu marido de Gustav; é dessa forma — Gustav Ludwig — que ele, na época já Conselheiro de Estado, consta no documento de batismo de Louise (todos os padrinhos têm nomes alemães); ao que parece, Gustav v. Salomé, por causa de sua carreira de oficial, familiarizou-se com a língua francesa, predominante na sociedade, e de tal maneira que, conforme contava LAS, chegou a conhecê-la melhor do que a língua alemã.

24. *como também na seguinte [escola], maior, onde nada aprendi*: na escola protestante-reformada de São Pedro (categoria de ginásio); Louise von S. freqüentou-a integralmente, no final como ouvinte; veja pág. 33.
25. *Naródniki*: Os "que vão ao povo" eram mais um movimento que um partido; este movimento teve início após a abolição da servidão (1816), entre os intelectuais que defendiam a pequena burguesia e, principalmente, o campesinato, que eles idealizavam (teoria do "socialismo camponês"); teve seu apogeu nos anos 70, declinando por volta da virada do século, e extinguindo-se com a Revolução de Outubro de 1917. Muitos estudantes tomavam parte nele. O círculo em torno de Sofia Nikolaievna Schill, ao qual Lou A.-S e Rilke tiveram acesso durante sua primeira grande viagem à Rússia, em 1900, era algo à parte, com seus "cursos" para jovens operários e camponeses famintos de "cultura" e "verdade"; Lou A.-S. fala, em seu diário, dos "liberais moscovitas esclarecedores do povo".
26. *apesar de suas relações com o imperador antecedente*: A esse respeito, LAS contou que seu pai havia sido amigo pessoal do czar Nicolau I, que reinou em 1825 a 1855, favorecido, sem dúvida, pela localização da casa de veraneio da família do general, em São Petersburgo, residência de verão dos czares (Nicolau II, por motivos de segurança, transferiu-a para Zárskoje Sseló); quando o czar passava a cavalo, os irmãos mais novos de Lou freqüentemente se perfilavam para saudá-lo.
27. *Vera Sassulitsch*: No verão de 1877, o general Trepov, governador de São Petersburgo, mandou açoitar um prisioneiro político porque este não o havia saudado no pátio da prisão preventiva. Por causa disso, Vera Sassulitsch, que se apresentara ao general como peticionária de uma audiência, atirou nele, em 24 de janeiro (5 de fevereiro) de 1878, ferindo-o gravemente. O advogado de defesa, Alexándrov, conseguiu sua absolvição. Para proteger a autora de eventuais perseguições futuras, seus amigos levaram-na para a Suíça. Uma série de ações terroristas seguiu-se ao atentado. As *Memórias* de Vera Sassulitsch foram publicadas em Moscou, em 1931. — Alexandre II morreu em 1º (13) de março de 1881, vítima de um atentado a bomba.
28. *durante minha terceira estada em Paris*: As impressões da primeira estada em Paris, da primavera até setembro de 1894, estão reproduzidas no capítulo "Entre as pessoas"; a segunda viagem, junto com Ellen Key, em maio de 1909, teve como objetivo visitar Rilke, que na época vivia em Paris; a viagem aqui referida ocorreu no inverno de 1910.
29. *Foi logo após a eclosão da tragédia de Asiov*: O ministro do Interior Pleve infiltrara nas fileiras dos sociais-revolucionários o agente Eugen Asiov, que deveria informar a polícia sobre os atentados planejados contra o czar e também sobre a atividade terrorista em geral. Asiov conseguiu entre os revolucionários um papel representativo. Por suas denúncias, muitos conspiradores foram presos e vários deles executados. Para dar-lhe cobertura, vez por outra permitia-se que algum atentado alcançasse êxito. Mas ele, com sua natureza diabólica, algumas vezes também chegou a entregar a polícia aos conspiradores. Somente em 1908 é que se descobriu seu duplo papel, graças ao revolucionário Vladimir Burzev, diante de um tribunal de honra dos sociais-revolucionários. — Como partido, os *sociais-revolucionários* existiam desde a criação da Duma, em 1905; com a expressão "depois de cerca de um século de ação", Lou A.-S. refere-se à ação do movimento revolucionário na Rússia em geral.
30. *desde o ascetismo brutal dos Skopzen*: uma seita secreta, existente desde cerca de 1770, que exigia de seus seguidores a autocastração, na espera do Messias.
31. *As duas viagens que fizemos juntos à Rússia*: Veja nota nº 94.
32. "*Velha Rússia*", "*Volga*": Apenas o poema "Volga", inscrito a 13 de agosto de 1900, se encontra no "Suplemento" do diário dessa viagem, escrito na Finlândia, bem como o "Tu, céu claro sobre mim" e um outro poema chamado "Reencontro"; o poema "Velha Rússia" nasceu, conforme indicação de LAS, ao escrever o capítulo sobre a "Rússia"; a parte principal do diário, escrita na Rússia, termina com um poema "Minha terra, que há muito me faz falta".
33. *Numa noite de março do ano de 1882, em Roma*: No texto (escrito a máquina) está: "Numa noite de janeiro". Provavelmente a confusão é resultante do fato de Lou von Salomé e sua mãe terem chegado à Itália em janeiro: "Nos primeiros dias de janeiro foi quando cheguei, doente e cansada, à ensolarada Itália", escreve Lou v. S., retrospectivamente, na noite do ano-novo de 1883. Há provas de visitas à casa de Malwida von Meysenbug em fevereiro. Paul Rée esteve de 4 de fevereiro até sua viagem a Roma, via Monte Carlo, na casa de Friedrich Nietzsche, em Gênova. A data exata do encontro com Paul Rée é dada por uma anota-

ção de 7. de março de 1888, escrita em comemoração ao período de amizade com ele: "Hoje faz se . anos que o conheci".

34. *Malwi 'a von Meysenbug*: Malwida von Meysenbug, 1816-1903, era uma das filhas de Karl Ludwi Georg Philipp Rivalier, de origem huguenote, da corte de Kurhessen, agraciado com o título de barão pelo seu senhor e amigo de infância. Malwida v. M., implicada nos acontecimentos republicano-revolucionários do ano de 1848, fora expulsa de Berlim em 1852; conheceu em Londres, asilo de emigrantes da época, o escritor revolucionário russo Alexander Herzen (filho do príncipe Jakovleff e de uma alemã de Stuttgart) e Giuseppe Mazzini, defensor das lutas pela liberdade, na Itália. Após a morte de Herzen, ela adotou sua filha Olga; com ela passou o inverno de 1861/62 na Itália. Suas *Memórias de uma idealista,* terminando com a estada parisiense em 1860/61 e seu reencontro, ali, com Richard Wagner, apareceram anonimamente em Stuttgart, em 1876, e na primavera de 1882 já estavam na terceira edição. Como "Apêndice" apareceu em Berlim, em 1898, *O anoitecer da vida de uma idealista,* coleção dispersa de lembranças e reflexões. Quando, em 1872, se assentou a pedra fundamental do *Festspielhaus* de Bayreuth, Malwida v. M. conheceu, no círculo de Wagner, Friedrich Nietzsche. Em 1876 ela convidou Nietzsche para uma estada na Itália durante seu ano de férias, ocasião em que ele lhe propôs "levar junto" seu amigo Dr. Paul Rée. Em Sorrento, na Vila Rubinacci, alugada por Malwida, a estada com Nietzsche, Rée e Albert Brenner, estudante de Direito da Basiléia, durou todo o inverno de 1876, a partir do final de outubro. Lá Rée preparou para a impressão seu livro *A origem dos sentimentos morais*; Nietzsche trabalhou em *Humano, demasiado humano.* A própria Malwida v. M. até então não conhecia Paul Rée. Em *O anoitecer da vida de uma idealista,* ela fala que Rée "se tornara um amigo muito querido", mas que ela "não compartilhada de sua rigorosa concepção científica e realista", apesar de "estimá-lo por sua personalidade" e "reconhecer sua natureza bondosa, que se manifestava sobretudo em sua sacrificada amizade por Nietzsche". As concepções de Rée causavam a este "um prazer estupendo, quase infantil". Algumas passagens das cartas que ele enviou a ela após a época de Sorrento são reproduzidas no livro. Ela costumava chamá-lo de Paolo.

35. *o jovem Paul Rée*: Paul Rée, nascido em 21 de novembro de 1849, em Bartelshagen, na Pomerânia, filho de um proprietário de terras, tinha na época 32 anos. Sua verdadeira pátria foi o domínio senhorial de Stibbe, perto de Tütz, na Prússia ocidental, adquirido em 1868. Por exigência de seu pai — e contra sua precoce inclinação para a Filosofia moral — estudou Direito em Leipzig e, com a eclosão da guerra franco-alemã, engajou-se como voluntário por um ano, sendo ferido em Gravelotte. Após a guerra foi estudar exclusivamente Filosofia, em Halle. Doutourou-se em 1875 com a tese "*TOY KA OY*", *notio in Aristotelis ethicis quid sibit velit.* No mesmo ano apareceu seu opúsculo de aforismos: *Observações psicológicas.* Da obra póstuma de... Através desse livro estabeleceu-se a estreita relação pessoal com Nietzsche (a primeira carta de Nietzsche é de 22 de outubro de 1875); dois anos e meio antes, na Basiléia, ocorre o primeiro encontro pessoal: "Aqui chegou, para passar todo o verão, um amigo de Romundt, uma pessoa muito meditativa e talentosa, um schopenhaueriano, chamado Rée" (Nietzsche para Erwin Rhode, 5 de maio de 1873). Entre as teses que Rée defendeu em seu doutorado estava a da explicação da consciência através de sua história evolutiva, *Conscientia non habet originem transcendentalem,* e seu pessimismo em relação aos homens é expresso na tese *Progressus moralis nullus est in rebus humanis.* Em relação temática com esta segunda tese está seu escrito *Die Illusion der Willensfreiheit, ihre Ursachen und ihre Folgen* [*A ilusão do livre-arbítrio, suas causas e suas conseqüências*], 1885, bem como o livro aparecido em 1877, *Der Ursprung des moralischen Empfindungen* [*A origem dos sentimentos morais*]. Ele procurou provar sua primeira tese nos *Prolegomena,* planejados inicialmente como trabalho de doutoramento, *A origem da consciência,* 1885. O último escrito filosófico de Paul Rée, *Philosophie,* em que ele faz a observação: "Meus escritos anteriores são obras imaturas da juventude", foi publicado em 1903, em Berlim, como "obra póstuma". Em doutrinarismo e radicalidade quase grandiosos no tratamento dos velhos temas essa obra ultrapassa ainda as anteriores. Uma carta de Rée, de novembro de 1897, sobre sua relação com Nietzsche, que o editor (não identificado) acrescenta, contém as seguintes frases condenatórias: "Nunca pude lê-lo. Ele é rico em espírito e pobre em idéias". "Todos fazem tudo por vaidade; mas a vaidade dele é patológica, irritantemente doentia. Ela o levou a produzir, quando são, grandes obras, de modo normal, já enquanto doente, podendo pensar e escrever com rara freqüência, e temendo sobretudo não voltar a fazê-lo nunca mais, a todo custo que-

ria conquistar a fama; sua vaidade doentia produziu algo doentio, muitas vezes brilhante e belo, mas essencialmente deformado, patológico, demente; não um filosofar, mas sim um delirar!"

O próprio Nietzsche também chegou a classificar Paul Rée no *Ecce Homo,* no parágrafo "Por que escrevo livros tão bons" (*Humano, demasiado humano*) e com a citação do aforismo 37 do *Humano, demasiado humano, I,* em que chama o autor do livro *Sobre a origem dos sentimentos morais* de "um dos pensadores mais ousados e mais frios". Diz em seguida que "projetava sobre o excelente Dr. Paul Rée, por causa disso, o resplendor de uma glória mundial", pois, em razão da afirmação que fizera, as pessoas acreditariam ter que entender todo o livro como a expressão do mais alto realismo". (Na dedicatória pessoal de *Humano, demasiado humano, I,* a Rée, Nietzsche já aludia a essa opinião que seus amigos tinham na época e, gracejando, congratulou-se com essa "paternidade", com a exclamação: "Viva o Realismo!")

O patológico ódio que o judeu Rée nutria por si mesmo foi delineado por Lou A.-S. numa carta de 7 de dezembro de 1904 ao sociólogo Ferdinand Tönnies, seu amigo:

"Semijudeus, que sofrem por sua mescla, já vi muitos. E essa discórdia, que pode ser chamada de doentia, realmente se justifica, porque ela é semelhante ao coxear de alguém que tem uma perna curta e a outra comprida. Mas ver alguém claudicar com as duas pernas saudáveis, como o fazia Rée! Ser completamente judeu e contudo não se encontrar consigo mesmo, exceto naquilo que se lhe opõe com ódio e desprezo. Em verdade, nunca vi isso alcançar um grau tão exagerado quanto nele (a simples menção do fato [assim que Rée percebeu não ter Lou v. S. se manifestado sobre sua origem judia] fê-lo desvanecer-se diante de meus olhos, e algumas cenas que se produziram ao travarmos conhecimentos com judeus que ele, de imediato, não reconhecia como tais, desafiam qualquer descrição, por seu caráter ridículo e espantoso) — mas algo dessa inquietação provocou danos em mais de um judeu que eu tenha conhecido.

Essa violenta vontade de auto-esquecer-se respaldou, de modo extraordinário, no Rée pensador, sua abstração dos sentimentos, da personalidade, se é que não a produziu, conscientemente e por princípio. Não era, por isso, tão estreito quanto parecia; mas a porta que levava à saída estava de tal maneira cerrada que só como muro podia ser considerada. Apesar disso, ela produzia uma mediação, mesmo que apenas na intimidade mais pessoal de seu entendimento — de certo modo, pelo buraco da fechadura. E, muito acima de todos os muros, crescia em seu inaudito e doloroso ódio de si mesmo uma bondade quase sobrenatural. Ninguém melhor que eu sabia disso, já que repousava nela como um passarinho no ninho materno..."

Paul Rée, após o fracasso de seus planos de habilitação docente, começara em 1885 ("para, dessa forma, aproximar-se dos homens", LAS) a estudar Medicina em Berlim; depois de sua separação de Lou v. S. prosseguiu seus estudos em Berlim até o final do semestre — verão de 1887 (Lou A.-S. recebia regularmente nessa época notícias dele por meio de um conhecido comum, sem que Rée soubesse), concluindo-os em Munique. Estabeleceu-se em 1890 como médico em Stibbe, morando e exercendo sua profissão numa pequena edificação ao lado da casa principal da quinta, não tendo nenhum contato com os vizinhos e não compartilhando da mesa senhorial; ele era "o médico que trabalhava de graça para toda a população", custeando freqüentemente o transporte de enfermos para as clínicas de Berlim e Breslau; era visto muitas vezes "levando sob seu casaco donativos em alimentos e vinhos às casas dos trabalhadores pobres e doentes"; ele vive "ainda hoje [1927] como um santo" na lembrança. (Sua memória permanecia ainda viva dez anos mais tarde.) Quando ele não estava exercendo sua profissão, fazia freqüentes e longas caminhadas pelos bosques dos arredores, ou sentava-se à sua mesa de estudos; após o término de seu livro, não quis mais filosofar; — "mas o que deverá ocorrer, não sei; tenho que filosofar; quando não tiver mais matéria para filosofar, é preferível morrer". — Ao ouvir (em 1900) que a quinta seria vendida (seu irmão tentou, depois, inutilmente, desfazer a venda), abandonou sua terra natal durante a noite. Foi para Celerina, em Oberengadin, onde passou a morar na mesma casa em que ficara com Lou v. S.; lá continuou exercendo a profissão de médico junto aos pobres; por causa de "seu rosto grande, imberbe e sério", seus trajes e seu modo de andar, era confundido com um sacerdote. Em 28 de outubro de 1901, durante um de seus passeios pelas montanhas, num caminho rochoso e íngreme, cuja ladeira cai vertiginosamente sobre o Inn, sofreu uma queda mortal. Segundo o *Vögl Ladin,* de 2 de novembro de 1901, os que o encontraram confirmaram a "hipótese de um acidente fatal". O enterro, no cemitério de Celerina, ocorreu em meio à grande

emoção popular. (A maior parte das informações é proveniente de Kurt Kolle, "Notícias sobre Paul Rée", *Zeitschrift für Menschenkunde* [Revista de Antropologia], setembro de 1927.) — Em seu artigo "Paul Rée", na revista *Das freie Wort* [*Palavra Livre*], vol. IV (1904), pág. 366 e segs., ao qual a carta de Lou A.-S. acima reproduzida é resposta, Ferdinand Tönnies dá também uma descrição de sua impressão pessoal: "Conheci e apreciei Rée como um homem engenhoso e desusadamente fino em sua cultura; pela tranqüila segurança de sua aparência tinha ele algo de imponente, o modo delicado e mesmo suave de seu falar, e conhecendo-o mais de perto via-se sua bondade e amabilidade". "Rée adorava conversar, mas facilmente ficava desconfiado; deixava então vagar aqui e ali seus olhos vivos e profundos, como a duvidar, e, com a ajuda de algum chiste, saia do embaraço." "Seu humor irônico freqüentemente se voltava tanto contra ele mesmo quanto contra os outros; sabia revestir as pequenas maledicências de uma forma amável. No fundo, era modesto, tendo porém uma grande confiança na correção de seu pensamento, porque se considerava um dos poucos pensadores livres de prevenções e porque, realmente, sobre certos problemas essenciais, meditava incansavelmente durante meses, até mesmo anos." Acerca da carta de Rée sobre Nietzsche, publicada como apêndice de sua obra *Philosophie*, Tönnies observa, entre outras coisas: "Quando, freqüentemente, me encontrava com Rée — logo após sua separação de Nietzsche, no ano de 1883 — ele chegou a me dizer que Nietzsche era mais importante em conversas do que em seus livros, e ainda mais importante em conversas do que em cartas. Com certeza esse modo de pensar não surgiu da discórdia. Ele é mais característico da íntima relação que existia entre esses dois homens. Nietzsche era para Rée um fenômeno interessante, como é sempre o artista para o investigador..." "Rée não tinha inclinação para *intuições* e estava muito pouco disposto a conceder a assuntos morais e antropológicos a mesma validade da física." LAS contava que Paul Rée muitas vezes não entendia o que Nietzsche e ela conversavam; de forma bonacheirona, ele próprio costumava zombar disso, quando Nietzsche, em Leipzig, relatou um sonho, que depois foi incluído no *Zaratustra*, Rée disse: "Certamente você voltou a tomar sopa de ervilhas ontem à noite". Segundo Rée, o cristalino do pensamento de Nietzsche era magnífico; "seus escritos não têm valor".

36. *"Já li sua carta seguramente umas cinco vezes"*: A carta de Lou v. S. a Gillot (a segunda data refere-se ao dia do calendário juliano usado na Rússia) foi escrita dez dias depois de seu encontro com Rée e três semanas e meia antes da chegada de Nietzsche a Roma.

37. *a chegada de Friedrich Nietzsche*: Como um novo Colombo, como se seu "paradigma" tivesse empreendido a viagem de descobrimento saindo de sua cidade natal, Gênova, Nietzsche também partiu daí, num veleiro de carga, como único passageiro, até o "canto da terra": chegou a Sicília em 29 de março de 1882 e a Messina em 1º de abril; aí ficou até por volta de 20 de abril. Respondendo a uma carta de Rée sobre Lou, escreveu, em 21 de março, ainda em Gênova: "Recomendações minhas a essa russa, se é que isso tem algum sentido: essa espécie de alma desperta minha cobiça. Sim, logo depois sairei à sua casa — em consideração àquilo que nos próximos dez anos quero fazer, preciso dela. Um capítulo completamente diverso é o casamento — eu poderia, no máximo, prestar-me a um casamento por dois anos, e isso também em consideração ao que tenho que fazer nos próximos dez anos." O poema: "Amiga — disse Colombo — não confies/mais em nenhum genovês!" demonstra, em suas diversas versões publicadas nos "Documentos de Nietzsche", a inclusão da "russa" na visão-do-descobrimento-do-mundo, tenha ele sido escrito nos dias anteriores à partida do veleiro, ou mais tarde. Nietzsche deu-o de presente a Lou apenas no início de novembro de 1882, em Leipzig, provavelmente na hora da despedida: "À minha querida Lou". Ademais, é significativo que as cartas escritas por Nietzsche em Messina, à irmã e aos amigos, lembrem, por seu tom, as cartas imediatamente anteriores ao colapso. Talvez seja necessário buscar o núcleo da "experiência Lou" de Nietzsche nessa ligação entre a visão de Colombo e a imagem de Lou.

38. *que Nietzsche... se ofereceu como terceiro na aliança*: A carta de Nietzsche, acima parcialmente reproduzida, é a resposta a uma carta (não mais existente) de Paul Rée, enviada para Gênova. Também Malwida v. Meysenbug chamou a atenção de Nietzsche para Lou v. S. em sua carta de 27 de março de 1882; veja "Documentos", pág. 103 e segs. Nietzsche refere-se a isso em julho de 1882: "Quando você [Malwida v. M.] descobrir pessoas com esse modo heróico de pensar, dê-me um sinal: como você fez em relação àquela jovem russa". Rée escreveu depois uma outra carta: "À jovem russa é que você mais causou espanto e tristeza com esse seu passo [a viagem a Messina]. De fato, ela estava tão ansiosa para vê-lo, para falar-

lhe, que queria voltar por Gênova, e ficou irritada ao saber que você estava assim tão escondido". "Ela diz que gostaria muito de passar ao menos um ano simpático, e isso teria que ser no próximo inverno. Para tanto, ela conta necessariamente com você, comigo e com uma senhora mais velha como a senhorita v. Meysenbug (você recebeu essa carta?), mas esta não tem vontade?" "Para você, Roma não seria grande coisa. Mas a russa tem que conhecê-la de qualquer forma." Lou A.-S. podia, portanto, escrever que Nietzsche chegara "inesperadamente", mas ele já estava de antemão seguro de tomar parte, como terceiro, na "aliança". Talvez se explique a contradição, se reparmos que Lou v. S. tinha primeiro (ou seja, na época da carta de Rée) o projeto de inverno, que era algo como um plano renovado de Sorrento, e só depois o *projeto de vida* com Paul Rée ("tão logo tomou conhecimento do projeto meu e de Rée"), no qual, de forma alguma, podia incluir um terceiro. O que se formou, então, com a ligação desses dois projetos incompatíveis foi a "trindade".

39. *o local de nossa futura trindade... Viena... Paris*: Provavelmente Eugène von Salomé pretendia originariamente "prosseguir os estudos" em Viena e, em seguida, voltou a pensar provisoriamente em Munique, pois Lou v. S., que ainda continuava dependendo do consentimento de sua família para seus planos, escreveu de Bayreuth, no dia 2 de agosto, para Nietzsche: "Acho que temos que desistir de Viena em favor de Munique". O projeto parisiense existia possivelmente desde Tautemburgo.

40. *conheciamos Turgueniev*: No ano de 1875, em Paris, Paul Rée visitou Turgueniev, que havia abandonado a Rússia logo após ser confinado em sua fazenda, em virtude de um artigo de elogio póstumo a Gogol. Voltou uma vez à sua pátria, em 1880, por ocasião da inauguração de um monumento a Puschkin, quando foi bastante festejado (foi nessa oportunidade, o mais tardar, que Lou v. S. o conheceu pessoalmente); morreu em Paris, a 3 de setembro de 1883.

41. *suas filhas adotivas, Olga Monod e Natalie Herzen*: Olga Herzen, filha adotiva de Malwida von Meysenbug, havia-se casado em 1873 com o historiador francês Gabriel Monod, em Paris.

42. *Nietzsche... sua natureza algo reservada ou antes um tanto solene*: Em seu livro, *Friedrich Nietzsche em suas obras*, Lou A.-S. completa essa impressão:
"Eu diria que esse algo oculto, o pressentimento de uma solidão calada, era a primeira e forte impressão, através da qual a figura de Nietzsche cativava. Ao espectador fugaz nada se oferecia de surpreendente; o homem de estatura mediana, em seus trajes extremamente simples, mas ao mesmo tempo muito bem cuidados, com feições tranqüilas e os cabelos castanhos simplesmente penteados para trás, podia com facilidade passar despercebido. As finas e demasiadamente expressivas linhas da boca estavam quase totalmente cobertas por um grande bigode penteado para a frente; tinha uma risada suave, um modo de falar discreto e um jeito de andar cuidadoso, pensativo, o que lhe curvava um pouco os ombros." "Incomparavelmente belas e de contornos nobres... eram as mãos de Nietzsche, que ele próprio acreditava deixavam revelar seu espírito..." "Seus olhos também falavam, traindo-o verdadeiramente. Semicegos, não possuíam, contudo, nada de perscrutador, de pestanejante, característica involuntariamente importuna de muitos míopes; pareciam muito mais guardiães e conservadores de seus próprios tesouros, de seus segredos mudos, que nenhum olhar não autorizado devia roçar. A visão deficiente dava a suas feições uma espécie de encanto muito especial, pelo fato de ela, ao invés de refletir as mutáveis expressões exteriores, reproduzir tão-somente o que passava em seu interior." "Lembro-me de que, na primeira vez em que falei com Nietzsche — foi num dia de primavera, na igreja de São Pedro, em Roma — surpreendeu-me e confundiu-me, durante os primeiros minutos, a forma rebuscada e acabada que havia nele."

43. *Quando deixamos Roma*: Não se conhece, com precisão, a data de partida de Nietzsche e Rée, após terem partido Lou v. S. e sua mãe.

44. *onde o Monte Sacro... pareceu-nos deixar fascinados*: Esse "pareceu" não significa uma insegurança da memória, mas sim uma discrição na linguagem. No diário epistolar que enviava de Tautemburgo para Paul Rée, Lou v. S. escreveu, em 14 de agosto: "A lembrança de nosso período na Itália nos vem com freqüência, e quando [em branco no texto] subíamos a estreita vereda, ele dizia baixinho 'Monte Sacro — a ti agradeço pelo sonho mais encantador de minha vida'." — Numa conversa sobre esse período, LAS observou, com um sorriso fino, quase embaraçado: "Se beijei Nietzsche sobre o Monte Sacro — já nem sei mais". A visita ao Monte Sacro ocorreu em 5 de maio de 1882.

45. *Nietzsche... à casa dos Overbecks na Basiléia*: Em 8 de maio Nietzsche escreve a Paul Rée, que estava em Locarno: "Hoje vou direto para a Basiléia, onde permanecerei incógnito na casa dos Overbecks, até que seu telegrama me chame para Lucerna". "O futuro se me apresenta totalmente fechado, mas não 'escuro'. De qualquer modo, tenho que falar mais uma vez com a senhorita L., no Löwengarten, talvez?" Em 13 de maio, Lou v. S. e Paul Rée vão apanhar Nietzsche na estação de Lucerna; no dia seguinte teve lugar a conversa. Partindo de Lucerna, Nietzsche e Lou v. S. visitaram a antiga quinta de Tribschen, de Wagner. — Franz Overbeck, 1837-1905, era professor de História da Igreja, na Basiléia. Desde que Nietzsche foi ali indicado para um cargo, em 1869, eles viveram juntos, durante muitos anos, na mesma casa; apesar da diferença cada vez mais evidente em termos de orientação intelecutal (que em Overbeck continuava sendo sempre a mesma), a amizade continuou até o colapso de Nietzsche; Overbeck foi buscá-lo em Turim, em janeiro de 1889, e internou-o numa clínica para tratamento dos nervos, na Basiléia. — Lisbeth Nietzsche aproveitou uma visita de Lou à casa dos Overbecks, após a viagem à Itália, para, sem razão, envolvê-la em intrigas.

46. *uma fotografia de nós três*: Mostra Nietzsche e Rée em pé, junto à lança da pequena charrete de duas rodas; Nietzsche segura a argola e olha à distância, enquanto Rée, apenas tocando a lança e parecendo alheio ao que se passa em torno, está voltado para o espectador. Lou v. S., meio agachada no carro e igualmente voltada para o espectador, segura na mão esquerda enluvada a rédea (corda) amarrada em um dos braços de cada homem, e com a mão direita descalça, um chicote pequeno e improvisado, com um ramo de lilases artificiais na ponta; o fundo é formado por um cenário, em que estão pintados árvores, arbustos e o *Jungfrau*. A expressão no rosto de Nietzsche poderia ser interpretada como visionária; a da Rée e Lou revelam apenas alegria. Pela artificialidade da fotografia de *atelier*, a justaposição de desinteresse (Rée), pose (Lou) e atitude de entrega a uma imagem *interior* (Nietzsche), o quadro mal chega a dar uma impressão divertida, mas sobretudo grotesca e inquietante (pela primeira vez reproduzido por Erich F. Podach, "Friedrich Nietzsche e Lou Salomé", Seu Encontro, 1882, Zurique e Leipzig (1937); também aí estão reproduzidas — igualmente cedidas pelo editor — as cartas do diário de Lou v. S. a Paul Rée, de Tautemburgo).

47. *minha mãe e eu nos demoramos ainda algum tempo em Zurique, hospedadas por amigos*: A família Brandt, que antes havia morado em São Petersburgo e tinha estreita amizade com a família do general von Salomé, mudara-se para Brunnenhof, em Riesbach, junto a Zurique, e lá acolhera a jovem Lou. — Agora Lou v. S. e sua mãe passaram ali a segunda metade de maio; no fim desse mês, Lou visitou os Overbecks na Basiléia (ver nota 45). — Em Hamburgo realizou-se uma espécie de congresso da família Wilm.
O "Brunnenhof" com a "Vila Brandt", exploração agrícola, jardinagem e diversas oficinas, fica nas proximidades do sanatório "Burghölzli". Os Brandts eram conhecidos na sociedade de Zurique não só por sua caridade e solicitude, como também por cultivarem a música em sua casa. Um monumento construído por eles na praça defronte da casa, o *Rebekkabrunnen* (Fonte de Rebekka) está desde aproximadamente 1906 no início da "Bahnhofstrasse", em Zurique. — Os Brandts não tinham filhos. Adotaram um sobrinho que, no entanto, lhes trouxe grande infortúnio. Após a morte dos pais adotivos, ele vendeu as propriedades e partiu, com a mulher e os filhos, para a Rússia. — O "Brunnenhof" com a Vila Brandt, agora "Südstrasse 36", tornou-se propriedade privada.

48. *com o início do Festival de Bayreuth*: Lou v. S. havia ficado em Stibbe de 20 de junho de 1882 até poucos dias antes do festival, que começou em 26 de julho, com a primeira representação de *Parsifal*. Nietzsche viajou de Naumburgo para Tautemburgo em 25 de junho, para evitar o festival; somente sua irmã foi de Leipzig para Bayreuth, local onde Lou von Salomé e Lisbeth Nietzsche se encontraram pela primeira vez.

49. *com o pintor russo Joukowsky*: Paul von Joukowsky (Zukóvsky), 1845-1912, era filho do poeta Wassily Adréiewitsch Schukowsky, preceptor de Alexandre II, e neto do pintor báltico Gerhard von Reutern; era amigo dos Wagners e colaborou na confecção dos cenários para as primeiras representações de *Parsifal*. — Lou A.-S. o chamava, tanto em seus escritos quanto em conversa, de "Conde Joukowsky".

50. *ouvidos surdos para a música*: Helene Klingenberg comentou que Lou A.-S. não podia ouvir música com freqüência porque a "irritava profundamente", como se "a moessem de pancadas".

51. *Nietzsche e eu... planejado passar algumas semanas... em Tautemburgo*: Durou de 7 a 26 de agosto de 1882. Elisabeth Nietzsche fora encontrar-se com Lou v. S. em Jena, para acom-

panhá-la a Tautemburgo. Lou v. S. e Lisbeth N. ficaram na casa do pastor Stölten, enquanto Nietzsche habitava uma casa particular. Em Tautemburgo Nietzsche freqüentemente corria de lá para cá, entre ela Lisbeth; "esta não incomodava" (LAS).

52. *Alois Biedermann*: Alois Emanuel Biedermann, 1819-1885, foi um dos mais representativos teólogos protestantes do século XIX, influenciado por Kant, Schleiermacher e especialmente Hegel. Sua obra principal é *Christliche Dogmatik,* 1869. O exemplar dado a Lou v. S. "Como lembrança e laço cordial de amizade" contém ainda, escrito a mão, o versículo: "O espírito perscruta todas as coisas, até as profundezas de Deus", I Cor. 2, 10. Biedermann demonstrou um grande interesse pelos estudos e pelo estado de saúde de Lou v. S.; LAS contava que, no início de seus estudos, ele fez com ela uma espécie de prova simulada (para admissão nos estudos). Com ele teve aulas de Dogmática, História Geral da Religião a partir de uma base filosófica, Lógica e Metafísica; Lou v. S. também estudou História da Arte. Além de Biedermann (outros nomes têm pouca importância), Lou v. S. assistiu a cursos com Gottfried Kinkel (1815-1882) (História da Arte), que revisou seus poemas e, o que é mais importante, a um pedido de Lou, na época já em Roma, por uma carta de recomendação, estabeleceu a relação entre ela e Malwida v. Meysenbug, de quem fora amigo. — A. E. Biedermann escreveu em 7 de julho de 1883 à senhora von Salomé, a quem conhecera em sua visita a Zurique, uma carta que resume suas impressões sobre sua filha:

"Desde o primeiro instante em que a conheci, interessei-me de coração pela vida espiritual dessa extraordinária jovem, e ela também me correspondeu com uma confiança que eu soube apreciar totalmente e que tenho me esforçado por merecer e corresponder, procurando, segundo melhor sei, exercer uma influência sadia e sóbria na direção de seu desempenho espiritual. Depois, já na Itália, e mais ainda após seu regresso à Alemanha, ela tem vivido tão fechada na atmosfera espiritual de homens que a mim, que não os conheço pessoalmente, me pareceram muito estranhos em suas orientações intelectuais, e eu não podia deixar de estar intranqüilo em relação à influência que tiveram sobre ela, especialmente porque ela mesma, diante de mim, se mostrou totalmente reservada nesse aspecto.

Se tenho o direito de pretender que ela me considere um amigo paternal, creio também ter o dever de, como tal, falar com ela. Assim, por volta do final do ano [1882], escrevi-lhe uma carta em que me expressava abertamente sobre essas pessoas e minha preocupação a respeito da influência involuntária que exercem sobre sua vida espiritual, e lembrei-lhe uma de suas primeiras declarações, em que dizia querer com seus estudos ultrapassar não os limites do naturalmente feminino, mas sim tentar orientar-se por si mesma sobre as questões religiosas e filosóficas, de que se ocupa a ciência nos dias de hoje.

Não recebi dela uma resposta direta, mas sim indiretamente, por intermédio da senhora Brandt... a declaração de que ela se sentia no dever de dar-me uma resposta, mas não por escrito e sim pessoalmente. E, de fato, ela então apareceu — completamente inesperada por todos — há quatorze dias. A mim e aos meus ela causou de todo a mesma impressão cativante de um ser puro e sincero até o mais íntimo fundamento, mas que concentrava seu interesse, com uma energia incomum, exclusivamente na formação intelectual, alheia a tudo o mais, e, por isso, indiferente também a tudo o que, comumente, nas relações naturais da vida, pode ter importância e exercer poder sobre o sentimento e a vontade humana. Embora reconhecendo todo seu empenho científico, seu talento inusual e sua energia, mostrei-lhe, todavia, que... eu mal podia considerar a mera profissão de escritor como profissão vital, que possa conquistar e manter isso [a armação sólida para dar uma felicidade tanto interior quanto exterior] para alguém, e muito menos para uma mulher.

Se devo resumir em poucas palavras a impressão do primeiro e curto reencontro, aí está. Sua filha é um ser feminino de espécie totalmente incomum: de pureza infantil e integridade de espírito, e, ao mesmo tempo, de uma direção de espírito e independência de vontade não infantis, quase não femininas, e, em ambas as coisas, um *diamante.* É verdade que temo usar a palavra, pois ela soa como uma lisonja. E lisonjas, absolutamente não as faço em relação a ninguém a quem estimo, e menos ainda a uma moça, por cujo bem me interesso cordialmente e a quem recearia ofender através de lisonjarias. E também à mãe não quero tecer nenhuma lisonja sobre a filha, pois sinto e sei muito bem que esse louvor se refereria justamente àquilo que tem infligido à mãe dolorosas privações de *felicidade,* que é de direito esperar de uma filha.

Chamo apenas a senhorita Louise, de acordo com sua mais íntima essência, de um *diamante.*"

53. *Parece que de início houve disputas entre mim e Nietzsche*: Este "parece" está aqui também assinalando uma discrição ao se falar sobre isso. As expressões "disputas" e "toda espécie de mexericos" referem-se a uma passagem do diário de Tautemburgo, de 14 de agosto: "Eu *sabia* que se nos tornássemos amigos, coisa que ambos evitamos no início, na agitação dos sentimentos [por causa das 'disputas'], logo nos encontraríamos acima de todo mexerico mesquinho, em nossas naturezas profundamente análogas". Em resposta a um trecho perdido do diário, Paul Rée diz: "Não é significativo que Nietzsche pareça ter-te considerado como sua noiva logo que consentiste em ir para Tautemburgo? E que em sua qualidade de noivo ele te repreendia por uns mexericos de Bayreuth?" A fonte de Nietzsche aqui era sua irmã. LAS contava que Lisbeth N., por exemplo, afirmava que ela havia flertado com Joukowsky em Bayreuth: "Eu, inocente cordeira!"; certa vez ela havia se queixado a Joukowsky por "não ter nada apropriado para vestir" nas reuniões que a cada dois dias — entre as representações de *Parsifal* — se realizavam, e este, então, costurou-lhe no próprio corpo um vestido simples: talvez acontecimentos como este, alegres e inofensivos, tenham dado a Lisbeth N. oportunidade para mexericos; uma ironia do acaso quis ainda que ela partisse de Bayreuth no mesmo vagão de trem que Bernard Förster, a conversar alegremente com ele e sem saber que era noivo de Lisbeth: sem dúvida, isso igualmente acabou tendo significação. — Elisabeth Nietzsche também fizera a seu irmão (e esse foi o outro motivo para as "disputas" em Tautemburgo) as primeiras insinuações sobre as expressões que Lou v. S. teria empregado a respeito dele, numa discussão que as duas mantiveram. Uma vez que essa discussão, ocorrida em Jena, antes da partida em comum para Tautemburgo, onde Nietzsche as esperava, e retomada mais uma vez lá, na chegada (enquanto Nietzsche se ocupava com a hospedagem), foi a razão da inimizade que Elisabeth Förster-N. nutriu por toda vida em relação a Lou A.-S., e como, em seguida, são feitas muitas referências a ela, algumas das lembranças de LAS a esse respeito devem ser aqui reproduzidas. Nietzsche, depois da (primeira) recusa à sua proposta de casamento, comunicada por Rée, perguntou a este em Roma: "Então, uma ligação *irregular* também não seria apropriada?"; Rée, "que não gostava de dizer uma palavra a mais", comunicou isso a Lou, antes da viagem a Bayreuth-Tautemburgo, para que ela soubesse como comportar-se "frente a uma mudança no comportamento corporal" de Nietzsche; quando, então, numa conversa sobre seu irmão, na casa dos amigos de Nietzsche em Jena, Lisbeth passa a elogiá-lo, chamando-o de "asceta e santo", Lou põe-se a rir e, colocando ingenuamente as coisas em seus devidos lugares, conta o que lhe haviam dito, provocando em Lisbeth não só as mais violentas declarações em contrário, como também vômitos (tendo sido necessárias compressas); as declarações de Lou chegam também a um tom passional: ela chama a "pretensão total" de Nietzsche (que encontrara em suas cartas desde Lucerna) de "egoísmo" e outras coisas mais (cf. o diário epistolar de Tautemburgo, em 21 de agosto: "o egoísta em grande estilo"); mais tarde Lisbeth N. escreveu à mãe de Paul Rée (veja comentário na nota 59), por causa da expressão "ligação irregular", mas a mãe de Rée apenas pôde confirmar que seu filho lhe contara o fato. — Conserva-se uma longa carta de Lisbeth N. à amiga da família em Jena, em cuja casa teve lugar a discussão. — LAS falava alegremente disso tudo, como de uma "coisa de menininhas", incluindo-se a si mesma.

54. *para poder levar juntos uma vida rica*: LAS lembrava-se muito bem desse "levar juntos" peculiar: eles não se tinham atido à discussão de determinados temas, aprofundando especialmente um assunto determinado: o encanto, muito mais ligado ao simples "tocar" das coisas mais diversas, havia levado à compreensão, à consciência de que se compreendiam; ela nunca mais vivenciou isso dessa maneira. — Numa outra ocasião, caracterizando LAS sua relação com Nietzsche e acentuando que, por ela, ele nunca havia tido o direito "de falar dele e de mim, ao invés de nós três", ela acrescentou ter tido naquela ocasião "um interesse ardente" em saber "como isso parecia a ele?" "como é que ele se posicionava diante desse assunto?", isto é: no concernente a essas primeiríssimas experiências que continuavam vibrando; o que ela buscava era claridade. — O diário epistolar de Tautemburgo dá-nos a conhecer, entre as revelações resultantes desse "interesse ardente", a seguinte: "Ao mesmo tempo, por esta sua condição, seu [de Nietzsche] objetivo [de conhecimento] conserva um cunho que eu diria cristão, religioso, na medida em que ele tenta alcançá-lo a partir de uma situação dolorosa, como necessidade de redenção, como uma auto-salvação. Quanto a mim, meu objetivo de conhecimento, totalmente idêntico, apanha-me em plena situação de felicidade: esta é a diferença mais evidente entre nós e também a que mais se confirma em todas as nossas lutas de

desenvolvimento. Nietzsche, por exemplo, desembaraçou-se da religião quando seu coração nada mais sentia por ela e ansiava, em seu vazio e seu tédio, por um novo objetivo que o preenchesse. A descrença, para mim, caiu como um raio no coração, ou melhor, na compreensão, obrigando o coração, que, com ardor infantil, era afeiçoado à fé, a abandoná-la". (O mesmo para a passagem: "*que em Nietzsche seu modo de ser e de falar me fascinava*".)

55. *A preferência pelo método aforístico... por causa de sua doença*: No livro sobre Nietzsche, pág. 129, Lou A.-S. acrescenta: "Mas também correspondia cada vez mais à peculiaridade de seu espírito" ouvir "seus pensamentos como num 'diálogo' continuamente interrompido".
56. *Em uma de minhas cartas de Tautemburgo*: A carta prossegue: "Estamos muito próximos? Não, apesar de tudo, não. O que nos separa, o que se interpõe entre nós é como que uma sombra, que paira sobre meus sentimentos, uma sombra daquelas idéias que até há poucas semanas atrás tornavam Nietzsche feliz. E em algum secreto abismo de nosso ser, há mundos a nos separar".
57. *nós reencontramos Nietzsche em Leipzig, no mês de outubro*: Ao final da estada em comum, em 24 de outubro, Lou v. S. convida Heinrich von Stein (que Rée já conhecia, de Halle), "em nome da nossa trindade, isto é, em nome de Nietzsche, de Rée e no meu", a visitá-los em Lipzig (Stein veio de Halle, mas nesse dia Nietzsche fora fazer uma visita à sua família, em Naumburgo), e numa nota referente a uma representação de *Nathan, o sábio*, de Lessing, a que assistiram juntos, ela utiliza mais uma vez a expressão "nossa trindade"; mas a anotação a seguir (sem data), de Leipzig, nos dá a conhecer a motivação do "abalo do conceito" aludido: "Assim como na mística cristã (como em toda mística), precisamente em seus mais elevados êxtases levam a uma sensualidade cruamente religiosa, assim também o amor mais ideal — precisamente em virtude do excesso de sentimentos em sua idealização — pode tornar-se novamente sensual. Um ponto antipático, essa vingança do humano — não me agradam os sentimentos quando desembocam em seu circuito, pois este é ponto do *falso pathos*, da perda da verdade e da honestidade do sentimento. É isso o que me mantém alheia a N.?" — Mais tarde LAS observou que, na realidade, a "trindade" não fora dissolvida, nem mesmo em Leipzig; "mas ela não ia bem, uma vez que ele, Nietzsche, queria secretamente outra coisa".
58. *insinuações, com o propósito de denegrir a meus olhos Paul Rée*: Sobre esta passagem, LAS poderia ter fornecido mais pormenores; por exemplo, Nietzsche havia dito sobre Paul Rée (que sempre trazia consigo um frasquinho de veneno) que ele era "um covarde, como jamais houve outro". — Alguns dias antes de partir de Leipzig, Peter Gast (Heinrich Köselitz) viu Lou v. S. "uma única vez e discutiu com ela, em seu quarto, durante quase uma hora". Seu relato de então, a respeito dessa conversa, feito à sua amiga Cäcilie Gussenbauer, deve ser aqui reproduzido, por sua plasticidade: "Ela é realmente um gênio e completamente heróica de caráter; de estatura um pouco mais alta do que eu, muito bem proporcionada de talhe, loira, com uma expressão romana antiga no rosto. Suas idéias deixam transparecer que, tanto moral quanto intelectualmente, tem-se atirado ao mais extremo horizonte do pensar; como disse: um gênio, em espírito e ânimo". (E. F. Podach, *Gestalten um Nietzsche* [*Figuras em torno de Nietzsche*], Weimar, 1932, pág. 82.) Quinze anos depois, a opinião de Peter Gast, numa carta a Josef Hofmiller: "Ter vivido algum tempo perto de Nietzsche e, ao invés de ter-se inflamado, ser somente uma observadora e fria máquina de registrar — isto já é alguma coisa", pertence antes a uma história do Arquivo Nietzsche e a uma caracterização de Köselitz. LAS observou, em relação a outras manifestações de Gast (*esta* ela não conhecia), ter ele falado dela "entusiasticamente" em Leipzig e, mais tarde (como colaborador no Arquivo Nietzsche) ter "falado pelo salário", como ele mesmo dizia (cf. o capítulo "Peter Gast", no livro acima citado).
59. *dos quais só tomei conhecimento através de um rascunho de carta*: LAS recordava-se de como Paul Rée e ela, em Stibbe, tinham feito com freqüência quebra-cabeças com as cartas de Nietzsche, e discutido sobre como responder: "como evitar o que o magoa?"; ela também descrevia, por exemplo, como, no silêncio de uma tarde em Stibbe, voltando com uma carta de Nietzsche, datada do final de novembro, com as frases: "Faça com que o céu se aclare!" "As nuvens de nosso horizonte pesam sobre mim", perguntou a Rée: "O que ele quer dizer com isso?", a que Rée respondeu: "Sabe Deus..." A carta de meados de dezembro, com a introdução "Não os intranqüilizarei com os arrebatamentos de meu 'delírio de grandeza' ou de minha 'vaidade ferida'", refere-se seguramente às revelações da irmã sobre aquela discussão, que mais uma vez parecia ter ganhado evidência no final da temporada de Tautemburgo: "Com minha irmã tenho falado o mínimo, mas o suficiente para mandar o novo espectro

surgido de volta ao nada, de onde nasceu". — Nietzsche distanciou-se de seus parentes, principalmente por causa de uma expressão de sua mãe, mas assim que Lisbeth Nietzsche ouviu "que a história com a senhorita Salomé havia terminado", ela tentou reatar, por carta, as relações com o irmão; a reconciliação deu-se em maio de 1883, em Roma, entre irmão e irmã, com a condição de silêncio sobre "todo o assunto". Como se deduz de uma carta de Nietzsche à senhora Overbeck, de fins de julho de 1883, Nietzsche havia recebido, há três semanas, através de sua irmã, as últimas explicações: "uma carta de minha irmã para a senhora Rée (diga-se de passagem, uma obra-prima de carta de mulher), cuja cópia ela me enviou, deu-me luz, e que luz! De imediato, o dr. Rée passa para o primeiro plano..." Nesta *segunda* fase da terrível auto-salvação, ou auto-renúncia, Nietzsche se volta essencialmente contra Rée (cujo "porta-voz", fora Lou v. S.), como o havia feito na *primeira*, contra Lou. Por fim, Nietzsche rompe com sua irmã, "que com indizíveis incitações repugnantes quase me põe doente" (carta a Malwida v. M., de maio de 1884). O que se passou não pode ser indicado senão de forma simplificada, sobretudo em relação ao comportamento psicológico de Nietzsche; os esclarecimentos a esse respeito, do ponto de vista documental, são restritos, em razão da destruição de quase todas as cartas de Lou von Salomé e Paul Rée para Nietzsche. Os já citados apontamentos de Lou v. S., da noite de ano-novo de 1883, não deixam transparecer nada dos conflitos com Nietzsche:

"Foi nos primeiros dias de janeiro, quando eu, doente e cansada, cheguei à ensolarada Itália — para de lá levar sol e vida para todo o ano. Quanto desse sol caiu sobre nossos passeios e conversas em Roma, quanto sobre o idílio de Orta, com seus passeios de barco e seu monte sacro com seus rouxinóis, quanto sobre aquela viagem à Suíça, cruzando o Gotthard, quanto sobre os dias passados em Lucerna. E então quando me separei de mamãe e quis dar forma à vida reconquistada, aí adquirimos aquela singular relação de amizade, da qual, até hoje, depende o curso de toda nossa vida. Uma relação como talvez não volte a existir, nessa intimidade e nesta discrição, assim como também talvez raramente, ou nunca, se tenha feito uma aliança tão irrefletidamente e, ao mesmo tempo, com tanta reflexão. Decerto não sabíamos ainda o que adviria disso quando, sozinha e desconhecida, cheguei naquela noite em Stibbe, naquela terra estranha que, por sua causa, era como se fosse minha pátria. Mas chegou o dia em que juntos deixamos Stibbe de mãos dadas, como dois bons camaradas, e, com a certeza de que não poderíamos ser mal-entendidos, chegamos ao 'vasto mundo'. E aí nos instalamos, nesse vasto mundo; e apesar de toda a aparência e de todas as dificuldades, nossa relação mostrou-se capaz de sobreviver *diante de nós mesmos* e *entre as pessoas*. De longe, e por parte de amigos, soava, vez por outra, um juízo desaprovador ou temeroso, mas entre as pessoas que nos eram *próximas* e ante as quais vivíamos encontramos somente compreensão, cordialidade e calor. Ficou provado que, evitando-se as aparências e aprisionando-se numa camisa-de-força de preconceitos e submissões, dentro dos quais é habitual estarem reprimidos milhares dos mais belos impulsos de vida, não se pode obter mais respeito e amor do que vivendo totalmente a personalidade, que traz em si sua própria legitimação. E nós mesmos, em meio a essa vida rica, particular e estimulante, nós nos tornamos mais e mais afeiçoados. Nossa amizade, como uma nobre planta cuidadosamente protegida e cultivada, tem honrado nosso talento de jardineiros, e hoje se eleva com milhares de flores antigas e milhares de novos brotos."

A atitude de Lou Andreas-Salomé diante das diversas afirmações de Elisabeth Förster-Nietzsche (que Lou A.-S. era finlandesa, que era judia; que seu livro sobre Nietzsche era o "ato de vingança de uma vaidade feminina ferida contra um pobre doente", que era uma falsificação da natureza, do caráter e da doutrina de Nietzsche, e outras coisas mais) é mostrada nitidamente através de uma carta que ela escreveu à sua amiga Frieda von Bülow, provavelmente em fevereiro de 1905, depois de ter recebido uma carta de Maximilian Harden (este publicara um artigo, *Nietzsche-Legenden* [*Lendas sobre Nietzsche*], de Elisabeth F.-N., em sua revista *Die Zukunft* [*O Futuro*], de 28 de janeiro de 1905). Pela citação da carta de Malwida v. M., a carta de Lou A.-S. esclarece também a passagem sobre as "suspeitas" inconsistentes de Nietzsche. Também aqui Lisbeth adiantara-se, evidentemente, a seu irmão, com as afirmações de que Lou e Rée "viviam juntos" em Leipzig. Lou A.-S. devia ter sólidos motivos para reprovar Nietzsche, uma vez que ela insistiu nisso repetidas vezes.

"Na carta de Harden uma palavra me é interessante, a que mostra o que a Förster pode conseguir. Pois só como conseqüência da invectiva lançada por ela (que suponho deva ter parecido inverossímil a *todo* leitor de meu livro sobre N.), a saber, que minha obra sobre N. fosse

um ato de vingança de uma mulher desprezada — é que Harden diz que meu livro, em realidade, "não está bem", ou seja, é uma ação maldosa. Em verdade, o livro glorifica Nietzsche do modo mais honrado que me foi possível; e escrevi-o unicamente porque me pareceu necessário e quase uma espécie de obrigação para com N., já que, *na época,* apenas jovens autores ocupavam-se do tema, de forma tola e ofensiva. Nordeau, na época, acusou-me de ser discípula cega de N! Como é que alguém como Harden, que o leu, pode julgá-lo dessa forma? Naturalmente Förster pensa assim só nas aparências, na realidade ela desejaria que o livro fosse *ainda mais* glorificador, mas seu ódio contra mim (que há muito eu já havia esquecido) é mais antigo, e sua fonte verdadeira me é de fato desconhecida, ainda que, de qualquer forma, seja de natureza puramente pessoal (ciúme); mesmo antes de conhecê-la, já me haviam prevenido contra ela.

Quanto a uma réplica, claro que lhe poderia contrapor, maldosa ou objetivamente, e há muito que já o teria feito se não me importasse o fato de essa pessoa poder perturbar minha pouca alegria, paz e felicidade no trabalho. Porque, se me dispusesse a responder, a coisa teria que ficar aclarada para sempre. Todavia minha relação com N. contém coisas personalíssimas, como, propostas de casamento, recusas e a reação *muito* feia de sua raiva ciumenta contra Rée, que nos enlameou o mais que pôde. M[alwida] v. M[eysenbug] escreveu-me então: 'N. acaba de dar vazão a seus ciúmes' e ela estava indignada pelo fato de nós, 'por nossa própria inclinação mútua', termos 'abandonado o infeliz N.' No novo volume sobre Nietzsche [a biografia], a Förster escreveu coisas certamente muito mais aborrecedoras do que na revista de H[arden]; por exemplo: que eu corria em vão atrás de Rée, como candidata ao casamento. Deveria eu 'refutar' algo dessa espécie? E se *você,* na condição de amiga, escrevesse a respeito, teria também que apresentar provas objetivas, senão acabariam por supor que o assunto não pode ser refutado objetivamente. Portanto, ou cutucar esse ninho de vespas, ou absolutamente não reagir — isto é, por *minha* parte, como amiga por mim autorizada. Por outro lado, qualquer outro tipo de reação dirigido contra a própria Förster de nada valeria, por mais que isso me desse prazer, pois como ser humano que sou desejaria molestá-la até que se arrebentasse. Todavia o que mais me incomoda é que coisas como meu livro *possam* ser compreendidas de forma tão equivocada. Creio, pelo contrário, que qualquer um que me tivesse conhecido durante o período N. não pode ter de mim a opinião que desejaria a Förster. Suas difamações, contudo, estão muito mal colocadas: meus pecados eram justamente opostos aos que ela disse.

Adieu! Harden acabará por pensar que não ousamos fazer nada contra ela."

Sobre a "experiência Lou" de Nietzsche, veja as indicações de Karl Schlechta, no volume III de sua edição das obras de Nietzsche (*Werke in drei Bänden Obras em três volumes* , Munique, 1956, pág. 1371 e seguintes).

60. *Heinrich von Stein... episódio ocorrido em Sils Maria*: Heinrich von Stein, 1857-1887, filósofo, esteta e poeta, tornou-se conhecido de Paul Rée na época dos estudos deste em Halle, 1874/75, e de Malwida von Meysenbug por intermédio de Rée no inverno de 1877/78. Nietzsche provavelmente ouviu falar dele pela primeira vez numa carta de Rée, em outubro de 1877, pouco antes de surgir o livro *Die Ideale des Materialismus,* que tornou Stein conhecido como filósofo. A visita a Nietzsche, em Sils Maria, ocorreu entre os dias 26 e 28 de agosto de 1884. Numa carta a Overbeck, de 14 de setembro de 1884, Nietzsche chama Stein "de magnífico exemplo de ser humano e homem, que por seu caráter *heróico* tornou-se para mim totalmente simpático e próximo"; no final de novembro, ele enviou-lhe o poema "Ó meio-dia da vida! Tempo solene!" que na época era intitulado "Nostalgia de um Eremita". Encontraram-se novamente no outono de 1885, na estrada entre Naumburgo e Kösen; depois disso, nem um nem outro procurou rever-se. Um *post scriptum* na mencionada carta de Nietzsche, após a visita de Heinrich von Stein, permite ler: "*Na Luta por Deus,* romance de H[enri] Lou (Stuttgart, Auerbach) — Stein falou sobre isso". Nesse livro, Nietzsche encontrou "centenas de reminiscências de nossas conversas em Tautemburgo" (para Overbeck, 17 de outubro de 1885); anteriormente, a propósito de um artigo de Lou von Salomé, pronto para publicação, intitulado *Do sentimento religioso,* ele já havia dito: "o mesmo tema que me revelou seu maravilhoso talento e experiência em Tautemburgo faz-me feliz não me ter esforçado em vão, naquela época" (para Malwida von M., maio de 1884). O artigo de Lou A.-S., *Do sentimento religioso,* apareceu no dia 23 de abril de 1898, na revista *Die Zukunft.*

61. *mantive-me à distância, não lendo o que quer que fosse sobre o caso*: Isso chegou a tal ponto que, da biografia de Nietzsche, escrita por Elisabeth N., Lou A.-S. não cortou, para separar

umas das outras, as páginas 1895 e seguintes, que tratavam do encontro dele com ela. E na época da primeira redação do presente capítulo, ela não tinha conhecimento da posterior publicação de determinados rascunhos de cartas de Nietzsche, feita pela irmã. — Em certa ocasião, LAS observou que não se podia ter verdadeira "confiança" em Nietzsche; e também: que suas "óctuplas motivações" perturbavam a confiança; que ele também tinha algo da natureza "intrigante" de sua irmã.

62. *meu livro "Friedrich Nietzsche em suas obras"*: Apareceu em 1894, em Viena, pela editora de Carl Konegen, e é dedicado "em memória fiel" de "um anônimo" (Paul Rée); a distinção que Lou faz no livro (que ainda não podia levar em consideração a obra póstuma) dos três períodos na evolução intelectual de Nietzsche já havia sido objeto de publicação anterior sua, em janeiro de 1891, num jornal; outros estudos preliminares também já haviam sido publicados por ela; em outubro de 1882, em Leipzig, ela "leu para ele e com ele discutiu" um esboço para uma caracterização de Nietzsche, relacionado à sua "natureza" e também às suas "transformações" (v. pág. 4 de seu livro). — Os três períodos são: 1º) Nietzsche na fase em que "o objeto de sua dedicação religiosamente sentida não coincide todavia com ele mesmo" (discípulo de Wagner sobre a base da filosofia de Schopenhauer); 2º) N. como "o puro conhecedor sem emoções", num sentido positivista (a partir de *Humano, demasiado humano*); 3º) N. como "filósofo místico da vontade" (N. havia confiado a Lou v. S. "a doutrina do *eterno retorno de todas as coisas*"; "disso ele falava apenas com voz baixa e com todos os sinais do mais profundo espanto", no livro sobre Nietzsche, pág. 222).

63. *Lembro-me de um verão... em Celerina, em Oberengadin*: Certamente no ano de 1885; Paul Rée e Gillot conheceram-se no verão anterior, durante uma temporada em St. Quirin — Tegernsee: "Ali passamos juntos momentos muito bons, enquanto as ondas inquietas batiam, fustigando a costa, e das águas ressoava o canto dos marinheiros. Freqüentemente Rée e eu atravessamos de bote para a outra margem e passamos a tarde conversando na casa dos Gillots, até que a lua, surgindo no céu, nos chame de volta para casa. Causa-me um prazer particular ver os dois homens juntos, passado e presente entrelaçam-se de forma estranha em minha fantasia, e sinto-me muito feliz. Eles têm um tom muito cordial um para com o outro, e é bonito ver Gillot, com seu jeito cálido, passar o braço pelo ombro de Rée, seu rosto com o perfil enérgico e a boca alegre e sarcástica ao lado do rosto de Rée, de traços graves, pronunciados, francos..." (Trecho de carta.) Na mesma folha, Lou v. S. ocupa-se do mistério que Gillot continua sendo para ela: "Mas para isso eu teria que *conseguir conhecer* Gillot, como conheço outras pessoas, e isso é hoje tão pouco possível quanto outrora. Ele continua sendo para mim aquilo que meus sentimentos fazem dele. Imagine que no canto mais escondido da gaveta de minha escrivaninha há um caderno intitulado '*Quem é você?*' Ele deveria conter estudos sobre Gillot — suas muitas páginas em branco, mudas, me darão talvez uma resposta, justamente pelo fato de não estarem escritas. Apenas que a resposta é notoriamente pouco lógica — quase como a de uma criança pequena. Ela não soa: 'Você é isto ou aquilo', mas sim: 'Você me é querido e caro'. E, no lugar de um retrato, ela contém um véu eterno. — Na época em que Lou v. S. escreveu seu primeiro livro, por volta do início de 1884, nas proximidades de Meran, Gillot convalescia de uma doença grave. "Penso muito nele e costumo sonhar com ele a noite inteira. A qualquer hora me pego pensando nele, e outro dia estava tão entretida em meus pensamentos que, quando Rée abriu casualmente a porta e veio até mim, eu, numa espécie de delírio, confundi-o com Gillot, e, tremendo com todos os nervos, quase desmaiei." — Foi no verão de 1884 que ela reviu Gillot pela primeira vez.

64. *Certa vez, tentamos passar uma parte do inverno em Viena, onde meu irmão... seus estudos junto a Nothnagel*: no inverno de 1884/85; Eugène von Salomé, após terminar seus estudos de Medicina, foi trabalhar na principal clínica médica de Viena, dirigida por Hermann Nothnagel, 1841-1905, até estabelecer-se em São Petersburgo, em 1886, como pediatra.

65. *... escrevi meu "primeiro livro"*: Nietzsche leu o livro *Na Luta por Deus* no ano de seu surgimento, depois que Heinrich Stein falara sobre ele, durante sua visita a Sils Maria.
"Ontem vi o livro de Rée sobre a consciência — que vazio, que monótono, que inexato! As pessoas deveriam falar somente de coisas que têm experiência.
Completamente diferente foi a sensação que tive ao ler o meio-romance de sua *soeur inséparable* Salomé, que, divertidamente, veio-me às mãos ao mesmo tempo. Sob o ponto de vista formal tudo nele é delicado, feminino e quanto à pretensão de que se imagine um velho como narrador, é, por assim dizer, cômico. Mas a *coisa* em si tem sua seriedade e também sua gran-

deza; e se não é certamente o eterno-feminino que leva essa moça *às alturas*, talvez seja, então, o eterno-masculino.
Ia-me esquecendo de dizer o quanto gostei da forma simples, clara e quase antiga do livro de Rée. *Este* é o '*habitus* filosófico'. — Pena que não haja mais 'conteúdo' dentro de semelhante hábito! Entre alemães, porém, nunca é demais render homenagens quando alguém, como Rée sempre o fez, abjura o próprio diabo alemão, o gênio ou demônio da obscuridade." (15 de outubro de 1885; o livro de Paul Rée, *A origem da consciência*, apareceu no mesmo ano que o livro de Lou, *Na Luta por Deus*, em 1885.)

66. *Heinrich e Julius Hart*: veja nota nº 74.
67. *Inicialmente o círculo formou-se em torno de Ludwig Haller*: Ludwig Haller, posteriormente Conselheiro de Governo, não publicou ele mesmo sua obra *Tudo em Todos*, Metalógica, Metafísica, Metapsiquismo [com o lema: Para que Deus seja tudo em todos, 1. Cor., 6], Berlim, 1888. Faleceu durante a impressão de sua obra, planejada para dois volumes, dos quais só foi publicado o primeiro, preparado por ele. — De início as reuniões tinham lugar, com freqüência na residência de Haller. Numa carta a Lou v. S., provavelmente do ano de 1885, ele escreve: "Não preciso repetir a você que circunstância importante em *minha* vida tem sido a reunião de nosso pequeno grupo, sem a qual não me teria sido possível alcançar a conclusão a que, após anos de esforços, finalmente cheguei." Após a morte de Haller Lou A.-S. escreveu um artigo (até agora não localizado) sobre ele.
68. *pois aí... tirou diante de si a cortina*: confira a descrição (também com a imagem da cortina) no livro sobre Nietzsche, pág. 147-149; sobre a concepção da autodeificação de Nietzsche, compare o livro sobre Nietzsche, pág. 213 e seguintes.
69. *Eu não era a única... Georg Brandes, Hans Delbrück, Paul Deussen...*: Lou A.-S assinalou a maioria dos nomes da lista com uma — tão logo tomava conhecimento da morte de seus antigos amigos. — *Georg Brandes* (Cohen), 1842-1927, historiador dinamarquês de literatura, viveu de 1877 a 1883 em Berlim; F. C. Andreas o conhecia desde a época de seus estudos de manuscritos iranianos em Copenhague (nos anos 1868-1870). Sua obra *Hauptströmungen der Literatur des 19. Jahrhunderts (Principais correntes da literatura do século XIX)* (Berlim, 1872-1891), de espírito darwinista-positivista, foi amplamente difundida; Brandes defendia o Naturalismo literário. — *Hans Delbrück*, 1848-1929, historiador, era na época livre-docente, em Berlim; um exemplar de sua obra *Das Leben des Feldmarschalls Grafen Neinhardt von Gneisenau*, 1882 *(A vida do marechal-de-campo Conde Neinhardt von Gneisenau)*, ele o dedicou, nesse mesmo ano, a Lou v. S. com a seguinte inscrição: "Se não para a leitura — ao menos como lembrança". — *Paul Deussen*, 1845-1919, adepto e editor de Schopenhauer, tradutor e — no espírito Schopenhaueriano — exegeta das escrituras sagradas da velha Índia, era amigo de Nietzsche desde Schulpforta e, na época, livre-docente na Universidade de Berlim (mais tarde, catedrático em Kiel); acabara de concluir seu *System des Vedânta* (1883). Em sua autobiografia *Mein Leben (Minha Vida)*, publicação póstuma, 1922, Deussen conta que "um dia, provavelmente em 1883 [de fato em 1882], Dr. Paul Rée e Louise v. Salomé, ... a qual se distingue por uma inteligência penetrante, clara..." apareceram na casa dele: "organizou-se um pequeno círculo filosófico, do qual faziam parte, além de Lou, Rée e eu, o Dr. Romundt e, mais tarde, Heinrich v. Stein, livre-docente da Universidade. Nesse ínterim, Lou escreveu seu romance *Na Luta por Deus*. Este apareceu no ano de 1884, em dezembro, e eu fui um dos primeiros a quem ela o ofereceu de presente". "Devo confessar que, ao lê-lo, meu amor por Lou se inflamou até às labaredas." "Meu amigo Ebbinghaus afirmava que eram 'fantasias de freira'; encontrei no livro muito espírito e por esse espírito me apaixonei. Mas essa chama não tardou a abrandar-se quando percebi que, no pequeno círculo, Lou preferia as idéias algo nebulosas de Heinrich v. Stein às minhas. Entretanto, permanecemos amigos, mas só amigos." Ele conhecia Paul Rée desde uma viagem muito antiga à região do Lago dos Quatro Cantões, quando foi obrigado a compartilhar seu quarto com um estranho, porque havia chegado tarde. "Muito justo! Lá no outro canto, numa cama, alguém já estava deitado. 'Boa noite', disse-lhe — 'Boa noite', respondeu-me uma voz suave, de timbre agradável. 'Permita-me apresentar-me: Dr. Deussen, de Marburgo.' 'Muito prazer. Eu sou Paul Rée, doutor em filosofia.' Tentei imaginar qual, dentre todas as especialidades, estaria oculta por trás da expressão doutor em filosofia e..., com prudência, perguntei: 'Filosofia no sentido amplo ou estrito do termo?' 'Filosofia no mais estrito dos sentidos', respondeu-me o desconhecido. Após uma pequena pausa, perguntei: 'O senhor se sente ligado a algum filósofo em particular?' A esta pergunta o desconhecido respondeu com uma só palavra, e essa única

palavra fez com que eu, num salto, me pusesse ao lado de sua cama, apertando sua mão; e ele, alguém totalmente estranho, transformou-se em um amigo, um irmão... Essa única palavra foi o nome 'Schopenhauer'." — *J. Gildemeister* é o irmão do célebre tradutor Otto Gildemeister. — *Hugo Göring* era médico. — *Paul Güssfeldt,* 1840-1920, era explorador; entre outras coisas, em 1882-1883 atravessou os Andes. — *Wilhelm Grube,* 1885-1908, sinólogo, era na época diretor adjunto do Museu de Etnologia de Berlim e livre-docente. — *W. Halbfass* era professor de liceu e filólogo clássico. — *Max Heinemann* era procurador de Estado; musicou poemas de Lou v. S. "que devem aparecer impressos nesse inverno" (1885); ela se afastou dele, depois de ele ter-lhe contado que assistira a uma execução. — *Ferdinand Laban,* nascido em 1856, era bibliotecário dos Museus Reais de Berlim; em 1880 publicou *Die Schopenhauer-Literatur (A literatura sobre Schopenhauer),* era amigo pessoal de Heinrich v. Stein. — *Rudolf Lehmann,* 1885-1927, conhecido posteriormente como educador, na época ainda era livre-docente. — *Heinrich Romundt,* 1845-1919, kantiano, era amigo de Nietzsche desde a época em que estudaram juntos, em Leipzig; como já se disse, foi ele quem apresentou Paul Rée a Nietzsche, na Basiléia; ele era livre-docente na Basiléia e, mais tarde, foi professor de liceu. — *Georg Runze,* 1852-1919, teólogo protestante; lecionou, depois, na Universidade de Berlim. — *Heinrich von Stein* (veja nota nº 60), cuja participação nas reuniões está documentada por duas pequenas comunicações a Paul Rée (8 de janeiro de 1885) e a Lou v. S. (12 de dezembro de 1885: "espero com alegria a continuação da leitura de Bruno"), expôs numa antiga carta a Paul Rée, de 28 de outubro de 1881, a "diferença" entre sua "visão do mundo" e a de seu amigo (como chama Rée) e, ao mesmo tempo, sua compreensão de Nietzsche após cessadas as relações com Wagner. Em razão do contexto geral significativo, e também porque a carta deixa clara a diferente natureza intelectual de dois participantes do círculo filosófico, publica-se aqui uma grande parte dessa carta:

"Há, sem dúvida, uma diferença entre sua explicação dos sentimentos e a minha visão do mundo fundada sobre os mesmos. Não compreendo por que a natureza, em sua tarefa de deixar aparecer certas relações de atração entre as coisas como sentimento de amor à luz da consciência, optaria pelo subterfúgio de dotar assim apenas o instinto da mãe que alimenta, para reproduzi-lo depois através da ilusão." "Por que não haveria de adotar o mesmo procedimento, diretamente, sem rodeios, também em todas as relações inter-humanas, equipando-as com o instinto altamente propício de associações com o sentimento, sublime e compreensível, da compaixão.

Com isso me tenho deslocado sobre o terreno de sua especialidade e tentado igualmente me mover. Meu próprio ponto de vista é completamente diferente; porque, para mim, é somente essa ideal significação do ânimo que me leva a refletir, que me anima a testemunhar. Diante dela, tudo o que acontece exteriormente é jogo fútil." "Como nos parece vã a mudança dos destinos do mundo, com sua eterna repetição da vitória das profundidades...: os heróis, por todas as partes, apenas num trágico desfilar ainda que, sobre todas as maneiras, magníficos de contemplar. Sobre a base do ânimo, portanto, cabe também compreender a história de modo único: aquele contém o sentido verdadeiro dos tempos, mesmo daqueles sobre os quais a História nada sabe dizer. O senhor há de concordar que seu grande e ricamente dotado amigo Friedrich Nietzsche tem sido estimulado por um entusiasmo parecido de ânimo para a produção, justamente também no âmbito histórico. E bem posso crer que foi isso que me comoveu tão profundamente em seus escritos, cativou-me tão intimamente em sua obra principal: *O Nascimento da Tragédia.*" "Ele é um artista, embora seu virtuosismo não seja artisticamente produtivo, mas sim intelectualmente produtivo: por isso foi chamado a ser o arauto intelectual do mais elevado pensamento artístico [Wagner]. Nosso nostálgico suspirar por um mundo novo, por uma nova cultura, infunde-nos a impressão da arte verdadeira, e assim estamos dispostos a convertê-la no ponto central de todos os esforços correspondentes, no ponto de vista verdadeiro para uma visão do mundo profundamente decisiva.

Se agora ele momentaneamente adotou uma direção de exclusividade e quase céptica intelectualidade, não creio que isso possa ser o último e decisivo lance de sua vida espiritual. Sim, estou mesmo inclinado a não considerá-la de forma alguma como um 'descaminho' — se deixar completamente de lado a infeliz circunstância de que determinadas relações pessoais foram sacrificadas por causa dessas publicações [desde *Humano, demasiado Humano, I*]. Uma vez que seu virtuosismo é precisamente intelectual, mesmo que eu considere como artística a disposição fundamental de seu ânimo, o desenvolvimento de semelhante virtuosismo não pode, de forma alguma, evitar o mais agudo dos cepticismos." "Uma... necessidade

heróica — eis o fundamento disso tudo. E isso Nietzsche possuía, e possui ainda: quem esteve em graça não pode cair em desgraça; ele *crê*, mesmo que apenas na mais remota profundidade da silenciosa e nostálgica melancolia. Mas isso tem a ver com esse credo; e verdadeiramente de transformar o credo *quia absurdum*, num credo *neque enim est absurdum* [creio, pois não é absurdo].''

O círculo filosófico em torno de Paul Rée e Lou von Salomé era composto por velhos amigos e conhecidos (Heinrich v. Stein, Romundt, Tönnies, Deussen) que, chamados por Rée, traziam com eles outras pessoas. O filósofo Friedrich Paulsen, que era muito próximo de Ebbinghaus e, mais tarde, tornou-se amigo de Rée, parece ter-se relacionado de longe com o grupo. A primeira reunião deu-se no final do ano de 1882. Nas cartas datadas de 1883 são citados, além de Haller, Deussen, Ebbinghaus, Delbrück, Stein e Brandes, também Tönnies, Halbfass, Runze e Lehmann, que formaram, durante as férias de verão, com Rée e Lou, uma "pequena colônia" em Churwalden. No inverno de 1883/84 Ferdinand Leben esteve no grupo. Nos primeiros meses do ano de 1884 e na região de Meran, Lou v. S. finalmente curou-se da doença que a acompanhara durante anos, "restabelecida e duradouramente fortalecida — trazendo comigo um corpo totalmente modificado"; no verão desse ano, a caminho de Tegernsee, local onde estava Gillot, encontrou-se com Heinrich v. Stein, em Munique. Da temporada de verão de 1885, em Oberengadin, já relatada por Lou A.-S., também participou Heinemann, que se havia dirigido a ela depois de ler *Na Luta por Deus*. O Barão Carl von Schultz, Gildemeister e Göring não são mencionados senão em 1886, fora do círculo filosófico de amigos. — Certa vez, recordando-se dos amigos daqueles anos, LAS disse: "Eram pessoas puras".

70. *Ferdinand Tönnies e Hermann Ebbinghaus*: Ferdinand Tönnies, 1855-1936, um dos fundadores da nova sociologia alemã; na época, livre-docente em Kiel; é conhecido especialmente por seu clássico tratado *Gemeinschaft und Gesellschaft (Comunidade e Sociedade)*, 1887. LAS, numa conversa, classificou-o como o homem mais brilhante que conhecera, depois de Nietzsche. Em seu escrito *Der Nietzsche Kultus, eine Kritik*, 1897 *(O culto a Nietzsche, uma crítica)*, deseja "fazer uma exortação à prudência, à reflexão e à sobriedade"; disse que o livro de Lou A.-S. sobre Nietzsche teve "o mérito de abrir uma compreensão profunda, pessoal e objetiva sobre o notável fenômeno". — Hermann Ebbinghaus, 1850-1909, livre-docente em Berlim, era psicólogo experimental; mais tarde lecionou em Breslau e Halle. — Ambos pertenciam ao grande círculo de amigos em torno de Paul e Lou v. S. e todos, apaixonadamente, a cortejavam. — Uma carta de Ferdinand Tönnies a Friedrich Paulsen, escrita em Flims, com data de 11 de julho de 1883, caracteriza bem a atmosfera das férias que passaram juntos no período de Rée: "Vivemos aqui num trio muito gracioso..." "A senhorita Salomé dirige a casa com uma segurança superior e uma delicadeza de trato que a tornam admirável. Ela é verdadeiramente extraordinária; tanta inteligência numa jovem de vinte e um anos despertaria quase um arrepio, se não estivesse associada uma autêntica delicadeza de alma e a mais perfeita modéstia." "Rée trabalha muito." "Seu constante humor e seu espírito agradam-me completamente." Veja *Documentos sobre Nietzsche*, pág. 321 e seguintes, e pág. 288 e seguintes.

71. *depois de tê-lo visto sucumbir outra vez à sua paixão pelo jogo*: Em 12 de setembro de 1882, Paul Rée escreve a Lou v. S., que então morava na casa dos pais dele, em Stibbe, a seguinte carta:

"Você tinha muita, mas muita razão no que me disse ontem à noite. Não é que eu já tivesse nascido carregando a indolência; ela não se instalou em meu ser desde o começo, e na maior parte de minha vida não tive nem vestígio dela. Fui vencido, porém, na luta contra um inimigo mais forte; não porque eu fosse fraco, mas sim porque o adversário era desmedidamente poderoso. Curiosamente, também me tenho arruinado, em grande parte por passar as noites em claro. Durante meses tenho, intencionalmente, varado as noites, embora de modo diferente (a maior parte delas, caminhando pelas ruas de Berlim) e com outro objetivo que não o seu. Ele me venceu de todo. Por fim, completamente fatigado, desisti da luta. Lembro-me ainda de que cheguei a me comparar ao monge de que fala Seume em sua autobiografia [*Mein Leben*, 1813]. Ele havia feito todo o possível para libertar-se dos recrutadores que, na época, vendiam soldados à América. Mas como nada pôde salvá-lo e ele, então, teve que embarcar, deitou-se em sua rede, lá ficando sem se lavar nem se pentear, apodrecendo em meio aos vermes e ao lixo.

Receio que tenhamos de nos separar; ainda que para você eu seja uma proteção e um apoio

no mundo, você é muito leal para continuar querendo que isso continue, quando a mais íntima, a mais profunda simpatia entre nós está abalada, mesmo que apenas um pouco. É o que ocorre. Porque, de um lado, jaz agora em meu ser a indolência, e esta é verdadeiramente a chave de minha personalidade, isto é, tal como ela tem evoluído depois de quatro, cinco, seis anos. Eu já estava verdadeiramente morto; você me ressuscitou para uma aparência de vida, mas esta é repugnante a um morto. Por outro lado, eu jamais poderia me libertar de um sentimento de desconfiança, fundado numa particularidade muito característica em mim e que sei não lhe ser simpática: a desconfiança de não lhe ser simpático, de fazer coisas que não lhe são simpáticas.

Portanto, sigamos caminhos distintos até nossos túmulos."

[Mais abaixo, à margem, a resposta de Lou v. S.:]

"Não, claro que não! Vivamos e lutemos juntos, até que você tenha *renegado* isso!

L."

72. *um mal-entendido subsistiu entre nós*: Em relação a isso, veja nota nº 162, além de toda a introdução ao capítulo "O que falta ao 'esboço'". Lou v. S. apenas podia assegurar a Paul Rée que seus sentimentos por ele não haviam mudado. — No semestre de inverno de 1885/86, Rée começou a estudar Medicina, depois de a "alta Faculdade" de Filosofia de Estrasburgo "ter-lhe feito sinais negativos com mãos e pés" [a respeito de seu doutoramento] (carta de Rée a Paulsen); na pensão em que Lou v. S. agora morava sozinha, ela abriu a porta, certa vez, a um desconhecido: era Andreas, que dava aulas de língua alemã a uns oficiais turcos da pensão; os sentimentos dele ficaram claros de imediato, ainda que, para ela, o não-poder-ser-de-outra-forma só se evidenciasse com o tempo; ela, que até então recusara sem vacilar todas as propostas, comunicou a Rée que Andreas a cortejava e a intenção dela de "corresponder"; ela acrescenta estas palavras significativas: "Se você não tiver nada contra", e Rée, do mesmo modo significativo, respondeu: "O que você fizer, está bom", até o momento em que acreditou estar colocado diante de uma decisão voltada contra ele. — O noivado ocorreu em 1º de novembro de 1886; o casamento, em 20 de junho de 1887. — Paul Rée partiu provavelmente no início da primavera de 1887.

73. *Paul Rée sofreu uma queda mortal das montanhas*: Numa carta a Frieda von Bülow, após a morte de Rée, Lou A.-S. escreve:

"O principal acontecimento desse final de outono foi, para mim, algo que durante semanas me intranqüilizou, por razões demasiado horríveis, que só podem ser relatadas oralmente. Foi a morte de Rée; você deve ter lido que ele sofreu uma queda mortal em Celerina (Oberengadin), onde passamos o verão, e onde, depois de anos, ele foi viver sozinho, inverno e verão. Durante algum tempo vivi apenas das antigas cartas, através das quais muitas coisas se tornaram claras para mim; todo o passado foi fantasticamente revivido. Minha impressão dominante foi: demais! tenho tido demais! demasiado de bondade e de riqueza para um único destino humano. Isto traz a humildade."

A já mencionada nota evocativa, escrita em 17 de março de 1888, cerca de um ano depois da partida de Paul Rée, diz:

"Hoje faz seis anos que te conheci. Eu era então muito mais jovem do que somente seis anos mais jovem. Uma criança, recém-curada da primeira dor, e no primeiro pressentimento da vida plena que teria doravante. Quão freqüentemente penso em tudo isso, e com que clareza infinita de pensamentos. Mas não escrevo mais para mim mesma, como até há pouco tempo fazia com qualquer coisa e sempre. Creio que tudo em mim se tornou mais temeroso das palavras. Sonho contigo com freqüência; nada de especial, sempre a mesma e simples coisa: que te revejo, e então choro em sonho. Algumas vezes me ocorre de mover-me ou falar contigo — sem querer e por acaso —, e então sinto sempre o quanto te quero bem. Lembro-me de uma briga entre nós, quando tu, em meio à desavença, disseste com teu misto de bondade e ironia: 'se nos separássemos definitivamente por causa de uma briga e, depois de anos, por um acaso, voltássemos a nos encontrar em algum lugar — quão espantosamente nós dois nos alegraríamos!' E imediatamente teus olhos se encheram d'água. Venho lembrando disso com muita freqüência e penso: *Sim, sim.*"

LAS ainda pensava assim. Ela acreditava que, com toda certeza, nunca se teria separado de Rée; chamava a separação de "irreparável"; pensar nela era dor, não melancolia.

74. [*o círculo de Berlim, desde 1887*] *Gerhart Hauptmann*, 1882-1946, escreveu, em Erkner, entre outras coisas, o conto *Bahnwärter Thiel (Thiel, o guarda-cancela)*; "o *Bahnwärter Thiel,*

a *Mittagsgöttin (A Deusa do Meio-Dia)*, de Wilhelm Bölsche, e o *Wacholderbaum (O Zimbro)*, de Bruno Wille, foram concebidos no silêncio onírico do bosque de Märk" (Nadler). Seu drama social *Vor Sonnenaufgang (Antes do amanhecer)*, estreado em 20 de outubro de 1889 no Teatro Lessing, pelo "*Freie Bühne*" de Berlim, e, mesmo antes da estréia, saudado por Theodor Fontane, significou, como se sabe, a irrupção do Naturalismo na Alemanha. Um bilhete: "Querida e cara senhora, permita-me vir! Gerhart", caracteriza a relação (puramente amistosa) entre Hauptmann e Lou A.-S.; mais tarde, quando ele foi tomado pela ambição da fama, Lou A.-S. distanciou-se dele. De Marie Hauptmann, sua primeira mulher, LAS falava com emoção. — *Arne Garborg*, 1851-1924, considerado uma das mais brilhantes e significativas aparições da literatura norueguesa da época; juntamente com outros, ele tentou elevar a nível literário o *Landsmal*, a língua norueguesa pura, livre de componentes dinamarqueses; veio para a Alemanha em 1890; após uma iniciação naturalista, influenciada por tendências decadentistas, proclamou, já em *Müde Seelen (Almas cansadas)*, de 1893, o retorno do elemento religioso. *Hulda Garborg* traduziu para o dinamarquês o livro de Lou A.-S., *Ibsens Frauengestalten (As personagens femininas de Ibsen)*, com um prefácio de seu marido, Copenhague, 1893. — *Bruno Wille e Wilhelm Bölsche*, "um par de amigos de estranha afinidade contrastante" (Nadler), fundaram, em 1890, sua comunidade de Friedrichshagen, afastando-se da unilateralidade das grandes cidades. No mesmo ano, Bruno Wille, 1860-1928, inaugura seu *Freie Volksbühne* (Palco Livre Popular), com a apresentação de *Stützen der Gesellschaft (Os Pilares da Sociedade)*, de Ibsen (após seu desligamento do Partido Socialista, 1894, Novo Palco Livre Popular), que devia dar aos operários um contacto com a arte; Bölsche e o ator Türk o ajudaram nisso. A "tolice que vivenciei": *Das Gefängnis zum preussischen Adler (A Prisão para a águia prussiana)*, 1914, está baseada nas lutas de Wille em Friedrichshagen por sua atividade no ensino de uma religião livre. Wille tornou-se conhecido sobretudo por seu romântico-panteísta "Roman eines Allsehers: *Offenbarungen des Wacholderbaumes*" ("Romance de um vidente: *As Relações do Zimbro*"), escrito naqueles anos, em 1895. Uma caricatura de origem desconhecida, no espólio de Lou A.-S., mostra-o no ano 2000, em camisolão de dormir, segurando um cachorro pela corrente e com o manuscrito *Philosophie des reinen Mittels (Filosofia do Puro Meio)* sob o braço (uma alusão a seu escrito de mesmo nome, que apareceu na época — 1892 — na revista *Freie Bühne* [*Palco Livre*], que mais tarde recebeu o título *Philosophie der Befreigung durch das reine Mittel* [*Filosofia da Libertação através do Puro Meio*], 1896). — Seu amigo Wilhelm Bölsche, 1861-1939, havia feito publicar, no ano de sua chegada a Berlim, 1887, o escrito *Die naturwissenchaflichen Grundlagen der Poesie (Os fundamentos científico-naturais da Poesia)*; dirigiu de 1890 a 1893, após Brahm e antes de Julius Hart, a revista *Freie Bühne* ("para a luta pelo desenvolvimento da época"); em 1891 apareceu também seu romance de natureza poética e antiespiritista, *Die Mittagsgöttin (A Deusa do Meio-Dia)*. Lou A.-S. fez, na revista *Die Zukunft (O Futuro)*, uma crítica do primeiro volume de sua conhecida obra em três volumes, *Das Liebesleben in der Natur (A vida amorosa na natureza)*, que acabara de ser publicada. — Pelas poucas cartas conservadas, as reuniões com "toda a colônia" tinham lugar, na maior parte das vezes, na casa dos Bölsches, principalmente nos anos de 1890 a 1893. — *Os dois irmãos Hart*: Heinrich Hart, 1853-1906, e seu irmão Julius, 1859-1930, críticos e poetas, procuraram, entre 1882 e 1884, em seus cadernos *Kritische Waffengänge (Incursões críticas)*, estimar, em termos de valor, as correntes literárias da época; junto com Fontane *(Vossische Zeitung)* eram também os mais importantes críticos de jornal *(Tägliche Rundschau)* dos anos oitenta e depois. Lou A.-S. já conhecia com certeza os Harts antes de eles participarem do círculo de Friedrichshagen em torno de Bruno Wille e Wilhelm Bölsche; mais tarde, em 1900, fundaram em Schlachtensee a irmandade religiosa "Nova Comunidade". — O escritor sueco *Ola Hansson-Marholm*, 1860-1925, que viveu em Friedrichshagen de 1889 a 1900, interveio em favor dos poetas dinamarqueses, especialmente Jacobsen, e voltou-se contra os naturalistas, Ibsen e Brandes; Strindberg incentivou-o a escrever um estudo sobre Nietzsche, em 1890; na época, escrevia poemas em alemão. Sua mulher escrevia dramas e novelas com o pseudônimo de *Laura Marholm*. — *August Strindberg*, 1849-1912, vinha da Suíça, quando Lou A.-S. o conheceu, em Friedrichshagen, em 1892; em 1893 ele se casou, em Berlim, pela segunda vez, união que durou pouco tempo; um ano depois, foi-se para Paris. — *Max Halbe*, 1865-1941, estava na época às vésperas de seu grande sucesso teatral com o drama de amor *Jugend (Juventude)*, 1893, que se passa em sua terra natal, na região de Vístula. — *Arno Holz*, 1863-1929, com o drama *Familie Selicke (Família Selicke)*, 1890, forneceu na época um exemplo

de naturalismo e explicitou sua concepção de que "a arte tinha que voltar a ser natureza", em seu escrito de 1891, *Die Kunst, ihr Wesen und ihre Gesetze (A arte, sua essência e suas leis)*; sua comédia *Sozialaristokraten*, 1896, é uma sátira ao círculo de nobres socialistas de Friedrichshagen, com retratos de Wille, Mackay e do próprio jovem Holz. — *Walter Leistikow*, 1865-1908, é o pintor das paisagens de Märk, principalmente do Grunewald. — *John Henry Mackay*, de origem escocesa, 1864-1933, desde 1898 em Berlim, era partidário e editor de Stirner, e deu forma, no romance londrino *Die Anarchisten*, 1891, a seu "anarquismo individualista" contrário a toda violência na vida social. — *Richard Dehmel*, 1863-1920, junto com Leistikow, o único de Märk entre os aqui citados, destacou-se naqueles anos com sua coleção de poemas, *Erlösungen (Redenções)*, 1891, e *Aber die Liebe (Mas o amor)* 1893. — *Fritz Mauthner*, 1849-1923, de origem judaica-boêmia, foi co-fundador da revista *Freie Bühne*; no romance *Der letzte Deutsche von Blatna (O último alemão de Blatna)*, 1890, descreve a situação do germanismo em sua pátria; Mauthner era conhecido também como parodista *(Nach berühmten Mustern* [*Segundo modelos célebres*]*)* e satirista; em 1901/02, publicou *Beiträge zu einer Kritik der Sprache (Contribuições a uma crítica da linguagem)*; ele se declarava partidário de uma "mística atéia". — *Otto Brahm*, 1856-1912, foi inicialmente crítico e historiador literário, depois — a partir da fundação, em 1889 — presidente da associação *Freie Bühne* e editor da revista de mesmo nome; a primeira peça levada à cena por essa associação foi *Os Espectros*, de Ibsen, e a segunda *Antes do amanhecer*, de Hauptmann; em 1849 Brahm assumiu o *Deutsches Theater*. — O outro dos dois "Palcos Livres" é, portanto, o *Freie Volksbühne* ("Palco Livre Popular") de Wille, mais tarde *Volksbühne* ("Palco Popular") de Berlim. — *Maximilian Harden* (Witkowski), 1861-1927, primeiramente ator, deu espaço em sua revista semanal *Die Zukunft*, fundada em 1892, aos espíritos mais diversos; seus ataques literários e floridos ao Kaiser e à corte tiveram, como se sabe, conseqüências políticas. — *Carl Hauptmann*, 1858-1921, doutorou-se em 1893 em Zurique sob a orientação do positivista (empirocriticista) Richard Avenarius, com o trabalho *Die Metaphysik in der modernen Physiologie* (A Metafísica *na Fisiologia Moderna*), Primeira Parte; com suas primeiras obras poéticas, os dramas *Marianne*, 1894, e sobretudo *Ephrains Breite (A Dimensão de Ephrain)*, mantém-se próximo do Naturalismo; Rilke encontrou-se com ele em Worpswede. — *Otto Erich Hartleben*, 1864-1905, ocupou-se da dramaturgia, escrevendo, entre outras, a comédia *Hanna Jagert*, 1893, e a conhecida tragédia militar *Rosenmontag (A Segunda-feira das Rosas)*, 1900, que se tornou muito conhecida. "Moppchen" foi, mais tarde, mulher de Hartleben. — *Eugen Kühnemann* (1868-1941), que foi, mais tarde, historiador de literatura em Breslau, escrevia na época seu livro *Herders Leben (A Vida de Herder)*, 1895; ele "prefereria" vê-lo, como disse no prefácio, "nas mãos dos jovens artistas"; numa carta a Lou A.-S., após concluí-lo, ele o chamava de "seu livro" [de Lou].

75. *Georg Ledebour: estas linhas o saúdam*: Georg Ledebour, nascido em 1850, era político socialista, e, na época, redator de um jornal social-democrático. Foi um dos fundadores do Partido Social-Democrático Independente, que se desligou do SPD durante a Primeira Guerra Mundial, mas rejeitou a unificação com o Partido Comunista, posteriormente colocada em questão. Em 1924 fundou a Liga Socialista, pacifista, e em 1933 emigrou para a Suíça. Morreu em Berna, em 1947; veja nota nº 165.

76. [*o círculo de Paris, 1894*]: *o "Théâtre libre" de Antoine*: Fundado em 1887, pelo ator André Antoine, acessível apenas aos assinantes de Paris, serviu de modelo para a Associação *Freie Bühne* (Antoine apresentou-se com seu grupo em Berlim, em 1887); encenava, entre outros, Ibsen, Strindberg e Gerhart Hauptmann. — O ator e diretor de teatro Aurélien-Marie *Lugné-Poe* fundou, em 1893, sua *Maison de l'oeuvre*, que apresentava, entre outros, Ibsen e Maeterlinck. — *Paul Schlenther* esteve, na fundação do *Freie Bühne*, ao lado de Otto Brahm. — LAS contava que tinha sido ela a responsável pelo contato de *Knut Hamsun*, 1859-1952 (que tinha publicado seus primeiros grandes romances *Fome*, *Mistérios* e *Terra Nova* em outras editoras), com Albert Langen, seu posterior editor. — *Therese Krüger*, tradutora do e para o dinamarquês, traduziu, em 1896, para uma revista dinamarquesa, excertos do livro de Lou A.-S. sobre Nietzsche; ela também era a tradutora de Herman Bang. — *Herman Bang*, 1857-1912, foi em sua pátria dinamarquesa primeiramente jornalista (teórico do Naturalismo) e diretor de teatro; uma de suas primeiras obras narrativas foi o romance *Hoffnungslose Geschlechter (Gerações sem Esperança)*, escrito em dinamarquês e publicado em 1880. Em 1903 Rilke, num ensaio sobre os romances *Das weisse Haus (A Casa branca)*, 1898, e *Das graue Haus (A casa cinza)*, 1901, também escritos em dinamarquês, disse: "Ele quer retomar pode-

rosamente sua infância". — O presidente da República Francesa, Sadi *Carnot*, foi apunhalado, em 24 de junho de 1894, por um anarquista italiano. Alexandre *Millerand*, posteriormente presidente da república, era socialista, assim como Jean *Jaurès*, o pacifista assassinado às vésperas da Primeira Guerra Mundial; Jaurès (professor de Filosofia) era um brilhante orador.

77. *Frank Wedekind*, 1864-1918, tornou-se famoso graças a seu primeiro drama, *Frühlings Erwachen (O Despertar da Primavera)*, 1891, escrito em Munique. "Depois... voltei a Paris e lá me tornei, por fim, secretário de um pintor e comerciante de quadros dinamarquês, de nome Willy Grétor..." A novela de Lou A.-S., na qual o "mal-entendido wedekindiano" foi incluído como "recheio" é a narrativa *Fénitschka*, 1898; esta reproduz de forma reconhecidamente clara a delicada situação em que Lou A.-S. viu-se envolvida por seu desconhecimento de determinados símbolos de aproximação, e também — ainda que não em uma única frase — as palavras com que Lou A.-S. livrou a si e a Wedekind da situação ("A culpa é minha, senhor W., pois eu ainda não havia me encontrado com nenhum homem indecente"). No dia seguinte — isto também pode ser relatado aqui —, Wedekind apareceu vestido em sua roupa mais solene, para desculpar-se; a amizade, então, selou-se rapidamente. — As *Galgenlieder (Canções do Patíbulo)* aqui mencionadas são as muito conhecidas de Chr. Morgenstern. Em suas breves anotações diárias, da época de Paris, Lou A.-S. observa, no dia 28 de julho: "Wedekind esteve comigo, discutimos o drama em comum no Palais Royal". O plano para a criação de um drama que seria feito pelos dois também é mencionado no dia 4 de agosto: "À noite, Wedekind esteve aqui, por causa do drama". Mas depois Lou A.-S. fala somente de seu próprio trabalho nesse drama. Durante a temporada mencionada na pág. 71 e ss., com o médico russo Sawelii (descrito por ela, numa nota, como "distinto companheiro"), nos Alpes suíços, Lou A.-S. não só termina o drama (26 de agosto: "Drama acabado"), como também o passa a limpo e o reescreve: 31 de agosto: "Pela manhã, terminado de reescrever o drama". Em Paris, ela o lê a alguns conhecidos russos. O trabalho nessa peça, provavelmente de três atos, ainda prossegue, contudo, em Berlim (7 de outubro). A partir de então, não é mais mencionada. Nada mais de concreto se sabe sobre esse trabalho (nem mesmo sobre a colaboração inicial de Wedekind). A peça não foi conservada.

78. *a viúva de Georg Herwegh*: viúva do conhecido poeta político dos anos anteriores a 1848, Georg Herwegh, 1817-1875; com o fracasso da rebelião de Baden (da qual Herwegh tomou parte de forma pouco gloriosa), ela salvou seu marido de cair prisioneiro.

79. *Madame Zwilling... florista*: Para ajudar a ela e a seu filho, Lou A.-S., após regressar à Alemanha, em outubro de 1894, escreveu um rascunho de um folhetim: "Se você quiser fazer-me um grande serviço, utilize o folhetim anexo para uma pequena coleta: cada palavra baseia-se rigorosamente na verdade, e estou recolhendo alguma coisa para essas duas pobres pessoas, de quem tenho recebido muito carinho" (carta a uma amiga).

80. *ocorreu-me algo assim como uma imagem antiqüíssima...*: Inicialmente a passagem dizia assim: "... despertou-se em mim algo como uma idéia de mundo totalmente modificado — não sei como expressar de modo mais compreensível a nuance de sentimento da inesperada surpresa — o paradisíaco desapareceu no claro-escuro da paisagem mágica, e inevitavelmente" [lacuna, para continuar assim:] "algo inamovível, pétreo, havia sob o pé que caminhava". — O "momento repentinamente revivido": o da "desaparição de Deus".

81. *Frieda, Baronesa von Bülow*: Frieda, Baronesa von Bülow, 1857-1909, filha de um Conselheiro de Legação prussiano, acompanhou, em 1887, seu irmão Albrecht ao protetorado da África Oriental, conquistado por Carl Peters para a Alemanha; em Zanzibar e Dar-es-Salam ela fundou as primeiras enfermarias para tratamento de enfermos; no ano seguinte, uma doença a obrigou a retornar à Europa; no início de 1892, Lou A.-S. a conheceu, em Tempelhof; depois do irmão dela, em maio desse mesmo ano, ter morrido lutando na África, ela viajou mais uma vez para lá, em junho de 1893, permanecendo por cerca de um ano para terminar os trabalhos de plantação que ele havia empreendido. Lou A.-S. e Rilke, na época de seus estudos preparatórios para a grande viagem à Rússia, estiveram em sua casa, no verão de 1899, em Bibersberg, junto a Meinigen. — Dos romances de Frieda v. B. têm alguma significação os que falam de suas impressões da África e de seu encontro pessoal com Carl Peters (por exemplo, *Im Lande der Verheissung* [*Na Terra da Promissão*], 1899), pela descrição das relações coloniais da época. — As cartas que Lou Andreas-Salomé escreveu para Frieda von Bülow, quando esta se encontrava no último estágio da doença, cuja fatalidade ela própria não ignorava (de novembro de 1908 até o último dia, 10 de março de 1909), não

são apenas testemunho dessa amizade, mas também da concepção de vida que Lou A.-S., já em seus anos maduros, expressou nesse período particular. (Frieda v. Bülow, entre outras coisas, escrevera: "Fica-se profundamente melancólico quando se experimenta na própria pele todas as formas de dor, sofrimento e desamparo, que podem acometer ao mais infeliz dos seres humanos". "Nos últimos seis dias tenho sofrido mais tormentos do que em todos os outros 51 anos de minha vida." "Deseja-se a morte com ardor." É caracteristicamente dela a afirmação de que "dos dois espíritos sombrios que sempre estão juntos à cama" [sua], aquele que lhe diz que já não poderá "a qualquer custo" "assegurar uma existência cômoda e agradável" à sua irmã Sophie, é "ainda mais sinistro" o que diz: "Logo virá a grande despedida de tudo".)

"Minha querida, mando-lhe modestamente esta folhinha cinza como significativa saudação." "Acredito de qualquer modo que para a maioria das pessoas a infância é a melhor época, quando, mais tarde, elas a relembram; só que, para mim, foi a pior, e para você, provavelmente, também seria assim, sem a presença de Grete [Margareth v. B., veja a nota seguinte]. Duas infâncias do mesmo estilo *juntas* são, com certeza, o paraíso. Do posterior, da juventude, talvez você não pudesse dizer o mesmo, porque não se sabe como se ajustariam seus anos eróticos e sua produtividade intelectual. Assim, talvez, a recordação se haja encerrado com o mais sublime e o mais doce. E o que veio depois, estimulou-a tanto como mulher quanto como pessoa a tudo o que lhe era mais conveniente, justamente com tal independência, porque você não tinha mais Grete. Sempre imagino que esses anos de juventude são os que devemos extrair da vida nossa formação, agarrar-nos completamente a ela; valentia e fogosidade são as virtudes da juventude. Mais tarde, só se é, ou se tem, aquilo por que se lutou. Mais tarde é como se se recuasse um passo diante da vida, ganha-se um pouquinho de distância em face dela que já é algo independente e dá de si, aqui e acolá, algo já dirigido: filhos, obras e coisas semelhantes. A partir daí, a rigor, não se necessita mais viver, ou, pelo contrário: vive-se já só para si, em si, entrando-se numa eternidade da qual nada sabemos, mas para a qual, possivelmente mais tarde, nossa forma interior aqui obtida se revela como o novo corpo exterior — falando figuradamente — que seria necessário para uma existência mais elevada, purificada. Não são apenas sonhos. Afinal de contas, todas as nossas mais belas e espontâneas concepções baseiam-se em tais suposições. Que nos seja impossível considerar a vida corporal presente como o mais alto bem, e que tenhamos uma profunda desconfiança contra aqueles que assim o fazem — e também que todas as coisas mais profundas e maravilhosas sucedam nas almas sem efeito exterior — que todo valor mais elevado seja inconsciente de si mesmo e que ninguém o contemple —, eis, em geral, o esteio da mais alta nobreza. Penso que tudo sempre acabe se tornando corporal e exterior, mais cedo ou mais tarde, porém sobre uma base cada vez mais refinada; nós conhecemos apenas uma fração mínima das possibilidades de existência. — Chega-se a tais pensamentos pelo fato de que, nos últimos anos, as ciências naturais sofrem uma literal mutação nessa direção — da mesma forma que, recentemente, e por conseqüência disso, todos os especialistas um pouco inteligentes interessam-se pelos problemas mais metafísicos. *Antes* não era de outra forma, mas precisamente há meio século, na época de nossa juventude, apresentava-se-nos o deserto da dogmática científica, com seus estreitos antolhos, que não permitiam enxergar nada do que estava além do nariz."

"Novamente dias e dias, minha querida, e noites e noites, e quão pesada deve ter sido para você cada uma de suas horas! Cada uma como um peso terrível, que puxa para baixo de tal forma que finalmente nada mais há que se possa pôr no outro prato da balança, até que caia no esquecimento o fato de ainda existir esse *outro prato da balança,* e que ele já está pronto e secretamente preenchido de contrapesos tais, que, por sua natureza, não podem ser percebidos durante determinados processos. E como *isso* é horrível! Aqui, a única consolação possível é saber: o equilíbrio *vai* restabelecer-se, mesmo que a gente seja arrastada ao chão por espantosos pesos de chumbo. Creia-me, serão pesos de puro papelão, vistos mais tarde, quando se está livre deles, pois então se está também livre de todo horror que provocam, assim como a mãe que dá à luz, depois de um tempo, esquece a profundidade da dor sofrida. Agarrar-se *mecanicamente,* convencendo-se de que isso é assim, *impor-se* essa disciplina com todas as forças! Não deixar surgir nenhum medo, mas sim impregnar-se da fé vitoriosa de que semelhantes enfermidades são *nascimentos.* É o que há de *mais grave* que se possa vivenciar (a menos que se trate de doenças febris, que nos põe quase em estado de sonho). Pois o mais grave é e continua sendo o alheamento do próprio corpo. Qualquer outro sofrimento

vem do exterior, é possível, assim, opor-se a ele lutando, mas esse, aparentemente, somos nós mesmos, e ficamos como que enfeitiçados dentro dele. E exatamente porque não '*somos*' o corpo, mas apenas 'temos' o corpo, é horrível para nós que ele, por assim dizer, amordace tudo em nós e pareça colocar-se em nosso lugar. Nosso instinto de conservação é em parte tão ligado ao corpo que só pode desprender-se dele com um empurrão estremecedor. Mas de fato não é nessa oportunidade que nosso eu deixou de ser idêntico a seus processos, mas já há muito está formado *em si mesmo* e aglutinado em forma, que, liberado aquele, seria de pronto existente em si, como em uma 'corporalidade' muito mais própria, muito mais fina. Pois espírito e corpo não são mais que palavras nossas: chamamos de corporal *tudo* aquilo que, de uma forma ou de outra, podemos decompor e inspecionar através dos métodos mais grosseiros —, e chamamos espiritual tudo o que, em seus efeitos, se encontra muito além disso. Num degrau mais alto — e não precisa de forma alguma ser insuperavelmente alto — o que para nós agora é espírito, parecer-nos-ia, por sua vez, de natureza corporal, e decerto seria novamente o espelho, o vaso para efeitos superiores denominados 'espírito'. — Continuamente, na vida, todas as pessoas sérias provam por ações um instinto de conservação que vai muito além do corporal — realmente em todas as coisas significativas que intentam alcançar, em todo o belo no qual mergulham, em todos os sacrifícios alegres que as sobrepujam — e quanto mais no sacrifício centenas de vezes oferecido do bem-estar ou mesmo da vida, por uma idéia qualquer, um amor, ou algo parecido. Todos esses casos não ficam fora do instinto de conservação — a vida não pode fazer tal coisa, não seria grande, seria perverso e feio —, não, a verdade é que há tempo eles possuem seu eu com seu centro de gravidade em qualquer outro lugar, e lá ele está salvo, consolidado e submetido às *suas* ulteriores leis de crescimento. Do mesmo modo, com a idade avançada, mesmo *sem* se estar doente, o eu minimiza-se de tal modo que, para o exterior, ele nem parece existir, o corpo só o amarra, aleija-o, é-lhe prisão, obstáculo. Esse 'estar prisioneira'é o que você, agora, por causa da doença, deve estar sentindo de modo tão horrível, e é certo que tudo à sua volta vai-se tornando tão estreito, tão estreito, que muitas vezes me rompe o suor, de medo e de dor compartilhados. Como eu desejaria sustê-la! E suportado tem que ser, façamos o que façamos! Aquilo que *está sobre você,* minha querida, minha amada acima de tudo, exija-o, é você mesma que sairá disso, são dores — mas nada de cruel e não nobre elas lhe imporão, como velhos sonhos devem às vezes tê-la atemorizado — mas assim o quer a vida, infinita, o 'morre, que serás!'* da vida, na qual todos somos um — um ser humano que busca as alturas! Não posso mais escrever, já estou totalmente, totalmente com você." —

"Minha querida, censuro-me por ter-lhe escrito tantas coisas que você talvez não quisesse absolutamente ler — mas o bom é que tampouco você *precisa* ler, não é como um palavreado incômodo, mas sim que permanece mudo conforme a vontade. Isso se explica porque nesses anos tenho pensado muito em toda a espécie de estudos de física, química e semelhantes, e alguns pensamentos gostaria de levá-los de imediato a você, fervente. Especialmente a certeza bastante notável de até que ponto o processo que chamamos vida é um processo de morte, e *também ao contrário* — ambos exatamente o mesmo, em essência. Há muito se sabe que por toda parte onde haja 'vida', alguma coisa se decompõe no organismo em questão e morre; a reconstrução que então tem lugar não se manifesta de forma alguma como 'vida', ela está, por exemplo, muito presente no sono, no cansaço da digestão, etc. Para que a vida se 'libere' com real força há que ter muita coisa que se faça mortal — assim, a vida só é possível como um 'escapar e fugir do corpóreo'. Quando dizemos: a vida *necessita* do corpo, queremos apenas dizer: ele é necessário *para refleti-la* visivelmente para nós — mas ela mesma 'vive' apenas em oposição ao corpo, pois ela aparece apenas na medida que 'algo morre' nele. O orgânico, ou mesmo o espiritual, o consciente, diferencia-se do inorgânico ao máximo pela medida e pelo grau de sua *mortalidade,* isto é, de desarticulação de todas as partículas materiais que continuamente faz explodir para liberar-se, isto é, para aparecer como 'vida'. Pode-se diretamente definir todo o orgânico e o espiritual com a frase: 'pela morte à vida'. Nos graus superiores de sua liberação, como por exemplo na doença ou também na idade avançada, e mais plenamente na morte, torna-se, finalmente, em conseqüência desse reflexo corporal explodido, quase ou totalmente imperceptível, inconstatável para os outros, para todos os que ainda estão *ligados ao corpo* (menos 'moribundos'), e disso se vê somente

* verso de Goethe, do poema *Selige Sehnsucht* ("Ditoso Anseio") (N.T.)

o negativo: que não mais se manifesta no material, que escapou. Mas este é o ponto nele que está prestes a alcançar, de modo mais positivo, seu si mesmo — o centro de si mesmo, que apenas podemos pressentir, porque não se prende mais nele tanta impureza e tanta influência do material (pelo qual o conhecíamos). Tão certo como Deus vive, assim é!"

82. ... *e a já conhecida escritora Margarethe von Bülow*: ela perdeu a vida aos vinte e quatro anos, em janeiro de 1884, quando tentava salvar alguém; Margarethe v. B. possuía dons literários muito mais autênticos do que sua irmã; sua obra mais madura é o romance *Jonas Briccius*, 1886.

83. [*o círculo de Viena, 1895/96*]: *Arthur Schnitzler*, 1862-1931, iniciou sua carreira de poeta com os esboços dramáticos *Anatol*, 1893, e a peça *Das Märchen (O Conto)*; a propósito dessas obras, Lou A.-S. escreveu-lhe de Paris, em abril de 1894. — *Richard Beer-Hoffmann*, 1866-1945, na época havia publicado apenas "novelas"; seu mais famoso romance, *Der Tod Georgs (A Morte de Georg)*, 1900, despertou o interesse, também, do jovem Rilke. — *Hugo von Hofmannsthal*, 1874-1929, na época vivia sua primeira glória por seus poemas e pequenos dramas. — *Felix Salten* (Salzmann), 1869-1945, era ensaísta e contista. — *Peter Altenberg* (Richard Engländer), 1859-1919, publicou a primeira reunião de seus "estudos" sob a forma de esboços *Wie ich es sehe (Como eu vejo)*, no ano seguinte, em 1896; o esboço aqui referido por Lou A.-S. é certamente *Zwei Fremde (Dois Estranhos)*, conservado no legado, mas que não se encontra no livro indicado. A "conhecida frase" (de Alfred de Musset) sobre Altenberg está na página de rosto da primeira edição de *Wie ich es sehe* e diz exatamente: "*Mon verre n'est pas grand — mais je bois dans mon verre*".

84. *Marie von Ebner-Eschenbach*, 1830-1916, havia escrito a maioria de suas obras épicas nos anos oitenta, começando com *Bozena*, 1876; ao relato *Glaubenlos (Sem Fé)*, 1893, seguiram-se, ainda em 1901, as narrativas *Aus Spätherbsttagen (Dos dias tardios de outono)*. — Lou A.-S. expressou sua admiração por Marie v. Ebner já em seu artigo *Ketzereien gegen die moderne Frau (Heresias contra a mulher moderna)*, publicado na revista *Die Zukunft*, em 11 de fevereiro de 1899: A mulher moderna, que vai à luta também como escritora, "consome atualmente muito, terrivelmente muito de sua força mais íntima para exprimir seu ser sobre o papel. Ao nos aproximarmos pessoalmente dela, produzir-nos-á ainda a sensação de um arbusto florido, que nos oferece rosas ou... de alguém que tem entregado algo custoso, insubstituível, como se fora apenas seu excedente florido? Lembro-me da hora em que me veio essa pergunta pela primeira vez. Foi em Viena [1895], num aposento silencioso, antigo e nobre, na presença de uma poetisa anciã, que, com certeza, nunca foi acoimada de escrever 'femininamente'. Escrevia ela por acaso masculinamente? Ah, não. Mas ao olharmos seus olhos profundos e inteligentes, e ao vermos delinear-se em torno dos lábios bondosos o sorriso indizivelmente fino, então saberemos de imediato... quão pouco da grande riqueza de si mesma foi absorvido em suas obras literárias, como, afinal, todas essas folhas de papel parecem apenas pálidas e finas pétalas de rosa, se comparadas com a árvore de profundas raízes, imorredoura, que as deita abaixo e as sopra em direção a todos os ventos. Essa escritora, cujas mãos beijei, impregnada de pensamentos semelhantes, era Marie von Ebner-Eschenbach."

O quanto Marie von Ebner-Eschenbach também apreciava Lou Andreas-Salomé como pessoa e como escritora demonstram-nos suas breves cartas, repartidas entre os anos de 1895 e 1913, em especial a de 7 de agosto de 1901: "Respeitável senhora! Finalmente, após um longo e pleno período de trabalho, pude conceder-me um pouco de descanso. Li então uma das mais belas histórias que há: *Ma*, de Lou Andreas-Salomé. Se é um retrato, só pode ser um Velasquez.

'Lou Andreas é, entre as escritoras de hoje, a de mais espírito, a de mais profundidade psicológica' [provavelmente frase de uma resenha incluída no livro] — subscrevo isso com letras tão grandes como a catedral de Uspenski [em Moscou, aludida tanto em *Ma* quanto no diário da viagem à Rússia]. Respeito pela senhora, ditosa mulher, por sua arte e por sua sabedoria. A sabedoria é sempre uma benfeitora, foi ela quem lhe inspirou a idéia dessa estranha criança, cuja pequena figura aparece diante de nós consoladora, quando vemos regressar a magnífica 'Ma' à sua casa solitária, após a partida de suas filhas.

Receba meu agradecimento, respeitável senhora, por ter escrito esse livro e por enviá-lo a mim, dando-me assim um sinal de que se recorda de mim com bondade."

A propósito de *Aus fremder Seele*, "Eine Spätherbstgeschichte" (*Da alma estranha*, "Uma história de final de outono"), 1896, ela havia observado: "Uma grande força poética esfor-

çou-se para solucionar um problema insolúvel. Não conseguiu, mas nos infunde respeito". (M. v. E.-E., *Aus einem zeitlosen Tagebuch*, 1916 [*De um diário sem data*].)
Veja também na carta de 15 de março de 1916 a Freud as palavras de Lou A.-S. sobre Marie v. Ebner-Eschenbach, quando soube de sua morte.

85. *os artigos do dia... crítica teatral*: Os primeiros artigos de Lou A.-S., dos anos de 1891 a 1893, portanto até a primeira viagem a Paris, dizem respeito a temas religioso-psicológicos, como *Der Realismus in der Religion (O Realismo na Religião)* e *Gottesschöpfung (A Criação de Deus)*, depois sobre temas que ela retomou no livro posterior sobre Nietzsche, e, por último, em 1893, "crítica teatral": sobre uma representação da Duse, sobre *Frühlings Erwachen (O Despertar da Primavera)* de Wedekind, sobre *Hanneles Himmelfahrt (A Ascensão de Hannele)* de Hauptmann, entre outras; elas apareceram, em sua maioria, na *Freie Bühne*, dirigida na época por Bölsche, depois por Julius Hart e Wille. Os "artigos do dia" aqui citados, até o segundo grupo de críticas teatrais nos anos de amizade com Max Reinhardt, a partir de 1906, eram também artigos de psicologia religiosa e literária, diziam respeito à questão feminina, a assuntos russos e outros mais; foram publicados nas mais diferentes revistas. A partir de aproximadamente 1911 apareceu, na *Literarisches Echo*, a maioria dos artigos de temas análogos, menos os de psicologia profunda.
86. *Baronesa Anna Münchhausen-Keudell* é a mãe do barão Thankmar v. Münchhausen, conhecido pelas cartas de Rilke. A relação de amizade com Anna von Münchhausen prolongou-se até a morte de Lou A.-S.
87. *Helene von Klot-Heydenfeldt*: Helene von Klot-Heydenfeldt, nascida na Lituânia em 1865, escreveu seu livro *Eine Frau*, "Studie nach dem Leben" (*Uma Mulher*, "Estudo do natural"), provavelmente em 1890. Casou-se em 1897 com o arquiteto Otto Klingenberg; a partir de 1899 os Klingenbergs foram viver em Berlim; Rilke os visitou lá. Helene Klingenberg morreu em abril de 1946, numa pequena aldeia, em Mecklenburg, onde se refugiara, em 1943, em face dos pesados ataques aéreos a Berlim. Ao lado das palavras de recordação de Lou A.-S. pode-se reproduzir um agradecimento de Helene Klingenberg, contido numa de suas últimas cartas: "Durante toda a vida você tem permanecido em mim como se estivesse presente. Jamais poderei expressar tudo o que tenho a agradecer-lhe, apenas posso entregá-lo em minha relação com as pessoas que me estão próximas."
88. [*o círculo de Munique, 1897*]: *Conde Eduard Keyserling*, 1855-1918, até então publicara somente narrativas ainda sob influência naturalista; suas obras essenciais, dramas e narrativas, apareceram somente a partir de, aproximadamente, 1903. A visita anos depois, referida por Lou, aconteceu após o período de Munique com Rilke. — *Ernst von Wolzogen*, 1855-1934, havia escrito, entre outras coisas, uma tragicomédia boêmia e romances sociais; em 1900 fundou o *Übertrettl*, versão alemã exagerada do Cabaré Montmartre francês; August Endell construiu-lhe um teatro próprio ali. — *Michael Georg Conrad*, 1846-1927, era conhecido, entre outras coisas, por um romance de visão fantástica do futuro *In purpurner Finsternis (Na escuridão púrpura)*, 1895; sua revista *Die Gesellschaft (A Sociedade)*, existente desde 1885, cujo editor em Leipzig Wilhelm Friedrich havia publicado também *Na Luta por Deus*, continuou sendo, com sua riqueza de colaboradores das mais diversas tendências, uma das mais importantes revistas literárias até a virada do século. — *Jakob Wassermann*, 1873-1934, publicou em 1897 *Die Juden von Zirndorf* (Os Judeus de Zirndorf), um romance sobre suas origens; mais tarde tornou-se conhecido com *Die Geschichte der jungen Renate Fuchs (A História da Jovem Renate Fuchs)*, 1900.
89. *August Endell*, 1871-1925, criado em Berlim, estudara Estética, Psicologia e Filosofia em Tübingen e Munique. Em 1896 esteve pela primeira vez na Itália e, após seu regresso, no mesmo ano, publicou um pequeno escrito *Über die Schönheit (Sobre a beleza)*; Lou A.-S. leu-o e, por isso, foi espontaneamente até ele, seguramente no outono de 1896. Endell também conheceu por essa época o artesão Hermann Obrist, que o convenceu a colocar em prática seu trabalho teórico. Em sociedade com Obrist e outros tornou-se, por seus primeiros trabalhos, estimulador do novo artesanato e da nova arquitetura do *Jugendstil*. O *atelier* Elvira, em Munique, foi uma das primeiras realizações de Endell. A maioria de suas construções Endell realizou em Berlim. O escrito *Die Schönheit der grossen Stadt (A beleza da grande cidade)*, 1908, nasceu aí. Temas como *Der Zerstörung des Lebens durch Arbeitszerlegung (A destruição da vida através da divisão do trabalho)* também o ocupavam. Em 1918 foi assumir as funções de diretor e professor da Academia de Artes de Breslau; após longa doença, morreu em 1924.

90. *apresentação... numa noite de teatro, na primavera*: Rilke conhecia Lou como escritora (*Ruth*) e autora do artigo *Jesus der Jude (Jesus, o judeu)*, que aparecera no caderno de abril de 1896 da *Neue deutsche Rundschau (Nova Revista Alemã)* (continuação da *Freie Bühne*); esse artigo o havia tocado profundamente, porque tinha relação com suas *Christus-Visionen (Visões de Cristo)*. A primeira reunião com "a famosa poetisa e exploradora da África" (Frieda von Bülow) teve lugar provavelmente dois dias antes da noite no teatro, em 12 de maio de 1897: "na casa de Wassermann, o vienense" [Rilke]. Essa "hora crepuscular" (Rilke, na primeira carta a Lou A.-S.) não ficou, porém, guardada na memória de Lou A.-S.; em seu diário, o nome de Rilke é mencionado pela primeira vez no dia 14: "À tarde, doente; mais tarde Endell, com ele a *première* de *Dunkle Mächte (Obscuros Poderes)*, de Schwetisch, estavam Puck [*atelier* fotográfico "Elvira"] e outros; com eles e Rilke, jantar muito alegre na casa de Schleich, até 1:30 h; com Endell e Rilke, para casa". No dia seguinte, Rilke escreveu sua primeira carta a Lou A.-S. — As onze *Christus-Visionen* (que permaneceram incompletas), das quais cinco devem ter sido publicadas na revista de Michael Georg Conrad, estão conservadas no arquivo Rilke. *Obras Completas*, vol. III, pág. 127 e seguintes.

91. *em Wolfratshausen*: A estada em comum em Wolfratshausen, no vale do Isar (uma hora a pé do lago de Starnberg) durou aproximadamente de junho até o início de setembro de 1897. — A fotografia mencionada aqui da segunda casinha de Wolfratshausen está reproduzida no livro de Lou A.-S. em memória de Rilke.

92. A revista *Wegwarten (Chicórias)*, um caderno de poucas páginas e publicada apenas até o terceiro número, apareceu no ano de 1896, e queria levar ao "povo" a poesia "moderna" da época, preponderantemente a lírica.

93. *na orla do bosque em Schmargendorf*: Após o período em comum em Wolfratshausen, Rilke foi viver primeiramente em Wilmersdorf, junto a Berlim; somente a partir do início de agosto de 1898, é que passou a viver em Schmargendorf, na casa *Waldfrieden* ("paz do bosque").

94. *nossa grande viagem* [pela Rússia]: De acordo com as concisas notas diárias de Lou A.-S. (que ainda não estavam à disposição do editor para o trabalho na primeira edição), a *primeira* viagem à Rússia, empreendida juntamente com o prof. Andreas e iniciada em 25 de abril de 1899, levou-os a Moscou, via Varsóvia (visita a Leon Tolstói no dia 28, sexta-feira santa, à noite; no dia 30 de abril, páscoa russa, "celebramos a noite de Páscoa no Kremlin"); a estada em São Petersburgo, em seguida, com visitas a parentes de Lou A.-S., durou de 3 de maio até mais da metade de junho, incluindo uma nova visita a Moscou, por volta do final de maio; a viagem de volta se realizou por Danzig (Oliva).
A *segunda*, a grande viagem à Rússia, iniciada no princípio de maio de 1900, levou-os igualmente a Moscou, via Varsóvia, e de lá à (segunda) visita a Tolstói em Iasnáia Poliana, perto de Tula: "31 de maio, despedida de Moscou, partida ao meio-dia para Tula. Leonid Pasternak pintor de Tolstói e também de Rilke e Boulanger conhecido da casa de Tolstói no trem; telegrama para averiguar onde Tolstói se encontra." "1º de junho, de manhã cedo, por volta das oito, para Lazarewo, lá mudamos de idéia, de volta num trem de carga para Jasinski, daí, com um cavalo de tróica e campainhas tilintando, para Iasnáia Poliana, aldeia e quinta de Tolstói." — Boris Pasternak descreveu em seu livro *Geleitbrief (Salvo-Conduto)* o encontro no trem, no qual ele se encontrava acompanhado de seu pai: "... um homem numa capa tirolesa preta... Com ele, uma mulher de grande estatura. Ela bem podia ser sua mãe ou sua irmã mais velha." "... o estrangeiro falava somente alemão. Embora eu conheça bem essa língua nunca a tinha ouvido falar daquela maneira." — A viagem prosseguiu então para sudoeste, para Kiev, descendo o Dnier para Krementschúg, de lá, por Poltáwa, Charkow, Worónesch, Koslov — em geral rumo ao leste — para Sarátov junto ao Volga, dali de vapor rio acima, por Samára, Simbirsk, Kasán, Nischnij Nowgorod até Iaroslâwl, de carruagem para Krestá Bogoródskoje, alguns dias no campo, e então para o sul, de volta a Moscou. Daí, no dia 18 de junho, depois de uma semana e meia de estada, mais uma vez ao Volga (superior), rumo à província de Twer, a noroeste de Moscou, para visitar o poeta camponês Droschin em Nisowka e seu senhor, o conde Nikolai Tolstói, parente de Leon Tolstói, em Nówinki. Partida em 23 de junho, via Nowgorod Welíki, para São Petersburgo (26 de julho). No dia seguinte, Lou A.-S. viajou para a casa de seus parentes em Rongas, na Finlândia; Rilke ficou esperando em São Petersburgo, até a viagem de regresso, em comum, em 22 de agosto.

95. *Esta segunda visita a Tolstói*: Segundo o diário de Lou A.-S. ocorreu no dia 19 de maio do calendário russo, portanto, no dia 1º de junho de 1900. Ambos descreveram a visita: Lou

A.-S. no diário, e Rilke numa carta de 20 de maio (data russa), enviada de Tula, e no diário de Worpswede, de 15 de setembro de 1900. Veja também *Obras Completas*, vol. VI, página 967 e seguintes.

96. *na visita à Pinacoteca Tretiakov de Moscou*: Os irmãos Pavel Michailowitsch e Sergei Michailowitsch Tretiakov, em 1892, doaram à cidade de Moscou sua famosa coleção de quadros principalmente russos; haviam começado a coleção nos anos sessenta.
97. *... sentir-nos em casa... na isbá russa*: No máximo quatro dias, na aldeia Krestá Bogoródskoje, perto de Iarosláwl, e na aldeia Nisowka, na casa do poeta camponês Droschin, na província de Twer; veja a nota posterior de Lou A.-S., na continuação do capítulo.
98. *o poeta camponês Droschin*: Spiridon Dmitriewitsch Droschin (Drozin), 1848-1930, originário de uma família camponesa de servos, foi em 1860 para São Petersburgo, onde trabalhou muito tempo em postos subalternos; na época da visita de Lou A.-S. e Rilke há muito era novamente camponês em sua aldeia natal, Nisowka, junto à província de Twer (no Volga superior), fazendo poesias no inverno; consta que começou a escrever versos muito cedo, influenciado por Puschkin; suas canções referiam-se à natureza, ao amor, ao trabalho, à vida dos pobres da aldeia; mais tarde, recebeu do governo soviético uma pensão honorífica. Em fevereiro de 1900 Sofia Nikoláiewna Schill tinha enviado a Rilke, que estava em Schmargendorf, um dos cadernos de poesia de Droschin, e Rilke traduzira alguns poemas; as lembranças de Droschin sobre Rilke estão publicadas no Inselschiff, ano X, verão de 1929. Lou A.-S. e Rilke moraram alguns dias com ele e sua família, antes de se instalarem na quinta do parente de Tolstói, perto dali; as fortes impressões da vida nessa quinta e de suas pessoas estão inscritas no suplemento finlandês diário, e foram transpostas para *Ródinka*. — Uma fotografia de Rilke e Droschin consta do livro de Lou A.-S. em memória de Rilke.
99. *o Deus russo de Lieskow, que "habita a axila esquerda"*: Lou A.-S. cita essa imagem também em seu livro em memória de Rilke; talvez uma reminiscência da narrativa *Am Rande der Welt (À Margem do Mundo)*, de Lieskow (traduzida por Irene Neander): "Tenho que confessar-lhe que, mais do que outras representações do divino, amo essa de nosso Deus russo, que consegue alojar-se sob o peitilho". "Não o temos no vapor do incenso, como no suntuoso bizantinismo [dos gregos], pelo contrário, Ele é completamente nosso, caminha como nós simplesmente pela terra, e como um ar fino e fresco se introduz sob o banco do banho, indo ajustar-se como um pombinho no quente espaço oco entre o peito e a camisa." Palavras do Pai Kiriak a um bispo. — Um "estudo" de Lou A.-S. sobre o grande escritor Nikolai Semionovitsch Lieskow, 1831-1895, tem o título *Das russische Heiligenbild und sein Dichter (A imagem sagrada russa e seu poeta)* e está escrito "segundo cinco artigos russos sobre N. Lieskow, de A. L. Wolinsky", que foram publicados em 1897; o estudo, do qual se conservaram apenas as primeiras páginas (com a letra de Rilke e apenas o título pela mão de Lou A.-S.) é talvez um trabalho comum da época de Schmargendorf. — Em abril de 1920 Lou A.-S. publicou uma crítica do romance *Die Klerisei (A Clerezia)* (na realidade: *Der Popenkreis* [*O círculo dos popes*]) na *Literarisches Echo*; nessa crítica ela aponta os contos *An der Grenze der Welt (No limite do mundo)* e *Der versiegelte Engel (O Anjo Selado)* como obras cuja tradução se faz necessária.
100. "*... Du bist aus dem Nest gefallen...*" ("... tu caíste do ninho..."): final do poema "*Wenn ich gewachsen wäre irgendwo...*" ("Se eu tivesse nascido em qualquer parte..."), o vigésimo primeiro de "O Livro da Vida Monástica".
101. "*Wir bauen an dir mit zitternden Händen...*" ("Vamos-te construindo com mãos a tremer..."): início do décimo quinto poema de "O Livro da Vida Monástica".
102. *Já no início da elaboração do "Livro das Horas", por ocasião da primeira viagem russa*: O fundamento desta suposição de Lou A.-S. é a recordação de Rilke "compondo" durante a viagem. A respeito de todo o parágrafo, veja o comentário sobre a passagem "Aquilo que como 'oração' ascendia em ti quase sem querer", nota nº 129.
103. "*Mach, dass er seine Kindheit wieder weiss...*" ("Faça com que ele saiba de novo sua infância..."): do poema "*Mach Einen herrlich, Herr, mach Einen gross...*" ("Faça alguém magnífico, Senhor, faça alguém grande"), o nono em "O Livro da Pobreza e da Morte". — "Realizar uma vez mais sua infância": confira o livro em memória de Rilke, pág. 42 e ss.
104. "*Ich glaube an alles noch nie Gesagte...*" ("Creio em tudo o que nunca foi dito..."): o décimo segundo poema de "O Livro da Vida Monástica".
105. "*Weit war ich, wo die Engel sind...*" ("Longe eu estava, onde estão os anjos"): aproximadamente a parte central do poema "*Ich komme aus meinen Schwingen heim...*" ("Deixo

minhas asas e retorno..."), décimo oitavo poema de "O Livro da Vida Monástica", contado do fim. — LAS observou que, tão logo percebeu a idéia luciferina desse poema, pôde prever, antecipadamente, o destino de Rilke.

106. "[*Pois*] *pobreza é um grande brilho a partir do interior*": Último verso, enfatizado e posto como um poema independente da série de versos "*Sie sind es nicht. Sie sind nur die Nicht-Reichen...*" ("Não são eles. Eles são apenas os não-ricos..."), que, por sua vez, faz parte de um contexto temático maior. Com o citado verso independente começa, em "O Livro da Pobreza e da Morte", a determinação positiva da pobreza.

107. *a descrição da pobreza dos mais pobres, em sua primeira estada em Paris*: na longa carta a Lou A.-S., de 18 de julho de 1903, que Rilke escreveu em Worpswede apenas algumas semanas depois da primeira estada em Paris, e que resume impressões análogas recebidas nessa época (interrompida por uma temporada em Viareggio). As descrições, como se sabe, voltam a aparecer (com coincidência até nas palavras) em *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*, primeira parte; ao escrevê-las, Malte reside na mesma rue Touillier em que antes Rilke morara na realidade. — A passagem citada por Lou: "*Eu gostaria de dizer, em voz alta e freqüentemente, que não sou um deles*", está na carta: "Eu tenho que me dizer, freqüentemente, que..." Lou A.-S. cita na maior parte das vezes de memória (também os poemas); isso resulta no seguinte: a frase "*fazer coisas por medo*" já está na carta com as "descrições", no seguinte contexto: "Se eu tivesse estado melhor, mais tranqüilo e mais amável, se meu quarto me tivesse ajudado e eu estivesse saudável, talvez tivesse podido: fazer as coisas por medo". E a isso Lou A.-S. responde: "... nisso te enganas: em que todas essas coisas só tens padecido indefeso, sem repeti-las num processo mais elevado". "Agora chegaste lá: dos medos do homem, o poeta em ti gera poesia." A isso Rilke podia ter repetido, mais uma vez, confirmando ou reconhecendo como cumprida, sua frase "fazer as coisas por medo". — Confira o livro em memória de Rilke, pág. 32.

108. *encontro com Rodin*: Começando com uma visita de Rilke em 1º de setembro, o encontro faz parte da fase de proximidade pessoal relativamente forte (e ao mesmo tempo de relação discípulo-mestre), que se encerrou no período de "secretário" de Rilke, durante sua segunda estada em Paris, com a explosão de Rodin, motivada por mau humor, em maio de 1906, tendo havido um certo restabelecimento da relação pessoal a partir do ano de 1908. Lou A.-S. refere-se à primeira fase, em seu ponto culminante. — Confira o livro em memória de Rilke, página 37 e seguintes.

109. Por *modelé* Rilke entendia, seguindo a lição de Rodin, "aquilo que constitui a plástica, as superfícies", "a espécie das superfícies, em oposição ao contorno, por exemplo", "que sejam ásperas ou lisas, brilhantes ou opacas", "um elemento plástico fundamental", que se distingue da "forma". (Carta a Clara Rilke, 5 de setembro de 1902.)

110. *Numa carta posterior (1914)*: na de 9 de setembro de 1914, de Irschenhausen. O grifo nas palavras "aí para" é de Lou A.-S.

111. *no "Livro das Horas": a continuação da obra em Viareggio, no Mar Mediterrâneo*: em "O Livro da Pobreza e da Morte". A citação "*Mas se és tu: faz-te pesado, irrompe...*" constitui os versos finais do poema introdutório. — O verso "Senhor, a cada um dá tu a própria morte" inicia o sexto poema do livro "Senhor, a cada um dá tu a própria morte,/verdadeiro morrer que venha dessa vida/em que encontrou amor, sentido e dor" (trad. de Paulo Quintela, *op. cit.*, pág. 115), que está tematicamente junto ao único verso": "Pois pobreza é um grande brilho a partir do interior".

112. *do velho sonho febril da infância de Rainer*: veja a respeito — assim como sobre o não-querer-voltar-a-ser-amado de Malte — a anotação de Lou A.-S. em seu diário de Freud, de 10 a 16 de outubro de 1913, a "análise do sonho".

113. *Numa carta de 1911, escrita no castelo de Duíno*: na carta de 28 de dezembro de 1911. A comparação com a mina vem depois daquela em que Malte é comparado a um grande divisor de águas.

114. *um pouco do "Deus-que-não-retribui-o-amor"*: Por volta do final dos "Cadernos", antes da história do filho pródigo, é dito de Abelone: "mas será que seu coração honesto poderia iludir-se e não saberia ela que Deus é apenas uma direção de amor e não um objeto?" [tradução de Lia Luft, *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*, Rio, Nova Fronteira, 1979, pág. 141]. A história do filho pródigo é narrada como "a lenda do que não quis ser amado". — Em relação à idéia do "Deus-que-não-retribui-o-amor" confira a informação de J. R. v. Salis em seu livro *Rilkes Schweizer Jahre (Os anos suíços de Rilke)*, Frauenfeld e Leipzig,

1936, pág. 204, e a exposição de Lou A.-S. em seu livro em memória de Rilke, pág. 60 e seguintes.

115. "*Cartas da Freira*", *etc.*: Continuação, na primeira versão de *Minha vida*: "Ser amado — quase apenas um obstáculo à plena entrega, que é o que importa; o 'Deus-que-não-retribui-o-amor' — quem verdadeiramente ajuda; a volta do filho pródigo — um mal-entendido de uma religiosidade que procura o seu, ao invés de abstrair-se de si, de olhar para as alturas. Com isso voltam a estar aí os 'mais pobres' como os mais ricos, os santos e os benditos, porque eles têm 'realizado' a pobreza total, que Rainer ansiava como a posse mais perfeita. Mas aquilo que em tais destinos se representava, significava para ele tão-somente o impulso para a ação criadora mesma, para a hora da criação. Quando — antecipando graças inconcebíveis — se lhe formava uma parte das Elegias, estrofes isoladas, fragmentos magnificentes, então suas esperanças se elevavam, recompensadoramente: esperanças de satisfazer ainda, apesar de tudo, ao anjo severo da afirmação de Deus, ainda que o rosto desse o inquirisse implacavelmente (— não mais como o Deus sem rosto, ao qual o homem se uniria como na face de toda vida mesma)".

116. *da Sexta Elegia, em gestação... Fragmento*: Este fragmento, produzido em 1912 ou 1914, e separado por uma lacuna da parte principal da "Elegia do Herói", transformou-se (após o preenchimento dessa lacuna, em Muzot, com os versos 32-41), no final da Sexta Elegia, na forma: "Pois ao perpassar a galope o herói pelas estações do amor, / cada coração por ele palpitante o levantava ao alto, / enquanto ele, já de face voltada, se erguia nos confins dos sorrisos — já outro" [tradução de Paulo Quintela, *op. cit.*, pág. 212].

117. *recordo-me de uma conversa... em nosso jardim*: durante a segunda visita de Rilke a Göttingen, de 9 a 21 de julho de 1913.

118. "*elas existem — elas existem!*": palavras da carta de 11 de fevereiro de 1922, de Muzot (em reprodução correta: "Elas existem. Elas existem.").

119. *não escutar*: Continuação ou elucidação constante da primeira versão: "Essa fusão do divino e do angelical expressa, contudo, apenas o momento da concepção, apenas o nascimento se realizando, e exclui, não apenas como algo inferior, mas sim, pura e simplesmente, como algo nulo, tudo o que não é útil para tanto, tudo o que o precede ou o segue" "... um puro fazer como se *fosse*".

120. *chamava... seu corpo de um "macaco do espírito"*: confira a passagem na carta de Paris, de 4 de julho de 1914: "Na minha situação, em que o caso era conservar o espiritual num perigosíssimo estado de suspensão, poder-se-ia facilmente supor que o corpo, em sua apatia, extraísse dessa atitude o pior exemplo, se tornasse um macaco do espírito e, em seus estados particulares, se mostrasse produtivo a seu modo, e mesmo nas mínimas ocasiões".

121. *ocupações... com as coisas do oculto e do mediúnico*: em especial em suas estadas no castelo de Duino, no círculo em torno da princesa Marie von Thurn und Taxis; veja a correspondência de Rilke com ela. — Veja também Max Mell, *Begegnung mit Rilke (Encontro com Rilke)*, em *Corona*, ano 6, 6º caderno, 1936.

122. *No mistério da concepção não há um "não" diante do nexo entre o horrível e o belo*: Por genérica que seja a forma como Lou A.-S. expressa aqui essa afirmação — ao fazê-lo tinha ela diante dos olhos o destino anímico de Rilke. Sua última carta a ele que se conserva, de 12 de dezembro de 1925, pode servir tanto para indicar o que ela pensava exatamente, quanto, também, para tornar compreensível o próprio padecimento abissal de Rilke: abissal pelo emaranhado de sofrimentos psiquicamente determinados com os de origem física. Lou A.-S. só podia vislumbrar na totalidade um dos componentes, o psíquico, mas também incluía o outro, como possibilidade ("Tudo isso gosta de agarrar-se às fraquezas do corpo, que lhe vêm ao encontro").

Em 31 de outubro de 1925, um ano e dois meses antes de sua morte, Rilke confessa pormenorizadamente a Lou A.-S., em sua última longa carta, que vive "há dois anos", portanto desde o final de outubro de 1923, "mais e mais em meio a um temor", num "círculo horrível", cuja causa, reconhecível para ele, é uma "desgraça merecida", uma "obsessão diabólica", uma "tentação insensata". Ele chama isso também de um "jogo", que "esses mesquinhos demônios" fazem com ele. A designação exata não consta das cartas publicadas, mas ela tampouco será necessária aqui, graças à resposta de Lou A.-S., que se vai reproduzir abaixo de forma completa.

(A descrição de Rilke do medo em que vive, remete, tanto pelas imagens em que se expressa quanto pelo caráter dos sintomas, à carta de 20 de janeiro de 1912 a Lou A.-S.: "o quanto

esse círculo fatídico tem dançado, durante semanas, freqüentemente a meu redor"; "hipersensibilidade dos músculos", "meu corpo corre perigo de se tornar a caricatura de minha espiritualidade", entre outras coisas.)
Desse "círculo de magia maligna, que me encerra como num quadro infernal de Breughel" (1912: "certos maus hábitos que poderão um dia me encerrar como paredes"), o próprio Rilke diferencia a "fobia" (medo de câncer), à qual se vê submetido "há um mês", portanto desde final de setembro de 1925, por causa de "sintomas no interior dos lábios", que pertencem, evidentemente, ao quadro patológico da leucemia.
Agora, aqui, as passagens essenciais da carta de resposta de Lou A.-S., de 12 de dezembro de 1925 (em que se coloca entre colchetes o que ainda não foi publicado):
"Rainer, o principal agora é que de nenhuma forma isso é uma obsessão diabólica. [Porque esta se liga sempre a um sentimento de culpa, já na infância, *por isso* ela causa o mais maligno..." "Na infância, e ainda mais tarde, costuma torturar-nos um sentimento de culpa bem mais moralizante, que apenas se manifesta, por assim dizer, casualmente em castigos corporais. Depois, quando o superamos, ele vai ocultar-se nos próprios processos corporais, isto é, produz, em órgãos quaisquer, para afirmar-se como fatalidade da culpa, uma disposição histérica, a se fazer sentir patológica. Isto se torna possível pela atenção, pelo receoso interesse que se lhe dispensa, o que acaba determinando um afluxo sangüíneo acrescido e uma hipersensibilidade, portanto algo completamente parecido ao que as sensações eróticas provocam no pênis; semelhante hipocondria deve também ser compreendida como uma espécie de amor redobrado por si mesmo, relacionado com o órgão em questão, só que de modo algum se sente dessa maneira, mas sim como desgosto, tormento, quase ódio contra o corpo, pois o órgão em questão não se adapta a isso, não serve eroticamente, ele é arrancado de sua função natural, perturbado, e se vinga.] Tudo isso gosta de agarrar-se às fraquezas do corpo, que lhe vêm de encontro, porém por mínimas que possam ser estas fraquezas, não *pode* absolutamente ser de outra forma: elas se manifestam enorme e terrivelmente, como se fossem quem sabe o quê." "Sobre isso já trocamos correspondência há anos, a ti te parecia muito evidente, mas não percas a paciência com a repetição, Rainer, continua lendo..." ["Se olhas tuas coisas de agora, a disposição instalada na garganta e na língua, a secundar o sentimento de culpa — o que será que isso te lembra?"] — "Ah, todo esse quadro me está agora tão claro, só que para mim, bobinha na época [em Wolfratshausen], isso não o estava, e *com isso* Deus me carregou a mim, de culpa, já que eu, ao nos conhecermos, não estava preparada para ti, não tinha a experiência do meu saber e consciência de agora. Por essa razão, *isso* teve que aumentar com os anos." ["Mesmo o acima, ao invés do abaixo, corresponde a um aumento..."] "Mas isso, contudo, não te venceu nem te corrompeu, Rainer! Porque sobre ti se elevava a grande graça, que igualmente se serve do mais primitivamente infantil: o desvio criador que leva à obra, que está exatamente por isso tão entrelaçado com o corporal, pois a partir dali atiça também eroticamente o corporal no sentido da obra, ao invés de no sentido da objetivação prática, que não tem espaço para esse Mais, que originariamente, todavia, nos ultrapassa e nos *une a tudo*..." "Tu vivencias a volta ao mau, o abandono, o entregue ao próprio corpo não apenas como reação posterior à tensão criadora, é antes algo que já te pertence, o reverso da própria coisa, e o demônio não é senão um *deus inversus*. Aquele a quem a imagem divina alumia totalmente acaba também alcançando além de seu reverso. Mas ainda aí continua sendo de Deus, abraçado e envolto pelo que continua eternamente materno, ainda que nós, pessoazinhas de estreita consciência, tenhamos que pagar pelos êxtases que nos excedem."

123. *quanto tu... escreveste o "Corneta"*: no outono ou no início do inverno de 1899, numa noite, "incitado por nuvens que, numa fuga estranha, passavam ao alto, diante da lua" (carta a Thankmar, Barão v. Münchhausen, 6 de março de 1915).

124. *à folha que deixaste em meu quarto*: em Wolfratshausen. O poema se encontra "no *Livro das Horas* de anos mais tarde", em "O Livro da Peregrinação", do ano de 1901, como o sétimo poema. — O poema de amor, dessa forma oculto, embora publicado, desperta a lembrança de um outro poema de amor, igualmente oculto: os versos contidos no curso da linguagem dramática do *Amphitryon* (II,4) de Heinrich von Kleist (que Rilke na época, aliás, seguramente ainda não tinha conhecimento):

"Nimm mir
Das Aug, so hör ich ihn; das Ohr, ich fühl ihn;
Mir das Gefühl hinweg, ich atm ihn noch;

Nimm Aug und Ohr, Gefühl mir und Geruch,
Mir alle Sinn und gönne mir das Herz:
So lässt du mir die Glocke, die ich brauche,
Aus einer Welt noch find ich ihn heraus."

Quanto ao poema "*Lösch mir die Augen aus: ich kann Dich sehn*" Lou A.-S. evidentemente escreveu-o de memória (a "folha" não mais existe). Quer tenha ela reproduzido efetivamente a primeira versão, quer tenha alterado essa primeira forma por um problema de memória, o fato é que o poema por ela transcrito é mais forte e também mais regular que o impresso em *O Livro das Horas*: Lou escreveu: "*Fuss*" (pé), ao invés de "*Füsse*" (pés); "*Reiss mir das Herz aus*" (arranca-me o coração), no lugar de "*Halt mir das Herz zu*" (tapa-me o coração), "*so will ich*" (assim quero), ao invés de "*so werd ich*" (hei-de) e — com um compasso mais regular — "*Und wirfst du mir auch in das Hirn den Brand*" (E se me deitares também fogo ao cérebro), ao invés de "*Und wirfst du in mein Hirn den Brand*" (E se deitares fogo a meu cérebro).
Veja a respeito deste poema de Rilke a Lou A.-S. a observação crítica de Ernst Zinn, pág. 837 e seguintes do vol. III das *Obras Completas*, observação esta que não se faz necessário discutir aqui.

125. *prado junto à aldeia Krestá-Bogoródskoje*: Nessa aldeia, no Volga superior, situada junto a Iarosláwl, Lou A.-S. e R. M. Rilke viveram alguns dias numa isbá, uma cabana camponesa desabitada. Lou A.-S. relata isso anteriormente (veja nota nº 97). Em seu diário da viagem à Rússia fala-se da tarde do dia da despedida: "Encontro Makárowna [uma camponesa, que se tornara amiga], atrás de sua isbá, ceifando a alta vegetação de um prado que me era ainda desconhecido. Este prado, com a paisagem ao fundo, é como um sonho. Apanho flores e ouço uma vez mais Makárowna falar: dessa vez, com calor e exuberância, e sinto como ela se afeiçoou a nós. Chove torrencialmente. Depois, segue-se o fazer as malas, espantosamente triste. Somente da própria casa se sai assim."
126. *o cavalo solto de seu tropel noturno*: Também esta lembrança comum do cavalo está registrada no diário. Como se sabe, Rilke consagrou "sua imagem" a Orfeu, no XX soneto da primeira parte dos *Sonetos*. Quão profundamente vivia nele a lembrança, como de um "mito vivido" em comum, testemunha a narrativa de Katharina Kippenberg, na quarta e última versão de sua "Colaboração" (*R. M. Rilke*, 1948, pág. 136). Rilke e ela avistaram do trem, num prado nas imediações de Paris, um cavalo branco. "Rilke e eu estávamos igualmente absortos em sua contemplação. 'Agora ele devia saltar e sair galopando', exclamei eu, e vi, após essas palavras, para meu espanto, como o rosto de Rilke se cobriu de escura sombra de sangue, que parecia não querer retirar-se, e como ele ficou quieto, com os olhos baixos, profundamente afetado. Ele nada respondeu."
127. *o espaço nos fundos do Kremlin*: Lembrança da estada em Moscou, durante a grande viagem à Rússia, quando Lou A.-S. e Rilke moraram "atrás do Kremlin, como nos sinos" (LAS).
128. *numa viagem de semanas, Volga acima*: durou apenas uma semana, aproximadamente.
129. *Aquilo que como "oração" ascendia em ti quase sem querer*: As "orações" do primeiro livro do *Livro das Horas* nasceram no outono *anterior* à grande viagem à Rússia; entre aquelas do segundo, que foram agregadas ao livro em Westerwede, no segundo outono *após* essa viagem[de 18 a 25 de setembro de 1901],ao menos os versos "*Lösch mir die Augen aus*" foram criados antes, "como restos da sensualidade elementar", como disse uma vez LAS. De certo modo, a lembrança de Lou A.-S. confirma o que Rilke registrou em seu "Diário de Schmargendorf", em Worpswede, a 1º de setembro de 1900: "Pois então em mim só havia som: uma vez em Poltawa..., uma vez em Saratov..., mais tarde em meio às águas do Volga..., mas não sei uma palavra do tecido desses sons, não posso nem mesmo lembrar se vinham com as palavras". Rilke registra de memória no diário um poema de Moscou, alguns versos de uma canção "diante de Kasan, às tardes", o princípio de um poema que pode "ter sido uma ressonância de Iarosláwl-Krestá" (*Tagebücher aus der Frühzeit* [*Primeiros Diários*], 1924, pág. 232 e seguintes). — Sobre todo o parágrafo, LAS observou: "Eu o exprimi realmente como foi", ou seja, com lembrança exata.
130. *o impulso para criação podia entrar em conflito com o impulso da dócil acolhida da coisa prestes a receber forma*: Também a esse respeito é de se comparar o registro indicado no diário de Rilke: Em Moscou, "maio de 1900", ele disse a Lou A.-S.: "Sim, tudo o que foi realmente visto *tem que* se tornar poesia!" Lançando um olhar retrospectivo, ele observa: "Não

as utilizei [as possibilidades] como tantas coisas nessa viagem. Deixei de ouvir inúmeros poemas." — A anedota do senhor e da senhora B. foi contada a Rilke e a Lou A.-S. antes do início da viagem ao Volga.

131. *durante nosso habitual passeio ao meio-dia*: em Kiev, nos dias anteriores ao embarque no vapor de Dniepr, Pentecostes (russo), 1900.

132. *os estados de medo e os ataques corporais*: "atirar-se ao chão, de medo" (assim, no caminho solitário pelo bosque de acácias), "ataques de choro, motivados por várias coisas" (LAS). — Sobre a interpretação "E a circunstância mais grave parecia..." (pág. 102), LAS observou: "esta foi a primeira explicação que tivemos".

133. *quando me chegou tua carta*: esta carta não existe mais. A segunda carta, "num outro tom", é a de agosto de 1900.

134. *que conquistasses tua liberdade e teu espaço*: Conforme a lembrança de LAS, ambos discutiram em Iaroslawl, após o final da viagem pelo Volga, a idéia de uma temporada de Rilke em Worpswede. — A versão dada aqui por Lou A.-S. do final, por obra sua, da primeira fase da relação, é confirmada também pelos documentos do período logo após a viagem. A palavra "então" ("lutei então muitas vezes... para compreender") refere-se à estada de Lou A.-S. na quinta de seu irmão mais velho, na Finlândia, enquanto Rilke a esperava em São Petersburgo, para a viagem de regresso em comum. O leitor pode deduzir quão profundamente esse "ser fiel" e "ser infiel" ("não devia ser assim") estava condicionado, se considerar a interrelação da experiência do amor com a "experiência Deus".

135. *a menos que se tratasse de uma hora de extrema necessidade*: Quando Rilke, depois de uma interrupção de cerca de dois anos e meio, retoma a relação, por carta, em junho de 1903, ele se refere expressamente a esse acordo: "mas quem sabe se posso chegar nas horas mais difíceis". O compromisso continuou valendo: no sentido de que Rilke sempre esteve certo de poder vir nas horas de necessidade — mas não apenas nelas. O equilíbrio originário entre ambos predominou por muitos anos na base dessa amizade, excluindo a possibilidade de Lou A.-S. converter-se somente na que ajuda, e Rilke somente no que se queixa. LAS freqüentemente dizia que nenhum dos dois tinha necessitado de uma correspondência regular.

Dos poemas, impressos a seguir, de Rilke a Lou A.-S. (aqui incluídos porque provêm de uma hora da mais extrema necessidade e, certamente, pertencem a esse período), somente o primeiro é conhecido: Lou A.-S. reproduziu-o (de memória, como supõe, com toda razão, Ernst Zinn) em seu livro em memória de Rilke, pág. 13. Mas também são conservados os outros dois poemas: Lou A.-S. deu a conhecer a trilogia no verão de 1912, também de memória, à jovem dra. Paula Matthes, na época sua amiga: "Lou os recitou para mim, no canto de sua varanda, quase como cantando interiormente. Eu os copiava. Que cada palavra está conforme o que foi dito, posso pôr minha mão no fogo. Pois a mim também as palavras me ficaram profundamente inscritas." (Carta.)

O primeiro poema também está aqui impresso na versão guardada por Paula Matthes: as diferenças na reprodução no livro em memória de Rilke — como também a prioridade temporal, 1912, frente a 1928 — falam em favor da autenticidade dessa versão: "*seit sich*" (desde que [se]) por "*weil sich*" (porque se), "*ich steh und warte*" (estou em pé e espero) por "*ich starre drauf hin*" (olho fixamente para isso), "*meines Lebens Gesetz*" ("a lei de minha vida) por "*meines Lebens Gehalt*" (conteúdo de minha vida). Somente "*wirres* Gedränge" (ao invés de "*irres*") [tumulto *confuso*, ao invés de *errado*] é manifestamente um erro de audição.

I

Ich steh im Finstern und wie erblindet,*
seit sich zu dir mein Blick nicht mehr findet.
Des Tages [w] irres Gedränge ist
ein Vorhang mir nur, dahinter du bist.
Ich steh und warte, ob er sich nicht hebt,

* (I Estou nas trevas e como cego, / desde que meu olhar não mais te encontra. / O tumulto confuso do dia é / para mim somente uma cortina, tu estás atrás. / Estou em pé e espero, a ver se

der Vorhang, dahinter mein Leben lebt,
meines Lebens Gesetz, meines Lebens Gebot —
und doch: mein Tod.

II

Du schmiegst dich an mich, doch nicht zum Hohn,
nur so, wie die formende Hand sich schmiegt an den Ton,
die Hand mit des Schöpfers Gewalt.
Ihr träumte eine Gestalt —
da ward sie müde, da liess sie nach,
da liess sie mich fallen, und ich zerbrach.

III

Warst mir die mütterlichste der Frauen,
ein Freund warst du wie Männer sind,
ein Weib so warst du anzuschauen,
und öfter noch warst du ein Kind.
Du warst das Zarteste, das mir begegnet,
das Härteste warst du, damit ich rang.
Du warst das Hohe, das mich gesegnet —
und wurdest der Abgrund, der mich verschlang.

Poder-se-ia supor que a trilogia nasceu após a separação de Lou A.-S. ("Letzter Zuruf" [Último Apelo], 26 de fevereiro de 1901). — Como expressão poética de Rilke de seu encontro de amor com Lou A.-S., esta trilogia está ao lado da declaração retrospectiva do Rilke maduro na (igualmente) trilogia de 1911: "Ich hielt mich überoffen..." ("Sobre-aberto me mantive..."), da qual devem-se reproduzir ao menos os versos, por assim dizer, autobiográficos:

"Wer spricht es aus,
was uns geschah? Wir holten jedes nach,
wozu die Zeit nie war. Ich reife seltsam
in jedem Antrieb übersprungner Jugend,
und du, Geliebte, hattest irgendeine
wildeste Kindheit über meinem Herzen."

"(...) Quem é que exprime,
o que aconteceu? Recuperamos tudo
para que não houvera tempo. Amadurei estranhamente
em cada impulso de juventude não-vivida,
e tu, amada, tiveste uma qualquer
ferocíssima infância sobre o meu coração."

(Tradução do poema de Paulo Quintela, *op. cit.*, pág. 313.)

---

não subirá / a cortina, em que por trás vive minha vida, / a lei de minha vida, o mandamento de minha vida — / e contudo: minha morte.)
(II Tu te achegarás a mim, porém não por gracejo, / apenas assim, como a mão formadora se achega à argila, / a mão que tem o poder do criador. / Ela sonhou uma forma — / e então se cansou, então esmoreceu, / então me deixou cair, e eu me fiz em pedaços.)
(III Tu foste para mim a mais maternal das mulheres, / um amigo foste, como o são os homens, / ao olhar foste uma fêmea / e freqüentemente foste uma criança. / Foste o mais terno que encontrei, / foste o mais duro com o que lutei. / Foste a altura que me abençoou — / e te tornaste o abismo que me devorou.)

136. *a heróica compulsão de "toujours travailler"*: Rilke menciona a regra de Rodin de *toujours travailler* para Lou A.-S., pela primeira vez, na carta de 10 de agosto de 1903: "Il faut toujours travailler — toujours — disse-me uma vez, quando eu lhe falava dos abismos de temor que se me abriam entre meus dias bons; ele mal o podia compreender..." — A carta de Lou A.-S., que ela mesma menciona ter recebido de volta do espólio de Rilke, é a de 10 de agosto de 1903.
137. *Tua carta falava, então, da miséria de voltar, apesar de tudo, perturbado...*: literalmente: "voltar à minha torre, qual um prisioneiro"; carta de 31 de outubro de 1925.
138. *"fête d'un fruit perdu"*: O poema está anotado num exemplar do livro *Vergers*, para o poeta francês Jules Supervielle, e diz:

Nos pertes, n'est-ce sur vous
que nos rêves s'érigent?
Seulement nos rêves? Que dis-je?
Pertes, vous portez tous

nos plus tendres élans!
Vous êtes ces caves anciennes
où les vins de nos vignes deviennent
grands invisiblement.

C'est sur vos voûtes qu'on pose
tous ces étages émus.
Qu'est-ce en somme, la rose
que la fête d'un fruit perdu?

(R. M. Rilke, *Poèmes français*, Paris, 1935)

139. *o mais pequeno dos versos do Livro das Horas*: atualmente a última, quarta estrofe do décimo sétimo poema (contado do final) de "O Livro da Vida Monástica": "Du wirst nur mit der Tat erfusst..." ("Apenas se te compreende com obras..."). Conforme anotação do "monge", no manuscrito de Göttingen do *Livro das Horas*, essa "oração noturna" nasceu "em 1º de outubro" [1899] (tarde) em Schmargendorf. — O verso, portanto, pertence aos "restos da sensualidade elementar".
140. *o encontro com a psicologia profunda de Freud*: Lou A.-S. provavelmente obteve as primeiras impressões sobre isso através de um médico sueco, seu amigo, Dr. Poul Bjerre, durante a visita dela à casa de Ellen Key, em agosto e setembro de 1911, na Suécia; ela viajou com ele de lá para o congresso em Weimar. — Sigmund Freud, 1856-1939, publicou em 1895, junto com o médico vienense, Dr. Josef Breuer, o trabalho fundamental *Estudos sobre a histeria*. O método terapêutico especial da "psicanálise" foi descoberto quando Freud colocou, em lugar da hipnose empregada por Breuer, a associação livre. Desde aproximadamente 1902 Freud reunia em torno de si jovens médicos como discípulos. Antes do Congresso de Weimar, em setembro de 1911, no qual Lou A.-S. conheceu Freud, reuniões semelhantes de intercâmbio foram realizadas em 1908 e 1910, em Salzburgo e Nuremberg. — Mais detalhes inclusive sobre o primeiro encontro, ver a *Correspondência Completa* entre Freud e Lou A.-S., que será aqui referida como esclarecimento geral para este capítulo. —
A franqueza com que Lou A.-S. e Freud se enfrentavam aparece bem na exclamação de Freud, numa conversa: "Mas você continua sendo a mesma de antes" [isto é, antes da instrução psicanalítica], e na resposta de Lou A.-S.: "porque o senhor também continua". —
Sobre o capítulo como um todo, deve-se observar que foi o último que LAS pediu que lhe lessem, quatro dias antes de sua morte, juntando observações como "até aqui está bem, sem ênfase", "isso o torna bem inocente", "curioso como quase ninguém pode olhar estas coisas com total pureza", "aqui todo o saber de nada ajuda"; as observações "isto é filosofia pura", "dividir e simbolizar não são *infinitamente* distintos, nisso Klages não tem razão" assinalam o núcleo da concepção filosófica de Lou A.-S.
141. *desde a primeira de todas as grandiosas pazadas de Freud*: Qualquer "pazada" — desde o descobrimento do "complexo de Édipo" em sua auto-análise — possível de ser encarada como "a primeira"; são "grandiosas" em sua conseqüência dentro de um contexto de desco-

berta dos processos inconscientes: "sexualidade infantil", "repressão", "resistência", "transferência" e outros mais.

142. *sobre os móveis da razão... Mefistófeles*: no "Prólogo no Céu"; ele diz do homem, o "pequeno Deus do mundo": "Bem melhor viveria um ser que é tão franzino,/Não lhe tivesses dado o lampejo divino,/Que se chama Razão, e que o faz mais brutal/Do que todos os bichos do reino animal." (Tradução de Sílvio Meira, *op. cit., pág. 24.)*

143. *transformar descobridores em inventores*: "de *descobridor* da verdade, como até agora era considerado o filósofo, tornou-se, em certa medida, *inventor* da verdade...", livro sobre Nietzsche, pág. 168.

144. ... *trabalhar com Alfred Adler*: Alfred Adler, 1870-1937, médico vienense, primeiramente colaborador de Sigm. Freud, mas foi-se afastando deste cada vez mais — começando com uma publicação sobre a inferioridade orgânica, em 1907 — até tornar-se o fundador da chamada Psicologia Individual. A carta de Freud, de 4 de novembro de 1912, na qual responde ao pedido de Lou A.-S., caracteriza a situação de então e a posição por ele assumida.
Os motivos pelos quais Lou A.-S. acabou-se decidindo a favor de Freud e contra Adler ela mesma os manifestou numa carta a Alfred Adler, de 12 de agosto de 1913. Esta carta pode igualmente ser considerada como preliminar às idéias expressas no "Esboço" sobre Freud, facilitando a compreensão.
"Há muito que queria escrever-lhe, para formular, ao menos de forma indicativa, o que agora entendo de maneira diferente de quando lhe escrevi pela primeira vez, no último verão. Lembra-se de que então mencionei como, apesar de minha divergência teórica com Freud (que eu considerava mais essencial do que tem sido), eu, porém, ia muito longe com ele, sem me perturbar? Agora isso me parece característico de toda a situação; é que agora tenho a impressão de que toda disputa teórica em torno de Freud é, em diversos aspectos, um mal-entendido que nunca poderá ajustar-se através de simples confrontação de teorias. Seguramente meus interesses sempre estiveram voltados para tal direção, e essas coisas só se tornaram em princípio importantes para mim através da questão de sua articulação com a filosofia. Mas o que aprendi com Freud é quase mais belo: a alegria sempre renovada e aprofundada ante os fatos mesmos de suas descobertas, alegria que me tem acompanhado sempre e que sempre me recoloca diante de um novo começo. Pois no caso dele não se trata nunca de reunir e descobrir pormenores 'de material', aos quais só uma discussão puramente filosófica conferiria dignidade; o que ele desenterrou não foram nem velhas pedras nem velhos utensílios, mas sim que em tudo isso estamos nós mesmos, e, por isso, a perspectiva que encerra de maneira imediata para nós não é, tampouco filosoficamente, menos importante que, por exemplo, para a criança, as experiências ante as quais aprende a dizer pela primeira vez 'Eu!' Se se aplicasse àquilo que Freud pesquisou uma fórmula geral, se fosse resumida numa síntese abstrata, interpretada de um modo um pouco diferente da anterior, nem melhoraria decisivamente nem se modificaria em sua essência. Seria mais ou menos como se, ao investigar o altruísmo, se chegasse à conclusão, com razão, de que inclusive o altruísmo não é mais que egoísmo — com certeza, para investigá-lo, ter-se-ia que fazer imediatamente novas subdivisões, ter-se-ia que articular e distinguir, de modo que, apesar dessa uniformidade, das malhas demasiado largas na prática, ao pescar nas profundidades da alma humana, caia na rede aquilo que possa significar para nossa experiência algo de novo sobre ela.
Mas, para o senhor, o principal não é a redução de qualquer coisa a uma fórmula [instinto de poder, 'protesto masculino'], mas sim a sua fundamentação no sentimento de inferioridade e sua sustentação através do orgânico... Psicanaliticamente, no entanto, não posso considerar o sentimento de inferioridade proveniente do orgânico como sentimento psíquico fundamental, e isso tem uma justificação filosófica. Pois o orgânico, enquanto tal, não explica nem condiciona, a nossos olhos, o psíquico, mas sim em certa medida somente o representa (e vice-versa), e, por isso, ainda que a representação pareça tão completa e comprovável, penso que com ela não se teria descoberto nem derivado nada do que sucede psiquicamente, nem em caso contrário. Deixar, porém, este enigma, esta escuridão, este X subsistir, é direito que a psicologia tem sobre seu próprio método e instrumento mais próprio. Para além daquilo que se poderia dizer no plano da teoria do conhecimento, a psicologia vai seguindo seu próprio caminho, como também o faz, livre de qualquer influência, a ciência natural. Mas se não há prioridade, nem psíquica nem somática, então não posso entender em razão de que o psíquico — como proveniente de uma falta e mantido por ficções e manipulações artificiais — viria a cair numa posição assim negativa. Certamente há aspirações de poder por mo-

tivos de impotência, mas simplesmente porque, sob o ímpeto de poder, ou como queira que chamemos a coisa no momento, entendemos o sinônimo da vida em geral, que, mesmo em todos os desvios, se impõe por toda parte como o eternamente imutável. Mas que ela não só se compraza em imagens continuamente mutáveis de si mesma, em ficções e em símbolos, mas que também deva ser uma pura miragem sobre um vazio, uma negação de uma negação, isso não me é compreensível. Já na primeira noite em sua casa, à mesa do chá, objetei a isso, ao solicitar-lhe, jocosamente, que 'fizesse a gentileza de interpretar o 'feminino' mais positivamente' [em face da fórmula do 'protesto masculino'], e ainda hoje me parece o 'meio feminino', apesar de seus argumentos contrários na ocasião, aquilo que na 'segurança secundária' mostra sua garra como o instintivamente fundamental (não apenas fictícias patinhas de veludo, mas sim muito mais mascaradas como tal). E com isso retorno ao começo: ao Inc. [inconsciente] de Freud e aos motivos pelos quais o seu 'cavar' por debaixo daquilo — a saber, por debaixo de todos esses fenômenos sentidos por mim como positivos — me parece muito mais decisivo do que todo meditar sobre isso."

145. *Freud... seus longos anos de sofrimento*: Os "anos de sofrimento" começaram em 1923 com a constatação de um câncer no maxilar inferior e terminaram com a morte, em 1939, após muitas operações e sofrimento. Veja *Correspondência Completa* — Freud/Lou Andreas-Salomé — e, sobretudo, Ernest Jones, *Freudbiographie*, vol. III.

146. *meu marido foi convidado para trabalhar como iranista*: veja o comentário da nota 157, no capítulo "F. C. Andreas".

147. *o quadro do Amor, de Heinrich Vogeler*: a grande gravura *Amor*, do famoso Heinrich Vogeler, nascido em 1872, que pertencia à colônia de artistas de Worpswede: um casal de namorados, em trajes estereotipados da Idade Média, sentados um junto ao outro, contemplam uma paisagem igualmente medieval; às suas costas, de frente para o observador, uma espécie de gênio do amor está tocando harpa; o quadro leva o selo de Jugendstil. Vogeler, que se fez comunista, faleceu em 1942 na Rússia.

148. *No conto (Das Haus) (A Casa)*: tem por subtítulo "*Familiengeschichte vom Ende des vorigen Jahrhunderts*" *(História familiar do fim do século passado)*, Berlim, 1919, ed. Ullstein; 2ª ed., Berlim, 1927, editora da Deutschen Buch-Gemeinschaft. — A irmã do jovem Balduíno (René Rilke) tem traços da própria Lou A.-S.; a "carta para mim" é a carta de Rilke de 15 de janeiro de 1904, bastante resumida. — Supondo que o ano de surgimento de um livro (aqui, 1919) seja aproximadamente o ano em que foi escrito (aqui, 1904) — com *Ródinka* é ainda maior o lapso de tempo entre a criação (1901-1904) e a impressão (1923) — tem-se falado do caráter "psicanalítico" dos livros de contos de Lou A.-S. Mas, com exceção de *Die Stunde ohne Gott (A Hora sem Deus)*, todas essas obras foram escritas muito antes do encontro de Lou A.-S. com a psicanálise. (Mesmo a novela fantástica *Der Teufel und seine Grossmutter* [O Diabo e sua Avó], concebida em 1914, não tem nada *especificamente* psicanalítico.) Dentro da série de escritos teóricos de Lou A.-S., a linha divisória passa no meio de *Drei Briefe an einen Knaben (Três cartas a um rapaz)*, mas seria difícil reconhecê-la se não houvesse indicação expressa no opúsculo. A busca de uma explicação para o caráter especial dos livros de narrativas de Lou A.-S. provém, certamente, do fato de que ela, como a prória LAS disse, não queria criar nenhuma "obra de arte": suas obras haviam "perdido o caráter vital por possuírem uma formalidade mais forte". Um excedente disso compensa aqui, portanto, uma falta de "arte". Poder-se-ia — em certa contraposição com sua própria observação de que sentia o relatar como uma atividade masculina — entender como feminino esse ficar-apegado-à-vida, mesmo criando formas (a partir de dentro, não numa descrição exterior), se este sentir não fosse de imediato insignificante diante do entendimento de que aqui o narrar tem sua essência num aprisionamento da vida (na perspectiva da arte) e não num redentor dar forma à vida, num devolver a dádiva e não num contrapor, porque continua sendo (ao invés de um escrito para o "leitor"), em segredo, um relato ao Bom Deus, depois de tudo já ter descansado uma vez "em suas mãos suaves", ou, dito de forma não figurada, consumação e celebração da unidade.

149. "*Ródinka*": com o subtítulo "*Eine russische Erinnerung*" ("Uma lembrança russa"), Jena, bei Eugen Diederichs, 1923. *Ródinka* cobre os *dois* períodos propriamente russos ("lembranças russas") de Lou Andreas-Salomé: as lembranças da infância e as impressões da grande viagem com Rilke à Rússia. As lembranças infantis transpostas para *Ródinka* estão tão próximas do conto *Im Zwischenland (No País Intermediário)* que até os nomes das crianças, Musia e Boris, são os mesmos. Das impressões da grande viagem à Rússia ela não aproveitou

as mais pessoais (descritas no capítulo sobre Rilke e no apêndice), mas sim as precisamente "russas", como a visita ao mosteiro Höhlen de Kiev e, sobretudo em *Sommer auf Ródinka (Verão em Ródinka),* a estada em Nowinki, a quinta do conde Nikolai Tolstói. Estas lembranças, provenientes de épocas muito diferentes, concentram-se sobretudo na figura de Witalii, inesperada por um garoto de São Petersburgo, que uma vez Lou v. S. viu e cuja força e caráter a impressionaram. Ela o faz ser originário de Ródinka ("pequena pátria"), torna-o, por assim dizer, grande em sua fantasia e o liga a pessoas da quinta, das quais ela guardava lembrança, e a outras figuras; ela mesma não aparece como figura no livro, exceto como a pequena Musia, no começo.

150. *Max Reinhardt. . a criação dos "Kammerspiele"*: Max Reinhardt, 1873-1943, diretor do *Deutsches Theater,* surgido do *Freie Bühne* e dirigido anteriormente por Otto Brahm, fundou em 1906 os *Kammerspiele,* que, ligados ao *Deutsches Theater,* serviam para representações em círculo mais restrito. Provavelmente foi Gerhart Hauptmann quem propiciou a relação de Lou A.-S. com Reinhardt; ele leu *Und Pipa tanzt (E Pipa dança)* no início de dezembro de 1905 diante dela e de alguns outros ouvintes, e em janeiro de 1906 tiveram lugar o ensaio geral e a *première.* As temporadas em Berlim, com visitas ao teatro e um rico intercâmbio pessoal com atores, críticos e velhos e novos conhecidos, ocorreram não só em janeiro de 1906, como também de meados de fevereiro a meados de abril (em março, com Rilke), e novamente em novembro e dezembro desse ano. No ano seguinte, 1907, ocorreram de meados de janeiro a meados de abril e em alguns dias em dezembro. Do círculo em torno de Reinhardt estavam especialmente próximos a Lou A.-S. Friedrich Kayssler e Alexander Mossi, Gertrud Eysoldt e Else Heims.

151. *passagem do grupo de Stanislavski*: o grupo de atores do Teatro Artístico de Moscou, que fora fundado no ano de 1898 por Konstantin Sergeievitsch Alexeiev, que como diretor de teatro e ator se chamava Stanislavski, e por ele era dirigido. O grupo, numa temporada pela Europa, representou em Berlim, em fevereiro e março de 1906, *Zar Fiodor (Czar Fiodor)* de Alexei Tolstói, *Das Nachtasyl (O asilo noturno)* de Máximo Górki, *Tio Vânia,* de Anton Tchecov, e *O inimigo do povo,* de Henrik Ibsen. A arte cênica russa alcançou fama mundial graças a Stanislavski e seu grupo. Stanislavski exigia que o ator permanecesse o máximo possível em seu papel, inclusive no quotidiano. Recusava a valorização de papéis: "Não há pequenos papéis, há somente pequenos atores".

152. *Com Ellen Key nós dois prosseguimos mantendo amizade mais ou menos o mesmo tempo*: No ano de 1898, Lou A.-S. havia comentado o livro *Missbrauche Frauenkraft (A energia feminina desperdiçada),* da escritora sueca Ellen Key, 1849-1926, e por isso esta a visitou em Berlim. Rilke comentou em junho de 1902 o livro, na época muito conhecido (ao menos pelo título), *Das Jahrhundert des Kindes (O Século da Criança),* de Ellen Key, que queria consagrar o século que se iniciava à infância (em alemão apareceu em 1900). Pouco depois, iniciou-se uma viva correspondência entre Rilke e Ellen Key; ela proporcionou a estada sueca de Rilke, do final de junho ao início de dezembro de 1904. A visita de Lou A.-S. a Ellen Key, de meados de agosto a setembro de 1911, em Alvastra, na Suécia, já foi mencionada.

153. *ao final de uma viagem para o Sul, fiquei algum tempo em Sistiano*: em novembro de 1910; Sistiano fica perto de Duíno, onde Rilke, em abril desse ano (primeira visita), havia passado alguns dias. — Em *Munique,* Lou A.-S. e Rilke estiveram juntos de 19 de março a 27 de maio de 1915 e, depois, de 26 de março a 1º de junho de 1919 (último encontro). — No *país basco francês* Lou passou o final do verão de 1905; Rilke esteve na Espanha de novembro de 1912 a fevereiro de 1913. — A *viagem mais longa para o Sul* (Balcãs) ocorreu no verão e outono de 1908.

154. *Um ano depois estive em Viena*: essa temporada de estudos durou do final de outubro de 1912 até abril de 1913 e está preservada, com todos os pormenores, no diário *In der Schule bei Freud (Na Escola com Freud),* baseado diretamente nas horas de aula de Freud e nos serões de discussão.

155. *... Freud... escreveu-me...: "O que você me diz agora dos irmãos?!"*: Quando irrompeu a guerra, ele escreveu: "Você ainda crê que todos os irmãos maiores são tão bons? Na esperança de uma palavra de conforto sua..." Quando Lou A.-S. respondeu a isso com uma lamentação profunda e perplexa, ele lhe enviou a carta de 25 de novembro de 1914.

156. *Como neto — pelo lado materno — de um médico da Alemanha do Norte*: O avô pelo lado materno de Friedrich Carl Andreas, o médico (de doenças tropicais), Dr. Waitz, era amigo de Hufeland; ele escreveu um livro sobre o tratamento de enfermidades infantis tropicais. — A

palavra Bagratuni corresponde à palavra russa bem conhecida Bagratión (príncipe). — Andreas era o prenome do chefe da família. F. C. Andreas nasceu na Batávia em 14 de abril de 1846. (Na participação de noivado ainda se chama Fred Charles; mais tarde, seu prenome usual foi Carl.) Faleceu a 3 de outubro de 1930, em Göttingen.

157. *depois que obteve a cátedra de Estudos Iranistas e Línguas da Ásia Ocidental*: O iranista e indogermanista da Universidade de Frankfurt, Herman Lommel, relata, em uma nota inédita sobre seu professor F. C. Andreas: "Eduard Schwartz, depois de conhecer alguns artigos excelentes de Andreas em Pauly-Wissowa [Enciclopédia] havia procurado encontrar esse grande historiador, para ele desconhecido, e havia conseguido, com o auxílio de Wackernagek, que esse erudito sem cargo fosse chamado a Göttingen como professor extraordinário de línguas da Ásia Anterior. Esta designação de sua cátedra fora escolhida porque ao ministro não parecia suficiente que ele fosse o maior iranista de sua época, e assim se podia demonstrar que ele também representava cientificamente as línguas semitas (especialmente o aramaico e o sírio) e que era um especial conhecedor do antigo e novo armênio." —
O trecho *Gostaria de repetir aqui o que me contou um de seus discípulos mais queridos* refere-se às informações, tanto orais quanto escritas, de Herman Lommel a Lou A.-S.; as citações feitas por ela foram tiradas do texto do Prof. Lommel (com o expresso consentimento dele); mais tarde, ela lhe enviou esse capítulo para revisão. — O editor agradece a ele pelo pronto consentimento para nova utilização de suas notas. — Sobre Andreas, veja: Götz v. Selle, "F.C.A.", *Indogermanisches Jahrbuch (Anuário Indogermânico)*, vol. XV.

158. *seu amigo, Franz Stolze*: era o fotógrafo da expedição astronômica, à qual Andreas fora agregado como acompanhador epigrafista e arqueológico; Andreas somente o encontrou, porém, na Pérsia. A família Stolze vivia em Berlim; as relações com ela prolongaram-se por muito tempo, mesmo depois dos anos de Tempelhof-Schmargendorf.

159. *um quarteto de Omar Chajjā, na tradução de Rosen*: Friedrich Rosen, 1856-1932, amigo de F. C. Andreas desde os tempos de Berlim, orientalista e diplomata (em 1921, Ministro do Exterior do Reich), publicou sua tradução (seleção) dos quartetos do poeta persa, que viveu por volta do ano 1100, com o título *Die Sinnsprüche Omars des Zeltmachers (As máximas de Omar, o construtor de tendas)*, em 1909.

160. "*ambas as coisas de uma só vez*": reprodução, de acordo com o sentido, dos conhecidos versos de Goethe: "Natur hat weder Kern / Noch Schale, / Alles ist sie mit einemmale", do poema: "'Ins Inrre der Natur' — / O du Philister! — / 'Dringt kein erschaffner Geist'. ("Natureza não tem caroço / nem casca, / Ela é tudo ao mesmo tempo". "'No interior da Natureza' — / tu, filisteu! — / 'nenhum espírito criado penetra'.")

161 *O elementar e o íntimo não dizem nada de si mesmos*: Neste último "esboço", que ela teve dificuldade em escrever apenas com os meios da linguagem humana, Lou A.-S. volta-se mais uma vez para o mistério de seu casamento com Friedrich Carl Andreas. Talvez a compreensão seja facilitada ao leitor, se ele inicialmente contemplar esse mistério ainda no estado em que, para Lou A.-S., ele parecia interpretável. Em 31 de outubro de 1888, comparando sua antiga amizade com Paul Rée e seu "amor", como ela expressamente diz, para com seu marido, ela escreveu para si mesma o seguinte:

"Costuma-se dizer que a amizade pode ainda exercer a crítica, mas que o amor está além de toda crítica. Costuma-se igualmente dizer que a amizade exige ainda de vez em quando ser consciente de seus motivos, mas que o amor ama completamente. Alguns fazem a restrição: completamente até os vícios morais graves. Quanto a mim, eu inverteria essas duas proposições. Porque, em primeiro lugar, me comporto diante de meu marido mais criticamente do que me comportava com meu amigo, isto é, diante de Rée, e, em segundo lugar, meus sentimentos para com este último dependiam essencialmente menos de meu juízo sobre ele do que ocorre em relação a meu marido.

Procurei compreender Rée, em nossa longa e íntima amizade, calma e objetivamente. Conheci nele traços muito queridos e alguns para mim inteiramente antipáticos. Mas a circunstância de que fosse exatamente Ele que os trazia, fazia-os quase equivalentes, eu o queria de todo o coração, tal como ele era, e se ele tivesse sido um pouco diferente, isso não teria mudado coisa alguma.

Meu amor por meu marido começou — não posso expressá-lo de outra maneira — com uma exigência interior. Esta despertou a crítica, uma crítica até a dor. A dor estava ligada ao interesse que seu resultado possuía, enquanto que esse resultado era mais indiferente diante de Rée. Isso me parece totalmente natural. Há uma diferença entre buscar algo que vincule tão-

só amigavelmente ou algo que se apresente como *laços de casamento*. Pois, nesse último, não só está incluída a simpatia incomparavelmente maior, como também a disposição de renunciar a si mesmo como ser individual. E acho isso muito natural, distante de ser um regatear e um exigir vantagens maiores ou menores, pelas quais se esteja disposto a unir-se e entregar-se. Não se trata absolutamente de um atar, mas sim de um estar atado — da questão: há em nós alguma coisa na qual, de fato, já estejamos casados — algo que está mais além de todos os interesses amigáveis, muito mais profundo e elevado, como uma altura comum a qual nós ambos queremos atingir? Trata-se portanto de se saber se já se faz parte um do outro (e não somente se um já pertence ao outro), e, na verdade, em um sentido quase religioso, ou, pelo menos, puramente ideal do termo. O amor mesmo não é, com certeza, puramente ideal, mas — por Deus — não compreendo nunca por que as pessoas, que estão apaixonadas de forma predominantemente sensual, se *casam*.

Por isso, a amizade pode com freqüência ser mais indulgente, e por isso é certa a afirmação de que amor e desprezo se excluem. Acrescento apenas: o que se chama de respeito moral não vem aqui ao caso, o amor pode tolerar até mesmo os crimes, mas a instância onde cada um tem sua moral profundamente própria, individual, onde se situa a raiz de sua adoração e veneração, não pode ser tocada, pois lá, precisamente, em seus altos e baixos, duas pessoas têm que se afinar, e onde isso resulta ser um erro, não se precisará de nenhum crime para matar o amor.

O homem que amei e todavia não critiquei era Gillot, embora o amasse realmente, isto é, em meu sentido: como um ideal. Esta diferença respeitante à única forma de sentir que agora me é possível reside nos anos: na grande juventude aquilo se ambiciona idealmente, encarna-se de imediato em uma pessoa, e é graças a essa identificação que se a ama. Mais tarde, quando se separa mais claramente os homens das idéias, não se busca mais um homem-deus, mas sim a união na entrega comum àquilo que se respeita e se aprecia em comum. Não mais um ser humano que se ajoelha diante do outro, mas sim dois que, juntos, se ajoelham. O tipo perfeito da primeira espécie será uma personalidade que quer dominar e influir nos outros, com sua energia, como Gillot — o tipo da segunda espécie, então, este é Fred[eric] em pessoa, em sua entrega àquilo que acredita valioso ou grande, em seu ânimo, no profundo ódio ao desonesto, à aparência, ao fingimento, e seu ímpeto de conhecer.

Se eu tivesse amado novamente um homem como Gillot, teria fugido dele, porque teria acreditado na possibilidade de uma paixão, mas não na possibilidade de um matrimônio e de Uma Vida. Eu estava extremamente consciente de que os laços que me uniam a meu marido eram, ao contrário, algo que com certeza me conduziria de volta à minha primeira juventude e especialmente à época das relações com Gillot — mas unicamente até o umbral da pequena igreja de Santpoort, onde o próprio Gillot se converteu em sacerdote, se transformou de um *Deus* em seu sacerdote. Naquele que me abençoava com todo o elevado, o belo, para o qual eu tendia. Minha bênção foi o momento em que a identificação de que falei acima se dissolveu por um instante no entusiasmo infantil puramente sentido, e simultaneamente no momento do *adeus*, quando me conscientizei de que devia viver para isso *sozinha, sem ele*, embora tivesse podido ficar com ele."

Esta importante folha do diário de Lou A.-S., escrita um ano e meio depois do casamento com F. C. Andreas e sem indicação de uma crise interna dessa união, força a duas constatações que estão relacionadas entre si.

A primeira é que LAS, quando fala do mistério de seu casamento no apêndice "O que falta ao 'esboço'", não mais se lembrava dessa anotação proveniente da primeira e imediata experiência nem da interpretação que nela se continha. A questão do *por que* ela teria abandonado intimamente essa interpretação não cabe discutir aqui. Todavia pode-se perguntar se seu casamento, a partir desse princípio, não teria que permanecer, para ela mesma, contínuo mistério — e por isso mesmo insolúvel.

A segunda constatação se faz quando se lê, no capítulo "Experiência do amor", a descrição das "relações do amor", tal como ela as conheceu: a do amor entre homem e mulher, a do amor maternal e, finalmente — insinuada —, a do amor "mais raro e certamente mais magnífico que Eros criou entre os homens" — e se pega nas mãos a folha do diário de 1888. Constatar-se-á então que não apenas seu "primeiro grande amor" [Gillott] estava relacionado com "muitos dos elementos essenciais" descritos, como acredita LAS, mas que tais elementos são encontrados também em sua relação com seu marido. Pode-se comparar elemento por elemento: as características da "criação mais magnífica de Eros" enquadram-se naquilo

que na folha do diário ela chama de "casamento". Mas do mesmo modo como nesta nota está assinalada a relação do "casamento" com o amor a Gillot, também se assinala sua distinção: "Não mais um homem que se ajoelha diante do outro, mas sim dois que, juntos, se ajoelham". É apenas esta distinção que possibilita pôr em total destaque aquela "criação de Eros".

Sob o aspecto biográfico, talvez convenha observar que o abalo sofrido por Lou A.-S. ao tomar consciência de seu amor (de mulher para homem) por Georg Ledebour só se torna totalmente compreensível se levarmos em conta aquilo que na nota do diário é dito de seu matrimônio como "casamento". Com razão LAS falou, em *Minha Vida,* à parte seu amor por Rilke, somente de sua inclinação por Ledebour. Gillot, Andreas, Ledebour, Rilke: nenhum outro nome teve duração. Paul Rée é um caso à parte.

162. *sem que pudesse... comunicar ao amigo toda a verdade sobre esse passo*: Uma comunicação de toda a verdade sobre este "casamento", que excluía o amor físico, teria desacreditado Andreas aos olhos de Rée.

163. *comparações... sejam feitas involuntariamente a partir do mundo das criaturas*: o mundo da criatura é compreendido aqui e em outros lugares como o âmbito extra-humano do criado, como o *somente* criatural ou, dito positivamente, o ainda *totalmente* criatural, que, portanto, não só está diferenciado por um grau menor do humano, como do também criatural. Mas o fato de Lou A.-S. tomar *nesta* passagem as comparações "involuntariamente a partir do mundo das criaturas" indica não somente a "limitação de todas as escalas humanas", mas também a ela mesma, ao deixar claro que para ela a linguagem mais penetrante e mais imediata partia da "criatura". Diante deste não há fidelidade. A palavra "amor aos animais" não diz nada aqui, a palavra "amor à criatura", tudo. — A definição: criatura = reino extra-humano do criado, corresponderia ao vocabulário da Epístola aos Romanos, 8, 19.

164. *alguns discípulos dignos, entre ele, Solf*: Wilhelm Solf, 1862-1936, posteriormente Secretário de Estado da Repartição Colonial do Reich, tinha relações pessoais muito próximas com F. C. Andreas, antes de ir, em 1898, como funcionário do Departamento Colonial do Ministério do Exterior, para as colônias alemãs.

165. *conhecemos um homem que nos chamou particularmente a atenção e nos agradou a ambos*: Georg Ledebour. Uma anotação daqueles dias deixa reconhecer que o encontro íntimo, após terem-se conhecido anteriormente, ocorreu na primavera de 1892 (no último ano de Tempelhof) em Friedrichshagen, e que em junho teve lugar a decisão de não ver Ledebour por um ano — uma renúncia à *firmeza* da relação íntima — e, um ano depois, o adeus, por causa do esgotamento das lutas. A anotação deixa também ainda saber que, de agora em diante, Lou A.-S., apesar da indissolubilidade e do segredo daquele "casamento", tinha diante dos olhos o enigma da "obrigação" da união com seu marido.

No manuscrito de *Minha Vida,* na passagem em que fala do significativo encontro, LAS deixou — envelopado, como ela o conservava — um poema escrito na época anterior àquela em que conheceu Georg Ledebour:

Märzglück

An kahlen, windverwehten Zweigen
Hängt letzter Märzschnee feucht und weich,
Ich schreite wie durch Märchenreich
Hinein in abenddunkles Schweigen.

Hell tönt aus tiefen Waldesgründen
Das Zwitschern einer Meise nur,
Wie Selbstverheissung der Natur:
Ein Ruf, ein Gruss, ein Frühlingskünden.

Als müsst sie einen Boten schicken
Um den man Frost und Schnee vergisst,
Bis einen Frühling der nicht ist,
Die Augen traumbethört erblicken.

Nun! Darf er nie mehr mich bethören —
Die Märzglück doch soll mir geschehn:
Im Winterlandschaft stillzustehn
Um einen Lenzruf anzuhören.

1890. Tempelhof.

(*Alegria de Março*: Dos galhos nus açoitados pelo vento / Cai a última neve de março, úmida e macia, / Caminho como por um reino encantado / Adentrando o silêncio do crepúsculo. // Ouve-se claro das profundezas do bosque / Apenas o canto de um pássaro, / Qual alvissaras da natureza: / Um grito, uma saudação, um anúncio de primavera. // Como se um arauto fosse necessário / Para que se esqueça o frio e a neve, / Até que os olhos iludidos por um sonho / Vejam uma primavera que não há. // Pois bem! a mim não me ilude mais — / Mas desta alegria de março me vou cobrir: / E ficar imóvel na invernal paisagem / Esperando a primavera me chamar.)

166. *para o encontro do amor, em meio a uma grande calma...*: Lou A.-S. refere-se a seu amor por Rainer Maria Rilke. Dos dias de "grande calma e naturalidade", em Munique-Wolfratshausen, maio de 1897, somente restaram conservadas as cartas e as cartas-poema de Rilke, que refletem o sentimento correspondido por Lou A.-S. A problemática da relação, que não só estava determinada pela diferença de idade, aflorou abertamente durante a grande viagem à Rússia, como problemática pessoal de ambos. Enquanto em Rilke "se exacerbavam todas as esperanças", Lou A.-S. voltou a ganhar, por meio das experiências íntimas dessa viagem, sua independência e sentiu-se capaz de reconhecer, "disposta e alegre", as "circunstâncias de vida inalteráveis e imperiosas" de seu casamento.
Mas logo ela mesma, cerca de um ano e meio depois da viagem à Rússia, não só coloca em questão sua obediência ao destino, como também projeta sobre o encontro amoroso com Rilke, ocorrido quatro anos antes, uma luz surpreendentemente nova. Em seu "Último Apelo" a Rilke, em 26 de fevereiro de 1901, em que ela o conjura a não correr o perigo de ligar-se novamente a uma mulher, ela toma o direito a essa advertência "da lembrança, seguramente ainda cara para nós dois, de que em Wolfratshausen me coloquei como uma mãe para ti". Mas o próprio "Último Apelo" explica essa mudança de uma visão: uma nova experiência amorosa ofusca por seu brilho sensual (que agora a preenche completamente, mas para deixar o parceiro tanto mais em segundo plano) os acontecimentos da "grande calma e naturalidade", tanto que ela pensa estar obedecendo a um "grande projeto de vida", e que estava preparando para ela "uma retribuição além de toda compreensão e espera".
O que assim se apresentara foi-se revelando, pouco a pouco, apenas ilusão. Quem contempla esse caminho de vida o compreende como experiência inevitável, nada mais. O quanto isso tornou sua vivência essencial de Eros, é difícil dizer. As "circunstâncias de vida inalteráveis e imperiosas" mostram-se em todo caso tão completas quanto duradouras, e ao olhar novamente livre voltou a distinguir-se a verdade do primeiro encontro amoroso, um encontro que abrangia o parceiro, e o tinha como a nenhum outro mais. — As palavras iniciais de "Abril, nosso mês, Rainer..." são, portanto, ao mesmo tempo, lembrança e conhecimento confirmado.

Posfácio

Lou Andreas-Salomé escreveu o "Esboço", como ela costumava chamar em conversa suas lembranças de vida, nos anos de 1931 e 1932, no início, portanto, de sua oitava década de vida; algumas partes foram novamente concebidas mais tarde. No "Prólogo", esse conteúdo de dez capítulos foi denominado "Esboço de algumas lembranças de vida — exceto daquelas que não se deixaram privar de seu direito à solidão". Aquilo que ela entendia por isso revela-o, em parte, o escrito no ano seguinte, 1933: "O que falta ao esboço". Em parte, apenas, embora o título dê a entender que o escrito contenha tudo o que falta ao "Esboço". Porque esse apêndice — que Lou A.-S. na época ainda não sabia se seria acrescentado ao "Esboço" também para o público — completa, certamente, o capítulo escrito em memória a Friedrich Carl Andreas, através da confissão do enigma do casamento, mas não completa da mesma forma o capítulo "Com Rainer", que, embora biograficamente vá além do livro em memória de Rilke, de 1928, consolidando o que lá se contém, deixa todavia na escuridão o móvel originário pessoal desse encontro. Foi apenas uma nota do ano seguinte, 1934, na verdade não relacionada ao "Esboço" ("Abril, nosso mês, *Rainer...") que veio tirar da "solidão" também essa lembrança personalíssima, e revela integralmente o caráter da experiência do encontro com Rilke — a palavra "experiência" aqui entendida como Lou Andreas-Salomé a considerava nos títulos dos capítulos.*

Se por "experiência" se entende comumente apenas a essência do mais

calações, mas sobretudo de anotações escritas a tinta ou a lápis, umas lançadas rapidamente sobre o papel e logo corrigidas, outras cuidadosamente já passadas a limpo. O conjunto delas tem aproximadamente o volume do texto impresso em 1951, sem o capítulo "O que falta ao esboço", e foi atado sem maior alinhamento por Lou A.-S. Esse manuscrito de trabalho, que traz claramente o sinal de uma meditação e formulação sempre repetidas, estava evidentemente destinado a servir, após ser totalmente copiado, de modelo para a impressão do livro.

Mas Lou A.-S. continuou a trabalhar nessa cópia. Ela substituiu algumas folhas escritas a máquina por outras manuscritas, acrescentou ou suprimiu passagens, sem consultar, todavia, seu velho manuscrito nem suas diferentes versões. E dessa forma este último, não mais revisado no todo por Lou A.-S., mas por ela considerado como concluído — foi adotado como base para a impressão de 1951. Os dois manuscritos, portanto, não são duas versões diferentes do depoimento de vida de Lou A.-S., nem tampouco duas etapas de trabalho distintas entre si, mas sim o testemunho de um trabalho único e em marcha.

Tampouco existe uma distância temporal entre ambos os manuscritos. Ao que parece, as anotações foram em grande parte redigidas após a morte de F. C. Andreas. O capítulo "F. C. Andreas", o último do velho manuscrito, traz, escrito a mão, o ano 1931. Seguem-se depois, primeiramente em 1933, "O que falta ao esboço", e em 1934 e 1936, respectivamente, as duas recordações "Abril, nosso *mês, Rainer..." e "Recordando Freud", que foram anexados pelo editor ao* Minha Vida *para completar os capítulos "Com Rainer" e "A experiência Freud". Essas três notas diferenciam-se com muita nitidez do tom e conteúdo de* Minha Vida; *a recordação de Rilke está escrita como se não existisse o capítulo "Com Rainer"; e o mesmo se pode dizer a respeito de "O que falta ao esboço", em relação ao capítulo "F. C. Andreas".*

O texto primeiramente disponível havia criado para o editor dificuldades da mais variada espécie. Como Lou A.-S. preferia voltar a escrever uma reflexão a corrigir uma versão anterior, podia facilmente ocorrer que algum pormenor, expresso com mais precisão, escapasse da vista. E circunstâncias de diversas ordens causaram outros tantos transtornos. Era então não só justificável mas também necessário recorrer a todas as versões existentes, para aclarar o texto. Mas a margem estabelecida para preparo de um novo material de impressão foi limitada: tratava-se apenas de elucidar cada uma das expressões derradeiras de Lou A.-S., inclusive em relação às suas formulações ou enfatizações anteriores. Erros e mal-entendidos do editor em seu trabalho para a primeira edição foram, com isso, eliminados. —

O posfácio à primeira edição permaneceu inalterado. As notas foram revisadas e aumentadas com alguns suplementos documentais importantes.

E. Pf.

Göttingen, outubro de 1967.

À edição de bolso

Primeiramente será reproduzido aqui o excerto de uma carta que Lou Andreas-Salomé, aos 54 anos, enviou ao jovem barão v. Gebsattel, cerca de vinte anos mais novo que ela; isto permitirá ao leitor verificar a íntima relação que existe entre essa carta e o depoimento de Lou na velhice, em Minha Vida.

Victor Emil v. Gebsattel encontrou Lou A.-S. em setembro de 1911, no Congresso Psicanalítico de Weimar. Ele conhecia Rilke: isso facilitou a relação pessoal. Cerca de um ano mais tarde ele escreveu a ela:

"Caminhando à frente de muitos, transformando-se incessantemente, a senhora sempre despertará nos outros as mais fortes e as mais originais virtualidades, impelindo cada um para além de seus limites habituais, a senhora que, ao mesmo tempo reservada e entusiasta, é dona da mais pura paixão pelas riquezas da vida."

Para completar e fundamentar essa impressão de mulher em contínua evolução, à frente de si mesma, reproduza-se o depoimento de Lou A.-S. em meio ao sofrimento da guerra, da "guerra mundial", extraído da carta citada no início.

Ela acabara de falar de Hendrik Gillot: ele [indicou-me] "o caminho que leva para fora de mim, que me possibilitou entrar em um novo mundo. Ele era o elo de ligação e extrapolava seus próprios limites físicos para absorver aquilo que o mundo continuamente oferecia à realidade interior.

Mas isso provavelmente se relaciona ainda com uma outra coisa: desde sempre (de certo já na época em que vim a conhecer os contos de fadas), tudo o que era exterior *me parecia impregnado de um caráter completamente misterioso — mais ou menos como algo que, vindo de muito longe, para que possamos abrangê-lo enquanto tal, distanciado como um "exterior" e ao mesmo tempo diante de nós. Assim, toda a materialidade é uma espécie de logro; a idéia que eu fazia sobre seu conteúdo sofreu alterações com os anos, mas nunca perdeu sua consistência, e o resultado final é que meus gestos mais naturais manifestam, mesmo diante do mínimo fragmento do mundo exterior, a mesma paciente veneração emprestada àquilo que é "interior".*

A mim é muito claro o quanto dessa espécie de otimismo acabou por impingir o Bom Deus da infância à consciência, e se no fundo não foi apenas essa a razão, ela mostra, pelo menos, o caráter profundamente irreparável de uma visão de mundo que não foi a escolhida.

Se falo aqui sobre isso é por uma razão especial: apenas a partir daqui é que posso propriamente falar-lhe desses cinco meses e dessa experiência interior, da guerra — sobre a qual, sem qualquer exagero, posso falar que me tem feito sofrer tremendamente, como jamais sofri desde minha infância. Certamente não a encaro mais como na última página da carta que lhe escrevi — e neste aspecto estou tranqüilamente de acordo com aquilo que está dito na sua carta. Pois se o entusiasmo foi alimentado pela calúnia, também o ódio, por sua vez, não se funda na realidade, e como você mesmo o diz, esses acontecimentos, no seio de qualquer povo, são produto de forças diabólicas. Assim, tudo o que estamos vivendo não é mais que uma irrealidade grave, uma experiência humana fantasmagórica e, para mim, é precisamente nisso *que reside o mais horrendo da guerra, em seu modo brutalmente realista de se impor..."*

Empregando as palavras "mais horrendo" e "fantasmagórica" experiência humana num contexto histórico, Lou A.-S. não se refere expressa e explicitamente à contrapartida do "grandioso", o qual para ela está oculto na materialidade; mas a expressão "a partir daqui" indica um retorno espontâneo a essa concepção, com o objetivo único de tornar totalmente compreensível o termo "horrendo", opondo-lhe aquilo que para ela é de dimensão similar, e deve ser elevado ao mesmo nível. Em Minha Vida, *Lou A.-S. escreve que, para ela, se igualaria a um "assassinato" recusar veneração mesmo à mínima poeira cósmica. E isso vale também para a esfera humana: conferir-lhe essa característica fantasmagórica equivale a um "assassinato", no sentido absoluto do termo. —*

Daqui por diante vai-se falar de dois livros sobre Lou A.-S. aparecidos na última década, a fim de verificar-se em que medida eles se harmonizam com o depoimento contido em Minha Vida *e com a carta cujos trechos se reproduziu linhas atrás. São eles: H. F. Peters,* My Sister, My Spose, *A biography of Lou Andreas-Salomé, New York, 1962, que apareceu na Alemanha como* Lou, *A vida de Lou Andreas-Salomé, 1964; e Rudolph Binion,* Frau Lou, *Nietzsches wayward disciple, Princetown, 1968.*

Ambos os livros são de qualidade extremamente diferente — e ambos têm caráter excessivo. O de Peters, um modelo de demonstração pseudo-científica, não perde uma oportunidade para falsificar: no plano biográfico (entenda-se sexográfico), no plano psicológico, no tratamento de toda a espécie de

fatos e em tudo o que se entende por equilíbrio. O editor (como tal, não habilitado à crítica) viu-se obrigado a admitir o abuso na utilização do material documental: Die Historie von der Lou, *Neue Deutsche Hefte (Novo Caderno Alemão), maio/junho, 1965.*

O livro de Rudolph Binion, uma investigação labiríntica e psicanalítica, não estaria em consideração aqui, se o editor de Minha Vida *não tivesse sido pessoalmente envolvido. Uma série de afirmações sobre Lou A.-S. e sobre o editor, pretensamente científicas, revelam uma profunda desconfiança contra ambos, seus depoimentos e ações. Lou A.-S. é suspeita de ter continuado a trabalhar em seu* Minha Vida, *modificando o texto conforme situação, isto é, falsificando-o, e o editor "certainly did some more". (Desmentido dessa invenção em* Documentos sobre Nietzsche, *pág. 341 e seguintes.) Em seu livro sobre Nietzsche (que ela dedicou a Paul Rée: "A um anônimo, em memória fiel"), Lou A.-S. teria considerado as cartas de Nietzsche a Rée como enviadas para* ela. *Uma anotação de Lou v. S. em seu "Diário de Stibbe", durante sua estada com Nietzsche em Tautemburgo, foi entendida por Binion como se Nietzsche (Nico) tivesse chamado Lou v. S., na época, de "conto de fadas": "And perhaps she took their sessions over her notebook for story hours with Saint Nick..." (pág. 91). Não há dúvida de que uma interpretação tão imprudente, reforçada por uma constante desconfiança, repercute inclusive no âmbito psicanalítico. (Aclaramento da passagem do Diário em* Documentos sobre Nietzsche, *pág. 446 e seguintes.) — O editor, que, segundo Binion, tinha anotadas suas publicações "to her (de Lou) greater glory", foi analisado por ela "to the extense of eliciting a colossal transference". Mas nem Lou A.-S. nem ele levaram em consideração a análise — ela mesma renunciou à proposta que havia feito de submetê-lo a uma análise didática, a fim de que um amigo doente do editor pudesse ser analisado por ele e não por ela; como ela própria dizia, sua intenção era ter com ele apenas laços de amizade. Binion nunca entendeu que o editor — impressionado de um lado por seu indubitável talento e, por outro lado, submetido à pressão quase extorsiva de seu "Mas eu tenho", chegou até o limite da autoproteção: para permanecer fiel à sua missão de único depositário do legado, condição que lhe assegura acesso e, ao mesmo tempo, propiciando a ele, Binion, a base do trabalho que ele reclamava: a ele foram confiadas cópias de textos não publicados mesmo sem terem sido objeto de revisão. O livro de Binion não é apenas uma pesquisa, é também, como prova sua estrutura, uma demonstração, uma consolidação de conclusões prematuras.*

O texto de Minha Vida *foi mais uma vez revisto, e os comentários (que já foram enriquecidos na segunda edição de 1966) foram completados. Na adaptação das notas referentes a Nietzsche, provenientes de* Documentos sobre Nietzsche *(Friedrich Nietzsche, Paul Rée e Lou von Salomé, Os Documentos de seu Encontro) ajudou Ursula Schenk.*

E. P.

G., outono de 1973.

Indicação bibliográfica

Os *livros de Lou Andreas-Salomé* por ordem de aparição:

1. "Im Kampf um Gott" (Roman) von Henri Lou. Leipzig-Berlim, W. Friedrich, 1885.
2. "Henrik Ibsens Frauengestalten". Jena, Eugen Diederichs, 1892.
3. "Friedrich Nietzsche in seinen Werken". Viena, Carl Conegen, 1894.
4. "Ruth". Erzählung. Stuttgart, Cotta, 1896.
5. "Aus fremder Seele". Eine Spätherbstgeschichte. Stuttgart, Cotta, 1896.
6. "Fenitschka. Eine Ausschweifung." Zwei Erzählungen. Stuttgart, Cotta, 1898.
7. "Menschenkinder". Novellensammlung. Stuttgart-Berlim, Cotta, 1899.
8. "Ma". Ein Porträt. Stuttgart-Berlim, Cotta, 1901.
9. "Im Zwischenland". Fünf Geschichten aus dem Seelenleben halbwüchsiger Mädchen. Stuttgart-Berlim, Cotta, 1902.
10. "Die Erotik". Monographie. Frankfurt a.M., Rütten & Loening, 1910.
11. "Drei Briefe an einen Knaben". Leipzig, Kurt Wolff, 1917.
12. "Das Haus". Familiengeschichte vom Ende vorigen Jahrhunderts. Berlim, Ullstein, 1919.
13. "Die Stunde ohne Gott" und andere Kindergeschichten. Jena, Eugen Diederichs, 1922.
14. "Der Teufel und seine Grossmutter" (Traumspiel), Jena, Eugen Diederichs, 1922.
15. "Ródinka". Eine russische Erinnerung. Jena, Eugen Diederichs, 1923.
16. "Rainer Maria Rilke" (Buch des Gedenkens). Leipzig, Insel-Verlag, 1928.
17. "Mein Dank an Freud". Offener Brief. Viena, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1931.

Inéditos:

1. "Der Stiefvater". Spiel in drei Akten.
2. "Die Tarnkappe". Eine dramatische Dichtung.
3. "Jutta". Erzählung.

Obras póstumas:

1. *Minha Vida.* Esboço de algumas lembranças de vida. Zurique, Max Niehans, e Wiesbaden, Insel-Verlag, 1951.
2. "Rainer Maria Rilke/Lou Andreas-Salomé". Briefwechsel. Zurique, Max Niehans, e Wiesbaden, Insel-Verlag. Segunda edição ampliada Insel-Verlag, Frankfurt am Main, 1957.
3. "In der Schule bei Freud". Tagebuch eines Jahres. Zurique, Max Niehans, 1958, Hans Huber Verlag, Berna, 1968, e edição de bolso, Kindler Verlag, Munique.
4. Sigmund Freud/Lou Andreas-Salomé. *Correspondência completa.* Frankfurt a.M., S. Fischer, 1966. — Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.
5. "Friedrich Nietzsche, Paul Rée, Lou von Salomé", Die Dokumente ihrer Begegnung. Insel-Verlag, Frankfurt am Main, 1970.

Sobre Lou Andreas-Salomé:

Elisabeth Heimpel "Lou A.-S.", in: Neue deutsche Biographie, I. Band, 1953.
Gertrud Bäumer "Lou A.-S.", in: Gestalt und Wandel, Frauenbildnisse, 1939.
Hans Jürgen Bab "Lou A.-S.", Dichtung und Persönlichkeit, Berliner Dissertation, 1955.
H. F. Peters, "Lou", Das leben der Lou Andreas-Salomé (veja p. 207).
Rudolph Binion, "Frau Lou", Nietzsche's wayward disciple (veja p. 207).
Ernst Pfeiffer "Lou A.-S.", in: Handbuch der deutschen Gegenwartsliteratur, Munique, 1965.
Luzilá Gonçalves Ferreira, *Cinzas no Jardim,* Lou Salomé, São Paulo, Brasiliense, Col. Encanto Radical, v. 13, 1982.

Veja também notas e posfácios organizados por Ernst Pfeiffer nos livros indicados sob os números de 1 a 5.
As *fotografias* incluídas neste livro provêm do legado de Lou Andreas-Salomé. A foto de Lou A.-S. na velhice foi tirada pelo editor por volta do final do ano de 1934.

Lou Andreas Salomé

LEMBRANÇAS DA MULHER QUE MARCOU A VIDA DE NIETZSCHE, RILKE E FREUD

Não posso conformar minha vida a modelos, nem jamais poderei constituir um modelo para quem quer que seja; mas é totalmente certo que dirigirei minha vida segundo o que sou, aconteça o que acontecer. Fazendo isto, não defendo nenhum princípio, mas algo bem mais maravilhoso — algo que está em nós, que queima como o fogo da vida.

Lou Salomé

•

Publicada originalmente em alemão, em 1951, e depois revista e ampliada, esta autobiografia não é uma mera enumeração factual, mas um retrato literário de uma vida que obedecia às suas pulsões mais profundas. Amiga e colaboradora de Freud, Nietzsche e Rilke, personagens significativos de uma das época de maior criatividade e esplendor da cultura européia, Lou Salomé salta continuamente de suas experiências pessoais a um plano mais geral de reflexão.

editora brasiliense